

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
INSTITUTO NUTES DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E SAÚDE**

Dominique Jacob Fernandes de Assis Castro

**RESSIGNIFICANDO OS CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS NA
PERSPECTIVA DOS SABERES ANCESTRAIS DE EDUCADORAS
POPULARES DE SURUÍ (MAGÉ)**

RIO DE JANEIRO
2021

Dominique Jacob Fernandes de Assis Castro

**RESSIGNIFICANDO OS CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS NA
PERSPECTIVA DOS SABERES ANCESTRAIS DE EDUCADORAS
POPULARES DE SURUÍ (MAGÉ)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto NUTES de Educação em Ciências e Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências e Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Andrade Pinto Monteiro

Co-orientador: Prof. Dr. Celso Sánchez Pereira
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Rio de Janeiro
2021

Ficha catalográfica elaborada por Priscila Almeida Cruz, CRB- 7/6242.

C355 Castro, Dominique Jacob Fernandes de Assis

Ressignificando os conflitos socioambientais na perspectiva dos saberes ancestrais de educadoras populares de Suruí (Magé). / Dominique Jacob Fernandes de Assis Castro. – Rio de Janeiro: UFRJ/ NUTES, 2021.

179 f.: il. color.; 30 cm.

Orientador: Bruno Andrade Pinto Monteiro.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Saúde, Rio de Janeiro, 2021.

Referências bibliográficas f. 123-133.

1. Educação ambiental. 2. Educação popular. 3. Educação em Ciências e Saúde – Tese. I. Monteiro, Bruno Andrade Pinto. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde, Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde. III. Título.

Dominique Jacob Fernandes de Assis Castro

**RESSIGNIFICANDO OS CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS NA
PERSPECTIVA DOS SABERES ANCESTRAIS DE EDUCADORAS
POPULARES DE SURUÍ (MAGÉ)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto NUTES de Educação em Ciências e Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências e Saúde.

Aprovada em: 16 de dezembro de 2020.

Prof. Dr. Bruno Andrade Pinto Monteiro, NUTES- UFRJ - Macaé

Prof^ª. Dra. Juliana Dias Rovari Cordeiro, NUTES - UFRJ

Prof^ª. Dra. Patrícia Montanari Giraldi, PPGECT- UFSC

*Dedico essa pesquisa à todos e todas excluídos e excluídas sociais que
resistem diariamente.*

AGRADECIMENTOS

Apesar de ser algo simples, para mim uma das tarefas mais importantes do trabalho é essa, agradecer. Agradecer por uma etapa concluída, agradecer por um obstáculo e desafio superado, agradecer pela oportunidade de estudar, agradecer por um sonho realizado, agradecer por todo aprendizado, enfim, agradecer por estar viva e por cada dia mais estar aberta a crescer, tanto profissionalmente como pessoalmente. Agradeço à todas as pessoas que fizeram parte desse processo direta ou indiretamente, inclusive aquelas que passaram pelas nossas vidas e foram fundamentais para a concretização de quem sou agora.

Inicialmente queria agradecer à espiritualidade e à todos os seres de luz que me acompanham desde sempre e que continuam a me guiar me trazendo alento, força, inspiração e fé para me reinventar, persistir e seguir adiante, mesmo diante de todas as adversidades e barreiras que muitas vezes, eu mesma me imponho. Impossível deixar de agradecer por todos aqueles que vieram antes de mim e que me permitiram existir aqui e agora, à todos os meus ancestrais dedico essa pesquisa por todos aqueles que me deixaram uma herança genética e de valores, por todos aqueles que não tiveram a oportunidade de estudar, eu os honro de todo meu coração, e peço permissão para que olhem pra mim com carinho, mesmo que eu escolha trilhar um caminho um pouco diferente do de vocês.

Diante disso, não poderia deixar de agradecer aos meus pais, que me deram meu bem mais precioso, a vida. Se estou aqui hoje é porque vocês me propiciaram chegar onde estou, minhas escolhas só foram possíveis porque vocês me deram o suporte material e emocional para que se concretizassem, assim como a construção de valores sólidos e humanos. E claro, sem falar de todo apoio e ajuda de fato prática para a realização desse trabalho, com horas sem dormir. Pai, obrigada por me ensinar o valor do estudo, não tinha maturidade para entender o quanto ele é libertador. Obrigada por tudo sempre, com você aprendi que a vulnerabilidade é uma potente virtude.

Gostaria de agradecer em especial à todas as mulheres da minha vida, principalmente à minha mãe e a minha irmã. Com elas observo como todo processo de dominação patriarcal opera em nós, e também como a resistência feminina é forte e bela. Inclusive oferto à elas toda nutrição física e emocional necessária a gestação da minha pesquisa, sem o suor e as horas de trabalho delas dedicadas à manutenção da minha vida seja física ou emocional, esse trabalho não poderia ter sido realizado. Mãe, obrigada por escolher me gestar novamente, sua perseverança e resiliência me inspiram. Com você aprendi que posso ser firme e forte, sem deixar de ser amorosa.

Agradeço também a minha irmã, minha melhor amiga (não só dessa vida) foi graças ao apoio dela e seu companheirismo de sempre que esse trabalho se iniciou e pode florescer. Ela sempre acreditou em mim, e me deu forças para seguir sempre, mesmo quando eu mesma duvidava, obrigada por existir em minha vida, não sei o que seria dela sem você. Não tenho palavras para descrever nossa relação, além de que somos almas gêmeas! RsrS Só sei dizer que sem ela essa pesquisa de fato não teria nascido. E claro, obrigada a você e a Stephan por trazer Arthur (Tutu) pra minha vida, esse ser de luz que só de existir já nos faz mudar de perspectiva e fazer tudo valer a pena.

Agradeço à meus gatinhos que são meus fiéis companheiros nessa jornada, me fornecendo um refrigério a cada madrugada em claro na escrita e no trabalho. Além de sempre me manterem conectados com as forças da natureza que há em mim.

Agradeço também ao meu namorado por todo apoio e cumplicidade na vida e também nessa trajetória profissional, afinal nesses 8 anos juntos, serão 3 trabalhos produzidos, a graduação, a especialização e agora o mestrado. Em todos eles, sempre pude contar com seu amor e sua compreensão. Obrigada por ser meu porto seguro e por me fortalecer ainda mais, obrigada por me fazer levantar sempre a cabeça e enfrentar as adversidades da vida, ao seu lado, a vida é mais leve e prazerosa.

Agradeço também à Carol, minha companheira de luta, amiga e cunhada. Sem dúvida alguma, foi graças a você que esse trabalho pode ser imaginado, desenvolvido e agora concretizado. Desde o convite para fazer parte da organização até me falar, na época, sobre o trabalho do meu então orientador. Todas as conversas e ajudas não teriam sido tão gratificantes sem seu apoio. Não tenho palavras para agradecer por tudo e sempre. Também agradeço muito ao Waldemar Boff por todo acolhimento e carinho de sempre, além, claro, de todas as conversas e todos os aprendizados durante esses anos de convivência, é um prazer e uma honra desfrutar de sua companhia e poder lutar ao seu lado.

Agradeço também à cada uma das mulheres e amigas da OSCIP que tornaram esse trabalho possível, com uma grande generosidade, acolhimento, amor e carinho, me conquistaram desde a primeira vez que as conheci. Aprendo sempre com vocês e admiro muito cada uma de vocês, vocês são algumas das mulheres mais corajosas, sábias, e guerreiras que conheço. Deixo aqui minha imensa gratidão por vocês existirem na minha vida e por abrirem seus corações pra mim. Sem sombra de dúvidas esse trabalho jamais poderia ser imaginado se não fosse pelas nossas trocas sempre muito verdadeiras e humanas.

Agradeço ao meu orientador por ter me dado essa oportunidade e todas as outras ao longo dessa caminhada, aprendi muito profissionalmente com você e enquanto pessoa.

Admiro-te e fico feliz por saber que existem pessoas como você nessa luta por uma educação outra, comprometida com as mazelas e desigualdades sociais. Serei eternamente grata por ter me acolhido enquanto orientanda e por ter me aberto tantas portas, não tenho palavras para agradecer.

Agradeço também ao meu coorientador é muito bom poder aprender com você, todas as nossas conversas sempre foram muito inspiradoras, produtivas e importantes para mim, não apenas profissionalmente, mas também pessoalmente. Você tem uma energia única, com sua presença marcante, fala precisa e com uma grande sensibilidade. Que bom que existem pessoas no mundo como você que transbordam humanidade e arte.

Agradeço também aos meus amigos do grupo de estudos LINEC – Freiriano e da minha turma de mestrado que sempre me deram força e apoio para a realização dessa pesquisa, em especial para a Tainá que é minha parceira de luta, de estudos e de viagens, obrigada por tudo. Agradeço também aos meus melhores amigos, Sheila e Henrique por sempre torcerem por mim desde que falei que iria fazer o mestrado, admiro muito vocês e agradeço muito por existirem na minha vida, vocês são um exemplo e inspiração pra mim. É uma honra ter amigos como vocês.

Por último, mas não menos importante, agradeço à cada membro da banca por terem aceitado nosso convite, tenho certeza que suas contribuições serão valiosas e enriquecedoras para o aprimoramento dessa pesquisa.

*“Eu não sou livre enquanto alguma mulher não o for, mesmo quando
as correntes dela forem muito diferentes das minhas”.*

Audre Lorde

RESUMO

CASTRO, Dominique Jacob Fernandes de Assis. **Ressignificando os conflitos socioambientais na perspectiva dos saberes ancestrais de educadoras populares de Suruí (Magé)**. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Saúde) - Instituto NUTES de Educação em Ciências e Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

O presente trabalho tem como objetivo analisar as percepções que as educadoras comunitárias de uma OSCIP de Educação popular e ambiental possuem dos conflitos socioambientais de Suruí, Magé. Além disso, buscamos identificar suas possíveis estratégias de resistência e contribuições para a Educação Ambiental e para o Ensino de Ciências. Essas educadoras são filhas de pescadores artesanais, erveiras e benzedadeiras, trazendo consigo uma riqueza de saberes ancestrais e bioculturais que tem contribuído para sua sobrevivência e para o enfrentamento dos conflitos socioambientais do entorno. Estruturados em outras matrizes de conhecimento, esses saberes trazem uma dimensão de conexão sagrada com a natureza que desafiam a colonialidade cosmogônica, uma racionalidade própria que coloca em xeque a colonialidade do saber, um folclore e superstições que permeiam uma colonialidade do ser e uma validação comunitária e de relações de troca que questionam a colonialidade do poder. Utilizamos de métodos qualitativos como a história oral para a estruturação dos encontros e validação dessas memórias, a autoetnografia para a formação de um cenário pandêmico e a Análise Textual Discursiva (ATD) na análise dos dados produzidos. Os resultados encontrados nos sugerem que esses saberes ancestrais presentes em suas vidas as ajudam no enfrentamento das condições impostas pelos conflitos nessas localidades e que essas estratégias de resistências são potenciais temáticas para serem abordadas pela Educação Ambiental e pelo Ensino de Ciências.

Palavras-chave: Saberes ancestrais. Conflitos socioambientais. Ensino de ciências. Análise textual discursiva. História oral. Autoetnografia.

ABSTRACT

CASTRO, Dominique Jacob Fernandes de Assis. **Ressignificando os conflitos socioambientais na perspectiva dos saberes ancestrais de educadoras populares de Suruí (Magé)**. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Saúde) - Instituto NUTES de Educação em Ciências e Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

The present work aims to analyze the perceptions that community educators of an OSCIP of popular and environmental education have about the socio-environmental conflicts of Suruí, Magé. In addition, we seek to identify their possible resistance strategies and contributions to Environmental Education and Science teaching. These educators are daughters of artisanal fishermen, herbalists and healers, bringing with them a wealth of ancestral and biocultural knowledge that has contributed to their survival and to coping with the socio-environmental conflicts in the surroundings. Structured in other knowledge matrices, this knowledge brings a dimension of sacred connection with nature that defies cosmogonic coloniality, a rationality of its own that calls into question the coloniality of knowledge, a folklore and superstitions that permeate a coloniality of being and a community validation and exchange relations that question the coloniality of power. We use qualitative methods such as oral history to structure the meetings and validate these memories, self-ethnography to form a pandemic scenario and discursive textual analysis (DTA) in the analysis of the data produced. The results found suggest that these ancestral knowledge present in their lives help them to face the conditions imposed by the conflicts in these locations and that these resistance strategies are potential themes to be addressed by Environmental Education and Science Teaching.

Keywords: Ancestral knowledge. Socio-environmental conflicts. Science teaching. Discursive textual analysis. Oral history. Autoethnography.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: Delimitação do município de Magé, no estado do Rio de Janeiro. Fonte: GoogleMaps, 2019.....15
- Figura 2: A: Destaque no mapa para o distrito de Suruí, em Magé, Rio de Janeiro e sua conexão com a Baía de Guanabara. Fonte: GoogleMaps, 2019. B: Destaque para as divisões dos distritos de Magé. Fonte: Avifauna Magé. Disponível em: <<http://avifaunamage.blogspot.com.br/p/blog-page.html>>.16
- Figura 3: Mapa com destaque para a região dos fundos da Baía de Guanabara, um mosaico da presença da APA de Guapimirim, na região de Mangue de Guapimirim, e da REDUC à sudoeste. Note a pequena extensão do microbacia do rio Suruí, logo no centro da imagem, local de atuação da OSCIP. Fonte: Cidade-Brasil. Disponível em: <<https://www.cidade-brasil.com.br/mapa-mage.html>>.....16
- Figura 4: Esquema utilizado na metodologia para emersão dos conflitos socioambientais locais e seus saberes de resistência. Fonte: Autora.....83
- Figura 5: Mapa mensurando a distância entre a OSCIP Água Doce e a Convém Mineração LTDA. Observe o aspecto visual gerado pela mineração na paisagem. Fonte: Google Maps, 2020.....89

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Descritores utilizados na busca no Portal Periódicos CAPES e quantitativo dos resultados encontrados.....	21
Tabela 2: Trabalhos selecionados dos resultados encontrados com os descritores da tabela 1.....	24
Tabela 3: Codificação utilizada nas transcrições dos encontros segundo (MARCUSCHI, 2007 apud JANERINE, 2013).....	87
Tabela 4: Apanhado geral dos resultados encontrados antes da pandemia e suas relações com os saberes ancestrais e de resistência, os conflitos socioambientais e as potencialidades para a abordagem no Ensino de Ciências.....	108

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADIs	Áreas de Desenvolvimento Indígena
AHOMAR	Associação Homens do Mar da Baía de Guanabara
APA	Área de Preservação Ambiental
ATD	Análise Textual Discursiva
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina e Caribe
COMPERJ	Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro
CTSA	Ciência, Tecnologia, Saúde e Ambiente
DNOS	Departamento Nacional de Obras e Saneamento
EA	Educação Ambiental
EC	Ensino de Ciências
EIA	Estudo de Impacto Ambiental
ESEC	Estação Ecológica
IBAMA	Instituto Brasileiro de Meio Ambiente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBIO	Instituto Chico Mendes de Conservação e Biodiversidade
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
IPAM	Instituto de Pesquisas Amazônicas
MAB	Movimento dos Atingidos por Barragens
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OSCIP	Organização Sociedade Civil de Interesse Público
PNUMA	Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
REDUC	Refinaria de Duque de Caxias
SAD	Sistema de Alerta de Desmatamento
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação
UC	Unidade de Conservação
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

QUADRO DE FALAS DAS EDUCADORAS

Quadro de Falas 1: Conflito socioambiental da pesca.....	90
Quadro de Falas 2: Conflito socioambiental habitação.....	91
Quadro de Falas 3: História pessoal que se confunde com história local.....	92
Quadro de Falas 4: História pessoal que se confunde com história local.....	93
Quadro de Falas 5: Temática da menstruação e suas implicações sociais.....	93
Quadro de Falas 6: Temática da menstruação e o constrangimento.....	94
Quadro de Falas 7: Temática da menstruação, constrangimento e recolhimento.....	94
Quadro de Falas 8: Saberes de plantas medicinais que envolvem a temática menstrual.....	95
Quadro de Falas 9: Saberes, período menstrual e ciclos naturais.....	95
Quadro de Falas 10: Costumes e crenças populares relacionadas à menstruação.....	96
Quadro de Falas 11: Costumes e crenças populares relacionadas à menstruação.....	97
Quadro de Falas 12: Questões de machismo e abuso sexual e o papel da Educação.....	98
Quadro de Falas 13: Costumes, práticas e saberes que envolvem a natureza e as mudanças do clima.....	99
Quadro de Falas 14: Estratégias de resistência à colonialidade cosmogônica através do uso de cânticos.....	101
Quadro de Falas 15: Crenças relacionadas à aparição de determinados animais à presságios.....	101
Quadro de Falas 16: Crenças populares relacionadas à gravidez.....	102
Quadro de Falas 17: Ancestralidade e interpretações.....	103
Quadro de Falas 18: Saber ancestral sobre a escola antigamente.....	104
Quadro de Falas 19: Interferência da comunidade na vida pessoal da educadora.....	105
Quadro de Falas 20: Saberes ancestrais que permitiram a sobrevivência.....	105
Quadro de Falas 21: Panorama das moradias do local antigamente.....	106
Quadro de Falas 22: Conflito socioambiental de moradia relacionada à especulação imobiliária no Leblon, Rio de Janeiro.....	106

Quadro de Falas 23: Dimensão dos impactos da pandemia na vida da educadora.....	111
Quadro de Falas 24: Dimensão dos impactos da pandemia na realidade de infraestrutura física das pessoas.....	112
Quadro de Falas 25: Dimensão dos impactos emocionais e psicológicos da pandemia na vida das pessoas.....	113
Quadro de Falas 26: Dimensão da pandemia para a comunidade segundo as educadoras.....	114
Quadro de Falas 27: Visão da educadora sobre o momento pandêmico atual.....	115
Quadro de Falas 28: Saberes ancestrais de sobrevivência diante da falta de acesso à saúde.....	116
Quadro de Falas 29: Saberes ancestrais de uso das ervas e alimentos no autocuidado.....	117

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1.	O CHÃO DE ONDE PISO.....	10
1.2.	CENÁRIO LOCAL.....	14
1.3.	O PÔR DO SOL EM MAGÉ NÃO É O MESMO DAQUI: JUSTIFICATIVA E PROBLEMATIZAÇÃO.....	18
2	O QUE A LITERATURA NOS TRAZ	21
3	BREVE CONJUNTURA DOS CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS	34
3.1.	CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS NA AMÉRICA LATINA: UM PANORAMA NADA ANIMADOR.....	34
3.1.1.	O caso do Chile.....	36
3.1.2.	Uma mera semelhança ocorre na Argentina.....	38
3.2.	ONDE ESTAVA O BRASIL NISSO TUDO – SENTA QUE LÁ VEM A HISTÓRIA.....	38
4	PEDAGOGIAS EMERGENTES E O DESVELAMENTO DAS RELAÇÕES DE COLONIALIDADE	44
4.1.	A COLONIALIDADE E A DEGRADAÇÃO AMBIENTAL.....	44
4.2.	A EXPROPRIAÇÃO DA MÃE-TERRA E DE SEUS HABITANTES ORIGINÁRIOS.....	47
4.3.	A EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE BASE COMUNITÁRIA.....	51
5	O IMPREVISÍVEL QUE JÁ ERA PREVISTO: NECROPOLÍTICA, PANDEMIA E AS MULHERES	53
6	O PAPEL DA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, NECESSIDADE DA DECOLONIALIDADE E SUA MILITÂNCIA NO ATUAL PANORAMA POLÍTICO BRASILEIRO	60
6.1.	A EXCLUSÃO SOCIAL E A OPRESSÃO.....	62
6.2.	EDUCADORAS DE MAGÉ E SUA ANCESTRALIDADE.....	70
7	OBJETIVOS E QUESTÕES DE PESQUISA	74

8	METODOLOGIA	75
8.1.	FUNDAMENTOS DA PESQUISA QUALITATIVA E NOSSAS ESCOLHAS.....	75
8.2.	O PERCURSO METODOLÓGICO.....	82
9	RESULTADOS E DISCUSSÕES	88
9.1.	RESULTADOS PRÉ-PANDÊMICOS.....	88
9.1.1.	Subcategoria 1: Mapeamento dos Conflitos Socioambientais Locais	88
9.1.2.	Subcategoria 2: Temas potenciais para o Ensino de Ciências e a Educação Ambiental que emergem num âmbito de educação não formal	93
9.1.3.	Subcategoria 3: Outros resultados relevantes	103
9.2.	RESULTADOS PANDÊMICOS.....	109
9.2.1.	Primeiro Momento	110
9.2.2.	Segundo Momento	114
9.2.3.	Terceiro Momento	116
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
11	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	123
	APÊNDICES	134

1 INTRODUÇÃO

1.1. O CHÃO DE ONDE PISO

Minha história e minhas raízes com a pesquisa vêm sendo construídas desde que me formei como estudante, embora meu universo questionador, curioso e investigativo tivesse surgido desde pequena. E foi no cotidiano contrastante de ir para o laboratório me dedicar a uma produção científica, a meu ver, apartado no combate a desigualdade social, com uma realidade de carência e de descaso público no caminho, que me formei pesquisadora, uma pesquisa mais focada na ciência por ciência; uma ciência formatada, mecânica, fria, quadrada e que parece que dá mais importância ao experimento em si do que para a contribuição e o impacto que aquela pesquisa podia gerar para aquela comunidade.

De um lado uma pesquisa que parecia mais comprometida com o ego de produzir um conhecimento científico complexo e de relevância para talvez, trazer um resultado que privilegiaria provavelmente apenas uma camada social, e de outro uma total negação da realidade do entorno. No entanto, esse ego era meu. Os véus que cobriam minha condição privilegiada, de classe média, não me permitiam enxergar o quanto de domesticação (colonização) e subserviência havia na minha forma de fazer pesquisa, achando que algo era relevante para a sociedade, porque era para minha “realidade”.

Permita que me explique melhor, me formei em Biologia pela UFF, e sempre me interessei por projetos durante a graduação que tivessem alguma “relevância” para a sociedade, só que na minha forma classista de enxergar o mundo, relevante era descobrir alguma substância que pudesse combater a resistência que os vírus herpes simplex do tipo 1 poderiam ter com relação ao Aciclovir (fármaco de referência no combate a esse vírus) ou descobrir os efeitos na via visual do feto, com o consumo diário de cafeína pelas mães durante a gestação, ou ainda o cultivo de microalgas para a produção de biocombustível, ou seja, questões que estavam na minha bolha diária.

Afinal de contas, quando a maior parte da população brasileira tem herpes, eles não compram acyclovir, esperam passar ou usam alguma alternativa como remédio. E quando as mulheres estão grávidas, se conseguem atendimento em um posto de saúde para acompanhamento são advertidas de tudo o que oferece risco para o bebê durante a gestação, entre esses fatores, se encontra um consumo diário alto de cafeína. Ou ainda quando a maior parte da população é formada por minorias que são mortas diariamente, perspectivas futuras são poucas, então porque se preocupar com a morte futura, se ela já é diária? Manter o corpo

vivo no hoje, ou seja, o estômago sem roncar, é mais importante que pensar no aquecimento global que na realidade ainda não é um problema tão imediato assim, por mais que já estejamos vivendo fortemente seus efeitos. É uma questão de temporalidade, dias em comparação com anos. Em todos esses casos, essas questões que eram muito relevantes para minha realidade, não correspondiam aos menores problemas para a maior parte da população brasileira.

Já faço aqui uma ressalva fundamental para compreender melhor a complexidade do contexto e evitar reducionismos: esse tipo de ciência nos trouxe inúmeras descobertas e benefícios sem os quais não poderíamos nos imaginar viver os dias de hoje, desde um remédio para dor de cabeça até os benefícios das tecnologias. Esse tipo de pesquisa de base na qual estava envolvida foi, é, e sempre será essencial para o desenvolvimento de nossa sociedade. Por isso, não estou aqui, em nenhum momento menosprezando a relevância que essas pesquisas e esses dilemas possuem para o desenvolvimento social e para a sociedade em si, são de extrema importância, na verdade elas são a base que permitiram o surgimento de várias descobertas e achados que sem esse tipo de pesquisa seria impossível. Um exemplo prática disso foi o rápido avanço na busca de uma (na verdade várias) vacina (s) para frear essa pandemia, que só se tornou possível, entre outros fatores, porque existiam algumas pesquisas de base anteriores realizadas no meio científico.

Isso se torna ainda mais importante de ser frisado diante de um contexto histórico atual de inúmeros ataques e acusações sem fundamento às Universidades públicas nacionais e à Ciência como um todo. Apenas me tornei o que sou hoje em dia, ou seja, uma cidadã, crítica, educadora e pesquisadora porque foram essas universidades que me abriram as portas e a mente. Eu não teria condições materiais de pagar para estudar, e menos ainda de ter um ensino de excelência tão considerável e reconhecido mundialmente, se não fossem essas mesmas universidades brasileiras públicas. Apenas estou querendo apresentar o quanto, na época, a minha ignorância de classe e meu ego, me faziam acreditar que esses eram problemas também relevantes para a maior parte da população brasileira e o quanto eu, era alienada, pois acreditava que desta forma estaria contribuindo diretamente para uma mudança social que beneficiaria a massa como um todo. Aproveito ainda para problematizar que essas indagações talvez pudessem ser mais bem trabalhadas na formação dos pesquisadores nas universidades que encontrando condições precárias e de completa desvalorização tentam fazer pesquisa, mesmo sem investimentos, prestígio, reconhecimento e, sobretudo regulamentação de seu trabalho como uma profissão.

Nesse meio do caminho, me deparei com a licenciatura, e foi aqui que a sementinha do “despertar social” foi plantada. Embora sempre no fundo me atraísse a ideia de ser professora, acabava sendo levada por questões da realidade docente que me faziam recuar, como má remuneração, falta de prestígio social, precarização do trabalho, entre outros. Por isso, quando entrei na faculdade, iria fazer licenciatura para me viabilizar momentaneamente (ou ter uma mínima independência financeira) enquanto fazia minha carreira de pesquisadora, que no final também me traria para dar aula, ou seja, meu plano era quase infalível... se eu não vivesse numa bolha. Ao fazer licenciatura, me deparei com discussões muito mais amplas e complexas, que me fizeram enxergar a realidade de outra forma.

Muitas vezes, infelizmente, eu acabava por reforçar, na omissão, o estigma de que nas ciências humanas não se faz PESQUISA e sim nas ditas “ciências duras”, porque eu não tinha uma noção crítica da realidade suficientemente forte para compreender e acompanhar toda a profundidade da discussão que estava sendo colocada ali, e meu ego e minha necessidade de aprovação e de me manter de alguma forma “superior” estava ali presente, na ausência de escuta do outro e do meu próprio ser, no julgamento prévio do desconhecido, e na necessidade de reproduzir as relações de colonialidade do saber, pelas quais havia passado, ou o oprimido que quer se tornar opressor quando tem a oportunidade.

Mas, mais do que plantar uma semente, a licenciatura me permitiu ter uma vivência da realidade educacional com os colégios nos quais estagiei, que foram aos poucos fazendo alguns furos na minha bolha. O contato com várias professoras e coordenadores que me falavam que ser professora era difícil e para que eu desistisse enquanto ainda tinha tempo, não me faltaram, porém isso só me instigava ainda mais. E foi, principalmente, nesse ambiente que enxerguei a licenciatura não como uma “ponte” para alcançar “certa” independência financeira, mas como um lugar onde de fato me faria pensar de uma forma crítica e atuar, mesmo que minimamente no combate daquilo que criticava.

Desta forma, terminei minha monografia de bacharel no laboratório que não me representava com relação à forma como os experimentos eram conduzidos (em minha opinião com pouco comprometimento ético, apesar de toda aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa Animal) e também pela minha dificuldade de trabalhar com animais, me traziam uma inquietação com relação ao papel de poder que a Ciência representava em nossa sociedade, e todo sangue que justificava e se tornava inquestionável a relevância do trabalho que estava sendo desenvolvido, pelo contrário, muitas vezes já fui rechaçada por isso.

Reitero que o desenvolvimento e descobertas para a medicina que essas pesquisas com modelos animais trouxeram, foram fundamentais e infelizmente ainda se faz necessário

pesquisar com modelos *in vivo*, porém não me sentia no direito de retirar aquelas vidas e nem fazer as atrocidades que eram feitas com elas antes de morrerem de fato (e olha que meu experimento era o mais brando do laboratório). Mas talvez por ir me conhecendo e percebendo que possuo uma visão mais biocêntrica e não valoro a minha vida como mais importante, e por possuir outros paradigmas e cosmologias de vida que não se encontram apenas nas epistemologias de matriz de conhecimento ocidental e hegemônica, fazer o que fazia não era justificável e nem justo. E também porque para mim o sangue, o sofrimento e a dor diária de milhares de vidas, não apenas humanas (se pensarmos em toda legitimação que Ciência financiou em todos esses anos com sua influência de saber e poder, como o racismo científico e o darwinismo social), em nome de uma forma de pensar “neutra” que por mais que tenha trazido inúmeros avanços, também feriu e exterminou muitos seres e muitas formas de ser e estar no mundo, é no mínimo questionável dentro de uma realidade complexa e diversa.

Foi nesse momento que meus questionamentos sobre ser pesquisadora das “ciências duras” ruíram e escolhi outra estrada para percorrer, a da educação, que apesar de menos prestigiada (na minha noção de prestígio na época), era mais fiel aos meus princípios espirituais e filosóficos e tinham mais relação com que gostaria de ser e com quem eu realmente era...e ainda o sofrimento de carregar nas mãos esse sangue, trazia também dor e sofrimento diário para mim. Acredito que venha daí minha ligação com a educação popular (já que me identifico em muitos saberes populares), com o ensino de ciências (já que ministro aulas desse conhecimento) e com a decolonialidade (reivindica o desvelamento da realidade histórica de opressão e silenciamento, reconhecendo e considerando outras formas de ver o mundo), mas que ainda era germinada para florescer agora nesse projeto.

A necessidade de se fazer uma ciência que seja engajada politicamente e comprometida com a transformação social, e por isso, se valha de outra metodologia que não reforce as relações de desigualdade já existentes, mas que lute por uma maior equidade do saber e do poder, é latente. E neste ponto, meu trabalho como educadora popular e ambiental na Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) Água Doce Serviços Populares¹, foi um terreno mais do que fértil para meu desenvolvimento pessoal e

¹ A OSCIP Água Doce Serviços Populares foi fundada em 2001 na Bacia do rio Suruí, Magé, nos fundos da Baía de Guanabara como uma organização de Educação Ambiental e comunitária inspirada do Projeto Manuelzão, na Bacia do Rio das Velhas, ligado à Universidade Federal de Minas Gerais. A OSCIP tem como principal objetivo o desenvolvimento sustentável da microbacia do rio Suruí, em longo prazo, com a expansão da consciência e com um envolvimento e engajamento da comunidade local, através de diversas atividades desenvolvidas na mesma, que serão explicadas mais adiante.

profissional, e sem ele esse projeto não seria possível, sou eternamente grata por poder fazer parte desse coletivo. E é neste terreno, que será o campo de ação deste projeto, que será mais explorado ao longo dos capítulos. Mas o que quero trazer a luz no momento é que o trabalho na organização me trouxe uma vivência da realidade da maioria da população a qual eu só conhecia pelos noticiários tendenciosos e pela imaginação, uma realidade pulsante, vívida, de amor à vida, mesmo sendo a morte uma realidade mais frequente, de luta, de superação e de dor diária.

Diante desse desnudamento do meu próprio ser, que é contínuo e não se acaba aqui, que tento encarar agora como pesquisadora na área de educação esse projeto, que mais do que um projeto de pesquisa é um projeto de vida e de extensão de quem eu sou. Buscando sempre observar os limites que minha visão permite e expandi-la dentro de todos os véus de ser uma mulher brasileira privilegiada de classe média burguesa, vegetariana, sensível e por isso, muitas vezes oprimida e opressora, colonizada e colonizadora, numa sociedade racional, machista, meritocrática, e por isso absurdamente desigual. E é nessa realidade dual, áspera e dolorida que me (des) construo como professora, pesquisadora, militante, e “abaixo de tudo” (no sentido geopolítico), mas principalmente, humana. É o que tenho aprendido cada dia mais com a decolonialidade, a me deixar sangrar e cicatrizar com os desafios ontológicos da minha própria humanidade.

1.2. CENÁRIO LOCAL

A região dos fundos da Baía de Guanabara é um local, historicamente de exploração e negligência, mas também de muita resistência e riqueza, inclusive da própria biodiversidade (ALENCAR, 2016). Os problemas socioambientais desta região resultam de cinco séculos de ocupação, inicialmente atendendo aos interesses coloniais portugueses e, após a independência política do Brasil, em 1822, aos modelos de desenvolvimento agrário-exportador (1822-1930) e urbano industrial (a partir de 1930) (RABELO, 2016). Todas essas fases compartilham entre si a exploração dos recursos hídricos (RABELO, 2016), minerais e de biodiversidade, a custa da população que de lá habita e necessita daquele local para sua subsistência.

O território do atual Município de Magé localiza-se ao fundo da Baía de Guanabara (Figura 1), totalmente inserido em sua bacia hidrográfica, apresentando como características físicas um relevo dominado, ao norte, pela presença da escarpa da Serra do Mar. É nesse

relevo que nascem os rios que atravessam seu território. Os principais rios que cortam o Município são: o Estrela-Inhomirim, o Suruí, o Iriri e o Magé.

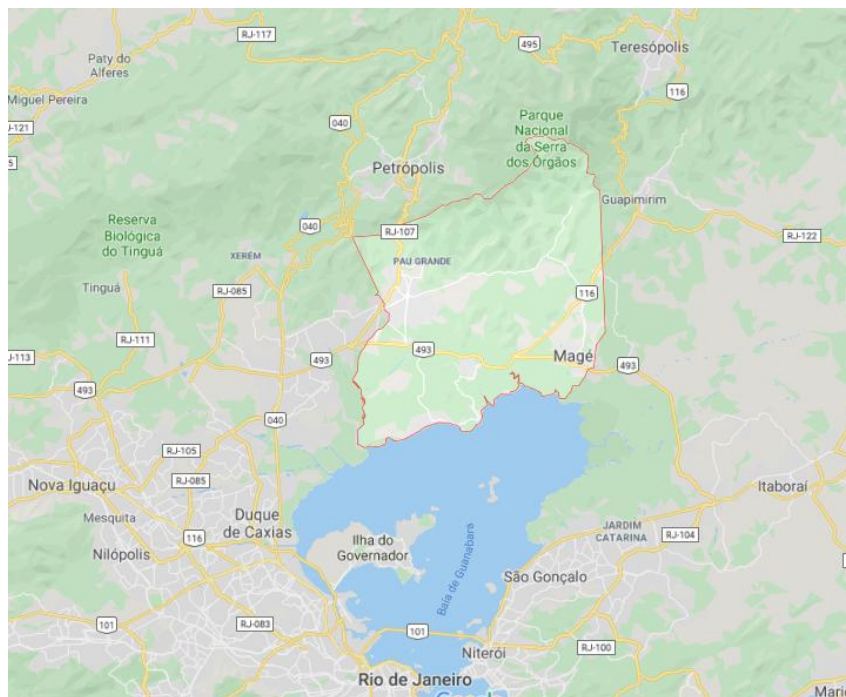


Figura 1: Delimitação do município de Magé, no estado do Rio de Janeiro. Fonte: GoogleMaps, 2019.

Suruí é um desses locais que se localizam nos fundos da Baía (Figura 2). Com uma população de 18.960 habitantes de acordo com os dados do IBGE do Censo de 2010 (TCE-RJ, 2011), Suruí pertence ao 4º Distrito de Magé e se localiza numa região de zona de sacrifício, que segundo Acselrad (2004b) se definem como localidades que são objeto de práticas ambientalmente predatórias que atingem as populações de baixa renda. Os indivíduos que moram nessas áreas convivem com problemas como a poluição industrial do ar e da água, ausência de abastecimento de água, falta de saneamento básico, riscos associados a enchentes, lixões e pedreiras. A Refinaria de Duque de Caxias (REDUC) se localiza ao sul e o Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro (COMPERJ) ao norte marcando dois pontos de industrialização convencionais, embora tecnologicamente avançados pertencentes ambos à Petrobrás. Além da REDUC e do COMPERJ, especificamente no entorno de Suruí existem várias mineradoras como a Holcim, Convem Mineração LTDA. e Mineradora Pedra Dourada, com extração do granito Suruí (Figura 3).

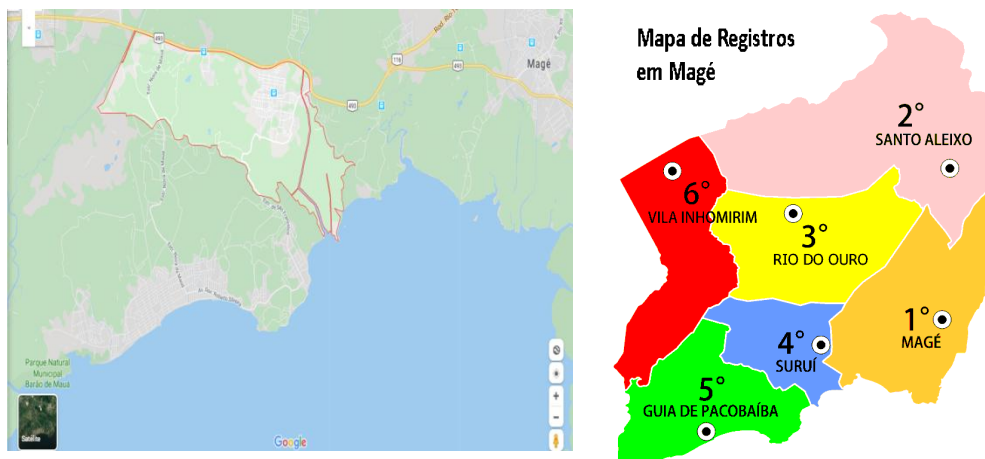


Figura 2: A: Destaque no mapa para o distrito de Suruí, em Magé, Rio de Janeiro e sua conexão com a Baía de Guanabara. Fonte: GoogleMaps, 2019. B: Destaque para as divisões dos distritos de Magé. Fonte: Avifauna Magé. Disponível em: <<http://avifaunamage.blogspot.com.br/p/blog-page.html>>.

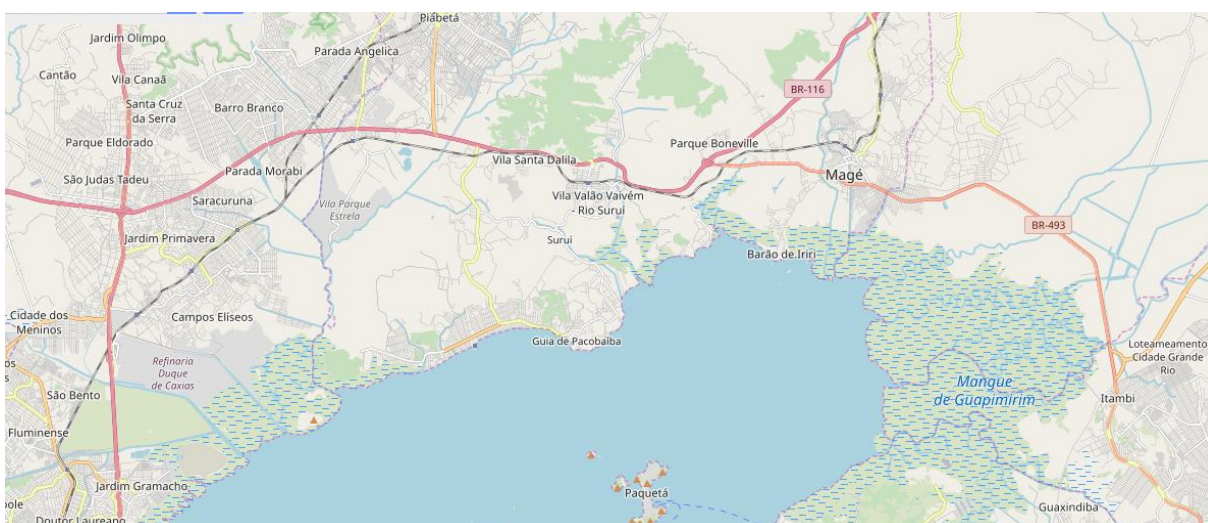


Figura 3: Mapa com destaque para a região dos fundos da Baía de Guanabara, um mosaico da presença da APA de Guapimirim, na região de Mangue de Guapimirim, e da REDUC à sudoeste. Note a pequena extensão do microbacia do rio Suruí, logo no centro da imagem, local de atuação da OSCIP. Fonte: Cidade-Brasil. Disponível em: <<https://www.cidade-brasil.com.br/mapa-mage.html>>.

Apesar de essa região ser considerada um local de zona de sacrifício, ainda é uma dos locais mais preservados da Baía de Guanabara, tanto pela presença da APA² de Guapimirim (ALENCAR, 2016) e da ESEC³ Guanabara, quanto pela sua população de resistência. Suruí é

² APA é a sigla para Área de Preservação Ambiental, ela está presente na legislação ambiental brasileira como parte do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), se referindo assim, à uma extensa área natural destinada à proteção e conservação da natureza. Como parte de uma unidade de conservação (UC) de uso sustentável, a APA permite a ocupação humana, tentando conciliar esta com um uso sustentável de seus recursos.

³ ESEC é a sigla para a Estação Ecológica, ela também é um tipo de área protegida prevista na legislação brasileira. No entanto, essa é uma unidade de conservação (UC) de proteção integral, ou seja, que não permite a ocupação humana visa apenas a preservação ambiental e a realização de pesquisas científicas. A ESEC Guanabara foi criada em 2006 e sua localização se encontra dentro da extensão da APA de Guapimirim,

um local riquíssimo do ponto de vista ecológico e histórico. O distrito possui ecossistemas de manguezais, remanescentes de Mata Atlântica, reservas de água, amplos espaços agriculturáveis e baixa urbanização. Além disso, também é uma região de estimável patrimônio histórico, pontilhada de igrejas, monumentos e sítios arqueológicos (BOFF, 2008). Vale lembrar que Magé é a segunda cidade mais antiga do Rio de Janeiro, tendo completado no ano de 2019, 454 anos de fundação, assim como abriga hoje as ruínas abandonadas da 1ª Estrada de Ferro do Brasil, construída por Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá⁴. Suruí ainda possui como principal identidade cultural a produção da Farinha de Suruí, uma farinha de mandioca muito conhecida pelo seu processo artesanal e pela sua tradição.

A OSCIP Água Doce Serviços Populares é uma organização social de Educação Popular e Alfabetização Ecológica de base comunitária localizada em Suruí, há 18 anos, na qual eu trabalho, há seis anos, em duas vertentes, uma com as crianças oferecendo oficinas de Artes e Ciências e outra com as educadoras comunitárias locais desenvolvendo, juntamente com outros educadores, um trabalho de despertar da consciência e quiçá apoderamento de agentes internos, ou seja, das pessoas da própria comunidade engajadas na causa socioambiental. Além de compreender os impactos ambientais, sociais e econômicos que o COMPERJ, outras indústrias e atividades humanas, geram na comunidade e como podemos agir mediante isso, agimos “capacitando-as” para lidar de maneira mais formal com as esferas políticas e públicas, além de trabalharmos na formação continuada dessas educadoras. São com essas educadoras que o presente trabalho sobre os saberes populares foi elaborado.

A organização possui três sedes ao longo do rio Suruí, uma na região alta, outra na média e outra na baixa, e cada uma das educadoras atua em diferentes locais, trazendo uma conhecimento plural da região. A organização se propõe a fazer um trabalho de base comunitária e popular se tornando um espaço de acolhida para o que chamamos de excluídos e excluídas sociais, uma categoria abaixo ainda do oprimido social de Freire, ou seja, aqueles e aquelas que o próprio capitalismo prevê descartar. São pessoas que às vezes não possuem

constituindo-se um dos últimos trechos de manguezal contínuo no estado do Rio de Janeiro, sendo o último local da Baía de Guanabara a apresentar características cênicas próximas às anteriores da colonização (ICMBIO, 2020).

⁴ Irineu Evangelista foi uma importante figura na história da modernização brasileira e possui sua vida atrelada à trajetória do Império. Ao longo de sua carreira contribuiu para a industrialização do Brasil no período do Império (1822-1889), e recebeu o primeiro título de barão (1854), após construir a 1ª Estrada de Ferro do Brasil ligando o porto de Mauá na Baía de Guanabara à raiz da Serra de Petrópolis, recebendo vinte anos depois o título de Visconde de Mauá (1874). Além disso, atuou em diferentes ramos como o tráfico negreiro, a construção de navios, ferrovias e manufaturas, além do sistema financeiro e de crédito, sendo autor da instalação do cabo que ligou o Brasil ao resto do mundo pelo telégrafo. Seu empreendedorismo se pautou no processo de modernização e diversificação da economia, ocorrido na segunda metade do século XIX. (MAPA, 2018).

documento de identidade, são pessoas com transtornos mentais, entre outros, que são largados à margem da sociedade, muitas vezes sem se identificarem nem como objetos, muito menos enquanto sujeitos.

Buscamos na organização fazer um espaço de humanização através de atividades que trabalhem desde o corpo à mente, como oficinas de horta, culinária, artes e ciências (na qual eu trabalho), capoeira, alfabetização e reforço escolar. Tudo isso como um meio de se chegar à discussões mais amplas, às feridas abertas da desigualdade gerada pelo capitalismo e da necessidade de se resistir, juntos e com a natureza, na construção de alternativas viáveis contra-hegemônicas, e isso evidentemente com o protagonismo da população local.

1.3. O PÔR DO SOL EM MAGÉ NÃO É O MESMO DAQUI: JUSTIFICATIVA E PROBLEMATIZAÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido em Suruí, Magé, juntamente com as educadoras populares desta região. As educadoras populares trabalham junto comigo nesta OSCIP de Educação Ambiental e comunitária. Elas são moradoras do local e suas adjacências e são descendentes de caiçaras, quilombolas, erveiras e benzedeadas, possuindo muitos saberes ancestrais que são normalmente negligenciados pela educação em ciências, mas que possui uma importância fundamental em sua sobrevivência e na representatividade social dessas mulheres na comunidade.

O uso de plantas medicinais por essas mulheres, é toda uma outra ciência na área de saúde que correu e corre em paralelo com as descobertas da ciência convencional, só que um saber que veio da convivência com a natureza, ou da sobrevivência, mas não de sua dominação. Porém são poucos os trabalhos que contemplam esses saberes no Ensino de Ciências, e poucos ainda presentes na literatura e na formação de professores nas universidades. Esses saberes envolvem histórias da região, de alegrias e lutas, contadas por avós e avôs, lendas locais, receitas de chás e de remédios passados de geração em geração e que como elas mesmas disseram, acabam se perdendo com o tempo (e com o aumento do número de farmácias), mas que fizeram seus antepassados resistirem e produzirem a cultura deste local.

Magé é historicamente um local de inúmeros conflitos socioambientais, podendo ser considerada uma região de “zona de sacrifício”⁵, segundo o conceito de Acsegrad (2004b) e com isso a população local convive com uma alta vulnerabilidade socioambiental, principalmente, as populações mais tradicionais que já são afetadas historicamente pelo racismo ambiental⁶. Felizmente, essas populações ainda conseguem resistir à esse ecogenocídio⁷ e acabam por sobreviver se reinventando diante de tanta injustiça socioambiental. Essa reinvenção muitas vezes vem de saberes ancestrais, de saberes bioculturais⁸, travados na luta e no silenciamento de milhares dos nossos, mas que trazem estratégias de sobrevivência.

O presente trabalho permite visibilizar a produção de conhecimento outro, dos saberes ancestrais dessas educadoras, de atrizes sociais outras, que são fundamentais no processo de formação de identidade e cultura local e que, no entanto, muitas vezes, tem suas vozes abafadas por nossa sociedade que privilegia e legitima outros discursos que não o popular, muito menos o de mulheres, em sua maioria, negras e periféricas.

Aqui cabe salientar a importância do gênero em nosso contexto, exclusivamente feminino e majoritariamente negro e de baixa escolaridade, o que perpassa por uma colonialidade de gênero intrínseca do processo de colonialidade do poder⁹. Como dito por Palumbo (2018) a presença fortemente feminina nesses espaços comunitários, muitas vezes, emerge do fato de que nesses locais a mulher é acolhida e consegue conciliar sua dupla jornada de trabalho, como mãe e como educadora. E ainda é um imperativo ético analisar, como bem explorado por Djamila Ribeiro (2017) o recorte racial na produção de dados identitários e sociais, uma vez que a maioria das mulheres envolvidas no trabalho são negras. Talvez nesses espaços, elas consigam ocupar um lugar além do *Outro do Outro* (RIBEIRO, 2016). Segundo Djamila Ribeiro (2016), se para Simone de Beauvoir a mulher é o outro por não ter a correspondência do olhar do homem, para Grada Kilomba as mulheres negras ocupam uma posição complicada em uma sociedade supracista branca, por não serem nem

⁵ Esse conceito foi cunhado por Acsegrad (2004b), para se referir as localidades que são alvos de práticas ambientalmente predatórias, nesses locais se encontram populações de baixa renda.

⁶ Refere-se ao racismo que ocorre a nível ambiental com relação ao descarte proposital de lixo e rejeitos químicos (entre outros) em localidades onde vivem pessoas negras, indígenas e/ou latinas.

⁷ Resumidamente se refere a um neologismo cunhado por Quinoñez (2018) para compreender a dimensão de destruição da diversidade ambiental, étnica e cultural presente no genocídio de comunidades tradicionais.

⁸ Segundo Toledo e Barrera-Bassols (2015) são saberes presentes em nossa espécie e gravados em nossa memória cultural que nos ajudaram a sobreviver e a modificar o ambiente, muito presente em comunidades tradicionais.

⁹ Esse conceito será mais bem explorado posteriormente, porém trata-se de uma das formas de colonialidade, ou seja, das diferentes relações do colonialismo fincadas pela modernidade e que ainda persistem apesar do fim do sistema colonial.

brancas, nem homens, as mulheres negras ocupam uma dupla alteridade, que as colocam na posição do *Outro do Outro*.

Além disso, quando criamos espaços de valorização desses conhecimentos produzidos pela comunidade, geramos um apoderamento dessas educadoras, ou seja, de tomar posse do conhecimento que já possuem, e que irá se refletir nas relações com a comunidade e nos locais onde elas atuam. A partir do momento em que a escola, o pesquisador e a comunidade são vistos como produtores de saber e que um não possui um saber mais reconhecido socialmente ou menos valorizado que outro em nossa sociedade podemos pensar na criação de uma sociedade mais dialógica e menos desigual. Ademais, esta dissertação acaba por oferecer uma estratégia de diálogo entre a sociedade e a academia, por trazer as vozes populares para o âmbito acadêmico permitiria que esses saberes circulassem num local de prestígio social que pudesse valorizar os mesmos.

Com isso não pretendemos venerar e aceitar tudo que vem do povo como algo perfeito, mas estamos querendo problematizar a escuta dessa fala e os locais de poder, nos quais ela não circula, para que haja diálogo e, sobretudo respeito por diferentes formas de agir no mundo e interpretá-las, produzindo conhecimento através de diferentes matrizes epistêmicas.

2 O QUE A LITERATURA NOS TRAZ

Para a realização da revisão bibliográfica deste trabalho foram feitas buscas através do portal do Periódicos CAPES, por meio do Proxy da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pelas combinações das palavras-chave presentes na Tabela 1. Depois disso, selecionamos aqueles artigos e textos obtidos através da busca que corroborem mais com a temática do trabalho (Tabela 2).

De maneira geral, foi encontrado um quantitativo baixo no número de trabalhos que envolvam a temática de saberes/conhecimentos populares, inclusive porque não foi feito nenhum recorte temporal e nem relacionado aos idiomas durante a busca. Essa baixa ainda é maior, se levarmos em consideração o tempo que a educação popular e a pedagogia freiriana possuem difundidas na comunidade acadêmica nacional e internacional, onde a escolha por esses descritores de conhecimentos/saberes populares visava também contemplar mais trabalhos que envolvessem esse campo e suas contribuições.

Na verdade esses descritores só conseguiram ser expressivos quando junto dos descritores de “ensino de ciências” (14) e “história oral” (11), este último utilizado em nossa metodologia. Ainda dos resultados relacionados ao “ensino de ciências” trabalhos do campo da matemática e da física prevaleceram, mesmo muitos não tendo sido selecionados. Dos que foram escolhidos, prevaleceram trabalhos da química, depois da biologia e ciências (mais especificamente relacionado ao tema das plantas medicinais), depois de matemática e apenas um interdisciplinar.

Inclusive esse baixo quantitativo de trabalhos envolvendo os saberes/conhecimentos populares e o ensino/educação em ciências também foram encontrados nos artigos que fazem uma revisão da literatura como em Xavier e Flôr (2015).

Descritores utilizados	Resultados totais encontrados	Resultados selecionados
“educação comunitária” e “conflitos socioambientais”	0	0
“conflitos socioambientais” e “ações educativas em áreas de conflito”	0	0
“história oral” e “autoetnografia”	3	3
“autoetnografia” e “saberes/conhecimentos populares”	0	0
“saberes populares” e “educação em ciências”	7	4
“conhecimentos populares” e “educação em ciências”	1	0
“saberes populares” e “ensino de ciências”	14	6
“conhecimentos populares” e “ensino de ciências”	2	1
“educação em ciências” e “educação comunitária”	0	0
“ensino de ciências” e “educação comunitária”	2	1
“educação em ciências” e “conflitos socioambientais”	0	0
“ensino de ciências” e “conflitos socioambientais”	2	1

“educação em ciências” e “ações educativas em áreas de conflitos”	0	0
“ensino de ciências” e “ações educativas em áreas de conflitos”	0	0
“educação em ciências” e “autoetnografia”	0	0
“ensino de ciências” e “autoetnografia”	0	0
“saberes populares” e “educação comunitária”	1	1
“conhecimentos populares” e “educação comunitária”	0	0
“saberes populares” e “conflitos socioambientais”	2	2
“conhecimentos populares” e “conflitos socioambientais”	0	0
“saberes populares” e “ações educativas em áreas de conflitos”	0	0
“conhecimentos populares” e “ações educativas em áreas de conflitos”	0	0
“saberes populares” e “história oral”	11	4
“conhecimentos populares” e “história oral”	3	1
“saberes populares” e “autoetnografia”	0	0
“conhecimentos populares” e “autoetnografia”	0	0
“autoetnografia” e “educação comunitária”	0	0
“autoetnografia” e “conflitos socioambientais”	0	0
“autoetnografia” e “ações educativas em áreas de conflito”	0	0
“história oral” e “educação comunitária”	0	0
“história oral” e “conflitos socioambientais”	4	3
“ações educativas em áreas de conflito” e “educação comunitária”	0	0
“ações educativas em áreas de conflito” e “conflitos socioambientais”	0	0

Tabela 1: Descritores utilizados na busca no Portal Periódicos CAPES e quantitativo dos resultados encontrados.

Também escolhemos explorar essa amplitude de palavras-chave e suas diversas combinações, pois os resultados durante a busca inicial na base de dados não estava fornecendo praticamente nenhum resultado, como podemos observar na tabela 1.

Com relação aos descritores de “saberes populares” e “educação em ciências” do total de 7 encontrados, apenas 4 foram selecionados. Um deles foi eliminado por se tratar da temática de ciência e arte, e o outro foi eliminado, um por se tratar de alfabetização científica com enfoque no movimento Ciência, Tecnologia, Saúde e Ambiente (CTSA), sem ter relação com os saberes populares.

Os descritores de “conhecimentos populares” e “educação em ciências” apresentou 1 resultado, que não foi selecionado por se tratar de um estudo de caso que buscou a identificação das concepções dos futuros docentes de física sobre a forma de acessar e considerar os conhecimentos prévios dos alunos, sem relação com os conhecimentos ou saberes populares.

Os descritores “saberes populares” e “ensino de ciências” foram encontrados 14 trabalhos, desses apenas 6 foram selecionados. Dos 8 trabalhos que não foram escolhidos, 4 já haviam sido encontrados com o descritor anterior, sendo eliminados. Os outros quatro foram retirados, pois não tinham relação direta com o tema, um se tratava das perspectivas da Etnozoologia no Brasil, outro sobre Ciência e Arte, outro repetido, mas publicado em diferentes revistas e outro por se tratar de um material didático de alfabetização produzido

para a educação infantil com a temática de plantas medicinais. Já com os descritores “conhecimentos populares” e “ensino de ciências” apenas 1 foi selecionado, pois o outro já tinha sido encontrado nas buscas anteriores.

Com os descritores de “educação comunitária” e “ensino de ciências” / “educação em ciências” foram encontrados poucos resultados, 2 e 0 respectivamente, e ainda foi selecionado apenas 1, o outro foi retirado, pois apesar de tratar da pedagogia freiriana, fazia apenas um histórico da construção teórica dos fundamentos freirianos na pedagogia social brasileira.

Também observamos um quantitativo muito baixo sobre os trabalhos envolvendo os descritores de “conflitos socioambientais” e sua relação seja com o “ensino de ciências” ou com a “educação em ciências”, totalizando 2 e 0 respectivamente. Isso nos indica uma aparente segregação entre a educação e o ensino de ciências com a educação ambiental, e na discussão de temáticas como os conflitos socioambientais que envolvem a questão social, junto ao ambiental. Ainda destes 2, apenas um foi escolhido, o outro se tratava apenas de saberes técnicos e científicos que cercam os problemas ambientais antrópicos, sem que esses fossem trazidos para a dimensão educativa.

Com os descritores de “educação em ciências” / “ensino de ciências” e “história oral” foram encontrados um quantitativo de trabalhos significativo, 10 e 15, respectivamente, no entanto, desse valor total (25), apenas 2 foram selecionados. Os demais foram eliminados por diversos motivos, 5 deles estavam repetidos, mas todos não possuíam discussões diretas com relação ao tema do trabalho. Uns apresentavam a relação no currículo, outros como uma dimensão inclusiva, ou com o rádio como ferramenta de ensino, ou de formação continuada, ou de biografia de autores ou de propostas curriculares.

Com os descritores “saberes populares” / “conhecimentos populares” e “história oral” foram encontrados 11 e 3 trabalhos, respectivamente. Esse quantitativo é relativamente alto e já esperado também, uma vez que esses saberes populares possuem como característica sua oralidade. De qualquer forma, foram selecionados apenas 8 artigos, os demais foram eliminados por não estarem abordando o surgimento dos saberes populares através do método da história oral. Alguns tratavam de saúde mental e loucura, outros de reflexões teóricas e conceituais em geografia, outros com uma bibliografia da assistência ao parto no Brasil, outros com o enfoque na formação de patentes e produção de fármacos de plantas medicinais.

Sobre os descritores com “história oral” e “conflitos socioambientais”, apenas um não foi escolhido por se tratar de uma “reconstrução histórica do processo de ocupação e colonização da Gleba Jorge Teixeira de Oliveira e do surgimento do Núcleo Urbano União

Bandeirante, ocorrido no período de 1999-2014”, narrando vários conflitos socioambientais, mas sem ter uma relação direta com os saberes populares que possam vir a emergir deste.

Foram selecionados no total 27 trabalhos que a nosso ver possuiriam alguma relevância para a pesquisa, esses se encontram descritos na tabela 2.

Trabalhos selecionados	Autores e ano
Autoetnografia: una forma narrativa de generacion de conocimientos	BLANCO, M. (2012)
La historia en primera persona: mirada(s) al pasado	MITNICK, G. (2014)
Autoetnografia em contexto pedagógico: entrevista e reunião como lócus de investigação	MAGALHÃES, C.E.A. (2018)
Saberes Populares e Educação Científica: Um olhar a partir da literatura na área de Ensino de Ciências	XAVIER, P.M.A.; FLÔR, C.C.C. (2015)
Plantas Medicinais no Ensino de Química e Biologia: Propostas Interdisciplinares na Educação de Jovens e Adultos	CAVAGLIER, M.C.S.; MESSEDER, J.C. (2014)
A Construção do Sítio Ciência na Comunidade: Antecedentes, Fundamentos, Narrativas Híbridas e Conteúdo Epistemológico	PINHEIRO, P.C. (2017)
Desafios para implementar a alfabetização científica numa comunidade de artesãos de filé	MELLO, L.; GUAZZELLI, I. (2010)
Saberes populares fazendo-se saberes escolares: um estudo envolvendo a produção artesanal do vinho	VENQUIARUTO, L.D.; DALLAGO, R.M.; DEL PINO, J. C. (2014)
Ideias prévias sobre plantas medicinais e tóxicas de estudantes do ensino fundamental da região da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul	DÁVILA et al (2016)
Produção artesanal de sabão utilizando extrato aquoso de cinzas	VENQUIARUTO, L.D. et al (2015)
Para além do conhecimento científico: a importância dos saberes populares para o ensino de ciências	NASCIBEM, F.G.; VIVEIRO, A.A. (2016)
Saberes Populares das Plantas Medicinais e o Ensino de Ciências na Educação de Jovens e Adultos	XAVIER, A.R.; SAMPAIO, M.A.; COSTA, E.A.S.; VASCONCELOS, J.G. (2019)
Etnobotânica de Plantas Medicinais numa Escola Pública do Município de Capistrano, Ceará, Brasil	NOGUEIRA, A.P. (2019)
Conhecimentos tradicionais em torno das plantas medicinais e currículo do ensino de ciências	MORENO, G.S.; DA SILVA, G. (2017)
Fronteiras Urbanas: perspectivas para as investigações em etnomatemática	COPPE, C.; MESQUITA, M. (2015)
A missão "ecocivilizatória" e as novas moralidades ecológicas: a educação ambiental entre a norma e a antinormatividade	CARVALHO, I.; FARIAS, C.; PEREIRA, M. (2011)

Saúde, ecologia de saberes e estudos de impactos ambientais de refinarias no Brasil	SILVA, J.M.; GURGEL, I.G.D.; AUGUSTO, L.G.S. (2016)
O conceito de vulnerabilidade e a educação em saúde fundamentada em Paulo Freire	SEVALHO, G. (2018)
A confecção de bonecas negras na formação docente	ROSA, G.R.; FERREIRA, A.S. (2017)
Paulo Freire e o MST: a Pedagogia do Oprimido no contexto da luta pela terra	PIRES, C.L. (2012)
La mujer tenaza en la emancipación de Colombia	MONTAÑA, N.E.P. (2014)
Curandeiros Parintintin e benzedeiros: reprodução do saber popular de cura	CLARINDO, M.F.; STRACHULSKI, J.; FLORIANI, N. (2019)
Reformas neoliberales y sus implicaciones en un programa de apoyo a la crianza: El caso de los hogares comunitarios Familia, Mujer e Infancia en Colombia	OTÁLVARO et al (2016)
Contexto cultural, ecológico e econômico da produção e ocupação dos espaços de pesca pelos pescadores de pitu (<i>Macrobrachium carcinus</i>) em um trecho do baixo São Francisco, Alagoas- Brasil	MONTENEGRO, S.C.S.; NIVALDO, N.; MARQUES, J.G.W. (2001)
Conflito socioambiental no entorno de fabrica de agrotóxicos no Ceará-Brasil.	ROSA, I.F.; RIGOTTO, R.M. (2013)
Human dimensions of biodiversity: social changes and conflicts in protected áreas in Ribeira Valley, SP, Brazil	FERREIRA, L. (2004)
Território de ação local e de desenvolvimento sustentável: efeitos da reivindicação socioambiental nas Ciências Sociais	TEISSERENC, P.; TEISSERENC, M. (2014)

Tabela 2: Trabalhos selecionados dos resultados encontrados com os descritores da tabela 1.

Com relação à temática de saberes populares e o ensino de ciências/educação em ciências podemos observar que a maior parte da literatura selecionada, Venquiaruto et al (2014); Venquiaruto (2015); Xavier et al (2017); Nascibem e Viveiro (2016); Pinheiro (2017) preocupava-se em fazer uma utilização dos saberes populares não apenas como ferramenta metodológica para a abordagem do ensino de ciências, como visto em Dávila et al (2016), Cavaglier e Messeder (2014) e Nogueira (2019). Não que isso seja um problema em si, mas no momento em que apenas isso é levado em consideração, continuamos o processo de subjulgamento desses saberes como folclóricos e inválidos em detrimento do conhecimento científico, desta forma continuamos a hierarquizar este último como hegemônico e colonizador.

Além disso, podemos observar que a relação entre esses saberes populares e o ensino de ciências, tiveram diferentes abordagens, como: 1) a validação do saber popular como parte do currículo, ou seja, numa mesma relação de poder; 2) o estudo do saberes populares pelo

ensino de ciências como forma de facilitar o ensino/aprendizagem por se aproximar da realidade do estudante; 3) ou o diálogo entre os saberes populares e científicos de forma que o último possa vir a potencializar as técnicas populares.

No primeiro, por exemplo, Venquiaruto et al (2014) visava valorizar os saberes populares de trabalhadores rurais envolvidos na fabricação do vinho em saberes que façam parte do currículo escolar assim como os científicos, uma vez que percebem que os saberes cotidianos produzidos por esse grupo, são muitas vezes similares aqueles que a academia produz. No segundo, Nogueira (2019) realizou um levantamento das plantas medicinais cultivadas numa escola de ensino fundamental no município de Capistrano/CE e comparou as informações obtidas com as já descritas na bibliografia científica específica, visando o uso seguro dessas plantas pela comunidade. No entanto, esse tipo de abordagem nos mostra que por trás de uma justificativa de “segurança” da saúde daquela comunidade se utiliza do conhecimento científico para conferir e validar o grau de eficácia desse saber popular, ou seja, esse saber só é considerado “seguro” se validado pelo método científico. Desta forma, se utiliza o saber popular apenas como uma ferramenta para atrair a atenção do aluno para o método científico. No terceiro, Venquiaruto (2015) investigou os saberes populares relacionados à utilização de extratos aquosa de cinzas na produção artesanal de sabão, e a partir da fala dos agricultores camponeses (produziam o sabão) ensaios foram desenvolvidos com o objetivo de otimizar a produção do mesmo, com o intuito de reduzir seu custo. Sendo assim, entende-se possível um diálogo entre os saberes populares e científicos, não desmerecendo e nem sacralizando o saber popular, e nem impondo a cultura dominante, o saber científico, como padrão único a ser seguido ou rejeitando-o. Pinheiro (2017) também buscou potencializar o processo popular de fabricação do vinho de laranja e do sabão de cinzas, com os saberes científicos que a química podia oferecer.

Ainda a maioria dos autores que faziam a relação entre saberes populares e ensino/educação em ciências a partir de uma ótica não hierarquizada dos saberes científicos com relação aos populares usaram como um dos referenciais teóricos o Attico Chassot com seu conceito de saberes primevos¹⁰.

Há ainda autores que nos fazem refletir sobre a importância e o papel da escola na permanência do conhecimento tradicional, e na retomada aos princípios ecológicos, uma vez

¹⁰ “Saberes primevos” é uma denominação dada por Attico Chassot (2013) num posicionamento político de valorizar os “saberes iniciais” ou “os saberes dos primeiros tempos”, ou seja, se refere aos saberes detidos pelas pessoas mais velhas e que são preciosos para uma comunidade. É uma escolha do autor que visa ressignificar a provável “desqualificação” que pode ser cunhada ao termo “saberes populares”.

que ela se constitui um dos principais instrumentos de propagação do conhecimento. Desta forma, Moreno e Silva (2017) reforçam como responsabilidade da escola a proposição de práticas pedagógicas alternativas tendo como temática as plantas medicinais, onde sejam validados os saberes populares que normalmente são invisibilizados, mas que trazem um conhecimento coletivo que se perpetuou ao longo de séculos, sendo construído de geração em geração, passando por observações e experimentações a partir do qual o conhecimento científico se constrói. Esses saberes representam um território de reexistência coletiva, seja pela reprodução socioeconômica que este possibilitou, seja pela relação sociedade-natureza que esse formulou.

Mello e Guazzelli (2010) mostram os desafios encontrados e a importância de desenvolver uma alfabetização científica com a comunidade de artesãos de filé, um tipo de artesanato de redes, feito principalmente pelas mulheres. Essa alfabetização envolveu a educação ambiental, sendo importante na própria articulação e emancipação dessa comunidade na busca por seus direitos violados com os crimes ambientais que estavam sendo cometidos nesses locais. Dessa forma, podemos observar o que Carvalho, Farias e Pereira (2011) nos fala sobre a importância da educação ambiental como uma prática educativa que poderia trazer uma nova proposta em termos futuros de civilização que seja direcionada ecologicamente, ou seja, que traga uma “missão eco-civilizatória”, como dito abaixo:

Neste âmbito, os movimentos contra a degradação do meio ambiente se articulam às reivindicações democráticas, unificando, até certo ponto, essas lutas sociais. O meio ambiente, nesta perspectiva, aparece como suporte da vida e do trabalho das populações, e sua destruição corresponderia diretamente à destruição de modos de vida e do direito à diversidade nos usos e relações sociais com a natureza. A luta contra a degradação ambiental teria, assim, ressonância nas estratégias que visam a resistir contra os processos de expropriação das condições materiais de sobrevivência e a preservação dos direitos de cidadania relacionados à vida e ao trabalho. (CARVALHO; FARIAS; PEREIRA, 2011, p.37-38).

Desta forma, podemos observar que essas artesãs incorporam uma agenda ambiental à suas lutas sociais, levando a uma mudança de uma “cidadania política” em direção a uma “cidadania socioambiental” (CARVALHO; FARIAS; PEREIRA, 2011).

Vários autores nos trazem a dimensão dos conflitos socioambientais, seja através de relatos pela metodologia da história oral (MONTENEGRO, NORDI, MARQUES, 2001) seja pelos conhecimentos e saberes populares que são recrutados na mobilização e atuação dessas comunidades na luta por seus territórios (ROSA, RIGOTTO, 2013), seja através da implantação arbitrária de unidades de conservação (FERREIRA, 2004).

Os conflitos socioambientais podem ser classificados como aos associados ao uso da terra, à mineração e à produção industrial (químicas e petroquímicas, aço e alumínio), à produção de energia e a grandes obras de infra-estrutura, e os urbanos, de acordo com a Rede Brasileira de Justiça Ambiental (ROSA, RIGOTTO, 2013). Um exemplo de conflito socioambiental urbano e relativo à produção industrial pode ser ilustrado por Rosa e Rigotto (2013) ao se tratar da construção de uma fábrica de agrotóxicos na região metropolitana de Fortaleza, Ceará. Foram analisadas as transformações do território depois da instalação da fábrica e a luta da comunidade para o reconhecimento pelas autoridades públicas e pela própria empresa dos problemas ambientais e de saúde causados pela mesma nos moradores. Após 20 anos de organização, mobilização e de luta dos moradores, com entrada no Ministério Público, nada foi feito com relação à empresa e com relação às suas condições mínimas de fiscalização da poluição produzida por ela. A manifestação desses atores engajados de forma coletiva, sendo essas ações resultantes de iniciativas da própria população local, configuram um “território de ação local” (TEISSERENC; TEISSERENC, 2014).

Uma dimensão importante dos conflitos socioambientais é sua relação direta no impacto à saúde das populações afetadas diretas e indiretamente pelos grandes empreendimentos. Essas se encontram em uma situação de vulnerabilidade (SEVALHO, 2018), onde numa perspectiva crítica de educação popular em saúde, essa população encontra situações de opressão social e luta diária na busca da autonomia. A saúde se vista como uma visão mais ampla de completo bem estar físico, mental e social, como definida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) impera em uma inserção social e em condições materiais mínimas para que esse bem-estar possa chegar próximo à esse ideal. Assim como necessita de um ambiente equilibrado, ou seja, num conceito de promoção de saúde e não apenas saúde como ausência de doenças, algo que não é conseguido diante de um conflito socioambiental.

O impacto da construção da Usina Hidrelétrica do Xingu são imensuráveis na vida dos pescadores de pitú do Rio São Francisco (MONTENEGRO, NORDI, MARQUES, 2001). Através do relato desses pescadores, pode-se perceber a diminuição no número de peixes e de pitu após a construção da barragem, isso desencadeou inúmeros problemas, culturais, sociais e econômicos envolvendo os pescadores que utilizavam a pesca como única fonte de subsistência. Grandes distâncias para obter peixes (antes próximos às suas residências), sobreposição de territórios e briga entre os pescadores, quantitativo baixo do pescado e alteração nos ciclos de cheias do rio, alteraram os ciclos de vida desses animais e dos seres humanos, sendo alguns dos fatores que levaram à diminuição da pesca (MONTENEGRO,

NORDI, MARQUES, 2001). Isso impacta diretamente a saúde e subsistência dessa comunidade como um todo.

Por isso, os Estudos de Impactos Ambientais (EIA) deviam incluir em sua elaboração essas dimensões culturais, sociais, econômicas e de saúde para a população dos locais, uma alternativa seria o uso da ecologia de saberes¹¹ na elaboração dos estudos de impactos ambientais, através da produção de conhecimento compartilhada com os movimentos sociais e com as comunidades locais como instrumento de defesa da vida, com vistas a ações de saúde coletiva e de proteção do ambiente (SILVA; GURGEL; AUGUSTO, 2016). Apesar desta se relacionar com os impactos ambientais causados por refinarias de petróleo, o mesmo se aplica para hidrelétricas e outras obras de grande escala que envolvam diretamente a saúde, a subsistência e a cultura das populações locais.

Ainda numa perspectiva de promoção à saúde, podemos observar o quanto os saberes populares podem contribuir trazendo outras visões e amplificando esse conceito, por exemplo, ao envolverem em seus saberes de cura outros aspectos que não apenas o tratamento pontual de uma determinada enfermidade. Os saberes tradicionais de benzedeiras do sul do Brasil e os curandeiros do Parintintin (povos indígenas do Norte do país) apesar de apresentarem diferenças culturais entre si que são materializadas em seus saberes, percebe-se que ambos possuem o conhecimento tradicional de cuidados com o corpo estruturados por uma dimensão holística que engloba a esfera espiritual/religiosa e de relação com a natureza (CLARINDO; STRACHULSKI; FLORIANI, 2019). Enquanto as benzedeiras apresentam uma dimensão plurireligiosa/espiritual em suas práticas centrada no catolicismo popular e com o agenciamento de diferentes culturas de matrizes indígena e africana, adaptada assim com outros simbolismos como aqueles oriundos da natureza, através das plantas medicinais, águas benzidas, ceras de abelha, entre outros produtos de origem animal ou vegetal (CLARINDO; STRACHULSKI; FLORIANI, 2019). As doenças espirituais (culturais) são tratadas com a realização de benzimentos e podem ser feitos em qualquer momento, quando se tratam de práticas não indígenas. Para as benzedeiras o benzimento serve a doenças naturais e espirituais. Também existe outra dimensão de tratamento enfrentada pelas benzedeiras, uma dimensão de ordem social, ou seja, benzimentos para ajudar a pessoa a prosperar no trabalho,

¹¹ A ecologia de saberes é um termo cunhado pelo Boaventura de Sousa Santos (2007) que reconhece uma pluralidade de conhecimentos heterogêneos em interações dinâmicas entre si, no entanto sem perder sua autonomia. É uma oposição à “monocultura da ciência moderna” e não uma negação, uma vez que o conhecimento da ciência moderna é um dos saberes que fazem parte da ecologia dos saberes. Essa reconhece a existência de uma pluralidade de formas de conhecimento e de epistemologias que vão além do conhecimento científico.

comprar um automóvel, entre outros. Quanto ao uso dos remédios caseiros, esses estão conectados diretamente com as doenças que acometem o corpo físico (CLARINDO; STRACHULSKI; FLORIANI, 2019).

Essas além de serem formas que se mantêm em desalinho com o capital, pois a valoração gerada por esses saberes leva a um referenciamento e empoderamento social, também trazem outras racionalidades de troca, assim como estruturam de maneira paralela e independente microterritórios, entrelaçados com as instituições e ofertas de serviços de saúde dados pelo Estado. Embora seu trabalho possa vir a ter algum valor monetário, esses não geram exploração econômica, ao contrário, trazem outras racionalidades de troca (CLARINDO; STRACHULSKI; FLORIANI, 2019). Desta forma, esses saberes se estruturam na necessidade de compreender e validar as epistemologias presentes em outras matrizes cognitivas, contribuindo com a proposta de “ecologia de saberes” do Boaventura de Sousa Santos.

Além disso, esses microterritórios estruturados por essas benzedadeiras gera uma superação das fronteiras do espaço geográfico para além dos limites da ciência moderna (CLARINDO; STRACHULSKI; FLORIANI, 2019). Através de seus saberes é gerado tanto uma referência comunitária desses agentes, como uma rede de interdependência social com a comunidade que comporta-se como um forte elemento de territorialização e de formação de identidades culturais (CLARINDO; STRACHULSKI; FLORIANI, 2019). O primeiro passo ocorre com a conformação de suas residências (microterritórios) como locais de busca das plantas medicinais e de objetos necessários para a cura, se estendendo como locais de referência na saúde. A presença dessas mulheres até os dias de hoje desvelam toda a riqueza cultural e espiritual de nossa sociedade, como também a friabilidade das brechas deixadas pela falta de oferta de saúde pública pelo estado (CLARINDO; STRACHULSKI; FLORIANI, 2019). Que de frias só possuem a negligência e o descaso do Estado, pois essas mulheres fazem florescer dessas frestas uma riquíssima sapiência e uma resistência cultural e social que talvez não possa ser encontrada em nenhum outro país, devido ao imenso hibridismo e sua história de formação. Ao mesmo tempo, suas presenças silenciosas fazem ecoar uma voz de denúncia à precariedade dos serviços e políticas públicas brasileiras.

No entanto, ainda observa-se pouco destaque da academia para a compreensão e aceitabilidade desses saberes populares, talvez pela dificuldade da ciência em ir além dos limites cartesianos (CLARINDO; STRACHULSKI; FLORIANI, 2019), herança da modernidade/colonialidade. Porém, deve-se ter em mente que, felizmente, esses conhecimentos tradicionais irão permanecer vivos e influentes mesmo com o desenfrear das

sociedades urbanas (CLARINDO; STRACHULSKI; FLORIANI, 2019). Com isso e por isso faz-se necessário dialogarmos com esses saberes, dentro de uma ecologia de saberes, que não busque hierarquizá-los ou subjulgá-los. Assim como é dever desenvolvermos uma escuta sensível com relação à esses sujeitos, para os quais a natureza possui um valor singular, não sendo apenas uma fonte de recursos, mas uma representação cultural, cósmica e espiritual da vida (CLARINDO; STRACHULSKI; FLORIANI, 2019).

E essa escuta perpassa pela oralidade, característica desses sujeitos, pois é através dela que os conhecimentos e saberes são repassados ao longo dos anos e onde há o reconhecimento mútuo (CLARINDO; STRACHULSKI; FLORIANI, 2019). Por isso se faz necessário uma metodologia que acolha e valorize a fonte dessas outras matrizes de construção de conhecimento, por isso é tão importante metodologias como a história oral que buscam a valorização desses saberes dos indivíduos como centrais no processo (ROSA; FERREIRA, 2017, MONTAÑA, 2014, ROSA; RIGOTTO, 2013). Além disso, uma metodologia que busque uma aparente impessoalidade e objetividade em relação ao fenômeno observado nos parece ir contra as interações desenvolvidas com esses sujeitos, por isso a busca pela autoetnografia como metodologia no presente trabalho (MAGALHÃES, 2018). Uma vez que esta permite o envolvimento do pesquisador e possibilita transpor para a pesquisa seu estudo e suas experiências pessoais nessas práticas culturais, que não emergiram normalmente, mostrando detalhes da pesquisa e promovendo a reflexividade do pesquisador (MAGALHÃES, 2018, BLANCO, 2012, MITNICK, 2014).

A Educação Popular freiriana trouxe essa dimensão humanizadora e esse olhar de valorização desse saber popular, e por trazer consigo o âmbito político, crítico, anticolonialista e emancipador, ela pode ser firmada entre as Epistemologias do Sul de caráter decolonial trazidas por Boaventura de Sousa Santos (SEVALHO, 2018). Dessa forma, assim como a ecologia de saberes poderia configurar as diretrizes de formação da educação popular, essa também poderia ser empregada em outras esferas de políticas públicas. Por exemplo, na formação de alternativas e paradigmas outros na elaboração de estudos de impacto ambiental (SILVA, GURGEL, AUGUSTO, 2016) que levem em consideração saberes, como o popular e pensem na saúde (eco) coletiva da população local.

Ainda outro importante aspecto que merece ser salientado sobre as benzedeadas (CLARINDO; STRACHULSKI; FLORIANI, 2019) é que elas são, de maneira geral, mulheres, isso leva a um reconhecimento e fortalecimento comunitário desse gênero, que normalmente é silenciado por nossa sociedade. O papel dessas mulheres não é importante apenas na promoção da saúde, mas também na educação comunitária. Como podemos

observar com o papel das mães dos lares Fami (lares comunitários Família, Mulher e Infância) do Centro Zonal do Nordeste do Instituto Colombiano de Bem-estar Familiar (ICBF), de Medellín, Colômbia (OTÁLVARO et al, 2016). Seu trabalho promove vínculos comunitários e transformações nas relações familiares, por compreenderem seu próprio contexto social. Dessa forma elas contribuem para o desenvolvimento humano mais integral que correm o risco de serem perdidos durante a transição desses Fami para os Centros de Desenvolvimento Integral, devido uma reforma neoliberal num programa de apoio à criança (OTÁLVARO et al, 2016).

Esse silenciamento de personagens femininas pode ser observado em várias esferas sociais, inclusive pela educação e pela ciência, que silencia e muitas vezes apaga a importância de protagonistas mulheres no processo de conquistas, participação e luta nos mais diferentes ramos de nossa sociedade. A escola possui um papel fundamental nesse processo, onde o desconhecimento dos alunos sobre a história local e de seus territórios pode gerar um processo de desenraizamento das gerações futuras e dos sujeitos envolvidos nesse processo, isso consecutivamente leva a um desapego de suas terras natais pelo desconhecimento de suas próprias raízes. Como ilustrado no completo desconhecimento dos alunos de uma escola no município de Tenza na Colômbia, sobre a história e o papel das mulheres tenzas na luta e emancipação da Colômbia (MONTAÑA, 2014). A universidade junto à escola também pode assumir o papel de fortalecimento e de resgate dos saberes das mulheres de identidades quilombolas, como por exemplo, durante a confecção de bonecas negras na formação de professores contribuindo com outras histórias para que esses docentes futuramente venham a considerar outros saberes em suas práticas escolares (ROSA; FERREIRA, 2017).

Para o sistema neoliberal é estratégico que apenas um conhecimento, o formal, seja validado para que a sociedade seja homogeneizada, quem não possui esse conhecimento se encontra à margem, uma vez que dentro da lógica econômica só existe a possibilidade de no máximo sobreviver (COPPE; MESQUITA, 2015). E é nas relações de sobrevivência que surgem as maiores urgências educativas, como estar com o outro e com a natureza, e repensar a lógica supremacista presente em nossa sociedade entre os seres humanos e os não humanos. É na observação coletiva, na discussão e na análise dos processos educacionais interrelacionais presentes na comunidade, que os agentes se tornam críticos e criam um senso de pertencimento, gerando uma consciência cívica coletiva (COPPE; MESQUITA, 2015).

É na humanização e na gênese da conscientização e na emancipação dos indivíduos, trazida por Freire em sua educação popular que o MST se faz presente (PIRES, 2012), utilizando como conteúdo a própria luta, as tensões e os conflitos vivenciados em seu

cotidiano de forma dialética integrando todas as gerações como mantenedoras de diferentes saberes que se refletem no processo educativo. O conceito de fronteira (COPPE; MESQUITA, 2015) entre o saber científico e o popular nos faz refletir sobre os caminhos e as perspectivas de investigação da Educação em Ciências, com as comunidades que se envolvem. A topologia das fronteiras pode refazer de forma integral o papel político e humanizador do investigador na comunidade (COPPE; MESQUITA, 2015). As fronteiras com essas comunidades visa o processo de trazer para a academia a humanização e coletividade presente nesses espaços comunitários.

3 BREVE CONJUNTURA DOS CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS

3.1. CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS NA AMÉRICA LATINA: UM PANORAMA NADA ANIMADOR

A América Latina se apresenta no contexto mundial como um local com grande concentração dos “recursos naturais” do planeta. Utilizaremos “recursos naturais” entre aspas por essa expressão se refletir em um vocabulário oriundo da economia (ALIER, 2015), e por compreendermos que a natureza não deveria ser enquadrada nessa lógica, porém considerando a atual conjuntura política e econômica, e a forma hegemônica como nossa sociedade ainda a trata, marcaremos nossa posição contrária a esse pensamento capitalista da natureza, com as aspas.

Essa região possui em termos físicos, uma geopolítica estratégica uma vez que possui em seu território quase metade das florestas tropicais do mundo, um quarto da terra potencialmente cultivável, um terço das reservas de água doce e uma quantidade enorme de reservas minerais importantes, como hidrocarbonetos (CASTRO; HOGENBOOM; BAUD, 2011). Ao mesmo tempo, é responsável por um terço da emissão de carbono do mundo, por conta de modificações no uso da terra. Esses “recursos” ao mesmo tempo em que são fundamentais para o desenvolvimento da região e da qualidade de vida dos moradores, não se refletem nessa, pois a pobreza rural e urbana corre uma maior vulnerabilidade devido às mudanças climáticas como enchentes, deslizamentos de terra, terremotos, secas, derretimento das geleiras, epidemias, entre outros. Embora, seus cidadãos busquem constantemente formas de atingir um desenvolvimento equitativo, produtivo e sustentável, isso exige uma luta assídua pela superação de barreiras como as injustiças históricas, ineficiências econômicas e a desigualdade social (CASTRO; HOGENBOOM; BAUD, 2011) e racial.

A América Latina, nos últimos anos, assumiu um protagonismo nos debates mundiais sobre as questões ambientais e as mudanças climáticas. Como origem das lutas e de diferentes óticas trazidas pelos movimentos sociais e indígenas, várias políticas foram introduzidas, como os direitos constitucionais à natureza (Pachamama) e da cultura do Bem Viver presentes nas Constituições do Equador em 2008, da Bolívia (2009) e da Venezuela (1999). Enquanto isso, em 2008, o Brasil se comprometeu em reduzir o desmatamento na Amazônia e iniciar o programa nacional de redução de emissões de CO₂ provenientes do desmatamento e da degradação florestal (CASTRO; HOGENBOOM; BAUD, 2011).

Segundo Castro, Hogenboom e Baud (2011), esse constitucionalismo ecocêntrico latino americano reafirmou a identidade latina com relação ao mundo, tanto que na Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas em Copenhague em 2009, vários delegados assumiram uma postura firme com relação à “dívida ecológica” dos países do norte em relação aos do sul. Evo Morales, presidente na época, denominou o acordo de ilegítimo e disse que a Bolívia organizaria um evento alternativo, a Conferência Mundial dos Povos sobre as Mudanças Climáticas e os Direitos da Mãe Terra que ocorreu em 2010. Já na Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas em 2010, a Bolívia foi contra o acordo de Cancun, deixando de sobreaviso que isso poderia causar um “Ecocídio”. Outro exemplo disso foi em 2011 quando ocorreu o condenamento da Chevron por decisão judicial do Equador pela poluição causada na Amazônia Equatoriana por ela e pela Texaco desde a década de 1960 com o pagamento de US\$ 8,6 bilhões (CASTRO; HOGENBOOM; BAUD, 2011).

Segundo a ONU (2013), a partir do relatório da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL), a América Latina e o Caribe possuem 65% das reservas mundiais de lítio, 42% de prata, 38% de cobre, 33% de estanho, 21% do ferro, 18% de bauxita e 14% de níquel, sendo um importante local de extração de minérios de interesse comercial. Eles também apresentam 1/3 da produção mundial de bioetanol, cerca de 25% de biocombustíveis e 13% de petróleo, sendo um local estratégico para a economia petrolífera. Para, além disso, segundo a ONU (2013), nessa região se localiza aproximadamente 30% do total de recursos hídricos renováveis do mundo, o que significa aproximadamente mais de 70% da água do continente americano, e abriga em seu território 21% das florestas do planeta com abundante biodiversidade.

Esses dados nos mostram que não existe a possibilidade de um local com altíssima concentração de riquezas minerais, biológicas, ecológicas e petrolíferas, e com um passado histórico de colonização não utilizar, ou ser refém, desses recursos como estrutura produtiva e exportadora, ainda segundo a ONU (2013) com um baixo investimento em estrutura, inovação, ciência e tecnologia.

De acordo com Gonçalves e Milanez (2019), o aumento na pressão sobre os ditos “recursos naturais” na maioria dos países do Sul, especialmente na América Latina é ditado pelo atual modelo neoliberal. Esses “recursos” são escassos nos países do Norte que acabam por buscar essa matéria-prima nos países “pobres”, mas já se atentaram para o fato de que esses recursos não são infinitos. Isso cria um paradoxo, que acirrada pelo contexto histórico, implica em uma trajetória e um contexto socioambiental de conflitos crônicos no chamado,

segundo Antunes (2011), “continente do labor”, mas também de formas de resistência invisibilizadas pelo capitalismo de expropriação.

Definiremos aqui conflito socioambiental de acordo com o conceito de Acsehrad (2004a) onde este abrange uma disputa entre vários grupos sociais com diferentes interesses de apropriação e uso de um mesmo território. No entanto, é importante pontuar que essa disputa de interesses por fazer parte e seguir a lógica do capital, se encontra já determinada por aquele mesmo grupo social que gerou o próprio conflito socioambiental. Ou seja, o mesmo mercado que demanda a exploração dos “recursos naturais” é aquele que considera “democrática” a questão da distribuição dos riscos ambientais, uma vez que cultiva o mercado como mecanismo de regulação das questões ambientais (ACSELRAD; MELLO; BEZERRA, 2009).

Observa-se, nas últimas décadas o reaparecimento de empreendimentos de extração denominados de neoextrativistas, por conta de estarem embasados na política econômica neoliberal presente em vários países. Estes são uma perpetuação da posição econômica submissa que esses países latino americanos ocupam na divisão internacional do trabalho desde a época das colonizações (VINCENT & VASCONI, 2017).

Ainda segundo o relatório da ONU (2013), a exploração dos “recursos naturais” na América Latina se concentra na área de mineração, recursos hídricos e hidrocarbonetos. Com relação à mineração, em 2010, Argentina, Brasil, Chile e Peru, concentraram 62% do destino do investimento regional na exploração, se somado ao México, a porcentagem salta para 84%. Já em 2011, Brasil, Chile e Peru se encontram dentro dos 10 países da lista de destino do investimento em mineração, representando 36% do total mundial, enquanto há 11 anos alcançou o valor de 26%.

3.1.1. O caso do Chile

Com relação ao neoextrativismo, o Chile, teve a exploração de suas grandes reservas de cobre, e também lítio, iodo e rênio, iniciada no século XIX. E apesar de um movimento de nacionalizar e industrializar a produção de minério no século XX, este foi interrompido pela instauração da ditadura de Pinochet em 1973 (TOLEDO; GUTIÉRREZ, 2016 apud VINCENT; VASCONI, 2017). Esta promoveu o investimento estrangeiro direto em 1974, privatizando e reorganizando o uso da terra em 1979 e da água em 1981, para a atividade de extração do cobre exercida por empresas transnacionais (TOLEDO; GUTIÉRREZ, 2016 apud VINCENT; VASCONI, 2017). A privatização, mais uma vez, foi utilizada como discurso de

estabilização da economia, levando outros recursos a serem também privatizados (GARCÍA, 2016 apud VINCENT; VASCONI, 2017). Além disso, a exaltação da propriedade privada, como política de Estado reforça a visão de propriedade e de mercado sobre a natureza (VINCENT; VASCONI, 2017). Para o final do século XX, a água e o lítio foram os dirigentes do extrativismo, com os Códigos de Águas (1981) e Minério (1982).

Na região do Atacama houve a criação de um mercado das águas destinados à mineração, resultado dessa política de exploração dos recursos hídricos, chamada de estratégia nacional, se afinando com o Banco Mundial e o Banco Interamericano do Desenvolvimento (VINCENT; VASCONI, 2017). Sendo que essa região já era ocupada por populações campesinas e indígenas, e a água possui um valor místico para essas culturas locais. Ademais, no conflito por água gerado pela mineração, houve um projeto de construção de barragens no Rio Grande, sem nenhuma consulta à comunidade, como consta no convênio 196 da Organização Internacional do Trabalho. Houve assim, mobilização e luta, em nível nacional, que ganharam espaço em 2013, já que as comunidades locais, especialmente a de Camar, não enxergam a água como um recurso, suas práticas se encontram em outra cosmologia, realizando assim, um ritual de celebração e limpeza dos canais, no início da primavera, também como afirmação territorial (GARCÍA, 2016 apud VICENT; VASCONI, 2017).

Ainda, segundo Vincent e Vasconi (2017), a região do “Norte Grande” foi definida como uma área desértica onde seria implementada a atividade econômica baseada na mineração, negligenciando a presença indígena e reduzindo atividades tradicionais como a criação de lhamas e alpacas, além da agricultura local. Porém, concomitante a alta exploração do minério, ocorreu um fortalecimento das organizações de povos originários indígenas (quéchuas, atacamenões e aymaras) que visam o reconhecimento de suas existências e identidades culturais, assim como a reintegração do território e das águas. Isso foi facilitado por uma conjuntura internacional de reconhecimento dos povos originários a partir da década de 1970 e no Chile, da Ley Indígena e da CONADI - Corporación Nacional de Desarrollo Indígena - em 1993, além da criação das Áreas de Desenvolvimento Indígena (ADIs) a partir de 1995.

Concordamos com Vicent e Vasconi (2017, p.67), com relação a forma de inserção do neoliberalismo na mercantilização da vida e na expropriação e colonização de uma visão única de modelo econômico:

Esses empreendimentos que se inserem como ilhas que apenas se conectam aos lugares pelas demandas do mercado global de commodities ferem não apenas a

pertença territorial estabelecida ancestralmente, como os modos de ser próprios dos povos e comunidades que ali habitam.

3.1.2. Uma mera semelhança ocorre na Argentina

Na Argentina, em 2002 e 2011, a exploração, principalmente de ouro, cobre e prata, teve seu aumento com a criação da lei de Investimentos Minerários em 1990. A ascensão desta como economia principal não foi aceita passivamente pelas comunidades que habitavam anteriormente às áreas que seriam exploradas. Com isso, houve uma mobilização e organização próprias das Assembléias de Vizinhos que se reuniram formando redes de resistência socioambiental contra a mineração exacerbada.

A luta dessas comunidades não envolvia apenas a valorização do território e da visão de recursos como algo de todos, eles também lutavam contra o governo e empresas pela transparência nas informações fornecidas. Existe uma finalidade política e econômica nessa falta de informação, e a necessidade de compreender amplamente esse interesse é “de extrema importância no enfrentamento à violência epistêmica colocada em um campo de conflito em que as posições dos agentes envolvidos é assimétrica” (ZHOURI, A., VALENCIO, N., OLIVEIRA, R., ZUCARELLI, M., LASCHEFSKI, K., SANTOS, A. F. M., 2016; apud VICENT; VASCONI, 2017).

3.2. ONDE ESTAVA O BRASIL NISSO TUDO – SENTA QUE LÁ VEM A HISTÓRIA...

Apesar do Brasil já enfrentar conflitos socioambientais há muito tempo em sua história, esse vem se agravando nos últimos anos devido à flexibilização das legislações ambientais, sendo importantíssimo salientar que neste período ocorreram os maiores crimes socioambientais neoextrativistas pelo qual o Brasil se deparou. Um em 2015, ainda no final do governo petista, de centro esquerda, antes do golpe, com o Rompimento da Barragem de Rejeitos (Fundão) da mineradora Samarco, que é controlada pela Vale e pela BHP Billiton, em Mariana (MG). Esta mineradora é uma empresa privada de empreendimento conjunto da Vale, uma empresa nacional privatizada e a anglo-australiana, BHP Billiton. Este foi um dos maiores crimes socioambientais da história do Brasil, na qual praticamente não houve punições e nem serviu de exemplo, pois quase quatro anos mais tarde, em 2019, no atual

governo, estourou outra barragem de rejeitos, desta vez a barragem do Córrego do Feijão, em Brumadinho (MG). Segundo Greenpeace (2020):

Esta se rompeu, soterrando com 13 milhões de metros cúbicos de lama tóxica tudo o que encontrava pelo caminho: pessoas, animais, florestas, casas... Casos como este, que podem se tornar mais frequentes com a flexibilização do licenciamento ambiental, não podem ser considerados acidentes, mas crimes socioambientais oriundos da ganância e da negligência. Em apenas três anos, a Vale foi responsável pelas duas maiores tragédias socioambientais do Brasil: Mariana e Brumadinho.

O atual governo, na verdade prefiro denominar de desgoverno brasileiro é de extrema direita, com requintes de autoritarismo, totalmente envolvida na lógica de expropriação da natureza e na submissão à economia norte-americana, possuindo o que Jesse de Souza chama da síndrome do vira-lata, em seu livro a “Elite do Atraso – da escravidão à lava-jato” (SOUZA, 2017). Sendo assim, desde que se elegeu em 2018, não escondeu seu ataque constante à esfera ambiental e desmantelou várias políticas de proteção ambiental brasileira. Segundo Silva (2020), em apenas um ano, podemos listar 26 violações no meio ambiente realizada pelo atual presidente:

[...] promoveu a desestruturação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) com perdas de autonomia de técnicos e de segurança em campo a fiscais ambientais; a transferência do Serviço Florestal Brasileiro do Ministério do Meio Ambiente para o Ministério da Agricultura; a flexibilização e redução das multas por crimes ambientais, e institucionalização desta prática por meio do projeto de criação do “Núcleo de conciliação”, que poderá mudar o valor ou até mesmo anular multas por crimes ambientais; a contestação dos dados oficiais de desmatamento do sistema Deter, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), criado pelo governo Lula em 2004 e que possibilita o ágil diagnóstico de áreas desmatadas. Além da demissão do diretor do Instituto ao ser confrontado tecnicamente; a interrupção do bilionário Fundo Amazônia, que financiava mais de uma centena de projetos de proteção da Amazônia e seus povos e que teve os recursos suspensos pelas fontes doadoras (Noruega e Alemanha) devido ao aumento do desmatamento e à extinção de Conselhos que faziam a gestão dos recursos; a proposta de revisão das Unidades de Conservação do país, que poderão ter os seus traçados revistos ou até serem extintas; a recriminação de fiscais ambientais que, amparados legalmente, destruíram equipamentos apreendidos usados por madeireiros e garimpeiros criminosos; a proposta de regularização fundiária via autodeclaração, que permitiria a grileiros a legalização de terras apropriadas ilegalmente; as propostas para redução de terras indígenas e áreas remanescentes de quilombos; o aumento da violência no campo e aos indígenas; a visão governamental de que o indígena deve viver da mesma forma que a população não indígena urbana; a liberação excessiva de agrotóxicos, alguns inclusive proibidos em outros lugares do mundo; a revisão de tributos ambientais aplicados a empresas que causam alto e negativo impacto ambiental; a própria escolha de um ministro do Meio Ambiente que, além de já ter sido condenado por crime ambiental, não considera para sua prática de trabalho a temática do aquecimento global, e que defende os interesses do agronegócio em detrimento dos ambientais; o exemplo de impunidade ao exonerar o servidor que multou o atual presidente por pesca ilegal em 2012; a revisão da lista de espécies aquáticas ameaçadas após um pedido do Ministério da Agricultura; a autorização, por parte do presidente do Ibama, do leilão de sete blocos de petróleo localizados em regiões de alta sensibilidade ambiental, como no Arquipélago de Abrolhos, ignorando os relatórios técnicos da própria equipe do Instituto; o possível desalojamento de centenas de famílias quilombolas e

de descendentes dos índios Tapuias que já residem há séculos na região do entorno do Centro de Lançamento de Alcântara (MA), devido à expansão e concessão do mesmo aos EUA; a revogação do decreto que proibia o avanço das plantações de cana-de-açúcar sobre os biomas pantaneiro e amazônico; o posicionamento contrário ao Acordo de Paris; a fragilização da reforma agrária e da agricultura familiar; a decisão sobre a privatização da Eletrobras, que acarretará na entrega do controle da energia elétrica do país para empresas estrangeiras, afetando a soberania nacional. Sem considerar que a empresa tanto já passou por um processo de enxugamento de pessoal, como também vem apresentando lucros bilionários desde 2018; a modificação da futura lei de licenciamento ambiental, tornando-a uma exceção ao invés de regra; a privatização do setor de saneamento, algo que já apresentou resultados negativos onde foi implantado, e indo de encontro ao atual movimento de grandes cidades mundiais, que estão reestatizando o setor; a nomeação de um religioso evangelizador para coordenar as ações referentes aos indígenas isolados, sendo que a igreja do mesmo já recebeu acusações de exploração laboral e sexual de indígenas; e por último a regulamentação da exploração de minerais, recursos hídricos para construção de hidrelétricas, e de petróleo e gás em Terras Indígenas.

Apesar de não ser relacionado diretamente à mineração, essas medidas afetam e descredibilizam anos de lutas de movimentos ambientalistas, sociais e de populações tradicionais. Medidas como esta, facilitam o aumento no número de crimes socioambientais que ocorreram dentro do cenário brasileiro e é mister falarmos de dois que ocorrem exatamente no atual desgoverno no último ano de 2019. Um ligado à economia petrolífera onde houve um derramamento de óleo nas praias do Nordeste do Brasil, e outro com as queimadas intermitentes na região da Amazônia.

O primeiro causou um forte conflito entre os pescadores artesanais, marisqueiros, os guias turísticos locais, a população, o governo, as ONGs e a indústria do petróleo a nível mundial. Até onde se sabe o petróleo é de origem venezuelana, porém não se sabe se foi um vazamento ou um despejo deste por um navio grego. Interessante pensarmos na procedência deste navio e no rumo que as investigações tomaram por se tratar de um navio europeu. Podemos ver a colonialidade do poder, ser e saber nas esferas políticas e econômicas brasileiras, onde estas não permitem que as investigações a cerca deste crime sejam continuadas com a devida seriedade que se possui, além disso, a interferência da Interpol na investigação aumenta a desesperança para uma punição.

Na verdade é difícil inclusive ainda, mensurar todas as sequelas ambientais, sociais, econômicas e sanitárias, que isto ocasionará a curto, médio e longo prazo para a comunidade e para a biodiversidade. A única certeza que temos é que este crime trará consequências desastrosas, inclusive gerando danos permanentes em toda comunidade local, na saúde e sustento das pessoas e no ecossistema marinho como um todo. Assim como a demora e a negligência na tomada de reação configuram como um ecocídio e um etnocídio para essa população tradicional, uma vez que poderia ter reduzidos seus danos. Esse derramamento de petróleo atingiu todas as praias dos nove estados nordestinos, sendo considerado o maior do

gênero em extensão e acabou por contaminar arquipélagos como Abrolhos e Fernando de Noronha, colocando em risco de extinção espécies que existem apenas nesses locais.

Para somar a esse crime, o outro crime neste mesmo ano de 2019, fruto da pecuária, desmatamento acelerado e flexibilização das leis ambientais ocorreu na Amazônia. Um grave período de queimadas pelo qual a floresta ficou ardendo em chamas por meses. Tendo sido visto inclusive seu impacto na cidade de São Paulo, que ficou noite em plena tarde com as cinzas trazidas pelas queimadas. O mesmo regime de ventos que carregam à água (com a formação dos rios aéreos) trazendo a chuva para o Sudeste carregaram também as cinzas de uma mata em chamas pedindo socorro. Segundo o IPAM (2019):

De 1º de janeiro a 14 de agosto, 32.728 focos foram registrados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) no bioma. Uma das hipóteses para explicar a alta em 2019 seria uma estiagem intensa, como registrada em 2016. Mas ela não se confirmou: apesar da seca, há mais umidade na Amazônia hoje do que havia nos últimos três anos. Se a seca não explica as queimadas atuais, a retomada da derrubada da floresta faz isso. O fogo é normalmente usado para limpar o terreno depois do desmatamento, e a relação entre os dois fatores é positiva em uma análise entre os focos de calor e o registro de derrubada feito pelo Sistema de Alertas de Desmatamento (SAD).

Neste caso, nem se faz necessário explicar todas as consequências que este teve para a fauna e flora local matando organismos que talvez ainda nem se quer conhecíamos, assim como prejudicando etnias indígenas que usam a área para sua subsistência, estas então já estão em extrema vulnerabilidade no atual desgoverno. Além disso, os danos também afetam diretamente a condição climática mundial, alterando regimes de chuva transportadas pelas correntes de ar que ganham umidade na Amazônia. E esse mesmo pensamento monocultural que queimou e desmatou a Amazônia continuou em 2020, em plena pandemia, a vitimar os biomas brasileiros do Pantanal que ardeu por meses em chamas, tendo até o final de setembro desse ano 23% de todo território queimado, isso representou um aumento de 195% nos focos de incêndio comparado com o mesmo período do ano anterior¹².

O Brasil não estava deslocado do contexto latino-americano de ascensão de políticas neoliberais e infelizmente coleciona crimes ambientais em sua história passada e recente, possuindo conflitos ambientais em relação ao extrativismo, principalmente em Minas Gerais no Quadrilátero Ferrífero e no Pará na região dos Carajás, no Sul e em Goiás com extração de pedras preciosas, assim como em outros estados como Espírito Santo, e no Rio de Janeiro.

¹² Para saber mais, acesse: <https://www.camara.leg.br/noticias/696913-inpe-confirma-aumento-de-quase-200-em-queimadas-no-pantanal-entre-2019-e-2020/>>.

Na verdade o Rio de Janeiro, segundo o Mapa de Conflitos envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil realizado pela Fiocruz, entre 2007 e 2010, apresenta 39 conflitos socioambientais, sendo pouco se comparados aos 605 do total de casos envolvendo o Brasil (FIOCRUZ, 2013). No entanto, destes 39 conflitos relatados no Rio de Janeiro, 5 envolvem pescadores(as) artesanais e sua fonte de subsistência, representando mais de 10% no total dos conflitos desse estado. Este conflito é que está presente mais fortemente na região do presente estudo do trabalho, a região de Magé, onde os pescadores e pescadoras artesanais sofrem ameaças de morte e violência simplesmente por defenderem seu direito de trabalho na Baía de Guanabara.

Segundo a FIOCRUZ (2013), pelos dados da Associação Homens do Mar da Baía de Guanabara (AHOMAR)¹³, existem pelo menos 15 mil famílias que dependeriam direta ou indiretamente da pesca artesanal e esta se encontra ameaçada. Não apenas o grande fluxo de navios e barcos que diariamente atravessam suas águas rumo ao porto do Rio de Janeiro afugentam peixes e destroem redes e instrumentos de trabalho, como também os impactos da poluição (muitas vezes intensificado por acidentes químicos de indústrias em sua orla) até a instalação de empreendimentos no local. Ainda segundo a FIOCRUZ (2013), os pescadores e pescadoras vivenciam isso sem ter havido preocupação dos empreendimentos com os impactos negativos que estes podem trazer para as atividades dos pescadores artesanais, nem a concessão de indenizações às famílias atingidas. Além, claro, do embate entre a segurança das empresas responsáveis por esses empreendimentos, havendo denúncias de atentados à vida desses pescadores e pescadoras, sendo pelo menos um deles assassinado, desde o início do conflito. As lideranças do AHOMAR já estavam se articulando com outras entidades ligadas à Rede de Justiça Ambiental (RBJA).

Os demais conflitos envolvem desde regularização ou obtenção de terras, expulsão devido à especulação imobiliária, reconhecimento de comunidades quilombolas, descarte irregular de resíduos sólidos até a luta de comunidades tradicionais pelo direito de permanecer em áreas de unidades de conservação. As informações contidas no mapa se referem até o ano de 2010, quase 10 anos depois acredita-se que existam muitos outros conflitos não documentados, talvez por isso, o mapa esteja passando por uma atualização.

¹³ Pelo site da AHOMAR, essa sigla ainda se restringe apenas aos “homens” do mar (<http://ahomar.org.br/>). No entanto pelas redes sociais dessa associação, a página já acrescentou o “mulheres” junto à essa sigla (<https://www.facebook.com/ahomar.rj/>). Isso provavelmente nos demonstra uma luta do movimento Grupo Mulheres do Mar da Baía de Guanabara (<https://www.facebook.com/mulheresdabaiaadeguanabara/>).

De qualquer forma, podemos observar que os dados apresentados no mapa realizado pela FIOCRUZ (2013) exemplificam os tipos de conflitos socioambientais situados na região do presente trabalho, como o conflito pela pesca, o conflito pela água e o conflito de mineração, assim como a caracterização dessa população pertencendo a comunidades tradicionais, populações de alta vulnerabilidade socioambiental e moradoras de locais de zona de sacrifício.

Ademais, sabemos que a localidade de Magé possui um histórico de violência muito grande, o que acentua o conflito de interesses das diversas esferas da sociedade, de maneira desigual entre a luta das populações tradicionais, de ONGs, ativistas ambientais com empresas e indústrias. No entanto, a criação da APA de Guapimirim em 1984 é fruto de uma luta de moradores locais, da comunidade científica e dos órgãos ambientais pela manutenção da biodiversidade dos remanescentes de manguezais (ICMBIO, 2020). Os 80 km² de remanescentes de manguezais estão quase todos concentrados na APA de Guapimirim que abrange os municípios de Magé, Guapimirim, Itaboraí e São Gonçalo, sendo a maior extensão de manguezais do estado do Rio de Janeiro (ICMBIO, 2020).

Esse ecossistema é o mais característico da Baía de Guanabara e pela fala do professor e ambientalista Elmo Amador, um dos precursores da APA, ela foi resultado de uma luta longa e árdua entre duas concepções: uma do poderoso Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS) que buscava a drenagem da região para construção de terrenos com a eliminação dos fétidos mangues, e de outro, uma ambientalista de defesa desse ecossistema. Ainda para ele, essa luta permitiu a popularização da importância dos manguezais (ICMBIO, 2020). Ela foi a primeira Unidade de Conservação de Manguezais do Brasil a ser criada e para o professor foi a primeira a ser conduzida por ação da cidadania, já que foi uma luta organizada entre as populações e a comunidade científica da época (ICMBIO, 2020).

Desta forma, podemos observar que os conflitos socioambientais presentes nesses mesmos países da América Latina são resultados de uma política neoextrativista que gera um neodesenvolvimentismo, este fere os direitos conquistados no final do século passado, uma vez que este é um agravador de desigualdades e violências em todos os níveis.

4 PEDAGOGIAS EMERGENTES E O DESVELAMENTO DAS RELAÇÕES DE COLONIALIDADE

4.1. A COLONIALIDADE E A DEGRADAÇÃO AMBIENTAL

O colonialismo espoliou as riquezas da Baía de Guanabara favorecendo o crescimento dos Estados-Nações europeus e deixando aqui a permanente ilusão de pobreza em meio a tanta fartura (CAMARGO, 2017). Os últimos séculos de políticas neoextrativistas em todo mundo se refletem nos fundos da Baía onde essas exacerbaram a desigualdade e diversas formas de violência, observadas nos conflitos e nas injustiças socioambientais. E essas violências que podem ser físicas, simbólicas, epistêmicas, étnicas, raciais e territoriais, se reproduzindo na história da maioria dos países latino americanos, tendo como raiz as diferentes formas de colonialidade: poder, saber, ser (VINCENT; VASCONI, 2017) e a cosmogônica.

A colonialidade do poder é um conceito-chave que tem a capacidade de explicar e atualizar processos que supostamente teriam sido assimilados ou superados pela modernidade com o fim do colonialismo (BALLESTRIN, 2013). Para Quijano (2005) a atual globalização é a resultante de um processo que iniciou com a constituição da América e do capitalismo colonial/moderno e eurocentrado como um novo padrão de poder mundial. Esse padrão tem como um dos eixos a classificação social da população de acordo com a ideia de raça, que é uma construção que expressa a dominação que até hoje se encontra presente nas dimensões mais importantes do poder mundial (QUIJANO, 2005).

Além da ideia racial, que gera um pressuposto de distinção biológica que naturalmente colocava uns como inferiores perante outros, a nova estrutura de controle do trabalho (capitalismo) foi outro processo que forjou a construção identitária de poder mundial, sendo a América Latina o primeiro espaço-tempo da modernidade (QUIJANO, 2005). As relações sociais formadas com base na ideia de “raça” produziram novas identidades sociais (índios, negros, português, europeu) que adquiriram uma conotação racial. Essa elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento como construção teórica das relações de dominação produziu uma perspectiva e um modo de produzir conhecimento que demonstram o padrão mundial de poder. A essa dimensão denomina-se colonialidade do saber, que para além de uma tradição de desigualdade e injustiças sociais profundas do colonialismo e imperialismo, é um legado epistemológico do eurocentrismo, que nos impede de ver o mundo a partir dele mesmo, ou seja, a partir de suas epistemes próprias (PORTO-GONÇALVES,

2005). Ela está diretamente relacionada ao que Mignolo (2005) chama de “diferença colonial” e “geopolítica do conhecimento”. Com isso, os saberes subalternos se encontram no cruzamento do tradicional e do moderno, sendo formas de conhecimento híbridas e transculturais (GROSFOGUEL, 2008). Eles são formas de resistência que dão diferentes significados e transformam as formas de conhecimento hegemônicas a partir de racionalidades não-eurocêtricas das subjetividades subalternas pensadas a partir de uma “epistemologia de fronteira” (GROSFOGUEL, 2008).

Ao se ressaltar a face oculta da modernidade (a colonialidade) não se despreza a cosmologia moderna, nem um saber dos povos do sul contra o norte, mas impõe, por um lado a contextualização das categorias naturalizadas como absolutas e por outro, verifica na cosmovisão moderna hegemônica, as suas contradições mascaradas, onde opera as relações de exclusão e desumanização diante da produção da diferença colonial (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2014). Isso, sem desconsiderar que o discurso da emancipação esteve por séculos ligado à práticas de violenta dominação sobre os povos colonizados. Ainda, atentemos para a racialização das relações de poder e para a internalização da subalternidade nas estruturas subjetivas do colonizado, cujas consequências são visíveis, como nas desigualdades de gênero, do disciplinamento dos corpos, da sujeição dos saberes, no século XXI, a uma lógica moderna hegemônica de classificação do mundo e das pessoas do mundo (QUIJANO, 2010 apud MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2014, p.68).

A colonialidade do ser complementa a análise crítica concluindo o quanto os povos originários tiveram suas histórias, línguas, crenças, saberes e identidades massacradas, silenciadas e extirpadas com a ideia de modernidade. O ser colonizado(a) surge quando poder e conhecimento se tornam mecanismos de exclusão, ou seja, a colonização do ser seria uma negação do outro não-eurocêntrico (MALDONADO-TORRES, 2008). Nas palavras de Maldonado-Torres (2008): “A colonialidade do Ser refere-se ao processo pelo qual o senso comum e a tradição são marcados por dinâmicas de poder de carácter preferencial: discriminam pessoas e tomam por alvo determinadas comunidades”. Ou seja, esses sujeitos e sujeitas (negros, índios e outros) foram colocados como não-seres, e com isso suas vidas continuam a ser descartáveis, por isso concordamos com Sanchez, Salgado e Oliveira (2020) que se trata de um etnocídio, e não um genocídio, uma vez que a morte foi direcionada para aqueles que tiveram suas identidades taxadas pela colonialidade. Além disso, suas mortes tinham uma relação indissociável com a expropriação dos seus territórios. Basicamente por conta da colonialidade, a América Latina foi fundada num grande conflito ambiental (SANCHEZ; SALGADO; OLIVEIRA, 2020).

Segundo Penna (2014), embora haja divergências entre os pensadores decoloniais sobre a saída para a “colonização do ser”, pode-se dizer que todos concordam que o pós-colonialismo representa a inserção de um novo lugar de fala, de um novo lugar de enunciação do ponto de vista da geopolítica do conhecimento. E isso já é uma forma de resistir à colonização cognitiva. O surgimento de um novo lugar de fala se torna possível na medida em que o próprio discurso colonial é colocado em xeque, se tornando o centro da análise (PENNA, 2014). Desta forma, o giro decolonial é inerentemente um movimento teórico, ético e político ao questionar as pretensões da objetividade do conhecimento dito científico dos últimos séculos.

Concordamos com Walsh (2009), que também existe uma dimensão da colonialidade que não possui seu devido destaque em relação as demais, que é a colonialidade cosmogônica, a da mãe natureza que possui relação com a força “vital-mágico-espiritual” presente com diferentes particularidades nas comunidades afrodescendentes e indígenas. Essa colonialidade nos obriga a olhar para a dicotomia homem/natureza resultado da fragmentação cartesiana que classifica como “primitivas” e “pagãs” as relações espirituais e sagradas que conectam os mundos de cima e de baixo, com a terra e os ancestrais, enquanto seres vivos (WALSH, 2009). Inclusive a própria definição do que seria ser vivo é produzida pela Ciência Moderna, sendo essas populações tradicionais classificadas ainda como animistas. Com isso, acaba-se por dar continuidade civilizatória às comunidades indígenas e a diáspora africana quando massacra-se cosmovisões e religiosidades, assim como princípios e filosofias de vida (WALSH, 2009), em nome de uma visão única de viver que seria “civilizada”. Para Walsh (2009, p.3) a colonialidade cosmogônica, aperfeiçoa as demais colonialidades:

[...] es esta dimensión que permite profundizar el problema existencial ontológico, particularmente de los descendentes africanos, un problema enraizado no solo en la deshumanización del ser, sino también en la negación y destrucción de su colectividad diásporico-civilizatoria y la filosofía que es de ella, como razón y práctica de existência.

A matriz da colonialidade levando em conta essas quatro dimensões (ser, poder, saber e cosmogônica) evidencia que a construção das diferenças impostas desde a colonização até hoje, não está enraizada na cultura e muito menos no reflexo de uma luta de classes, mas sim da raça, racismo e racialização como elementos estruturantes da dominação e consequentemente da colonialidade (WALSH, 2009).

A colonialidade apesar de ter operado em padrões de poder fundados na exclusão, negação, subordinação e controle do sistema mundo capitalista, hoje se encontra escondida por trás de um discurso (neo) liberal multiculturalista (WALSH, 2009). Esse discurso, para

Walsh (2009) nos ilude que com o reconhecimento da diversidade e a promoção da inclusão, o projeto histórico hegemônico é apagado. No entanto, isso é apenas uma “re-colonialidade”, uma vez que esta colonialidade nos últimos anos tem ganhado uma nova roupagem em projetos globais relacionados a neoliberalização e as relações de mercado (WALSH, 2009).

Por essa razão, o Ecoetnogenocídio está na raiz da colonialidade da natureza (SANCHEZ; SALGADO; OLIVEIRA, 2020). O ecoetnogenocídio é um neologismo conceitual estruturado por Quiñonez (2018) que tem o propósito de integrar fenômenos de destruição, de extinção da vida e da cultura, agressão e violação histórica e permanente dos direitos humanos e da natureza. Com isso, Quiñonez (2018) pretende denunciar uma integração de matriz necrófila presente no padrão colonial, e por isso em vários países da América Latina, que a maioria das vezes opera e se apresenta como estratégias e ações isoladas, garantindo hegemonias às frentes de destruição cultural, que baseadas na lógica do mercado capitalista, diminuem as demais frentes, à descartáveis e populares/folclóricas (QUIÑONEZ, 2018). Para Quiñonez (2018), os assassinatos seletivos, os cruéis massacres ao povo, o envenenamento dos rios, lagoas com mercúrio resultante da mineração do ouro e a destruição das fontes alimentares, assim como dos tecidos sociais e culturais, evidenciam uma forte matriz ecogenocida.

4.2. A EXPROPRIAÇÃO DA MÃE-TERRA E DE SEUS HABITANTES ORIGINÁRIOS

A “crise ecológica” por mais que seja global, não é nem de longe igualitária, nem equitativa. É global no sentido de envolver territorialmente o planeta, mas ela é extremamente segregatória no sentido do direcionamento social de quem usufrui dessa expropriação e por quem recai os resíduos dessa exploração. A luta acaba sendo além de completamente desigual do ponto de vista dos interesses, é forjada numa lógica e numa estrutura de poderes que só aumenta e silencia os interesses dos que já são mais prejudicados neste processo, ou seja, os mais pobres e os grupos étnicos com baixa representatividade no governo. E é nesta perspectiva que surge o movimento de justiça ambiental, sentida por movimentos populares de base, nos Estados Unidos, em situações práticas de enfrentamento que incorporassem às questões ambientais, suas lutas por justiça social (ACSELRAD; MELLO; BEZERRA, 2009).

Embora, ironicamente tenha surgido num país do Hemisfério Norte, esse movimento contra-hegemônico surge através de movimentos populares de base podendo ser considerado como um cosmopolitismo subalterno insurgente (SOUSA e CHAUI, 2013), uma vez que se

difunde para o resto do mundo através da ação transnacional organizada de grupos de base epistemológicas não centradas nas matrizes de conhecimento eurocêntricas. Além disso, o próprio Boaventura de Sousa Santos com a Maria Paula Meneses (2009) afirmam que as epistemologias do sul, não são apenas geográficas, com isso, existem muitos “suis” dentro do que seria o “norte” geográfico.

Definiremos justiça ambiental de acordo com o conceito de Bullard apud ACSELRAD; MELLO; BEZERRA, 2009): como uma condição social em que houvesse um tratamento justo e de participação de todas as pessoas, independente de sexo, cor ou renda em relação ao desenvolvimento, elaboração e aplicação de leis e políticas ambientais. Desta forma, nenhum grupo étnico, racial ou de classe deve suportar de forma desproporcional as consequências ambientais negativas resultantes de empreendimentos industriais e/ou da execução e/ou ausência de políticas e programas municipais, estaduais e federais.

Sendo assim, a justiça ambiental implica o direito a um meio ambiente sadio e consequentemente um direito do trabalhador e trabalhadora à um local de trabalho sadio, sem que seja obrigado a optar entre o desemprego e a arriscar sua própria vida no trabalho (ACSELRAD; MELLO; BEZERRA, 2009). Esse termo tem sido cunhado na perspectiva de constituir uma nova perspectiva que se una nas lutas ambientais e sociais. Por isso, o seu oposto, a injustiça ambiental é o que já ocorre em nossa sociedade e que segundo Acselrad, Mello e Bezerra (2009) podemos definir como: “fenômeno de imposição desproporcional dos riscos ambientais às populações menos dotadas de recursos financeiros, políticos e informacionais”.

No cerne do surgimento do movimento de justiça ambiental nos Estados Unidos está a deflagração territorial, social e discriminatória do impacto de nosso modelo econômico ainda vigente, assim como a base de nosso colonialismo do poder: o racismo. Em 1982, quatro anos depois de moradores de uma comunidade de classe média baixa em Nova York implorarem por justiça ambiental devida a contaminação química em suas residências, moradores de uma comunidade negra em Warren County, Carolina do Norte, também descobriram que seria implementado em seu entorno um aterro para depósito de solo contaminado por PCB (polychlorinated biphenyls) (HERCULANO, 2008). E é deste ano documentado o primeiro protesto nacional feito por afro-americanos e afro-americanas contra o que denominaram de “racismo ambiental” (HERCULANO, 2008).

A partir deste momento, o movimento negro pressionou as autoridades e o US General Accounting Office realizou uma pesquisa que demonstrou a distribuição geográfica racista e proposital dos depósitos de rejeitos químicos e de indústrias altamente poluentes em

localidades ocupadas por etnias mais pobres dos Estados Unidos. Este veio a se tornar um programa de ação do governo federal dos Estados Unidos, por meio de sua agência federal de proteção ambiental, a Environmental Protection Agency (EPA). O território de comunidades negras não são os únicos alvos, as localidades com grande concentração de latinos e latinas e os territórios indígenas também são afetados pelos depósitos e rejeitos perigosos (HERCULANO, 2008).

O conceito do “racismo ambiental” fala sobre as injustiças sociais e ambientais que recaem de forma desproporcional sobre etnias já vulnerabilizadas pela estrutura social do sistema mundo capitalista patriarcal colonial hegemônico. Além disso, como dito por Tania Pacheco apud Herculano (2014), o conceito não se apresenta apenas por ações que diretamente tenham intenção racista, mas também por ações que tenham impacto racial, esta última consequentemente alimenta a que lhe tem dado origem.

Segundo dados do Atlas da Violência produzidos pelo IPEA (2019) houve uma manutenção e uma acentuação da desigualdade racial no Brasil através dos indicadores de violência letal que já bateram recordes nos últimos anos. Em 2017, 75,5% das vítimas de homicídios foram indivíduos negros, ou seja, proporcionalmente às respectivas populações (negros e não negros), para cada indivíduo não negro que sofreu homicídio em 2017, aproximadamente, 2,7 negros foram mortos. Ainda quando os dados fazem um recorte quanto ao gênero, observamos um aumento expressivo de homicídios femininos no Brasil em 2017, com cerca de 13 assassinatos por dia. No total 4936 mulheres foram mortas, o maior número registrado desde 2007 (IPEA, 2019).

No entanto, quando somados ao recorte de gênero, o racial, observamos um abismo ainda maior da desigualdade racial, uma vez que a taxa de homicídios de mulheres não negras teve crescimento de 4,5% entre 2007 e 2017, e a taxa de homicídios de mulheres negras aumentou 29,9%. Em números absolutos a diferença é ainda mais brutal, já que entre não negras o crescimento é de 1,7% e entre mulheres negras de 60,5%. A desigualdade racial pode ser vista também quando verificamos a proporção de mulheres negras entre as vítimas da violência letal: 66% de todas as mulheres assassinadas no país em 2017. Desta forma, precisamos estar atentos que quando falamos sobre formas de opressão, como o racismo ambiental, essas não atingem à todos os negros, latinos ou povos originários, de maneira homogênea, existem nuances e diagramações das relações de colonialidade e de tirania. Por isso, reitero a importância social desse trabalho trazendo como protagonistas os saberes de mulheres em sua maioria negras que se encontram em locais de vulnerabilidade socioambiental.

No Brasil, devido a variedade de desigualdades sociais existentes, a distribuição desigual dos riscos à substâncias químicas se encontra encoberta e negligenciada pela extrema pobreza, pelas condições de vida precárias (HERCULANO, 2008) e pelo racismo velado. Sendo assim, as injustiças sociais no Brasil acobertam e naturalizam a exposição desproporcional dessa maioria populacional aos riscos da poluição em nome de um “desenvolvimento” (HERCULANO, 2008) para poucos. Em contraponto a isso, várias ações e movimentos sociais no país, mesmo sem essa denominação, podem ser identificados como de busca por uma “Justiça Ambiental”, como por exemplo, o caso do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), dos movimentos dos trabalhadores extrativistas contra o avanço das relações mercadológicas nas fronteiras das florestas, e de milhares de ações locais contra a contaminação e a degradação dos espaços sociais.

Esse campo da Justiça Ambiental encontra no Brasil um terreno fértil para seu crescimento, uma vez que além da desigualdade social, encontra-se uma desigualdade associada ao acesso à informação, à obtenção de “recursos” naturais e um sentido de direitos e de cidadania pautados em uma herança colonial e nas relações de colonialidade. E isso tudo acaba por se refletir na temática ambiental, onde a relação de exploração e subserviência da natureza em relação ao homem se desdobra nas relações de poder e saber entre os próprios seres humanos. Diante disso, a repercussão deste campo no Brasil, trilha um caminho mais complexo do que o norte-americano, segundo Herculano (2008, p.5-6):

Os vazamentos e acidentes na indústria petrolífera e química, a morte de rios, lagos e baías, as doenças e mortes causadas pelo uso de agrotóxicos e outros poluentes, a expulsão das comunidades tradicionais pela destruição dos seus locais de vida e trabalho, tudo isso, e muito mais, configura uma situação constante de injustiça socioambiental no Brasil, que vai além da problemática de localização de depósitos de rejeitos químicos e de incineradores da experiência norte-americana.

Diante desse contexto de racismo e injustiça ambiental, colonialidade cosmogônica, de colonização das relações espirituais com a terra e com a ancestralidade e de um ecogenoetnocídio que a Educação Ambiental de Base Comunitária pode vir a oferecer, à nível local, pensamentos fronteiriços, como dito por Grosfoguel (2008). Para Grosfoguel (2008) o pensamento de fronteira seria uma resposta crítica à extremismos, sejam eles hegemônicos ou marginais, ou seja, rejeitamos as enunciações fundamentalistas de que existe uma única construção epistemológica a partir da qual podemos alcançar a verdade. Esse pensamento redefine alguns conceitos como cidadania e democracia, longe dos sentidos impostos pela modernidade europeia (GROSFOGUEL, 2008). O pensamento de fronteira “não é um fundamentalismo antimoderno”, é “uma resposta transmoderna descolonial do subalterno perante a modernidade eurocêntrica” (GROSFOGUEL, 2008).

4.3. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE BASE COMUNITÁRIA

A Educação Ambiental de Base Comunitária (EABC), segundo Camargo (2017) articula propostas da Educação Ambiental Crítica e da Educação Popular, uma vez que se baseia na valorização dos saberes comunitários e sua territorialidade partindo da realidade e das características locais, confirmando essas comunidades como também produtoras do percurso investigativo, garantindo assim o diálogo, a pluralidade epistemológica, apresentando as relações existentes entre as culturas locais e o ambiente. Desta forma, a EABC promove uma escuta sensível com as comunidades para a construção de suas ações e práticas (CAMARGO, 2017).

O termo EABC tem sido estruturada por diversos pesquisadores do Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde el Sur (GEASur) – UNIRIO. Esta Educação Ambiental de Base Comunitária encontra suas raízes na América latina, territorializada, na luta por justiça ambiental e situada contra o racismo ambiental e ao lado dos esfarrapados e esfarrapadas do mundo (SANCHEZ; SALGADO; OLIVEIRA, 2020).

Segundo Camargo (2017) para esse grupo, existem várias perspectivas que precisam ser consideradas em uma educação ambiental de base comunitária, sendo elencadas 12 pontos abaixo sinalizados:

[...] 1) o contexto geopolítico latinoamericano; 2) o Legado das lutas sociais da América Latina como base político-teórico-metodológica para pensar uma Educação Ambiental não-norte-eurocentrica; 3) Histórias de Vida, memória oral, cultura popular e saberes locais como elementos estruturantes das propostas educativas, bem como a visão de uma educação ambiental capaz de auxiliar na proteção do patrimônio imaterial das comunidades; 4) as perspectivas da Decolonialidade, Interculturalidade e Ecologia de Saberes como eixos estruturantes; 5) uma concepção de Educação Ambiental Crítica articulada à Educação Popular, por meio do uso de metodologias participativas; 6) a visão da Educação Ambiental enquanto uma ferramenta de gestão popular dos recursos naturais; 7) Paulo Freire como referencial teórico-metodológico-político para a práxis de Educação Ambiental; 8) Educação Ambiental para a Justiça Socioambiental; 9) Pesquisa Sentipensante, investigação comprometida com a realidade social; 10) uma proposta Educativa que articula concepções de Educação Não Formal, Educação Formal e Educação Informal; 11) a dimensão Humana-Cultural-Política-Dinâmica do Meio Ambiente, ou seja, entendendo o Meio Ambiente como um processo, uma elaboração constante, produto das relações entre o ser humano e seu meio; 12) Importância da Dimensão Imaterial das relações entre Humanos e Natureza, com destaque à Espiritualidade e à Transcendência como elementos dialogantes com o campo da Educação Ambiental (CAMARGO, p.88-89, 2017).

Além disso, pelos fundamentos da Educação Ambiental de Base Comunitária destacado acima, esta poderia indicar um caminho metodológico para uma prática decolonial que se faz nas lutas e no fortalecimento comunitário, mas também traz saberes e conhecimentos que permeiam uma visão mais crítica, contextualizada e social para a

Educação Ambiental e conseqüentemente para o Ensino de Ciências. Principalmente agora, no atual cenário de pandemia que envolve direta e indiretamente essa temática.

A Educação Ambiental Crítica problematiza a lógica do sistema político e econômico e sua relação de degradação com a natureza, indo para uma luta além da religação entre homem e natureza, mas na luta por uma nova sociedade (LOUREIRO; LAYRARGUES, 2013). Ou seja, para nós e para essa tendência, as questões ambientais se originam das questões sociais, dos modelos de sociedade e desenvolvimento e das relações sociais, fruto de uma degradação intensiva da natureza e da condição humana (LOUREIRO; LAYRARGUES, 2013). Dessa forma, essa Educação Ambiental de Base Comunitária é uma educação ambiental crítica em essência e que trata dos legados pedagógicos das lutas sociais construindo para e com as comunidades, o cuidado e o bem comum, fortalecendo suas territorialidades, uma vez que se estrutura em construção com as histórias de vida, a memória oral, a cultura popular e o saber-fazer dos sujeitos locais (CAMARGO, 2017). Desta forma, os conhecimentos comunitários se agregam aos acadêmicos na ação e participação dos sujeitos sociais e coletivos alinhando-se a pedagogia freiriana e a educação popular (SANCHEZ; SALGADO; OLIVEIRA, 2020).

E é através dessa educação ambiental baseada nas lutas latinoamericanas que surge a práxis libertadora e a busca pela reexistência¹⁴, sendo as mulheres suas principais protagonistas, desde onde o conhecimento emerge (PELACANI, 2018), até a transformação de suas realidades e do entorno, reconfigurando os processos de dinâmicas socioambientais comunitárias (OLIVEIRA, 2018). E a partir dessa perspectiva que o presente trabalho se afina, a partir desses conhecimentos trazidos por essas mulheres pertencentes a esses territórios e a essa história de colonialidade que buscam re-existir em tempos tão desafiadores como esses, mais ainda no atual contexto pandêmico.

¹⁴ É um neologismo trazido por grupos e movimentos sociais que vai além do sentido de *resistência*, ele recria a essência de suas ações e identidades. Esse substantivo apresenta vários sentidos, mas exige identidades e identificações como novas formas de pensar, estudar, pensar e ser no mundo, “a partir de uma existência resistente, de uma resistência existente ou de uma existência que teima em ser (-re) mesmo em contextos de profundas inevitabilidades”, ou seja, “constituída por um ethos insurgente pautado pela solidariedade e pelo profundo sentimento de humanidade que reúne diferentes como comunidade” (ACOSTA, 2018).

5 O IMPREVISÍVEL QUE JÁ ERA PREVISTO: NECROPOLÍTICA¹⁵, PANDEMIA E AS MULHERES

Como se já não bastasse todas essas questões de expropriação da natureza, de disputas socioeconômicas, de injustiças socioambientais, de racismo estrutural e ambiental e a exorbitante desigualdade social resultante de séculos de colonialidade, nos deparamos nesse ano de 2020 com um atual cenário de pandemia do novo coronavírus (SARS – CoV- 2) nunca antes visto na história da humanidade. Uma situação que jamais imaginaria que aconteceria ainda em vida, tivemos que parar quase que completamente nossas atividades por conta de um vírus, aquilo que estudava na graduação.

Um tanto angustiante e trágico vivenciarmos isso em pleno governo de ultra-direita, antiecológica, privatizante e com retrocessos gigantescos seja nas questões ambientais, seja nas trabalhistas ou sociais. Além de um contexto de negacionismo científico (terraplanismo e movimento antivacina) e de mirabolantes teorias conspiratórias sobre a origem da pandemia. Mais pavoroso ainda é imaginarmos que com a pandemia tivemos as mortes naturalizadas em favor de uma economia “que não pode parar” e que só prestigia à poucos. Esses inclusive aumentaram sua fortuna durante esse período¹⁶.

Mais bizarro ainda pensarmos que ativistas e ambientalistas já alertavam para os riscos de uma pandemia resultante de toda a degradação ambiental e modelo predatório de uso da natureza, mas, no entanto, eles não foram escutados. Foi preciso sentir de fato na pele seus efeitos, para pararmos, mesmo que por pouco tempo, e repensarmos no quanto ajudamos a reproduzir com nossa força de trabalho um modelo social e econômico que é altamente desigual e desumano que leva à morte milhares de pessoas simplesmente por não permitir que elas tenham condições mínimas de sobrevivência.

Especular que o vírus pode ter sido produzido por um laboratório de engenharia genética é desviar o foco da origem da pandemia, e ao mesmo tempo não criar espaço para visualizar relações entre a possibilidade de essa ser consequência de um fenômeno complexo

¹⁵ Esse termo foi cunhado por Achille Mbembe (2018) em seu livro e se refere ao conjunto de políticas públicas que ao comporem a soberania do Estado, acaba por definir os corpos que podem viver e os corpos que devem morrer, ou seja, quando a violência contra corpos racializados e escravizados é institucionalizada, gera-se uma política de morte direcionada.

¹⁶ Para compreender melhor essa disparidade ver: *Patrimônio dos super-ricos brasileiros cresce US\$ 34 bilhões durante a pandemia, diz Oxfam*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/07/27/patrimonio-dos-super-ricos-brasileiros-cresce-us-34-bilhoes-durante-a-pandemia-diz-oxfam.ghtml>>. Acesso realizado em 08 set. 2020.

de exploração econômica exacerbada da natureza que resultou em degradação e desequilíbrio dos ecossistemas florestais suficientemente forte, capaz de gerar uma zoonose de alta gravidade (LAYRARGUES, 2020). Inclusive o panorama diagnosticado pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), no início de março de 2020, acabou de vez com a vinculação da pandemia a questão geopolítica, e trouxe como causas primeiras da pandemia fatores ambientais (LAYRARGUES, 2020).

A hipótese mais simples e realista de que o vírus seja uma constatação do desequilíbrio da natureza, já pode ser observado anteriormente com o surto de Ebola em 2013 na África Ocidental, com a gripe aviária e com o vírus Nipah (LAYRARGUES, 2020). O caso do Ebola foi resultado de grandes perdas florestais por conta da agricultura industrial, o que obrigou a vida selvagem a migrar por fragmentos ambientais empobrecidos e conseqüentemente se aproximar de assentamentos humanos. A gripe aviária devido à forma de criação intensiva de aves, e o vírus Nipah resultantes dos incêndios florestais em massa gerados pela intensificação da suinocultura e da produção de frutas na Malásia (LAYRARGUES, 2020).

No caso dessa pandemia o SARS-CoV-2 parece ter vindo dos morcegos cujos habitats naturais tem sido destruídos continuamente forçando-os a procurar abrigo e alimento em áreas mais próximas do ser humano. Mas a questão aqui não é de fato o morcego, mas seu habitat invadido pela expansão dos assentamentos humanos, pela não união dos fragmentos ambientais que ainda restaram e pela expansão da prática agropecuária. Inclusive seria uma calamidade eliminar os morcegos que já possuem um papel essencial simplesmente por se alimentarem levando a dispersão de sementes e no controle natural de insetos (LAYRARGUES, 2020).

Layrargues (2020), ainda salienta que a degradação ambiental é a causa da questão pandêmica, uma vez que o ponto inicial das últimas epidemias se encontram em áreas naturais que foram ecologicamente desequilibradas, combinado com o aumento da proximidade de rebanhos domésticos com animais silvestres, e pela ampliação da agropecuária. Essas áreas de florestas são naturalmente barreiras contra várias zoonoses. Inúmeros foram os alertas de cientistas para os riscos de graves pandemias por zoonoses relacionadas ao desmatamento de florestas nativas para o agronegócio capital-intensivo. Layrargues (2020) alerta para o intenso desmatamento da Amazônia como fagulha para o aparecimento de novos vírus humanos, uma vez que já possui doenças não-virais como malária e leishmaniose decorrentes de sua degradação ambiental (LAYRARGUES, 2020). Isso se torna ainda mais agravado com as emergências climáticas que são um contexto a mais no surgimento de epidemias.

E são principalmente nessas práticas sedentas da agropecuária industrial e seu processo de expansão sem fim do agronegócio que as mudanças precisam ocorrer em um “novo-normal”. Faz-se cada vez mais necessário outro modelo de produção como, por exemplo, a Agroecologia, orientada em respeito aos fundamentos ecológicos e sociais (LAYRARGUES, 2020), práticas realizadas pelas populações tradicionais há muito tempo, através de uma memória biocultural (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015). A memória biocultural seria a habilidade do ser humano reconhecer e se utilizar dos elementos e processos do mundo natural para colonizar e se expandir na Terra e isso só pode ocorrer através da “manutenção de uma memória individual e coletiva que conseguiu se estender pelas diferentes configurações societárias que formaram a espécie humana” (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015).

Ainda para Toledo e Barrera-Bassols (2015), esse traço evolutivo benéfico tem sido negligenciado, invisibilizado e silenciado com a criação da modernidade, que se caracteriza por um modelo de vida cada vez mais imediatista e veloz, perdendo a capacidade de rememorar. Inclusive para esses autores essa era moderna impulsionada por uma racionalidade econômica embasada na acumulação e concentração de riquezas, virou refém do presente, sendo sucumbida pela amnésia e pela incapacidade de recordar dos processos históricos imediatos, assim como os de médio e longo prazo. E isso não passa de uma ilusão fomentada pela ideologia do progresso, do moderno e do desenvolvido que não tolera nenhuma outra forma anterior à industrial como válida, muito pelo contrário essa é obsoleta, primitiva e inútil (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015). E isso se perpetua nas distintas formas de colonialidade já exploradas anteriormente.

Sendo assim, esse projeto político ideológico imposto a partir da metade do século XX, com a promessa de uma modernização agrícola levou a um memoricídio¹⁷ biocultural, por isso as práticas agroecológicas configuram-se em resistências por parte das comunidades tradicionais (PETERSEN, 2015). Para Toledo, Barrera-Bassols e Petersen (2015), são os povos indígenas e as comunidades compositas os principais protetores da memória biocultural de nossa espécie. Além disso, esse memoricídio tornou insignificantes os conhecimentos produzidos localmente, bem como a sua transmissão entre as gerações de agricultores (PETERSEN, 2015), onde podemos ver nitidamente a colonialidade do saber e

¹⁷ Memoricídio foi um termo utilizado por esse autor no próprio livro do Toledo e Barrera-Bassols (2015) para se referir a uma destruição trazida por uma ruptura histórica da modernidade que culminou na racionalidade moderna das ciências agrárias que tornou insignificante a produção local de conhecimento e sua transmissão entre as gerações de agricultores, ou seja, tentou apagar essa memória biocultural ancestral.

cosmogônica. Por isso a Agroecologia é um antídoto para a amnésia biocultural, sendo um elemento importantíssimo na construção de um paradigma alternativo que permita criar atalhos para a saída da crise (PETERSEN, 2015).

A pandemia também trouxe à tona, na verdade escancarou, outro aspecto historicamente conhecido de nossa sociedade que é a completa desigualdade de gênero e de raça, uma vez que ela afeta desproporcionalmente mais as mulheres do que os homens. No próprio âmbito acadêmico, pesquisas da UFRGS (2020) indicam uma queda de produtividade acadêmica muito grande entre as mulheres brancas (com filhos, especialmente até 12 anos) e negras (independente de terem filhos ou não) durante a pandemia, enquanto a produtividade masculina tem sido menos afetada nesse período. Fatores que também influenciam mais são a parentalidade e a idade das crianças. A divisão desigual das tarefas domésticas com a concentração das responsabilidades e do cuidado sobre as mulheres, acumuladas pelas atividades com o trabalho remunerado são algumas questões que explicam esses dados (UFRGS, 2020). O fator da raça só nos mostra uma etapa a mais que as mulheres negras precisam vencer dentro do ambiente acadêmico, o que deixa explícita a colonialidade do poder.

Este exemplo é uma das nuances mais brandas dessa colonialidade que se reflete também na produtividade acadêmica. No entanto, infelizmente para as mulheres de maneira geral, outras questões cruciais e basais são acirradas pelo momento pandêmico, como fatores que envolvem o risco de vida dessas mulheres, com o aumento do caso de feminicídios e de violência doméstica. A atualização de um relatório do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), a pedido do Banco Mundial, revelou um aumento de 22% nos casos de feminicídio entre março e abril de 2020, em 12 estados brasileiros, comparando ao ano passado (BOND, 2020).

Além disso, vários outros fatores afetam as mulheres, principalmente de camadas sociais mais baixas, que muitas vezes são mães solteiras, como a falta de acesso à saneamento básico para a correta higienização, espaços pequenos com muitas pessoas e muitas vezes pouco ventilados impedindo que haja um isolamento em caso de contaminação, falta de acesso à serviço médico próximo à sua residência, o que acarreta num maior deslocamento com exposição ao vírus, a impossibilidade de não poderem trabalhar remotamente seja pelo tipo de trabalho realizado, seja pela falta de infraestrutura para realizá-lo e as consequências que isso pode acarretar, cuidado com familiares mais velhos e crianças pequenas, entre vários outros. E são essas mulheres que normalmente já enfrentam situações de racismo ambiental e de vulnerabilidade socioambiental que ainda resistem à colonialidade cosmogônica, de saber e

de poder, ao utilizarem ervas medicinais, rezas e outros saberes normalmente em seu cotidiano nas situações de liame social que se encontram, e principalmente agora no enfrentamento da pandemia.

Vemos que esse contexto pandêmico não apenas exaltou a emergência climática que vivemos resultante da degradação ambiental promovida por esse sistema mundo moderno/colonial/capitalista e a inviabilidade do mesmo, mas também sua característica machista e patriarcal que ainda impõe sobre as mulheres determinados papéis sociais que as sobrecarregam ainda mais e a subjulgam ainda mais como bem de consumo do homem e como o corpus de reprodução do capital como dito por Silvia Federici (2017) em *“Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva”*.

Na verdade essa dominação do corpo foi construída desde Descartes e Hobbes, no século XVII com suas ideias sobre natureza humana que trouxeram importantes contribuições para a formação de uma ciência capitalista do trabalho. Por retirarem a sacralidade do corpo, ao retratarem ele como algo mecânico e sem vida (mesmo estando vivo) abriam a possibilidade de subordiná-lo a um processo de trabalho e a um comportamento uniforme e calculável necessário à implementação desse tipo de sistema (FEDERECI, 2017). E foi essa relação de construção da imagem do corpo humano como algo mecânico e meramente anatômico, isento de qualquer “dom” oculto, trazido anteriormente pela magia natural e pelas superstições populares da Idade Média, que se oficializou em um projeto hegemônico de poder. E tudo o que era ligado à uma ideia mais de sagrado e sobrenatural de virtudes presentes nesse corpo, não apenas foi condenado, como literalmente perseguido, tendo se materializado, primeiro na perseguição aos hereges e depois na “Caça às Bruxas”, desde o século XV na Europa até à expansão para um projeto colonial de invasão e extermínio de povos tradicionais nos países do hemisfério sul (com as grandes navegações).

Salvo as peculiaridades de cada um desses processos históricos mencionados anteriormente, é exatamente nessa época que vemos a colonialidade cosmogônica da natureza humana tomando sua forma. Sendo assim, não é estranho imaginar que essa colonialidade cosmogônica tenha suas raízes durante a Caça às Bruxas, onde houve uma experimentação social visando a implementação de uma colonialidade do poder materializada por um sistema capitalista, como podemos ver claramente nesse trecho abaixo:

A incompatibilidade da magia com a disciplina do trabalho capitalista e com a exigência do controle social é uma das razões pelas quais o Estado lançou uma campanha de terror contra a magia – um terror aplaudido sem reservas por muitos dos que hoje em dia são considerados fundadores do racionalismo científico: Jean Bodin, Mersenne, o filósofo mecanicista e membro da Royal Society Richard Boyle,

e o mestre de Newton, Isaac Barrow. Até mesmo o materialista Hobbes, mantendo distância, deu sua aprovação (FEDERECI, 2017, p.261).

É na ruptura da relação do corpo humano como algo sagrado, que se perde também a relação com a dimensão espiritual e vital, “mágica” do próprio ser humano, e consequentemente com o território e com os demais seres. Walsh (2009) fala que é justamente nessa dicotomia entre natureza/homem advindo dessa fragmentação cartesiana que se classificou a ideia de mais “primitivo” e “pagão” para as relações espirituais e sagradas que conectam os mundos de cima e de baixo. Sendo assim, o aparentemente mais “civilizado”, justificava e ainda justifica sua relação de exploração e de subjulgamento de outras cosmovisões e religiosidades, assim como filosofias de vida que contemplem essa dimensão espiritual da natureza.

Isso pode ser exemplificado no atual panorama político com a autoridade máxima do Brasil, essa personificação do lado escuro da modernidade sendo contra a demarcação das terras indígenas e no ataque sistemático aos direitos indígenas desde o início do seu governo. Destacamos sua fala sobre a criação do Conselho da Amazônia e as ações para proteger terras indígenas, onde podemos observar uma forte retórica colonial e de racismo sobre os povos originários da Amazônia: "O índio mudou, tá evol... Cada vez mais, o índio é um ser humano igual a nós. Então, vamos fazer com que o índio se integre à sociedade e seja realmente dono da sua terra indígena, isso é o que a gente quer aqui"¹⁸. Dois pontos são fundamentais nesse tipo de colonialidade a imposição de uma religião única com os jesuítas e o catequismo, e outra é a ideia de primitivos e civilizados.

Na verdade é uma complexidade de fatores que envolvem esse processo de exploração, de domínio e intervenção estatal sobre o corpo alheio, mas todos possuem como fio condutor as diferentes formas de colonialidade e principalmente a cosmogônica.

No entanto, não é questionável que essas formas de colonialidade que permeiam até hoje as estruturas sociais de nossa sociedade são baseadas em um padrão de poder hegemônico de uma supremacia branca/racista/machista/patriarcal/heterossexual que hierarquiza diferentes níveis de opressão. No caso da Caça às Bruxas, essa supremacia já mostra sua vocação machista e sexista tendo as mulheres como seus principais alvos, isso fica claro nesse período, com a condenação do aborto e da contracepção como *maleficium*, o que deixou o corpo feminino refém do Estado e da profissão médica, neste o útero foi reduzido à

¹⁸ 'Cada vez mais, o índio é um ser humano igual a nós', diz Bolsonaro em transmissão nas redes sociais. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/24/cada-vez-mais-o-indio-e-um-ser-humano-igual-a-nos-diz-bolsonaro-em-transmissao-nas-redes-sociais.ghtml>. Acesso realizado em 27 de fevereiro de 2020.

uma máquina para a reprodução do trabalho (FEDERECI, 2017). Com isso, as mulheres de forma geral já são taxadas como “inferiores”, e as mulheres negras e/ou indígenas mais ainda. E isso aparentemente justifica o massacre ao corpo alheio, ainda mais quando esse corpo de alguma forma ou ameaça a hegemonia desse padrão de poder mundial, ou quando ela não se curva diante dela.

6 O PAPEL DA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, NECESSIDADE DA DECOLONIALIDADE¹⁹ E SUA MILITÂNCIA NO ATUAL PANORAMA POLÍTICO BRASILEIRO

A atual conjuntura brasileira, marcada pela perda histórica de direitos conquistados à custa de muitas vidas, de retrocessos catastróficos a nível ambiental e de um negacionismo científico escrachado em meio a uma pandemia, nos faz repensar o caminho percorrido pela educação em si nos últimos anos, assim como pela educação em ciências.

É sabido pelo movimento do giro decolonial que a ciência moderna nasce com o colonialismo, e mesmo com o desmoronamento desse sistema político e da modernidade suas relações de colonialidade se encontram firmes e sólidas perpetuando-se até hoje nas estruturas sociais de nossa civilização, tendo como base o racismo. As relações sociais maquinadas no conceito de “raça” geraram uma distinção biológica que naturalmente colocava os negros e indígenas como inferiores perante os brancos, e com isso seus saberes também. Essas relações de colonialidade foram tão violentas que geraram epistemicídios (SOUSA; MENESES, 2009), ou seja, as epistemologias dos povos colonizados foram massacrados com a imposição do conhecimento dos colonizadores, forçando uma compreensão de mundo centrada na visão eurocêntrica do colonizador.

Desta forma, a escola enquanto instituição acaba por perpetuar essas relações de colonialidade que configuram o padrão hegemônico de poder em nossa sociedade. O colonialismo teve uma forte influência na organização científica e educacional brasileira. Segundo Dutra, Castro e Monteiro (2019, p.8):

A área de Educação em Ciências no Brasil se fundamenta desde sua consolidação até sua produção científica atual, com o uso majoritário de autores de referência europeus e norte-americanos. Além de uma assimilação dos conhecimentos científicos eurocentrados, a estruturação dos dispositivos escolares, e a própria metodologia de pesquisa e ensino de ciências se basearam em modelos e padrões europeus (principalmente britânicos, e posteriormente com influência norte-americana), que denunciam as consequências da colonialidade do poder e do saber desses países na história da organização e da estruturação da Educação no Brasil, e mais especificamente na Educação em Ciências.

¹⁹ Optaremos nesse trabalho por demarcarmos nossa escolha política pelos termos “decolonialidade” e “decolonial” sem o “s”. O uso linguístico do “s” gera uma ideia de desfazer ou tentar reverter o colonial, como se existisse um momento depois do colonial que pudesse superar esse, ou seja, não perpetuasse e estendesse as relações de colonialidade que esse período instaurou para os seguintes. Por isso nossa escolha em um termo que represente um movimento contínuo de luta, insurgência e de construções alternativas às heranças do colonialismo (WALSH, 2017, p.16-17).

Com isso, essa política de conhecimento eurocêntrica delineou a Ciência e a Educação, sendo projetado no campo das Ciências Biológicas e do Ensino de Ciências por meio do silenciamento do “racismo científico” no século XVIII e XIX, da distorção da compreensão da teoria Darwinista e Mendeliana na estruturação dos conceitos de raça, miscigenação, etnia, gênero, sexo, normalidade, defeito, eugenia, entre outros (NASCIMENTO, 2017). Dessa forma, o ensino de ciências subjulgou e hierarquizou as etnias subalternas baseadas em fundamentos fenotípicos. Por isso, a ciência e o ensino dela precisam se comprometer em não reforçarem uma verdade única na construção de conhecimento baseada numa relação de dominação que justificou atrocidades históricas que foram fundamentadas e legitimadas biologicamente (DUTRA; CASTRO; MONTEIRO, 2019).

O surgimento de um novo lugar de fala se torna possível na medida em que o próprio discurso colonial é colocado em xeque, se tornando o centro da análise (PENNA, 2014). Penna (2014) nos traz a visão de Paulo Freire no pensamento decolonial, dizendo que a investigação do saber regional do povo a partir de uma postura de respeito é um dos pontos fundamentais no processo pedagógico. Isso também nos é trazido por Brandão (2006) quando nos diz que a divisão social do poder realiza-se entre os homens como oposições simbólicas de diferenças do poder de falar. Ainda segundo ele, palavras que ordenam a vontade de poucos sobre o trabalho de muitos, são as que criam os nomes de todas as coisas na sociedade onde o poder existe separado do trabalho produtivo, tanto quanto da vida simbólica coletiva.

Segundo Brandão (2006) é complexo pensar em educação apenas com a necessidade de explicar profissionalmente sistemas e estabelecer regras e metodologias, pois obriga o educador a pensar sua própria prática dentro de domínios restritos, como: “educação de jovens e adultos”, “educação infantil”, “a universidade”, entre outros. Com isso, acaba-se, por vezes, a separá-la de seus domínios sociais e culturais, onde ela concretamente existe. Desta forma, o pensamento do educador, acaba por esquecer de ver a educação no seu contexto cotidiano, ou seja, na cultura. Sendo assim, a universidade acaba, muitas vezes, a se isolar da comunidade, e dos domínios sociais e culturais. Com isso, acaba-se por não valorizar o conhecimento e a cultura produzida pelo povo.

Segundo Castro (2019) ainda são incipientes os trabalhos na área de educação em ciências que envolva a decolonialidade, isso não é novidade, uma vez que esse é um campo relativamente novo, possui em torno de 20 anos nas Ciências Sociais. No entanto, surpreendentemente também existem poucos trabalhos envolvendo o ensino de ciências e os saberes populares, esses poderiam trazer outros saberes e construções de conhecimento baseadas em outras lógicas. Esses dados corroboram com os dados encontrados por Xavier e

Flôr (2015) ao fazerem sua revisão de literatura. Esse baixo quantitativo contraria o tempo de consolidação da educação popular no meio acadêmico, onde a Pedagogia freiriana já se encontra bem estruturada (CASTRO, 2019).

Os espaços escolares ou não formais de ensino podem assumir um papel de construção de um contra-discurso que tem como finalidade fortalecer coletivos e atores sociais. Segundo Boff (2008), é um longo processo de desconstrução de um passado colonial e exportador, da nação *para os outros* e de uma construção de um presente voltado para dentro e de gestação de uma nação *para si mesmo*.

Por isso se faz necessário a decolonialidade no Ensino de Ciências, para que se valorize outros saberes na educação e que reconheça tanto suas inúmeras contribuições e seu legado de descobertas e transformações essenciais para o mundo, como também assuma historicamente seus erros e sua não neutralidade, se comprometendo com uma educação mais humana, plural e no combate ao racismo e à intolerância²⁰. A decolonialidade nos ajuda a resolver a questão de poder dialogar, transitar entre diferentes sistemas de conhecimentos na hora de ensinar ciências na sala de aula e evitar assim processos como epistemicídios e apagamentos culturais nesses ambientes, formando cidadãos comprometidos com o próximo.

E talvez seja num atual panorama de crise sanitária global e de negacionismo da ciência, que essa precise se posicionar criticamente mediante à todos esses ataques. Afinal de contas, a ciência já previa pandemias resultantes da degradação ambiental, assim como se encontra agora mobilizando o mundo na busca de uma vacina que possa nos imunizar contra esse vírus. E para isso se utiliza de saberes construídos hegemonicamente dentro do campo científico e que muito em breve permitirão sairmos desse estado pandêmico. É importante salientar que não é porque queremos uma ciência decolonial, que iremos negar toda sua contribuição, se fizermos isso, não estaremos entendendo de fato o movimento decolonial.

6.1. A EXCLUSÃO SOCIAL E A OPRESSÃO

No atual contexto econômico neoliberal que vivemos e com todos os efeitos vividos por ele como acirramento das desigualdades sociais, pobreza entre outros, seria lógico pensarmos na necessidade futura de uma redistribuição de riqueza, para além das políticas sociais apenas acomodadoras da pobreza (DEMO,2002). A relação de assalariado e de trabalhador já não se encaixam num panorama central onde surgem maiorias desempregadas ou sem trabalho

²⁰ Para saber mais ver livro: Decolonialidades na Educação em Ciências (MONTEIRO et al., 2019).

(DEMO, 2002). A riqueza é autorizada a crescer através da produtividade, mas sem inserir as pessoas nesse mesmo sistema produtivo (DEMO, 2002).

Segundo Demo (2002) o Estado de Bem-estar social (ou Welfare State) tentou, mesmo que parcialmente, redistribuir uma parte da riqueza acumulada pelo sistema não pelas vias assistencialistas, mas pelos direitos da cidadania, porém, de fato, com muitas ressalvas, uma vez que no capitalismo nunca se objetivou colocar o mercado à serviço da cidadania. Contudo este Estado de bem estar social acabou por gerar uma ilusão sobre o capitalismo, dando a impressão que se tratava de um “sistema produtivo domesticável e até mesmo compatível com a justiça social” (DEMO, 2002).

No entanto, para Demo (2002) este no máximo é um sistema civilizável, não podendo ser domado, pois não existe um capitalismo que não favoreça a relação de mercado, mas podemos civilizá-lo, a depender da cidadania (DEMO, 2002). E esta última é um limite forte imposto à lógica assistencial que geralmente se torna possível dentro de uma visão funcional, ou seja, ajusta o pobre ao sistema, e não o oposto (DEMO, 2002). Achamos que o capitalismo pode assistir à todos os pobres, traz alguns equívocos basais como: negligenciar o legado marxista e combinar capitalismo com justiça social, tomar o estado de bem estar social como representativo do capitalismo, esconder que existe uma relação inversa entre recursos disponíveis e crescimento da pobreza, achar viável uma sociedade capitalista voltada para salvar os pobres, ignorar que a inclusão dos pobres em programas assistenciais é um efeito típico da exclusão e por último, superestimar o valor das democracias capitalistas (DEMO, 2002).

Gostaria de salientar essas duas últimas, muito presentes no contexto político e social atual. A inclusão dos pobres em programas assistenciais, no capitalismo, é um efeito da exclusão, uma vez que não podendo se auto sustentar eles precisam ser mantidos pelos que conseguem. Essa espécie de “santidade mental” como dita por Demo (2002) é difícil em qualquer sistema, especialmente no capitalista, uma vez que a cidadania não será colocada acima do mercado. Este equívoco acaba por conduzir e construir uma ideia liberal sobre a pobreza e o pobre, no sentido de uma fobia social com relação à governos que geram políticas públicas assistencialistas e com relação à ética do pobre em aceitá-las, criando estigmas que apenas aumentam o abismo social e político. E o segundo ponto é que quando superestimamos o valor das democracias capitalistas, deixamos de perceber que num sistema desses, o parâmetro do mercado sempre estará acima da dos direitos humanos. Inclusive não é uma grande coincidência que democracia e direitos humanos tenham sido forjados em ambiente capitalista liberal (DEMO, 2002, p.11):

[...] mas isto, em vez de redimir o capitalismo, revela apenas seus limites; qualquer sociedade minimamente democrática e orientada pelos direitos humanos reservaria cobertura de assistência permanente à membros da sociedade improdutivos ou incapazes de se auto sustentar, como inválidos, idosos, crianças, etc., mas tudo isso funciona na medida do mercado, ou seja, se houver recursos excedentes e sobretudo se houver cidadania que se imponha ao mercado.

Desta forma, a literatura em torno do aumento da exclusão social, de que os pobres que são excluídos por já não serem mais funcionais ao sistema produtivo, não pode cair nas mãos do Estado, pois este não pode ser melhor que a cidadania que o sustenta (DEMO, 2002). Imaginar um mundo no qual o capitalismo globalizado e competitivo impera, e esperar um Estado Protetor, voltado aos pobres e excluídos é, no mínimo, ingenuidade (DEMO, 2002).

Na verdade, parte da discussão se atém às conceituações frágeis de pobreza, que para a maioria dos economistas foi limitada à carência de renda. Para, além disso, a conotação de pobreza política ou de déficit de cidadania precisa ser levada em conta, atrelada a carência material, claro. Para Demo (2002) o conceito de pobreza política obtém maior relevância por demonstrar o aspecto da exclusão política como núcleo da pobreza. Essa exclusão é de cunho dialético, sendo incompatível pensarmos que os excluídos se tornem apenas um transtorno ao sistema. Desta forma o maior desafio das populações pobres não é estritamente a fome, mas a falta de cidadania que os bloqueia de tornarem-se sujeitos de história própria, até mesmo, claro, de ver que a fome é imposta (DEMO, 2002), ou seja, são para além de oprimidos, são excluídos.

Além disso, nos esbarramos em uma disputa cultural por diferentes formas de ver o trabalho, a sociedade e suas relações. Em nossa importação colonial norte-americana trabalhar é sentido de vida. E nesta seguem retóricas sociais, onde pobre é aquele que não trabalha ou que não quer trabalhar, estigmatizando e culpabilizando os excluídos, além, claro, de atribuir um sentido à assistência. E mesmo no declínio da categoria do trabalho nessas sociedades, ele continua sendo a referência para toda inclusão (DEMO, 2002).

Apesar da dificuldade e da complexidade de se falar de perfis culturais, não se pode de um lado fazer do pobre a parte perversa do sistema e do sistema uma figura intocável, camuflando sua crueldade histórica (DEMO, 2002). Evidente que o hemisfério Norte nos olha com depreciação, nos rotulando como improdutivos, corruptos e inversos ao trabalho duro. Não é por acaso que país desenvolvido é aquele que se dedica ao trabalho, que privilegia o autoritarismo em educação, curvando-se ao mercado (DEMO, 2002). Nós, do hemisfério Sul vislumbramos outros sentidos para a vida, que não apenas trabalhar, porém temos muita dificuldade em pagar as contas. As leis não funcionam, o mercado nem ao menos casa com o capitalismo competitivo, a elite espolia tudo, assim como concentra a terra, a renda e o poder.

As democracias precisam de outros caminhos mais bem pautados nos direitos humanos e na cidadania, não pode pender nem para o mercado, nem para a assistência indistinta. É preciso aproveitar virtudes do Norte e do Sul, assim como evitar seus vícios (DEMO, 2002); e esse é o caminho que a decolonialidade nos aponta como alternativa à uma democracia mais humana. Concordamos com Demo (2002) que um caminho para o combate à pobreza não são benefícios, mas a formação de um “sujeito social capaz de história própria, individual e coletiva”.

O debate da exclusão social tem como uma das maiores falhas a expectativa assistencialista frente à pobreza, gerando uma fé cega no Estado e na desobrigação do sistema produtivo, distorcendo na base os horizontes da emancipação. No entanto, é fundamental que para problematizarmos esse debate, embora muitas vezes ainda equivocado, precisamos conceituar o termo exclusão social. Para Paugam apud Demo (2002) exclusão seria um termo voltado para denunciar os inúmeros segmentos da população “inquietos diante do risco de se ver um dia presos na espiral da precariedade”, junto com o “sentimento quase generalizado de uma degradação da coesão social”. Apesar disso, esse termo ainda envolve um universo de preocupações como precariedade do emprego, ausência de qualificação suficiente, uma condição dita como nova unindo privação material com degradação moral e dessocialização, entre outros (PAUGAM apud DEMO, 2002).

Desta forma, um ponto importante nesta conceituação é a distinção entre precariedade e exclusão, sendo a precariedade um estágio anterior à exclusão, trazendo a novidade do fenômeno (DEMO, 2002). Para Paugam apud Demo (2002), o maior charme do termo exclusão é que ele demarca, pelo menos de forma implícita uma *crise de liame social*. A noção de exclusão assim transcende a temática das desigualdades, dando um sentido alicerçado não nos interesses opostos de classes sociais e a luta por seu reconhecimento, mas antes disso, sobre a “fraqueza”, quer dizer sobre a ausência de reivindicações organizadas e de movimentos passíveis de reforçar a coesão identitária das populações desfavorecidas. Sendo assim, a destruição de liames coesivos na sociedade se mostra como um dos pontos chave da exclusão. Embora a pobreza material seja sempre latente, essa condição nova passaria pela perda do senso de pertencimento, ficando claro que essas populações estariam vivenciando o sentimento de abandono por parte de todos, juntamente com a inaptidão a reagir (DEMO, 2002). Essa inaptidão não pode ser confundida com a desistência definitiva de reagir, se refere a um sentimento de impotência e solidão (ausência de construção muitas vezes de laços entre seus próprios pares) que impele para a não reação.

Sendo assim, apesar da exclusão estar ligada fortemente à solidão e a fragmentação social, o emprego continua preponderante para definir a condição social do indivíduo (PAUGAM apud DEMO, 2002). Segundo Castel (1996) apud Demo (2002, p.21), a população excluída seriam aqueles “a quem ninguém quer”:

Trata-se da população marcada pela vagabundagem, mendicância, criminalidade e atividades infames. Seriam traços comuns a falta de acesso ao patrimônio e ao trabalho regulado, mobilidade, formas típicas de relações familiares e sociais, estigmatizadas por liames pouco coesos.

A exclusão não se limitaria no afastamento do mercado de trabalho, mas adquire uma significação mais extrema no processo de destruição de valores de integração tradicionais, chegando ao nível da precariedade marcada pelo não pertencimento e impotência (DEMO, 2002). Segundo Donzelot apud Demo (2002), o termo exclusão apareceu pela primeira vez nos anos 70 que delata os esquecidos do progresso, ou seja, os prisioneiros, doentes mentais, incapacitados, velhos, entre outros.

Ainda pode-se pensar que a exclusão seja uma degeneração do sistema capitalista, como uma “nova fase” ou uma velha estrutura vestindo “roupagens novas”, ou ainda que este tipo de exclusão faz parte da dinâmica capitalista de produção. No entanto se faria necessário novas análises para acompanhar um sistema que evolui rápido para conformações surpreendentes (DEMO, 2002). Além disso, não caberia continuarmos a analisar o capitalismo com as mesmas categorias de sempre, uma vez que, isto comprometeria acomodar a realidade à serviço da teoria (DEMO, 2002).

Segundo a análise crítica de Wacquant (1996, apud DEMO, 2002) nos ajuda a ilustrar esse processo com o termo “*underclass*”, que foi criado como “um instrumento de acusação política” por parte de um sistema que se nega a reconhecer sua decadência social. Com isso, aponta uma série de comportamentos anti-sociais, evidenciando claramente seu tom moralista. Um exemplo disso é quando se ressalta a preocupação em diferenciar os pobres virtuosos dos viciosos, os virtuosos não deveriam existir, mas ainda lutam pela vida e “merecem” algum respeito, já os viciosos não mereceriam nem observação, pois fazem parte de uma “subcultura feroz”, um “concentrado de desvio”, um “acervo de patologias”, “enclaves permanentes de miséria e de vícios” (WACQUANT apud DEMO, 2002). Estes possuem as marcas, em termos sociais, de desocupação permanente e recurso habitual à ajuda social, desorganização conjugal e desordem sexual, fracasso escolar e encarceramento, tráfico de drogas, infratores de rua e criminalidade violenta (DEMO, 2002). Desta forma, no conceito *underclass* não existe propriedade teórica e empírica consistente, ilustra-se uma sociedade e comunidade

científica que se abdicam do reconhecimento da problemática social intensificada, optando pelo erro de culpabilizar a vítima (DEMO, 2002).

Segundo Fassin apud Demo (2002) a amplificação recente da pobreza urbana deu lugar à três figuras diferentes, a *exclusão* na França, *underclass* nos Estados Unidos, *marginalidad* na América Latina, que devolvem três configurações do espaço social, dentro/fora, alto/baixo e centro/periferia, respectivamente. Ainda por Fassin apud Demo (2002) poderíamos olhar essa questão da marginalidade sobre duas correntes teóricas, a primeira na tradição marxista e a segunda, na culturalista. Na primeira corrente ela seria uma realidade estrutural relacionada com as contradições do modo de produção capitalista, na segunda seria visto sob a ótica dos traços psicossociais nos quais caracterizamos os indivíduos.

A teoria materialista da marginalidade pega de Marx os conceitos de exército industrial de reserva e de sobrepopulação relativa contestando sua validade no quadro da economia dos países do Terceiro Mundo. Estes são diferentes da Europa do século XIX, onde a porção da população não inserida servia de força de trabalho potencial e tinha, mesmo que de forma imposta, seu papel a desempenhar na economia. Na América Latina do século XX a posição de dependência econômica faz com que uma parcela significativa da população não seja funcional gerando uma “massa marginal” sem horizonte de inserção. E esta origina uma dupla referência ao sistema que ao mesmo tempo em que produz esse excedente, não tem necessidade dele para funcionar (FASSIN apud DEMO, 2002). Mesmo que ainda o descarte possa vir a ser útil ao sistema, nem que seja no sentido de reduzir os gastos financeiros com políticas sociais, seja porque é possível imaginar alguma forma de reação, uma vez que os marginalizados são praticamente a maioria dos habitantes das cidades (DEMO, 2002), a única forma dos indivíduos integrados necessitarem dos não integrados não será apenas como força de trabalho, mas também como não concorrentes aos privilégios sociais (DEMO, 2002).

A face econômica seria mais relevante para Fassin apud Demo (2002), depois viria a espacial (favelas, periferias) e por último o comportamento dos grupos marginalizados. Paugam (1996) apud Demo (2002) tenta diferenciar três níveis de pobreza (pobreza integrada, marginal e desqualificante), partindo do princípio que este conceito é relativo. A primeira se alinha com o sentido tradicional de pobreza, não indicando propriamente o que se chama de exclusão social, ou seja, existe uma coesão social mesmo sem a integração no mercado, a segunda ficaria entre a pobreza integrada e a exclusão social, já a última ressaltaria a exclusão social propriamente dita, dispensados da esfera produtiva e dependentes de instituições sociais, vivendo um sentimento de “inutilidade social”, esses se tornam cada vez mais numerosos. A tese da exclusão social surge justamente com esse aumento da marginalização,

que tem passado de minorias a se tornar majorias cada vez mais significativas na sociedade (DEMO, 2002).

Ainda segundo Demo (2002) precisamos fazer uma crítica importante a respeito dessas distinções feitas por Paugam (1996), pois se para cima podemos imaginar limites variáveis da pobreza, para baixo há o limite fatal da sobrevivência, descendo o nível de sobrevivência em excesso, sucede a morte, que certamente não é relativa. E a esse nível de sobrevivência mínimo, muito bem pontuado por Demo que chamaremos de *excluídos* sociais no presente trabalho. Aos indivíduos que vivenciam a pobreza desqualificante, assim como o limite imposto pela sobrevivência mínima que salientamos sua distinção com relação aos oprimidos sociais. O oprimido teria ao menos uma coesão social e uma estrutura que permita com que ele se sinta pertencente a alguma esfera social, mesmo que insipiente, coisa que o excluído nem sequer sonha, além claro, da forte carência material.

O oprimido, segundo Freire (2015) é o ser humano fruto da condição de opressão que é praticamente furtado de sua capacidade de ser enquanto sujeito. São tratados como objetos, como “coisas” dos opressores que só teriam finalidade, pois o opressor as prescreve. E isso não lhes permite ter consciência nem de si enquanto sujeito, muito menos consciência da classe oprimida (FREIRE, 2015). O excluído seria menos que um objeto, seria como se fosse um “brinde” que se ganha junto com objeto (oprimido) que não tem utilidade para o opressor. No máximo o faz lembrar que existem ainda objetos inúteis e que poderiam inclusive ser eliminados da linha de produção. A violência aqui é tão grande que o opressor nem é capaz de vislumbrar a existência desses objetos e o desdobramento de sua agressão, invisibilizá-los nem é uma preocupação, a não ser quando eles começam a se tornar tão numerosos.

Os oprimidos se encontram acomodados na estrutura dominadora, e temem a liberdade, à medida que lutar por ela significa uma ameaça a si ou a seus companheiros oprimidos. Sendo assim, são eles mesmos, ao mesmo tempo em que não o são, pois possuem dentro deles o opressor (FREIRE, 2015). O excluído não tem esse medo tão latente (não que não sinta o sentimento em si), mas não tem nada a perder, muitas vezes nem os laços sociais que os prendam. A ameaça latente para o excluído é o roncar do estômago, uma espécie de limbo social da qual o oprimido, muitas vezes se vê na iminência de chegar a essa situação de exclusão. Para os que não passam por isso (opressores) não passa de um delírio, mas para quem isso é uma realidade muito próxima assusta. E é exatamente por isso que o termo “charme da exclusão social” cunhado por Pedro Demo carrega esse tom de sarcasmo.

Para que pudéssemos deixar mais clara o posicionamento teórico, precisaríamos de mais trabalhos que apontem a questão da coesão social ser tão grave quanto o da precariedade dos

mercados de trabalho (DEMO, 2002). No entanto, no capitalismo é impossível preterir assistência no lugar da competitividade, o que acarreta que uma democracia capitalista jamais se orientará pela justiça social (BORRMANN apud DEMO, 2002). Ou seja, é necessário que os Estados e a sociedade como um todo assumam os mais desfavorecidos seja no mínimo como um direito humano e um dever de cidadania, ou ainda como uma consequência da nova roupagem do sistema capitalista.

Embora o conceito de exclusão social possua algumas críticas com relação aos vazios teóricos, ela precisa ser equilibrada com suas próprias contribuições à temática, principalmente no campo da educação, quando podemos perceber uma aplicação prática de diferentes pedagogias para diferentes realidades sociais. A pedagogia do oprimido tão elucidada e bem estruturada por Paulo Freire é de um legado histórico essencial e de grande inspiração, no entanto, talvez para a exclusão social, seja necessária uma pedagogia do excluído. Ou seja, uma pedagogia do afeto, do reconhecimento e da formação de laços sociais, do reencontro desses sujeitos com sua humanidade. Uma não é excludente da outra, na verdade a pedagogia do excluído seria um passo anterior a do oprimido de Freire, ou quem sabe até caminhe em conjunto com ela.

Ainda esse conceito que trazemos do excluído social para explicar muitas dessas populações que a maioria das vezes se encontram em locais de vulnerabilidade socioambiental, vai de encontro com o conceito de subcidadania e, conseqüentemente, de subcidadãos elaborada por Jessé de Souza em seu livro *Subcidadania brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro*. Para ele, a exploração das classes populares não é apenas econômica, mas também simbólica e moral, para isso é necessária a retirada da autoconfiança e da capacidade de ação das pessoas, e isso é feito com a humilhação cotidiana desses indivíduos. Todas as questões-chaves que envolvem o Brasil hoje, como má educação, saúde, segurança pública todas são oriundas da não inclusão dessas pessoas (JESSÉ, 2018), como podemos observar no trecho abaixo:

Se antes a corrupção como herança maldita era o principal, temos agora que pensar a nossa desigualdade e suas mazelas, como a subcidadania permanente para grande parte da população, como a resultante de um processo histórico que impossibilitou aprendizados sociais e políticos decisivos, sem qualquer relação com a sociologia do vira-lata que uma elite inimiga do povo e uma imprensa de latrina nos transmite. A categoria que se contrapõe à noção de “herança maldita” imutável do racismo culturalista é a noção de “aprendizado coletivo”. Se existem aspectos importantes da vida social nos quais nos distanciamos de outras sociedades, isso se deve a aprendizados morais e políticos não realizados. Esses, desde que identificados e percebidos adequadamente, podem se tornar passíveis de realização. Isso nos afasta das condenações culturalistas eternas e nos coloca na luta política pelo aperfeiçoamento moral e político de nossa sociedade (SOUZA, 2018, p.21).

Esse “aprendizado coletivo” que é negado a essas populações, com a retirada da capacidade de ação das pessoas e da formação de laços sociais é uma das características utilizadas por Demo (2002) para definir o excluído social. Para Jessé (2018), a questão principal que envolve uma classe é justamente a socialização familiar, há estímulos desde a infância, que são muitas vezes invisíveis e ocultos, que fazem parte da rotina e se aprendem com ela, como observar alguém lendo ou contemplando algo. Isso, segundo Jessé de Souza produz uma capacidade de concentração, de leitura, e de abstração, que estão presentes nas classes médias e que não se encontram na maioria das famílias da classe mais baixa.

Não por acaso, as predisposições para o desenvolvimento de trabalho útil, como disciplina, autocontrole e cálculo prospectivo, são também pressupostos em qualquer processo de aprendizado. Os indivíduos e as classes sociais – cujo contexto de carência aguda e desestruturação familiar impedem a adequada reprodução desses pressupostos psicossociais na socialização familiar desde tenra idade – estão, por conta disso, condenados à marginalidade e à exclusão social. Essa é a subcidadania permanente da qual este livro trata. Sem a incorporação de disciplina, autocontrole e cálculo prospectivo não existe inserção produtiva possível no mercado de trabalho capitalista competitivo (SOUZA, 2018, p.40-41).

E para ele isso não está presente nessas classes, porque sistematicamente e historicamente elas sempre foram esquecidas e humilhadas. Dessa forma, existiriam dois componentes que são fundantes na formação do subcidadão, o componente material (econômico) e o componente de distinção (social). E esse acaba por se tornar um produto das elites, sejam as elites proprietárias, sejam das da classe média alta (JESSÉ, 2018). Para ele só há uma forma de corrigir essas feridas abertas, é o resgate dessas classes de subcidadãos, inclusive ele sinaliza para o fato de que todos os países para os quais consideramos que “deram certo” fizeram esse processo, e este não foi feito de forma automática, e nem foi feito com a falácia do crescimento econômico, que na verdade só causa mais desigualdade (JESSÉ, 2018).

6.2. EDUCADORAS DE MAGÉ E SUA ANCESTRALIDADE

Originárias destas proximidades, as educadoras desenvolvem um trabalho educativo junto à OSCIP Água Doce Serviços Populares. Essas mulheres são filhas de comunidades tradicionais, umas são filhas de pescadores, outras de benzadeiras e outras de erveiras. Pelo contato constante com a biodiversidade elas possuem muitos saberes cotidianos sobre a natureza e o território que pertencem ao patrimônio imaterial dessas comunidades, porém em

sua maioria são ignorados ou invisibilizados dos debates, seja na esfera escolar, como na pública durante as tomadas de decisão local (CAMARGO, 2017). Sendo assim, essas mulheres possuem uma influência grande na construção de saberes, na formação da cultura local e na resistência aos diversos conflitos socioambientais existentes no entorno. Além de não deixarem de ser educadoras populares e ambientais da comunidade. Com relação ao contexto social e racial, essas mulheres são em sua maioria negras, de baixa renda e com famílias uniparentais. Será explicado brevemente sobre cada uma delas e onde atuam.

A OSCIP possui três sedes ao longo do rio Suruí, a sede que se localiza na região central do Rio (a mais urbana também), a região da foz, também chamada de Remanso, onde o rio desemboca nos fundos da Baía de Guanabara e na região rural onde a OSCIP construiu uma Biblioteca Comunitária. Este último teve o prédio cedido para a formação de uma Escola Municipal, onde a biblioteca se localiza dentro desta. A OSCIP possui várias educadoras populares, com diferentes níveis de escolaridade. Eu e mais uma bióloga possuímos ensino superior completo e pós-graduação, as demais possuem em sua maioria apenas o ensino fundamental ou médio. Trabalharemos diretamente com cinco educadoras da OSCIP. Essas educadoras receberão os nomes de *Colônia*, *Chaya*, *Cravo*, *Jabuticaba* e *Mamão* e será contextualizado mais a frente um pouco mais sobre o trabalho que cada uma delas desenvolve na comunidade e em qual localidade ou sede da OSCIP atuam.

Cada uma delas trabalha em uma das sedes da OSCIP mencionadas acima, desenvolvendo um trabalho de educação popular diretamente com a comunidade, principalmente com crianças e adolescentes. Uma vez na semana todas essas educadoras se reúnem na sede central da OSCIP para uma reunião de formação/capacitação. Nestas reuniões que são mediadas por mim e pela outra bióloga, discutimos temáticas pedagógicas que envolvam educação ambiental e popular, formação teórica, acompanhamento das atividades e demandas práticas do cotidiano.

Como a OSCIP inicialmente veio de uma organização com enfoque em políticas sociais, o Serviço de Educação e Organização Popular (SEOP), as educadoras *Colônia* e a *Chaya* trabalham especificamente com este braço da OSCIP que se localiza em Parada Angélica, Imbariê, Duque de Caxias. O polo é chamado de Michele Carrara e possui dois prédios, um onde funcionava uma creche e outro que chamamos de Casa das Farinhas. Este se localiza numa área tomada pelo tráfico de drogas, onde diversas vezes o prédio foi tomado pelo mesmo. No momento, conseguimos reaver o prédio, mas ainda não conseguimos retomar a creche. E a Casa das Farinhas é uma casa onde são produzidos os produtos caseiros à base

de ervas medicinais e onde possui uma extensa área verde com hortas e plantações (vale salientar que é um dos poucos locais de área verde preservado no entorno).

Tanto a Colônia como a Chaya, trabalham com ervas medicinais e com a fabricação de produtos caseiros, como sabonetes, xaropes, farinhas, pomadas, entre outros, que são vendidos a preços muito simbólicos. O valor deste é revertido para compra de materiais para produzir os mesmos como embalagens e etiquetas. Além disso, a Colônia ministra oficinas na sede central da OSCIP, uma vez ao mês, ensinando a produzir essas receitas que são vendidas. Esta também participa ministrando oficinas em eventos locais promovidos pela prefeitura. Neste local, também são realizadas atividades diretamente com as crianças, realizadas por voluntárias locais e por voluntárias italianas, em uma parceria com o serviço civil do governo da Itália. A *Chaya* e a *Colônia* são filhas de benzedeiros e erveiros, ambas moram em Parada Angélica, sendo nascidas e criadas na comunidade.

Na região da foz, no Remanso, é o local onde a *Cravo* atua. Neste local, muitas vezes aparecem crianças, principalmente, filhas de pescadores do entorno, com o qual a educadora promove atividades educativas, de reforço escolar e de educação ambiental. O local também funciona como um Ecomuseu, com a exposição permanente “O que a Baía te devolve? O lixo que vai e volta”. A *Cravo* é moradora de Mauá, a maior parte de sua família vive no local, além disso, ela é filha de pescadores artesanais e netas de caranguejeiros. A *Cravo* também é conselheira na APA de Guapimirim, além de estar participando das reuniões da Secretaria de Meio Ambiente de Magé para a implementação da APA Suruí Estrela.

Na região da sede trabalha a *Mamão*, ela além de educadora é professora de ensino fundamental I, tendo feito o ensino médio normal. A *Mamão* trabalha com as crianças promovendo atividades de Alfabetização, Reforço Escolar e Oficinas de Reciclagem. Além disso, ela também assume algumas tarefas domiciliares, como a organização da casa e a realização de comida nos encontros semanais. A *Mamão* é nascida, criada e moradora de Suruí e praticamente toda sua família é do local. Na sede também é o local onde são realizadas várias outras atividades voltadas para as crianças e adolescentes, como oficinas de Horta e Culinária, Artes e Ciências, Capoeira e Horta e Jardim. Inclusive a oficina de Artes e Ciências é ministrada por mim. As demais oficinas são ministradas pelas voluntárias italianas e pelo único voluntário local (homem). Este é professor de Educação Física e realiza diversos trabalhos nos colégios do entorno. Além disso, também é na sede que são realizadas as reuniões pedagógicas e de formação semanais.

Na região rural se localiza a sede da Biblioteca Comunitária, nesta localidade atua a educadora *Jabuticaba*. Esta atua diretamente dentro da Escola Municipal promovendo

atividades diretamente com as crianças de Educação Ambiental. A educadora promove diversas atividades como a construção e manutenção de hortas com as crianças para que o alimento seja utilizado na merenda das mesmas, promove oficinas de leitura e contação de histórias, assim como outras atividades envolvendo a coleta do lixo e a problematização da poluição do rio Suruí. A ideia de biblioteca é que ela seja aberta à comunidade, por mais que se localize em uma escola, inclusive essa é a única biblioteca rural nessa região. A educadora trabalha também organizando a biblioteca e catalogando os empréstimos. Essa educadora recentemente se formou em Gestão Ambiental e também participa das reuniões do Conselho de Meio Ambiente de Magé e atua como colaboradora na elaboração do Plano de Manejo do Parque Barão de Iriri, no município de Barão de Iriri, em Magé.

7 OBJETIVOS E QUESTÕES DE PESQUISA

Questão de pesquisa:

Quais as percepções dos conflitos socioambientais que as educadoras possuem e suas estratégias de resistência e como essas podem contribuir para gerar práticas de educação ambiental e de educação em ciências e saúde?

Objetivo Geral:

Analisar as percepções que as educadoras comunitárias possuem dos conflitos socioambientais de Suruí, Magé e identificar suas possíveis estratégias de resistência e contribuições para o ensino de Ciências.

Objetivos Específicos:

- Analisar de que forma os conflitos ambientais do entorno emergem através do relato autobiográfico das mesmas, sensibilizado pelas Escrivivências da Conceição Evaristo.
- Identificar as possíveis percepções das educadoras comunitárias sobre os conflitos ambientais locais.
- Apontar as possíveis estratégias de resistência que essas educadoras possuem para o enfrentamento desses Conflitos Ambientais.
- Compreender como essas percepções e estratégias podem ser utilizadas para gerar práticas de educação ambiental e de educação em ciências e saúde.

8 METODOLOGIA

8.1. FUNDAMENTOS DA PESQUISA QUALITATIVA E NOSSAS ESCOLHAS

A pesquisa qualitativa, nas ciências sociais, lida com uma dimensão da realidade que não pode ser quantificada, pois se refere a um mundo de significados, de valores e crenças, presentes em uma esfera mais profunda das relações, dos fenômenos e dos processos e por isso não são capazes de serem “reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001). Isso não significa que a pesquisa qualitativa seja mais intuitiva e subjetiva e a quantitativa mais científica, objetiva e matemática, a diferença entre ambas encontra-se em sua natureza. A abordagem quantitativa observa os fenômenos apenas no espectro mensurável e concreto, já a abordagem qualitativa escava a dimensão não acessível e não atingível por meio apenas de números e estatísticas (MINAYO, 2001).

Apesar de essas duas abordagens não se excluírem mutuamente, inclusive podendo complementarem-se, num processo dialético, isso não é um consenso e existem diversas correntes de pensamento como o positivismo que se opõem a pesquisa qualitativa, criticando seu empirismo, sua subjetividade e o envolvimento emocional do pesquisador (MINAYO, 2001). No entanto, a maior influência do positivismo nas ciências sociais foi a utilização de termos matemáticos para a apreensão da realidade, onde a análise social seria objetiva se fosse feita por instrumentos padronizados e supostamente neutros (MINAYO, 2001). E foi essa aparente neutralidade que durante séculos acabou por legitimar processos históricos irreparáveis como, por exemplo, o racismo científico e a soberania do conhecimento científico em detrimento de outros saberes, que justificaram políticas de segregação, espoliação e de epistemicídios.

Diante disso, sabemos que o objeto de estudo das ciências sociais possui *consciência histórica*, onde não é apenas o pesquisador que produz sentido à sua produção intelectual, mas os seres humanos como grupos e as sociedades que dão significado e intencionalidade à suas ações e construções. Na pesquisa qualitativa o pesquisador é ao mesmo tempo sujeito e objeto de suas pesquisas, por estar inserido também no universo de sua pesquisa, que são as relações sociais. Ainda possui o fato de ser intrínseca e extrinsecamente ideológica, uma vez que é comprometida e difunde interesses e visões de mundo historicamente construídas, mesmo que suas contribuições e efeitos teóricos e técnicos vão além das intenções de sua produção (MINAYO, 2001). A escolha por uma pesquisa qualitativa vai contra a defesa de um único modelo de pesquisa para todas as ciências, uma vez que as ciências sociais possuem suas

peculiaridades e características que lhe inferem uma metodologia própria. Por razões culturais, de classe, de idade, ou outras razões, possuem uma identidade em comum com o investigador, e por isso os tornam entrelaçados e comprometidos entre si (MINAYO, 2001).

A pesquisa qualitativa visa detalhar o entendimento dos fenômenos de forma ponderada e rigorosa, ou seja, seu objetivo é a compreensão do fenômeno e não apenas a experimentação de suas hipóteses com um resultado positivo ou negativo ao final (MORAES, 2003). Gradativamente as pesquisas qualitativas tem buscado as análises textuais, por meio de textos já escritos ou daqueles desenvolvidos como material de análise através de observações e entrevistas. Os textos, segundo Cardoso (2003) apud Monteiro (2011) “representam manifestações verbais dos discursos, ou seja, na forma de textos os discursos são materializados e, conseqüentemente, falados, lidos e ouvidos”. Ainda alguns pressupostos teóricos são importantes para sulevar os textos como instrumentos de análise, como o fato de serem heterogêneos, ou seja, serem permeados por diferentes vozes, mediar interações entre sujeitos, ao mesmo tempo em que constrói relações entre interlocutores e o contexto sócio-histórico para a formação de sentidos (MONTEIRO, 2011). Dessa forma, os textos não são apenas a opinião das pessoas ali registradas, e sim um importante instrumento por meio do qual observamos e identificamos processos sociais e de formação de sentidos dos sujeitos e de um coletivo.

Diante disso foram escolhidos como percurso metodológico técnicas de pesquisa qualitativa como a História Oral e a Autoetnografia para a emersão e identificação dos saberes ancestrais e de resistência aos conflitos socioambientais dessas mulheres que se refletem num coletivo. Posteriormente para sua análise utilizamos a Análise Textual Discursiva (ATD). Para o levantamento dos dados foram realizados quatro encontros presenciais com as educadoras e posteriormente devido à pandemia, houve coletas de dados de forma remota, no entanto todas referentes aos desafios impostos pelo contexto pandêmico.

A história oral, segundo Alves (2016) “caracteriza-se como uma metodologia de pesquisa que busca ouvir e registrar as vozes dos sujeitos excluídos da história oficial e inseri-los dentro dela”. A história oral por ter como foco a memória humana e a capacidade de rememorar o que ocorreu, não é apenas uma lembrança de um indivíduo, mas de um indivíduo inserido em um contexto social que lhe confere lembranças coletivas (MATOS; SENNA, 2011). As memórias individuais e coletivas se misturam, não estamos isolados, e por isso estamos sujeitos à influências e à influenciar os grupos que nos identificamos e pertencemos. Uma forma de sistematizar as lembranças são os registros da oralidade, o que conhecemos hoje como história oral é uma prática muito antiga profundamente relacionada

aos contos populares e ao mundo da comunicação humana, presente em sociedades com tradição oral (MATOS; SENNA, 2011). Ela surge na oralidade até ser registrada em documentos e escrituras, como forma de perpetuar de uma maneira mais segura e duradoura o passado, ou em algumas sociedades se mantém na oralidade como forma de resistência ao genocídio cultural com o qual convivem historicamente.

Embora haja algumas críticas à utilização da fonte oral, essas costumam se ater ao aspecto qualitativo da pesquisa. Um exemplo disso é o questionamento da confiabilidade dos relatos, pois para eles os depoimentos são fontes subjetivas, relativas à memória individual, por vezes instável e imaginária. No entanto, nenhuma fonte, seja ela oral, escrita ou visual está isenta da subjetividade, sendo todas suscetíveis à manipulação (MATOS; SENNA, 2011), e com isso também passíveis de serem fidedignas. Por isso, apesar de possuir limitações, esta é muito próxima às limitações de outras fontes já mais consolidadas e consagradas no meio acadêmico. Sendo assim, uma maneira de minimizar essa questão é se utilizar de várias fontes na composição de uma análise mais completa do processo que está sendo investigado, mas sabendo que ambos produzem informações relevantes sobre as transformações das sociedades humanas.

Desta mesma maneira, buscamos através dessa metodologia ecoar as vozes das educadoras valorizando-as como protagonistas na construção da história local e também de suas próprias narrativas, abafadas pela colonialidade do saber, do poder, do ser e a cosmogônica. Além de trazer à tona essa memória coletiva e ancestralidade que lhe é própria, buscamos identificar em que momentos essas histórias pessoais se cruzam com os conflitos socioambientais que estão impostos pela localidade, trazendo repercussões na saúde e no ambiente, algo que é valioso para a Educação Ambiental Crítica, assim como para a Educação em Saúde e Ciências.

Segundo Motta e Barros (2015), a autoetnografia é um método de pesquisa que surge para estudar a experiência pessoal e como esta é importante no estudo da vida cultural, não objetivando a construção de um método mais válido, mas gerando outra abordagem nos estudos socioculturais. Ainda para eles, ela representa:

“a experiência pessoal no contexto das relações, categorias sociais e práticas culturais, de forma que o método procura revelar o conhecimento de dentro do fenômeno, demonstrando, assim, aspectos da vida cultural que não podem ser acessados na pesquisa convencional” (MOTTA; BARROS, 2015).

O próprio nome autoetnografia já nos remete à uma metodologia com um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, que se refere à construção de um relato sobre um grupo

social de pertença a partir de sua própria visão (SANTOS, 2017). De forma resumida, a autoetnografia é uma metodologia que usa:

“ [...] a) usa a experiência pessoal de um pesquisador para descrever e criticar as crenças culturais, práticas e experiências; b) reconhece e valoriza as relações de um pesquisador com os “outros” (sujeitos da pesquisa) e c) visa a uma profunda e cuidadosa autorreflexão, entendida aqui como reflexividade, para citar e interrogar as interseções entre o pessoal e o político, o sujeito e o social, o micro e o macro” (SANTOS, 2017, p.221).

Desta forma, a especificidade do método autoetnográfico é dada pelo reconhecimento e pela inserção da experiência do sujeito pesquisador(a) seja na delimitação do que será pesquisado, seja no desenvolvimento da pesquisa em si e dos elementos que emergem no decorrer da investigação. Ou seja, a narrativa pessoal e das experiências dos sujeitos e autores da pesquisa são os diferenciais desse método que pensa a atuação política do autor em relação ao tema, a influência de suas escolhas e os caminhos investigativos escolhidos (SANTOS, 2017).

A autoetnografia se torna assim um método que tanto pode ser utilizado na investigação como na escrita, já que se propõe a analisar a experiência pessoal com o objetivo de compreender a experiência cultural (ELLIS, 2004 *apud* SANTOS, 2017). Os pesquisadores autoetnográficos focam em diversas formas de produzir uma investigação que seja significativa e acessível, embasada na experiência pessoal e que pudesse sensibilizar os leitores para questões de identidade em uma dimensão política, para experiências silenciadas em uma dimensão de questões sociais invisibilizadas pela academia, e formas de representação que aproximem as pessoas que são diferentes do acadêmico, aprofundando nossa capacidade de empatia. Eles ainda assumem as formas como a experiência pessoal pode influenciar no processo de investigação, ou seja, é o pesquisador e a pesquisadora que decide, quem, o quê, quando, onde e como a investigação irá se desenvolver (SANTOS, 2017).

Como todo campo metodológico apresenta uma série de críticas, algumas pertinentes, quanto ao uso único da autoetnografia como método para se fazer pesquisa empírica, quando essa pesquisa tem como base apenas o próprio pesquisador ou sua história de vida. Isso se torna praticamente insustentável se unicamente baseadas em evidências autoetnográficas. No entanto, isso não retira o mérito dessa metodologia em problematizar a função do pesquisador em sua inserção e atuação no campo da pesquisa, nas relações sociais. Por isso:

[...] podemos pensar que, se o que nós pesquisamos na sociologia são as relações sociais, tecidas a partir das instituições e das interações dos indivíduos, mesmo tendo como meta assegurar uma racionalidade e objetividade, distanciando-nos, enquanto pesquisadores, não podemos negar que fazemos parte desses processos de interação e de relação social. A autoetnografia nos ajuda a pensar reflexivamente esses movimentos que circundam as pesquisas sociológicas, as interações de proximidade do pesquisador e pesquisado e as relações (afinidades políticas,

culturais, éticas e raciais) deste pesquisador com o tema e objeto/sujeito da pesquisa. Neste amplo leque de materiais empíricos que se utiliza na pesquisa qualitativa, chamam a atenção o estudo de caso, a experiência pessoal, a introspecção, a história de vida, a entrevista, a observação e a memória. De alguma maneira, esses materiais de investigação relacionam e até compõem a autoetnografia (SANTOS, 2017, p.225).

Inclusive sempre constará no texto a biografia pessoal do pesquisador que fala de um recorte social específico, de gênero, classe, raça, sexo, cultura e comunidade étnica. Com relação às questões éticas os pesquisadores autoetnográficos mantêm e valorizam os laços desenvolvidos com os participantes, começam amigos e tornam-se mais próximos com o processo de pesquisa. Os pesquisadores autoetnográficos não os consideram como sujeitos desconhecidos, apenas para utilizam eles como “dados”, muito pelo contrário as “preocupações relacionais” se tornam prioridade ao longo de todo processo de escrita e pesquisa (SANTOS, 2017). Isso foi um dos fatores decisivos na escolha dessa metodologia, uma vez que sempre possui uma preocupação muito grande enquanto pesquisadora de acabar indiretamente reforçando uma ação colonizadora nesses indivíduos e nesse território, de alguma forma “extraindo” os saberes desses indivíduos para serem validados academicamente. Inclusive, de modo semelhante aos etnógrafos (as) tradicionais, os (as) autoetnógrafos (as) podem muitas vezes alterar características de identificação dos sujeitos envolvidas na pesquisa como forma de segurança e privacidade, mesmo estando cientes que essa alteração pode influenciar a integridade da pesquisa, assim como a forma que o trabalho será interpretado e compreendido. Além disso, o autoetnógrafo ou autoetnógrafa reconhece a limitação de sua metodologia, uma vez que é impossível lembrar precisamente como os eventos foram vividos e sentidos, sendo a memória defectível. No entanto, isso não tira a importância da memória enquanto dado de pesquisa (SANTOS, 2017).

Desta forma, para um autoetnógrafo validade de um trabalho é sinônimo de uma busca pela verossimilhança, evocando nos leitores a sensação de que a experiência é realista, demonstrando que a história conecta a todos e é coerente. Por conta das nuances e complexidades dos relacionamentos e das experiências não serem tranquilamente traduzidas em uma experiência, em uma entrevista ou em uma lista de perguntas, a autoetnografia tem um conjunto próprio de preocupações e modos de realizar a pesquisa. Essas prioridades são listadas abaixo:

[...] a) a experiência pessoal na pesquisa e na escrita vem em primeiro plano; b) apresentar os processos de tomada de sentido; c) usar e demonstrar reflexividade; d) apresentar um conhecimento fruto da informação privilegiada de um fenômeno experiência social (ou cultural); e) descrever e criticar normas culturais, experiências e práticas; e f) procurar respostas nas audiências (com os leitores, pares e sujeitos pesquisados) (Adams; Ellis; Jones, 2015, p. 25-26 apud Santos, 2017, p.221).

De acordo com Adams, Ellis e Jones (2015, p. 36) apud Santos (2017, p.231), para além de entender e utilizar os pressupostos da autoetnografia, os pesquisadores (as) devem considerar o fato de por que escolheram essa metodologia. Para eles existem quatro razões para a escolha dessa: realizar uma crítica mais contundente trazendo contribuições para o campo teórico; aceitar a vulnerabilidade como compreensão das emoções e sua melhora na vida social; interromper tabus e romper silêncios, recuperando vozes apagadas e escondidas; tornar a pesquisa acessível à diferentes pessoas (SANTOS, 2017). Nós escolhemos a autoetnografia para sinalizar as vulnerabilidades, as injustiças e os silenciamentos, sendo esse um dos propósitos do trabalho.

Partindo do pressuposto da não neutralidade do conhecimento dentro e fora das instituições educacionais, a autoetnografia se propõe a contribuir à justiça social, no elemento político que pretende explorar e explicitar componentes da iniquidade em tempos e espaços sociais particulares (JONES, ADAMS; ELLIS apud MOTTA; BARROS, 2015). Desta forma, a autoetnografia é uma maneira de criticar discursos dominantes e hegemônicos, que fazem parte da colonialidade do poder, como por exemplo, o discurso biomédico, onde a fala e prática do médico muitas vezes não leva em consideração a experiência dos pacientes e de seus corpos (MOTTA; BARROS, 2015), tratando-os apenas como objetos de prática de seus conhecimentos colonizadores.

Buscamos com essa metodologia acessar e identificar seus saberes através das experiências pessoais dessas mulheres (que não estão dissociadas de outras esferas) e também como uma forma de aproveitar toda a experiência pessoal que já possuo com elas, uma vez que trabalho há pelo menos seis anos na OSCIP. Não buscamos uma metodologia da impessoalidade, que gera uma aparente neutralidade e distanciamento diante da pesquisa, na verdade a pesquisa me influenciou não apenas como observadora-participante, mas enquanto sujeita de minha própria história. E isso me impacta diretamente, uma vez que, no atual momento pandêmico, tive esse contato físico e pessoal com elas bruscamente rompido, me impedindo fisicamente de estar reunida com elas e também virtualmente, devido à dificuldade de acesso da maioria delas à internet. Com isso nossa comunicação ficou restrita a ligações por telefone e troca de mensagens por aplicativo.

Para a análise dos dados escolhemos a análise textual discursiva (ATD). Segundo Moraes e Galiuzzi (2006), a ATD transita entre duas abordagens de análise da pesquisa qualitativa: a Análise de Conteúdo e a Análise de Discurso (MORAES, 2003). A ATD pode ser entendido como um movimento que permite a criação de novas compreensões e conhecimentos com base em um processo auto-organizado. Este surge de um ciclo de análise

de três elementos: a *unitarização*, a *categorização*, e a *comunicação* (MORAES, 2003). No elemento de *unitarização*, é feita uma análise detalhada dos materiais com uma fragmentação em unidades de acordo com os enunciados referentes ao fenômeno de estudo. Na *categorização*, o objetivo é estabelecer relações entre as unidades observadas anteriormente, classificando e agrupando na formação de categorias. O último elemento é observar a nova compreensão do todo que emerge dos elementos anteriores, gerando uma necessidade de comunicar esse novo, assim como de sua crítica e legitimação. O metatexto resultante ao final é produto do esforço de explicitar a compreensão que foi formada na combinação dos elementos anteriores (MORAES, 2003).

Escolhemos esse método de análise por se tratar de uma ferramenta aberta, onde exige do pesquisador uma permanente (re)construção de rotas e percursos. Por conta disso, a ATD pode acabar por gerar uma angústia e insegurança inicial com relação ao caminho traçado, porém é isso que também permite a emergência da criatividade e uma liberdade na escolha analítica. E saber lidar com esses sentimentos durante o processo é fundamental para o desenvolvimento de um bom trabalho de análise (MORAES; GALIAZZI, 2006). Desta forma apontar para essa aprendizagem, de construção e desconstrução, é se posicionar em um paradigma emergente de pesquisa, o que implica em uma ruptura com o paradigma dominante de ciência, fundado em uma aparente neutralidade e verdade inerente.

Esse tipo de análise requer assim um maior envolvimento do pesquisador que ao se reconhecer como sujeito, se responsabiliza pelas suas próprias interpretações (MORAES; GALIAZZI, 2006). Essa interpretação é mediada e fundada pela linguagem, ao se deparar com a realidade, o sujeito como sistema vivo (auto-poiético) a observa e a reflete, reconstruindo-a e interpretando-a, e com isso necessita deixar seu vestígio. Por isso para a ATD não é possível fazer pesquisa onde se aspire a “neutralidade do pesquisador e a objetividade da análise”, sendo assim toda análise é subjetiva e contextualizada. Não há espaço para a objetividade e neutralidade positivista, quando o sujeito faz parte do processo (MORAES; GALIAZZI, 2006).

Ainda na ATD ao mesmo tempo em que o sujeito assume sua própria voz, também dá voz à outros sujeitos, revelando um movimento em direção à novos paradigmas e na reconstrução da compreensão do que é a ciência e do ato de pesquisar. Por isso a linguagem possui um papel central na ATD:

É por ela que o pesquisador pode inserir-se no movimento da compreensão, de construção e reconstrução das realidades. Pela linguagem constrói e amplia os campos de consciência pessoais, entrelaçando-os com os de outros sujeitos, sempre a partir dos contextos que investiga (MORAES; GALIAZZI, 2006, p.123).

Assim o pesquisador que escolhe a ATD assenti de maneira mais consciente os processos de reconstrução constante de seu próprio mundo, permanentemente por meio da linguagem. Essas características da ATD se afinam tanto com paradigmas emergentes como com os entendimentos da realidade como sistema complexo (MORAES; GALIAZZI, 2006), e também com os preceitos da teoria decolonial.

Buscamos ao longo do trabalho escolher metodologias e métodos de análise que se comprometam de alguma maneira em romper com a neutralidade e objetividade presente nas diversas formas de colonialidade, que visem horizontalizar a relação sujeito/objeto, que valorize as experiências pessoais dos sujeitos e sua dimensão nos estudos socioculturais (autoetnografia), se utilize da rememoração dos sujeitos na construção de histórias coletivas e na valorização de narrativas outras (história oral), assim como valorize a linguagem como eixo estruturante de processos sociais e formativos em nossa sociedade (ATD). Para nós isso parece um imperativo ético por meio do qual respeitamos as diferentes coletividades presentes na comunidade e suas cosmologias de enxergar e reagir ao mundo.

8.2. PERCURSO METODOLÓGICO

O presente trabalho foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Campus Macaé e foi aprovado com o número **CAAE: 23139319.7.0000.5699**.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram realizados, antes da pandemia, quatro encontros presenciais (Figura 4) com a duração aproximada de 2 horas cada um, com a presença de cinco educadoras locais que também trabalham na OSCIP. Esses encontros foram estruturados com base na metodologia da História Oral, desta forma, todos os encontros foram gravados por meio de áudio, e também porque histórias precisam ser contadas, e consequentemente precisam de um sujeito que as narre. Não escolhemos vídeo, uma vez que elas se sentem muito constrangidas ao serem expostas e acabam por modificar o discurso, para aquilo que queremos ouvir. Os áudios posteriormente foram transcritos e analisados pela análise textual discursiva (ATD). A dinâmica dos encontros foi desenvolvida inspirada nos *Círculos de cultura* da pedagogia freiriana, que consiste na construção de conhecimento e na troca dele entre os envolvidos por meio do diálogo. Cada um dos encontros será mais bem detalhado a frente.

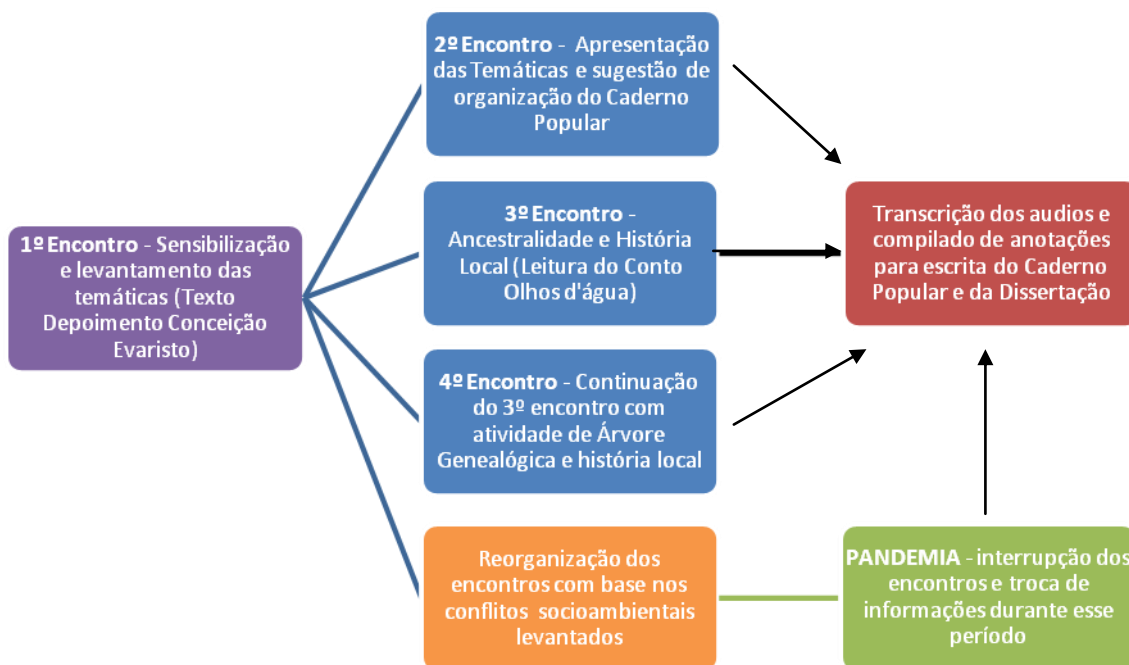


Figura 4: Esquema utilizado na metodologia para emergência dos conflitos socioambientais locais e seus saberes de resistência. Fonte: Autora.

Para sensibilizá-las e deixar emergir o contato com esses saberes populares e ancestrais, utilizamos dois textos da Conceição Evaristo, com sua maravilhosa *Escrevivência*, do qual ela retrata através de contos a experiência de um coletivo. Escolhemos a Conceição, pois além de acharmos sua escrita muito visceral, o que facilitaria o contato com essas experiências pessoais, também escolhemos prestigiar o texto de uma mulher, negra e brasileira, o que poderia promover uma identificação de vivências pessoais e coletivas, marcadas pela condição social, pela raça e pelo gênero. Assim como possibilitaria que elas pudessem se deparar com a potencialidade da experiência de vida delas e de seus saberes, ajudando na construção e ao mesmo tempo sendo fruto da identidade de um coletivo. E através dessa memória coletiva e desses conhecimentos que emergissem, observaríamos a percepção das mesmas sobre os conflitos socioambientais impostos pela localidade que vivem e quais são as práticas de resistência utilizadas por elas.

É importante salientarmos que embora a perspectiva de abordagem dos conflitos socioambientais esteja afinada com o modelo de *Educação Ambiental de Base Comunitária* e desta forma com a Educação Ambiental Crítica e com a Educação Popular, optamos por não nos aprofundar aqui nela, uma vez que já está sendo desenvolvido um trabalho que estrutura esse modelo de *EABC* que surge a partir dessas mesmas educadoras (que participaram do presente trabalho) e suas práticas (OLIVEIRA et al., 2020).

No primeiro encontro, nos sentamos em roda e começamos a falar sobre o motivo de estarmos reunidas e eu perguntei sobre a vontade delas mesmas em escreverem o caderno e da viabilidade de tempo delas para a construção deste projeto. Também expliquei que esses encontros e a escrita do caderno fariam parte da minha pesquisa de mestrado. Ainda, neste encontro expliquei como seria minha participação no trabalho, que caberia na organização e sistematização dos saberes levantados durante os encontros, assim como na escrita desses saberes para posterior apresentação à elas, com o objetivo de editarmos de maneira conjunta esses conhecimentos levantados. E, claro, auxiliaria na publicação do mesmo.

Ainda neste primeiro dia de encontro, iniciamos a leitura do depoimento da escritora Conceição Evaristo com o texto “*Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita*”. A seleção e leitura deste texto teve como objetivo, fazer um levantamento de algumas temáticas principais que surgissem durante a discussão, em geral pessoais, mas que podem refletir em uma experiência coletiva, que despertassem nelas esses saberes de maneira mais fluida. Na verdade, a proximidade com a experiência pessoal procuraria reavivar de maneira mais fácil, esses saberes. Não conseguimos concluir a leitura deste texto neste encontro, devido ao atraso das educadoras e a não possibilidade de ficarem por mais tempo após o combinado.

No segundo encontro fizemos uma introdução explicando sobre a Escrivência e sobre a história de vida da escritora. Neste dia terminamos a leitura do depoimento da Conceição Evaristo e apresentei para elas os dados levantados por mim no último encontro, do mesmo jeito que apresentei minha sugestão de uma maneira de organizar o *Caderno de Saberes*, de acordo com o que foi combinado no último encontro. Neste levantamento inicial, temáticas como “tornar-se mulher”, “feminicídio”, “menstruação” e “relações de subalternidade na sociedade” foram muito marcantes nas falas delas, ou seja, todas relacionadas com um tema mais amplo: O que implica em ser mulher em nossa sociedade? E o que é ser mulher para nós? Diante disso, pensei em uma abordagem com elas que envolvesse uma característica única que nos permeia que é a capacidade de gerar a vida (nascemos de uma mulher, crescemos em uma barriga mesmo que de aluguel), diante disso, por que não organizar nossos encontros de acordo com um ciclo de vida (Nascer, crescer, viver, se reproduzir ou não, e morrer)? Que nesse caso, achamos mais interessante organizamos nas seguintes etapas: 1) Ancestralidade, 2) Infância, 3) Adolescência e Adulto (Tornar-se mulher), 4) Envelhecer e Morrer. Neste segundo encontro concluímos de fato a coleta da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de todas as educadoras.

No terceiro encontro iniciamos de fato com as etapas de desenvolvimento, com os nossos “ciclos da vida”. Esta etapa é muito importante, pois ela visa identificar a relação do território, do local com a história de vida dessas educadoras, e isso permitirá sinalizar os conflitos presentes nas falas delas. Desta forma, começamos com a *Ancestralidade e a história local*. Neste encontro busquei compreender o que elas entendiam como ancestralidade, quem são eles e elas? Tinha pedido previamente que elas trouxessem fotos ou objetos de todos na família delas que vieram antes delas e que elas lembravam. Neste dia levei o conto “*Olhos d’água*” da Conceição Evaristo para que pudéssemos amarrar a discussão sobre Ancestralidade e sensibilizá-las para rememorarem suas experiências e também levei uma atividade sobre árvore genealógica. Infelizmente nenhuma delas lembrou os dados para preencher a árvore genealógica, desta forma, deixei para o quarto encontro esta atividade, assim como a lembrança dos ancestrais através de fotos e objetos.

No quarto encontro finalizamos a etapa da Ancestralidade com a construção das árvores genealógicas e com a apresentação das fotos por cada uma das educadoras. Buscávamos nesse encontro perceber onde a história de vida pessoal delas poderia se cruzar com a história do local e conseqüentemente com os conflitos socioambientais da região. Neste dia iniciariamos a fase da Infância, no entanto, infelizmente tivemos que encerrar antes nosso encontro devido a uma operação policial em Magé e adjacências, e elas tiveram que voltar cedo para casa, assim como eu também, já que precisava retornar para Niterói.

Ao trabalhar com os textos da Conceição Evaristo, pudemos perceber a relação direta entre o contexto social que vivemos e o trabalho na organização, enquanto educadoras populares e ambientais. Situamos-nos em um local de inúmeros conflitos ambientais e não sistematizar os saberes e as estratégias de resistência dessas mulheres, especificamente, mulheres que sofrem o racismo ambiental, para o enfrentamento desses conflitos é ignorar a potencialidade e os saberes dessas próprias educadoras. Por esse motivo, resolvemos fazer uma alteração na continuidade dos encontros, ao invés de darmos continuidade ao “ciclo de vida”, iríamos realizar mais duas oficinas com o objetivo de direcioná-las mais especificamente para os conflitos socioambientais e suas estratégias de resistência. Essa mudança na rota foi conversado com as educadoras, que não se incomodaram em fazer essa modificação. De qualquer maneira, me deixei à disposição para posteriormente, finalizar as etapas do “ciclo de vida” com elas.

Desta forma, havíamos organizado os próximos dois encontros com as temáticas dos conflitos socioambientais que foram suscitados ou apareceram durante a discussão dos textos da Conceição Evaristo. Estes estão escritos abaixo.

- 5º Encontro – Roda de Saberes: Pedras e Pesca: Conflitos Ambientais em Suruí, o que a história ambiental de Suruí tem a ver com a minha história pessoal?

- 6º Encontro – Roda de saberes: De que forma esses conflitos e suas consequências impactam na minha vida diária? Como lido com isso?

No entanto, diante da pandemia infelizmente esses dois últimos encontros não puderam ser realizados, e a pesquisa precisou ser reorganizada a partir dos limites impostos pelo contexto pandêmico garantindo a segurança e resguardo delas, da comunidade e de nossos familiares. Além disso, apesar da escrita do *Caderno de Saberes* ter sido o que me mobilizou inicialmente para a realização da pesquisa nesse local e com essas mulheres, infelizmente devido à pandemia, a construção deste não pode ser concretizada, pois ele pretendia ser construído em conjunto. Porém pretendo realizar a escrita desse *Caderno de Saberes* em breve. Inclusive isso é um compromisso ético meu enquanto educadora e pesquisadora com os sujeitos envolvidos e com o meu campo de estudo. Apesar dele não ter conseguido se materializar até a apresentação desta pesquisa, ele aparecerá ao longo das transcrições dos encontros e na metodologia uma vez que fazia parte de um dos objetivos da pesquisa e que a princípio ele ainda seria feito, já que não imaginávamos uma pandemia no caminho.

Como estivemos em contato sempre que possível durante esse período com as educadoras acompanhamos mesmo a distância, seus reais problemas envolvendo esse momento. Por isso o presente trabalho foi organizado em dois blocos, um pré e outro durante a pandemia, que até o momento da escrita desta dissertação ainda não acabou. A OSCIP também continua a conferir apoio para as educadoras de várias formas e para a comunidade de uma maneira geral.

Utilizaremos neste trabalho da autoetnografia para relatar as mudanças impostas pela pandemia para a realidade dessas mulheres, de acordo com nossas conversas e trocas de experiências pelo telefone e por mensagens, para compor um cenário do local no contexto pandêmico e de identificar os saberes que emergem desse momento, de acordo com elas. Buscamos relatos dessas educadoras durante este período de pandemia envolvendo três perguntas centrais que julgamos relevantes e éticos diante de tudo que elas estão enfrentando nesse momento delicado: 1) Como está sendo o impacto da pandemia em suas vidas e de seus familiares?; 2) Como a comunidade a volta tem se comportado como um todo? O que elas percebem que mudou?, e 3) Como está sendo a assistência médica no local e qual a forma que elas lidaram para enfrentar esse momento?

Com relação aos encontros presenciais (antes da pandemia), transcrevemos os áudios com base na codificação de Marcuschi (2007 apud JANERINE, 2013), apresentados na tabela abaixo. Além disso, foi destacado em negrito (Apêndice 1.2) trechos das transcrições que foram utilizados para a análise e sinalização dos resultados.

Significado dos sinais utilizados nas Transcrições	
(+) pausas	Pausas e silêncios indicadas entre parênteses com sinal de + para cada 0,5 segundo.
() dúvidas e suposições	Quando não se entende uma parte da fala com parênteses
/ truncamentos bruscos	Quando o falante corta uma unidade ou quando alguém é cortado bruscamente pelo parceiro
MAIÚSCULA ênfase ou acento forte	Quando uma sílaba ou uma palavra é pronunciada com ênfase ou recebe acento mais forte que o habitual
::: alongamento de vogal	Quando ocorre um alongamento da vogal, e esses dois pontos podem ser repetidos dependendo da duração
(()) comentário do analista	Para comentar algo que ocorre, usa-se parênteses duplos no local da ocorrência ou antes do trecho que se refere
----- silabação	Quando uma palavra é pronunciada silabicamente
/.../ eliminação de parte da transcrição	Indica um corte na produção de alguém
- falante atual	Indica a mudança de um falante para outro acompanhada do nome de cada um

Tabela 3: Codificação utilizada nas transcrições dos encontros segundo Marcuschi (2007 apud JANERINE, 2013).

Os textos transcritos dos encontros pré-pandemia e dos áudios trocados durante a pandemia foram analisados por meio da análise textual discursiva (ATD).

9 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Escolhemos organizar os resultados dentro de duas grandes categorias: resultados pré-pandêmicos (com quatro encontros presenciais) e resultados pandêmicos. Dentro de cada uma dessas categorias iremos utilizar três subcategorias de análise: uma sobre o mapeamento dos conflitos socioambientais do local, outra sobre os temas potenciais que surgem para o Ensino de Ciências num âmbito de educação não formal e o último com outras temáticas relevantes, porém que se não se encaixam diretamente nas duas anteriores. Gostaria de salientar que embora tenhamos realizado a divisão nessas duas subcategorias, os resultados encontrados no mapeamento de conflitos socioambientais pode e na verdade possui um potencial enorme de ser abordado no ensino de Ciências, e vice-versa.

9.1. RESULTADOS PRÉ-PANDÊMICOS

9.1.1. Subcategoria 1: Mapeamento dos Conflitos Socioambientais Locais

Um dado muito importante levantado durante os relatos das educadoras durante nosso primeiro encontro está relacionado com um conflito ambiental muito presente na região. Durante o encontro escutamos um barulho muito forte de algo caindo, o que me preocupou, então perguntei se isso era a pedreira e com a maior naturalidade as educadoras confirmaram, e acrescentaram que isso era normal. Elas continuaram a conversa normalmente, como se nada tivesse acontecido, com isso podemos compreender a completa naturalidade com que as educadoras reagiram ao barulho. Provavelmente elas já estão habituadas com o barulho constante da extração e já não se incomodam mais com isso, sendo, portanto naturalizado pelas mesmas. No entanto, achei o barulho muito acima do de costume e depois me questionei se elas saberiam quando o barulho seria algo aparentemente perigoso ou não, uma vez que, caso haja uma sirene, isso não assegura que ela irá funcionar.

A pedreira, mais especificamente a Convém Mineração LTDA, se localiza relativamente próximo a OSCIP, aproximadamente 3,5 km (Figura 5). Segundo Bacci, Landim e Eston (2006), os efeitos ambientais associados à presença de uma pedreira são diversos e presentes em diferentes fases de exploração do material, indo desde a abertura de cava, com a retirada da vegetação, erosão e modificação da paisagem local, movimentação de terra e assoreamento de córregos, uso de explosivos na quebra das rochas (gerando vibração

do terreno, ultralancamento de fragmentos, gases, poeira e ruído) até o transporte e utilização do minério (gerando poeira e ruído). Isso afeta não apenas solo, água e ar, como também a população local, além, da fauna e flora.

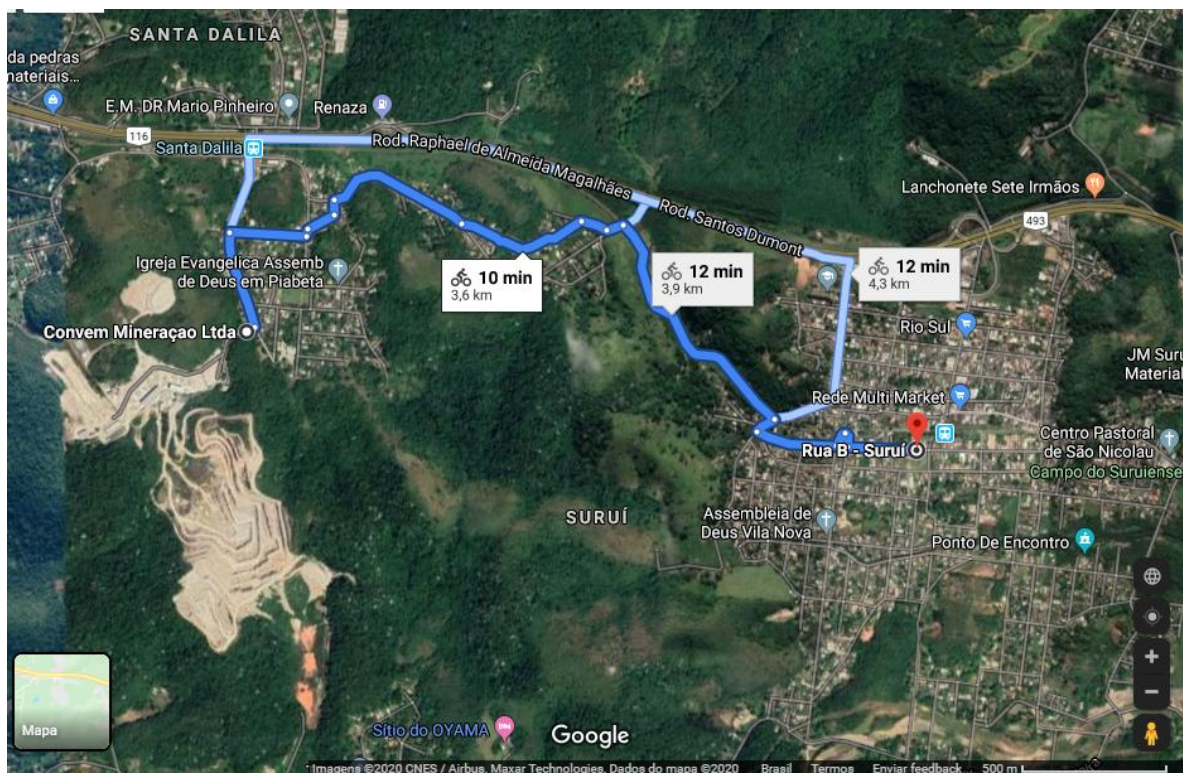


Figura 5: Mapa mensurando a distância entre a OSCIP Água Doce e a Convém Mineração LTDA. Extraído do Google Maps. Observe o aspecto visual gerado pela mineração na paisagem.

A região de Suruí é uma região tradicionalmente de agricultura de subsistência, no entanto, os impactos referentes à presença de um empreendimento como uma mineradora no local geram disputas de interesses de diferentes atores sociais sobre a terra. Desta forma, isso caracteriza um conflito ambiental, segundo Acselrad (2004a) que abrange grupos sociais com diferentes interesses de apropriação e uso do território. Embora este não tenha vindo do relato das experiências pessoais das educadoras, foi um fato que ocorreu durante a realização dos encontros, e não podia deixar de ser explorado.

Além disso, a educadora *Mamão*, acabou comentando comigo, em outro momento o quanto essa pedreira era importante para a coleta de água. Segundo ela, antigamente eles pegavam água na fonte da pedreira, e que era a fonte mais limpa que tinham, mas que depois os donos de lá fecharam e ninguém mais podia pegar água, gerando outro conflito, agora por água. Isso exigiu dessa educadora e da comunidade utilizar de seus saberes territoriais para buscar fonte de água em outra localidade, mesmo com resistência da população local. Diante desse conflito socioambiental que envolve não apenas a pedreira e todas suas consequências,

mas também o conflito pela água podemos perceber o que Sanchez, Salgado e Oliveira (2020) fala sobre a “reapropriação social da natureza”, relacionada a existência pela luta de diferentes territorialidades que se formam nos processos de territorialização. Ou seja, o ambiente passa por um processo complexo de reapropriação das populações diante das estratégias de luta e reexistência que ajudam a elucidar as características desses conflitos, e com isso, ocorre uma luta pela existência de diferentes territorialidades que vão redesenhando o espaço geográfico (SANCHEZ; SALGADO; OLIVEIRA, 2020).

No encontro sobre Ancestralidade e História Local, uma das educadoras, a Cravo, filha de pescadores, moradora de Mauá, e que trabalha no Remanso (na foz do Rio Suruí) quando relatava sobre seu pai que era uma pessoa difícil, e tudo o que viveu com ele, sua experiência se confundiu com a história de diferentes interesses que envolvem a exploração da Baía de Guanabara, um conflito ambiental muito comum em Suruí e no entorno, que é o conflito entre os pescadores artesanais, ambientalistas e a pesca em escala industrial. O pai dela era pescador, mas trabalhava em várias outras atividades pra complementar a renda. Ela relatou que ele fazia uma prática que ela denominou de pesca cercada. Segundo ela, essa pesca consiste em cercar a boca de três rios locais, o Goa, o Suruí e o Suruimirim para pegar um grande número de peixes, como pode ser observado no trecho abaixo:

“- Cravo: Mas gente eu sofria muito, muita coisa. Minha mãe fala que era pra gente odiar peixe, ela brinca com a gente, não sei como vocês conseguem gostar de peixe.
 - /Jabuticaba: Comeu muito.
 - Cravo: Porque ali no Remanso, tem o rio do Goa, o rio Suruí, e o Suruimirim, meu pai tinha um inferno de uma rede que era imensa:::, e o que ele fazia, ele cercava a boca dos três rios, então ele pegava muito peixe. Pesca cercada. Dominique era muito peixe, e Corvina, era Corvina mesmo, não era essas que pega no Remanso agora não. Só que o que acontecia, ele vendia, e a intenção era levantar um dinheiro para comprar as coisas pra dentro de casa, já que todo mundo trabalhava com ele. Mas o que ele fazia, ele cercava a boca dos três rios, pegava MUITO, MUITO, mas MUITA coisa de peixe mesmo::: a gente passava o restante da noite até o dia amanhecer, limpando peixe, ele botava aquele peixe na bicicleta e ia vender, quando ele voltava, ele voltava caindo bêbado, sem nenhum centavo. Porque as pessoas já encomendavam o peixe limpo, então a gente tinha que limpar pra ele vender. Então, olha era dia da gente dormir em cima da bacia de peixe”.

Quadro de Falas 1: Conflito socioambiental da pesca.

Do ponto de vista ambiental, essa prática é proibida e altamente danosa para o ambiente (inclusive consta como uma das atividades que não podem ser realizadas na APA de Guapimirim). No entanto, embora ela não tenha comentado durante o áudio, ela já havia dito que muitos pescadores tinham essa prática quando havia uma baixa no número de peixes de

maneira não usual. Sob a ótica da *EABC*, Camargo, Sánchez e Rocha (2017) argumentam que estes elementos podem trazer consigo saberes da biodiversidade e de ciclos naturais locais.

Além disso, outro ponto importante que ela comentou foi a diferença no tamanho dos peixes, especificamente a corvina, quando ela era pequena eram maiores do que a pescada atualmente. É importante salientar que esta conexão com esse conflito apenas surgiu diante de uma experiência pessoal, inclusive dolorosa (alcoolismo) exposta pela educadora. Ou seja, podemos observar que numa atividade que buscava trazer as experiências pessoais dela, a fez conectar com um conflito muito antigo da Baía de Guanabara, mostrando o quanto a história de vida delas se articula com a história do local.

Outro dado interessante que surgiu, durante o encontro de Ancestralidade foi com o relato da educadora *Cravo*. Ela se lembrou de uma história que sua mãe contava de quando era pequena (bebê), que acabou se confundindo com uma mudança na paisagem do Remanso (foz do Rio Suruí) e talvez na história do local. A educadora relatou que teve uma chuva muito forte em Magé que inclusive caiu granizo, e que esse vendaval foi tão forte que arrancou a raiz de uma jaqueira que se localizava na entrada do Remanso, tombando e formando um arco de tão grande que ela era. Esta impediu a passagem de caminhão, ônibus e carros grandes para a foz do rio por muitos anos. Como pode ser observado em sua fala abaixo:

“- *Cravo*: Essa parte do barraco balançando, eu não me lembro, mas minha mãe fala que antigamente nossa casa era de pau a pique. Acho que eu era bebê, eu devia ter uns 8 ou 9 meses e teve uma chuva muito forte. E essa chuva balançava, ela sentia que balançava a casa. E chovia muito gelo e para poder me proteger ela me enfiou dentro do guarda roupa, só que com a ventania, é::: conforme a parede balançou, eu sai de dentro do guarda roupa, que ela me segurou, a pedra de gelo veio e pow na minha cabeça.
 - *Pesquisadora*: Eita, caramba!!!
 - *Cravo*: Ela sempre conta essa história, que o desespero foi tão grande que naquele temporal, ela tinha que proteger a mim, a meus irmãos e a casa balançando e ela não sabia o que fazer. Muito engraçado isso, ela sempre conta essa história. Isso foi quando derrubou uma tal jaqueira que eu falo que cercava lá o Remanso, que eu falo que parecia um túnel.
 - *Pesquisadora*: Eu lembro de você já comentar isso.
 - *Cravo*: Foi nessa chuva. Eu lembro dela falar que foi uma chuva de janeiro.
 - *Jabuticaba*: Que tenso nossa.
 - *Pesquisadora*: Nem fala, muita coisa.
 - *Cravo*: Foi MUITO, muito forte, é porque vocês não alcançaram. De tão forte que ficou ele tombou o pé de jaqueira pela raiz, a raiz dele ficou pra cima e foi a coisa mais incrível que ele não morreu, ele continuou vivo, só que ele atravessava a rua, antigamente no Remanso, não passava caminhão, não passava carro grande, só carro pequeno. Porque o tronco dela era gigantesco, enorme, muito, muito grande e ninguém podia...”

Quadro de Falas 2: Conflito socioambiental habitação.

Ademais, o tipo de habitação em que a educadora morava ilustra uma vulnerabilidade socioambiental dessa comunidade, que ainda possui muitas casas construídas assim, demonstrando o quanto às emergências climáticas irão afetar mais seriamente essas populações. Ela relatou que por anos essa árvore era um ponto de referência e de encontro e que mesmo tombada ela deu por anos frutos maravilhosos. Talvez essa árvore por muitos anos não tenha sido apenas um ponto de encontro, mas também possa indicar um fator de descaso dos órgãos públicos que não a removeram do local (já que ela tinha meses quando isso ocorreu e acabou crescendo com a árvore desse jeito). No entanto, talvez isso possa ter sido um dos fatores que dificultou o processo de urbanização da área, uma vez que dificultava o acesso, facilitando assim também, a preservação do local, que ainda possui um dos manguezais mais preservados de toda a Baía de Guanabara. Este inclusive foi utilizado, muitas vezes, como local de visita guiada pela própria APA de Guapimirim de tão preservados.

Essa árvore derrubada também criou um laço afetivo com a educadora que buscava frescor nela e alimento em dias de calor, trazendo uma identificação e uma pertença de sua história com o território local.

“Deve ter foto. Era muito divertido, e o tronco dela era tão grande que no dia de calor a gente conseguia subir nela e deitar, ficar deitada no tronco dela. Era muito maneiro, e a jaca era uma delícia, jaca pau.”
(Educadora Cravo)

Quadro de Falas 3: História pessoal que se confunde com história local.

A ocupação desse território hoje em dia se reflete em um conflito socioambiental entre catadores de caranguejos, ambientalistas, indústria petrolífera, e outros. Portanto, temáticas como a possível ocupação desacelerada dessas áreas de manguezais para moradia, a extração de madeira ilegal de mangue e o acesso ao manguezal como atividade de subsistência, são potenciais para a discussão de alterações na fauna e flora local, sendo importantes ferramentas para a discussão de Educação Ambiental e do Ensino de Ciências. Além disso, segundo Camargo (2017) a discussão sobre as modificações nas paisagens podem “revelar memórias bioculturais mantidas a partir de um relacionamento com o território, desvelando Paisagens Culturais”.

A educadora *Cravo* enquanto relatava sobre as histórias de sua ancestralidade, lembrou que sua avó por parte de pai que era catadora de caranguejo tinha brigas sérias com o segundo marido (padrasto de seu pai), a ponto das pessoas evitarem frequentar o Remanso no

final de semana por conta da briga deles, devido à localização de sua casa ser na entrada para esse local e sempre terminar com a polícia na área. Como observado no trecho abaixo.

“A minha vó por parte de pai, eu não conheci o meu avô por parte de pai, só que eu conheci o meu avô que era o marido da minha vó na época, não o pai do meu pai. Então, da minha vó, a gente foi ter coisa boa no final da vida dela. Porque a minha vó bebia muito também. Pra você ter uma ideia, logo quando a gente entra pro Remanso, tem uma casinha ali. Então no final de semana, tinha dias que você não conseguia entrar no Remanso, porque eram os dois brigando. Porque as brigas deles não eram de um bater no outro assim não, eram brigas de um pegar foice, machado, espingarda, essas coisas. E eles não deixavam ninguém entrar no Remanso, e sempre acabava na delegacia. Teve uma vez que minha vó queimou meu avô com água fervendo. Eles pescavam caranguejo, é triste, mas ao mesmo tempo engraçado. Ai eles iam lá pra Olaria ((Bairro local)) pra vender, que era a feirinha antigamente. Ai eles iam vendiam o caranguejo e voltavam pra casa, chegaram e ela foi fazer comida. Ai ele falou assim, enquanto você faz comida, ele chamava minha vó de neném, eu vou ali na barraca tomar uma e ele foi. Ai quando ela terminou de fazer a comida, ela foi lá chamar ele e tinha uma mulher na época que era muito /.../ e meu avô tava agarrado com essa mulher. Daí minha vó voltou pra casa colocou uma chaleira no fogo, botou a comida no meu avô, ele comeu na boa e perguntou pra que essa água, e ela disse vou deixar um cafezinho pronto. Meu avô almoçou e deitou, ela foi lá e jogou água fervendo só aqui ((região genital)) nele. Quando meu pai e meu tio foram lá socorrer ele, sabe o que ela falou? Ele enfiou essa /.../ num buraco sujo, eu tenho que lavar pra mim usar”.

(Educadora Cravo)

Quadro de Falas 4: História pessoal que se confunde com história local.

Podemos observar que os conflitos socioambientais que afetam a localidade e que emergiram através dos relatos pessoais e dos saberes das educadoras durante os encontros, estão de acordo com os conflitos socioambientais encontrados pela FIOCRUZ (2013) como o conflito pela pesca, o conflito pela água e o conflito de mineração, assim como a caracterização dessa população pertencendo a comunidades tradicionais, populações de alta vulnerabilidade socioambiental e moradoras de locais de zona de sacrifício.

9.1.2. Subcategoria 2: Temas potenciais para o Ensino de Ciências e a Educação Ambiental que emergem num âmbito de educação não formal

No primeiro encontro, por muito tempo o texto sobre o Depoimento da Conceição Evaristo suscitou nas educadoras a temática da *menstruação* e todas as suas implicações. Com isso rapidamente as educadoras foram falar de suas experiências pessoais, como podemos observar na fala da *Jabuticaba* abaixo.

“Interessante, isso me fez lembrar na época que eu também usava (+) existia o absorvente, mas era como a fralda descartável, era tão caro que a gente tinha que se virar com os paninhos, e várias vezes dava vontade de jogar aquilo fora, porque dá uma preguiça de lavar aquilo, né?! Nojento isso. Mas minha mãe dizia: e então, como você terá paninho depois pra usar? Esse negócio todo, tinha que estar lavando, passando e guardando aquilo arrumadinho para poder estar usando. Cara::, QUE VIDA!!!!”

(Educadora Jabuticaba)

Quadro de Falas 5: Temática da menstruação e suas implicações sociais.

Neste trecho podemos observar a relação com a menstruação como algo nojento e repulsivo, isso nos sugere uma internalização e naturalização de como um pensamento machista hegemônico em nossa sociedade acaba sendo introjetado na forma como vemos nosso próprio corpo e na forma como a sociedade patriarcal subjulga e vê a mulher e sua natureza como mais “animalesca” e “inferior”.

Nesta fala e em outras relatadas pelas educadoras, categorias como falta de acesso à absorventes, constrangimento social, desde culpa até traumas relacionados com a menstruação se estendem até hoje. Como podemos observar abaixo quando perguntado sobre esses constrangimentos das educadoras:

“Eu tava na escola e tinha uma amiga que fez o maior escândalo. Tem um menino que até hoje lembra disso e me conta, que vergonha”. (*Educadora Mamão*)

“ OLHAAA que vergonha! Menstruei no colégio, a calça toda suja, vim pela rua, sabe?! Foi uma vergonha que NOSSO Deus, nunca mais passei por isso”. (*Educadora Jabuticaba*)

Quadro de Falas 6: Temática da menstruação e o constrangimento.

Algumas dessas culpas e traumas ficaram marcadas pela condição social de não podermos nem segredar umas com as outras nossas angústias, quiçá de nos questionar sobre termos aversões a algo que por mais incômodo que seja, não deixa de ser belo, afinal todo sangue que expurgamos mensalmente, talvez represente a tentativa frustrada de gerar a vida, numa sociedade que nos mata sistemática e diariamente.

Outra questão interessante e triste que foi observado é a possível diferença no acesso à educação escolar dessas educadoras, simplesmente pelo fato de serem mulheres, pois pelo menos uma vez ao mês uma dessas educadoras não frequentava a escola apenas por conta de estarem menstruadas, fora outros motivos como cuidar de irmãos e ajudar as mães e/ou familiares que constantemente também são motivos legítimos, embora desiguais, para não frequentarem as escolas. Podemos observar isso no diálogo abaixo:

“- *Jabuticaba*: Tanto que quando a gente estava menstruada a gente nem saía, pra ir pro colégio.

- *Pesquisadora*: Vocês não saiam?!

- *Jabuticaba*: Não porque vinha muito. [...] Mas assim sair, tipo ir pra uma festa menstruada, é RUIM heim! Não que incomodasse ou que tivesse alguma dor, nunca tive, mas justamente pelo constrangimento...”

Quadro de Falas 7: Temática da menstruação, constrangimento e recolhimento.

Podemos registrar ainda os chás e as crenças que são até hoje respeitadas e reproduzidas quando estão mensalmente neste período. Tem chá para a menstruação vir, chá pra suspender, chá para a cólica, chá para depois que ela vai embora (menopausa), entre outros. Como ilustrado na fala abaixo da Chaya:

“Para cólica, eu tomo chá de cidreira e coloco compressa de toalha morna. Já na menopausa uma coisa que me ajudou muito foi chá de pitanga, eu suava e passava os calores rapidinho”

(Educadora Chaya)

Quadro de Falas 8: Saberes de plantas medicinais que envolvem a temática menstrual.

Também encontramos ao longo desse encontro alguns saberes sobre remédios caseiros e práticas que elas fazem para suspender ou cortar a menstruação, e para tratar a herpes e candidíase, doenças que acometem essa área do corpo. Além disso, outras práticas que permeiam o momento que envolve o período menstrual, como evitar comer ovo, não bater bolo pra evitar solar, ou o leite que pode talhar, também estavam entre os relatados das educadoras. Como ilustrado nas falas abaixo:

“- Jabuticaba: Não pode comer ovo durante a menstruação, e no final para limpar o útero, minha mãe sempre tomava água inglesa e me dava também.

- Chaya: E também bater o bolo né? O bolo sola.

- Cravo: isso, o bolo sola.

- Mamão: Isso, tem coisas que talha, com leite quando vai mexer enquanto tá menstruada”.

Quadro de Falas 9: Saberes, período menstrual e ciclos naturais.

Isso pode nos indicar uma ligação direta entre esses saberes, a natureza e seus ciclos naturais (CAMARGO, 2017), uma vez que não comer um ovo, algo de mesma natureza daquilo que estamos eliminando mensalmente, talvez nos indique essa relação com a natureza. Assim como o leite, que indica um alimento para uma criança que no caso, não veio, com a menstruação. E a água inglesa que é um medicamento fitoterápico feito à base de várias ervas medicinais que tem o objetivo de “limpar” o organismo de toxinas.

Também surgiram várias crenças de coisas que não se pode fazer durante esse período, mesmo sem ter uma explicação lógica ou racional, como observados nos diálogos abaixo, mas que de alguma forma ainda são reproduzidos pelas educadoras:

“- *Mamão*: Eu não gosto de lavar a cabeça quando estou menstruada. A minha madrinha, ela sempre dizia tá menstruada, vai lavar a cabeça, não pode, depois sobe pra cabeça e vai ficar maluca. Ela sempre brigava comigo. Então até hoje eu tenho essa coisa, principalmente no primeiro dia assim, que me dá aquela enxaqueca horrível, eu fico com medo de lavar a cabeça.
 - *Cravo*: É, tinha essa estória.
 - *Pesquisadora*: Daí você fica o período menstrual inteiro sem lavar a cabeça? E ela dizia porque?
 - *Mamão*: Eu procuro não lavar, quando tá mais pro final que as vezes eu lavo. No início quando tá muito abundante assim, não, tenho medo.
 - *Cravo*: Não, eu sempre lavei. A minha vó falava sobre pisar em escama de peixe, passar por cima de pé de melancia.
 - *Chaya*: pisar em pó de café./
 - *Pesquisadora*: É mesmo? Quando você estivesse menstruada, né?
 - *Chaya*: Isso.
 - *Cravo*: Ela dizia que se passasse em cima do pé de melancia, matava. O pé de melancia morria. E (++) da escama de peixe, ela dizia que a possibilidade de ter mioma aumentava”.

Quadro de Falas 10: Costumes e crenças populares relacionadas à menstruação.

Esses diálogos nos indicam a presença de um folclore popular para o qual Luis da Câmara Cascudo, um norte-rio-grandense brasileiro, debruçou sua vida para estudar, embora sua vasta bibliografia não configure entre os reconhecidamente científicos. Câmara Cascudo em seu livro *Superstição e Costumes* traz uma importante contribuição para a valorização do que antes era desprezado, o conhecimento e compreensão da cultura brasileira como um todo, mas principalmente da popular. Neste o autor busca demonstrar através de uma observação complexa e de uma etnografia detalhada (quicá de uma autoetnografia), que: “as superstições fazem parte da vida cotidiana dos povos e que, por isto, não devem ser menosprezadas como fenômeno nem como objeto de estudo” (REGO; SILVA, 2012, p.61).

Esse importante folclorista ainda se preocupou em observar os costumes e crenças populares como recorrentes em todas as sociedades, dessa forma, para ele a superstição não é características de culturas ditas como “atrasadas”, mas que em todo tipo de sociedade, seja ela “desenvolvida” ou não, as superstições existem e persistem. Para Câmara Cascudo as superstições condicionam os costumes, e esses dois juntos seriam resultado da difusão histórica da cultura, mesmo que apresentem características e ressignificações locais (REGO; SILVA, 2012). Diante disso, Rego e Silva (2012) nos convida a pensar na própria superstição como um fenômeno social, através da qual sua influência aparece na estrutura característica de um grupo. Tanto na cultura popular como na clássica, as crenças se eternizam porque se fixam no imaginário social de um povo, ou de um grupo. Sendo assim, o caráter altamente positivista da sociedade na época, se manteve alheia as superstições, mesmo esta sendo característica de todas as culturas.

Ainda sobre essa temática as educadoras falaram que suas experiências com relação à menstruação eram de total desconhecimento sobre seu corpo e sobre o que aquilo significava, demonstrando o quanto esse assunto era invisibilizado, continuando a ser um tabu, juntamente com uma omissão da esfera escolar no debate sobre a natureza do corpo feminino. Onde muitas vezes ou a educação sexual não existe, ou fica limitada à uma vertente comportamental de prevenção de doenças e não de compreensão sobre o funcionamento do todo, como observado nas falas destacadas.

“- *Cravo*: E antigamente poucos pais, poucas mães conversavam, não era um assunto de chegar assim pra conversar não.
 - *Mamão*: Não se prevenia, nem nada. Totalmente diferente de quando a gente já é mais experiente.
 - *Pesquisadora*: Exatamente e ainda querem tirar a educação sexual das escolas.
 - *Jabuticaba*: E como que você faz uma coisa dessas? Criança tendo criança, é o que mais a gente tem visto. E ai diz, como é que aconteceu, e nem eles sabem. Porque não sabem, não foram preparados. EU não tive NADA. Nem na escola eu soube o que isso significava...isso que vocês conversam hoje em dia com esses adolescentes eu nem sonhava na minha época. O que me despertou de curiosidade de conhecer o meu corpo, foi através de algumas coisas que eu li, ou de umas colegas mais descoladas que falava, entendeu? Eu fui aprendendo assim, porque minha mãe chegar e explicar, o corpo fica assim assado, ocorre isso aquilo, falou NADA. Da mesma forma como ela não recebeu ela não pode passar. Hoje é diferente, quando minhas sobrinhas ficaram menstruadas, né? Eu conversei com elas.”

Quadro de Falas 11: Costumes e crenças populares relacionadas à menstruação.

Aqui, esses saberes se relacionam diretamente com os conteúdos presentes no currículo formal do ensino das disciplinas ligadas as Ciências e a Saúde, por mais que estes não venham por meio da escola, mas de suas vivências, mesmo de forma “truncada”, como um tabu. Esses saberes estão ligados à temáticas de uma Educação Sexual que vem sendo severamente repreendida recentemente pela ala conservadora da sociedade. As crianças precisam contar com a escola para entenderem e compreenderem o funcionamento de seu próprio corpo e sobre os limites que são necessários serem impostos. Isso potencializa não apenas o auto-conhecimento e auto-cuidado com o corpo, mas também o combate a crimes, assédio e violência sexual.

Inclusive observamos que com a leitura do depoimento da Conceição Evaristo essas questões como machismo, relacionamentos abusivos entre outros foram trazidos à tona pelas educadoras. Como podemos observar nos diálogos abaixo:

“/Cravo: Essa questão do machismo me lembrou de que lá em Mauá, você vê que tem uma mulher que é feia, mas feia de matratada, de acabada, sabe? Sabe aquele homem que acaba com a mulher? Ela largou ele, e olha a mulher com um sorriso, ela é linda demais, sabe aquelas transformações de televisão? E fica aquelas mulheres falando que ah porque homem é presente de Deus, presente de Deus nada gente é ILUSÃO. Todo mundo fica de boca aberta com a transformação dela. E diz que não vale a pena, não vale o /.../. Muitas mulheres passam por isso, muitas, de abuso não só físico, mas psicológico mesmo, de dizer que ela não fica tão bonita assim, que a mulher não vai achar um cara melhor do que ele e tal. E até em questão mínima, dentro de casa, porque a mulher tem que fazer comida? Tá, se o homem trabalha e a mulher está em casa e não trabalha, tudo bem, se fosse o contrário também. Mas sendo os dois trabalhando, porque a mulher tem que chegar em casa e fazer a janta? Porque a mulher tem que chegar em casa e lavar a roupa? Lá em casa a gente tá pegando isso como experiência esses dias. E as meninas estão vindo me cobrar o porque que eu não lavo as roupas do meu marido. Se eu to lavando a de todo mundo, o que custa lavar a dele também. E eu to: custa MUITO, custa que meu tempo é precioso e os tempos de Amélia já acabaram.
 - Colônia: NOSSA demais, isso tá direto no nosso dia a dia.
 - Cravo: Por isso que temos que nos fortalecer e dialogar sobre essas coisas”. [...]

[...] “- Jabuticaba: Eu fui saber o que de fato era ABUSO, já era adolescente.
 - Pesquisadora: Pois é jabuticaba, temos diversas maneiras de conversar sobre isso em todas as idades, né?”

Quadro de Falas 12: Questões de machismo e abuso sexual e o papel da Educação.

Questões como assédio sexual, entre outros são temáticas necessárias, não apenas para as mulheres, que na maioria das vezes são vítimas desse tipo de crime, mas principalmente para os homens que frequentemente cometem essa violência. Esses diálogos reforçam a importância da abordagem dessas temáticas pela escola, tendo o Ensino de Ciências uma importância fundamental nesse processo, mas não única, é necessário essa abordagem por outras disciplinas também. Ademais, essa fala da educadora nos traz uma importância de criar espaços como esse dos encontros, onde possamos na troca de experiências, nos fortalecer e nos instruir sobre diferentes formas de abordagens desses assuntos com as crianças em nossa prática cotidiana enquanto educadoras. E também enquanto mobilização comunitária, uma vez que no local muitas famílias possuem apenas mulheres como provedoras do lar.

Outras temáticas foram suscitadas com a leitura desse depoimento, como a relação dos animais com o clima, ou seja, animais que aparecem com a chuva e o sol. Ou seja, uma espécie de previsão do tempo popular. É o clássico caso da cigarra que antecede o sol ou chuva, e do sapo e da perereca que antecede a chuva. Assim como o desenho de um sol no chão para parar a chuva, ilustrado no texto da Conceição que também é realizado por elas. Como podemos observar nas falas abaixo:

“- *Chaya*: Para surgir o Sol, minha tia fazia muito, para surgir, ela pegava um toco, um toco que tinha no quintal, uma árvore cortada aquele toco, ai ela colocava flores, vários tipos de flores, jogava farinha por cima e pedia a Santa Clara para clarear o dia e fazer surgir o Sol. E até hoje eu faço isso, me lembro até hoje, essa minha tia morreu com câncer.

- *Jabuticaba*: E funcionou? Desenhar o sol no chão eu me lembro.

- *Chaya*: FUNCIONA.

- *Colônia*: Eu lembro que quando tava chovendo muito que a gente ia pra algum lugar, minha mãe colocava alguma coisa no telhado para parar a chuva. Minha mãe colocava alguma coisa no telhado, não sei se era um chinelo, sei que a chuva passava mesmo. Vou perguntar para minha mãe e eu coloco no grupo. Eu lembro que minha mãe falava pra colocar, e a mulherada tudo colocava e a chuva passava. Mas o que que era agora, eu não nem lembro.

- *Jabuticaba*: Mas o sol eu lembro de desenhar. Desenhar o sol no chão (+) e geralmente era o caçula que tinha que fazer, a filha ou filho caçula, tinha que ser o caçula.

- *Pesquisadora*: E tinha alguma explicação que ela dava?

- *Jabuticaba*: Diz que desenhava o sol no chão que no outro dia ia amanhecer com sol. E eu já sabia da cigarra, que a cigarra quando cantasse a noite era porque no outro dia ia ter sol.

- *Colônia*: Eu sempre soube que se a cigarra cantasse era sol. O pessoal hoje em dia fala que quando a cigarra canta é chuva, daí eu fiquei indecisa. Mas eu falei ué gente, será que é sol ou chuva?

- *Chaya*: Quando a perereca canta, o sapo canta é chuva.

- *Jabuticaba*: Isso! Quando a perereca canta que é chuva. Esses dias eu tava lá em casa, e eu disse, pai escuta só, e era a cigarra, e realmente tava um dia chuvoso naquele dia, e no dia seguinte fez sol”.

Quadro de Falas 13: Costumes, práticas e saberes que envolvem a natureza e as mudanças do clima.

Com relação à cigarra e a chuva, ou no caso, o sol, cientistas dizem que provavelmente existe uma relação entre as cigarras e a chuva, mas nada ainda com muita certeza. Para o especialista Paulo Cesar da Universidade de Brasília, elas passaram por adaptações evolutivas que selecionaram seu período de eclosão e reprodução com o momento das chuvas, por volta de meados de outubro (MELO; PAES, 2018). Não foi encontrada nenhuma relação com o sol, apesar de nesses períodos que as cigarras costumam aparecer serem épocas mais quentes, de qualquer forma, no dia que a Jabuticaba escutou a cigarra, estava chovendo. Inclusive foi muito interessante que no final deste dia ouvimos uma cigarra cantar, e no dia seguinte realmente fez sol forte e calor.

Com relação ao sapo e a perereca, esses costumam aparecer mais quando há chuva, por conta de necessitarem estar em locais úmidos, e provavelmente com isso percebermos sua presença através de seu canto. Esses tipos de saberes podem muito bem ser abordados pelo ensino de Ciências e pela Educação Ambiental, não em uma perspectiva de embate e de invalidação do conhecimento popular, mas numa construção dialógica de como este pode vir a compreender a influência direta do ambiente no ciclo de vida dos organismos, e inclusive sua presença ou ausência naquele ecossistema ao longo do tempo, e os impactos que isso gera. Quais as mudanças no local onde moram ao longo das gerações, e se houve diferença quanto ao aparecimento de alguns animais em determinadas épocas do ano, entre outros, como o

comportamento desses animais, seu período de reprodução, quais as interações que este gera no ambiente em que se encontra. Ou seja, com essas aproximações entre o saber popular e o científico é possível propor alguns exemplos de discussões sobre a Educação Ambiental como a relação entre os desequilíbrios ecológicos e a interrupção dos chamados serviços ecossistêmicos (CAMARGO, 2017). No caso, podemos pensar na questão do sapo e de sua importância no controle populacional de determinados insetos que podem ser vetores de determinadas doenças que antes não tinham na região.

Podemos ainda observar pelas falas da *Chaya* acima uma relação de sincretismo religioso, com uma influência do catolicismo na reza para Santa Clara trazer o sol, ao mesmo tempo em que jogava farinha por cima das flores, como uma espécie de oferenda presente em culturas indígenas e africanas. Essa dimensão espiritual/religiosa das rezas, por mais que sofra influência do catolicismo, acaba por trazer uma forma de resistência à essa colonialidade cosmogônica, quando mesclada com saberes de outras matrizes, que em grande parte só conseguiram sobreviver por conta desse sincretismo. Inclusive um dos últimos encontros acabou tendo que ser remarcado, no entanto, essa educadora já se encontrava no local, então aproveitei para fazer uma troca mais direta com ela sobre sua ancestralidade. Ela é filha de erveira e benzedeira e possui como característica forte o conhecimento das ervas e das rezas para diferentes momentos.

Inclusive enquanto estava conversando com essa educadora sobre seus antepassados, ela se lembrou de vários cânticos que sua mãe cantava quando ela era pequena para dormir e contava junto com umas histórias. Neste relato da educadora que pode ser visto abaixo, encontramos um saber de resistência muito interessante vindo da linguagem. É o uso da linguagem na forma de um canto específico, como uma forma de resistência à intolerância religiosa que era contada pela sua mãe. Ela disse que quando a polícia chegava para reprimir os terreiros de umbanda, o pai de santo cantava um determinado canto (que ela no momento não se recordou como era) para avisar aos demais que a polícia estava chegando, e com isso muitos deles conseguiam fugir pela porta dos fundos, como pode ser observado pelo trecho de sua fala abaixo:

“- *Chaya*: Sim, quando a gente era criança, pra gente dormir. É ela cantava essas histórias. E outra coisa ela tem muitos cânticos antigos, até pontos de umbanda antigos, aquelas pu:::xada, sabe? Uma vez ela conta que o pessoal estava num lugar, e a polícia quando tinha as reuniões de umbanda assim, a polícia ia, raspava o cabelo e tudo. Eu até gravei, mas depois perdi o celular, não me lembro onde parou.
 - *Pesquisadora*: Como assim raspava o cabelo?
 - *Chaya*: É raspava o cabelo das pessoas. Ai o pai de Santo lá ai gritava assim (+++) um chamado assim, um cântico que ele cantava que chamava as pessoas para sair pela porta dos fundos, que ele via que tava vindo os policiais para pegar, né? Ai eles escutavam aqueles cantos, saíam pela porta dos fundos quando o policial chegava lá não via ninguém, né? E minha mãe canta esse cântico. Mas eu quero escrever, que não lembro. Ai cantava e a pessoa conseguia ir embora e fugia.
 - *Pesquisadora*: Que interessante essa forma de linguagem para tentar driblar isso né?”

Quadro de Falas 14: Estratégias de resistência à colonialidade cosmogônica através do uso de cânticos.

Isso nos demonstra um saber que é uma forma de resistência que contempla essa dimensão espiritual e religiosa, assim como uma resistência à uma violência física, e também como uma forma de manutenção de uma memória biocultural dessas cosmovisões religiosas que continuam a serem depreciadas e violentadas, caracterizando um racismo estrutural e religioso, que perpetua as formas de colonialidade. Isso acaba sendo fomentado, entre outros fatores, por uma concepção monoteísta de verdade única que vem ganhando representação na política por meio do fortalecimento de igrejas neopentecostais.

Também podemos observar durante esse diálogo as crenças com relação à aparição de alguns animais serem sinal de mau agouro, presságios ou de morte. Geralmente relacionado com pássaros pretos e com alguns comportamentos diferentes desses animais, tendo diferentes significados. Como ilustrado no diálogo abaixo.

“- *Chaya*: Tem um pássaro também que ele canta quando vai chover, e quando alguém vai morrer.
 - *Colônia*: É, diz que tem um pássaro com o rabo como uma tesoura, quando ele aparece (+)
 - *Colônia*: A primeira vez que eu fiquei sabendo que ele era assim que a minha mãe viu, ele parou e o pai dos meus filhos morreu. Depois a minha mãe viu ele de novo no mesmo lugar foi que meu pai faleceu.
 - *Jabuticaba*: É mesmo? Ele fica muito no pasto, que ele come carrapato.
 - *Colônia*: É ele fica muito ali, mas minha mãe diz que quando ele fica num ponto FIXO, que ele chama a atenção e que ele passa a tesoura, é (+++) ((movimento de cruzar o rabo, ao falar isso a educadora disse que ficou arrepiada)). Ah, é esse mesmo, o rabão dele cai e ele corta. Algumas pessoas falam que ele é o corvo da morte, tem gente que fala o corvo da morte.
 - *Jabuticaba*: parece um corvo mesmo.
 - *Colônia*: É, mas que o corvo não é característico daqui.
 - *Chaya*: Tem o branco também, o anu branco. O canto dele que quando vai chover, a gente sabe o canto dele como é que é. Quando o tempo tá para chover é um tipo de canto e quando alguém vai morrer é outro. E a direção que ele tá cantando, por exemplo, ele vai pra lá, começa a cantar, cantar, cantar, um canto meio triste é de morte.
 - *Pesquisadora*: Ah, então é o anu branco que canta para morte e para chuva.
 - *Colônia*: É esse eu nunca vi.
 - *Mamão*: Quero quero também, tem um tal de gavião cova que quando ele canta é agouro. Se cantar muito, daqui a pouco anuncia a morte de alguém.
 - *Chaya*: Falam que a coruja também é agouro, para a gente lá não é não.
 - *Jabuticaba*: Depende do lugar, se for um lugar que é comum aparecer, não é morte, agora que se não for comum aparecer e cantar...”

Quadro de Falas 15: Crenças relacionadas à aparição de determinados animais à presságios.

Inclusive a Jabuticaba percebe ao final, que provavelmente essa crença acabe variando de região para região, de acordo com a ocorrência desse animal em uma localidade ou não. Ou seja, se antes não aparecia e começa a aparecer e cantar pode ser um sinal ruim para aquela determinada comunidade. Talvez esse aparecimento das aves em um local que não frequentavam anteriormente possam indicar uma relação com um desequilíbrio ambiental do local, ou simplesmente pela degradação do ambiente no entorno que o forçou a buscar alimento em outras localidades, uma vez que as aves são excelentes indicadores ambientais. Além, claro, de serem dispersoras de sementes, ajudarem no controle de pragas ao se alimentar de insetos, e até no combate de doenças, se alimentando de vetores. Nessa própria percepção da educadora sobre a significação do pássaro estar relacionado com a morte (se aparece em um local que não é comum ele ocorrer) podemos observar uma memória biocultural por trás da razão que poderia ter mantido essas crenças por parte da identidade cultural das comunidades. Sendo assim, a lenda apareceria como um recurso para alertar a população daquele local quanto à uma possível ameaça a vida delas. Quiçá essa relação indique simbolicamente uma morte de seu meio de subsistência resultante da degradação ambiental que talvez esteja afetando o local.

A educadora Jabuticaba ainda ao relatar sobre sua ancestralidade e sobre sua mãe, disse existir uma relação entre a mulher estar grávida e a serpente “quebrar”, que foi não só confirmada com as demais educadoras, como também foi acrescido de outras histórias relacionadas com essa. Como podemos observar no trecho abaixo.

“- *Jabuticaba*: [...] Ai eles iam lá visitar minha mãe e num dado momento ela pulou uma valinha lá pra pegar uma fruta, aí uma prima dela veio e falou, você está grávida? Não, casei recente, tinha dois meses de casado. Ai ela, não você está grávida sim, vem cá ver. No que ela pulou uma valinha, tinha uma cobra, e a cobra partiu no meio. Ai ela o que que é isso? Ai a prima disse você está grávida. Você pulou a cobra.
 - *Pesquisadora*: Mas como assim a cobra, literalmente quebra?
 - *Jabuticaba*: Quebra, ela fica quebrada, ela se entorta e fica.
 - *Cravo*: Ela não parte no meio não.
 - *Mamão*: Diz que ela dá a volta e vai embora também, se a mulher tiver de barriga.
 - *Jabuticaba*: No caso pra picar né?
 - *Mamão*: Aham.
 - *Cravo*: Ela consegue “faca que amarra cobra”. A gente chamava de faca de amarrar cobra. Se a mulher grávida ver uma cobra e ela der um nó na blusa, ela não precisa nem passar perto não. Se ela ver a cobra e ela der um nó na blusa, a cobra não sai do lugar.
 - *Jabuticaba*: Essa eu também já ouvi. E realmente, minha mãe casou em Dezembro, meus irmãos nasceram em Setembro, tava grávida mesmo. E são coisas assim, que a gente ficava até mas como assim, ela se quebra, mas ela não rompe, ela se quebra e fica toda torta lá. Se morre também não sei, não perguntei. Mas acho que não, ela só fica paralisada ali, meio torta.
 - *Cravo*: É acho que não morre não. Hoje nem tanto, mas antigamente se matava muita cobra né? MUITA. Então quando alguma grávida via a cobra, dava o nó na blusa e esperava alguém vir matar. Interessante né?”

Não conhecia histórias como essa relacionando mulheres grávidas com serpentes, apenas conhecia a história da “cobra que mama”, característica de alguns locais do Brasil, como encontrado por Camargo (2017) em seu trabalho com a comunidade do Vale do Jequitinhonha. No entanto, aproveito para destacar algumas temáticas interessantes para a Educação Ambiental que essas histórias trazem, como características gerais das cobras e a diversidade das que são encontradas na região, a importância ecológica desses animais, a identificação de cobras peçonhentas e cobras não-peçonhentas, impacto da destruição da mata nativa e a proximidade desses animais de regiões com ocupação humana, entre outros. Também podemos visualizar temáticas importantes, além das já mencionadas anteriormente, para o Ensino de Ciências, como a compreensão da gravidez e todos os cuidados que precisamos ter nesta fase, e que isso não nos confere uma aparente “proteção” contra as serpentes, sendo sempre bom evitar que as mulheres grávidas fiquem próximas de serpentes.

9.1.3. Subcategoria 3: Outros resultados relevantes

No encontro relativo à Ancestralidade, elas me disseram que a palavra remetia apenas a “pessoas que vem antes da gente” e a Jabuticaba me falou que ela “gostaria de lembrar algo bom, mas só remetia a tristeza e a algo que ela não faria igual”.

“Pra mim, quando fala dos meus ancestrais, eu gostaria de dizer nossa foram pessoas maravilhosas que representaram muita coisa, que me ensinaram muita coisa. Eu não posso dizer isso, mas de tudo de que eu passei, foi de não replicar, pra não ser uma pessoa agressiva, ser uma pessoa mais calma possível, colocar esse energia em outra coisa, talvez no fato de eu ser uma pessoa brincalhona, talvez seja um refúgio que a gente tem. Porque quando a gente pensa em ancestrais, pensa em uma coisa muito boa, né? Aquilo que vai te trazer conhecimento, uma genética MUITO boa”.

(Educadora Jabuticaba)

Quadro de Falas 17: Ancestralidade e interpretações.

De fato essa educadora relatou experiências muito fortes de maus-tratos quando criança pelos pais e avós, sem justificativa aparente e muito preconceito pelo fato de sempre ter um peso acima do que é considerado “normal” para um padrão de beleza imposto por uma sociedade machista que regula mais uma vez nossos corpos como forma de dominação, principalmente se esses corpos são pobres, negros e femininos.

Além disso, ao falar sobre a ancestralidade ser uma “coisa muito boa”, me fez questionar e refletir o quanto uma ancestralidade, em sentido mais amplo, que foi negada, apagada e sistematicamente destruída ao longo de séculos, tanto de forma econômica, social como moral, poderia vir a ter em sua memória coletiva uma conotação positiva.

Podemos perceber ainda em sua fala, uma ideia de ciência, relacionada com uma colonialidade do ser, como se sua ancestralidade restringisse apenas à genética e características que segundo ela não seriam muito boas. No entanto, se existem características muito boas, quais seriam essas, e ainda, quais seriam as muito ruins? Será que aqui ela se refere a uma genética caucasiana em detrimento da de negros e indígenas. Isso me remete a importância do ensino de ciências em discutir essas temáticas como o racismo científico e a subjugação dos colonizados com base em características fenotípicas e como isso se perpetua nos padrões de beleza atuais.

Ainda na temática de Ancestralidade, a educadora Jabuticaba relatou a partir do texto da Conceição Evaristo que seu pai aprendeu em um pedaço de pedra e com um bastão de grafite, nos ilustrando a situação de precariedade da época, já que seu pai possui 82 anos atualmente. Podemos observar isso em sua fala abaixo:

“- *Jabuticaba*: O relato da Conceição é muito forte é muito interessante. Eu lembro que meu pai conta, dele falar que usava pedaço de pedra e escrevia na pedra. Era um bloco de pedra que os alunos recebiam e um bastão de grafite e eles aprendiam ali. Fazia tabuada e tudo.
 - *Pesquisadora*: Nossa que interessante Jabuticaba e seu pai estudou onde?
 - *Jabuticaba*: Não me lembro, vou perguntar a ele.”

Quadro de Falas 18: Saber ancestral sobre a escola antigamente.

No entanto, conversando depois com a educadora ela confirmou com seu pai e ele disse que estudava em Pau Grande, um bairro em Magé, e tinha 8 anos quando ainda aprendia em um pedaço de pedra e com lápis de pedra. Esse local é característico de zona rural e segundo eles só as escolas mais para o lado de Piabetá tinham uma estrutura um pouco melhor, sendo menos precárias. O lápis de ardósia utilizado na escrita sobre a placa de pedra (ardósia) era característico das escolas do início do século XIX, segundo Barra (2013) pelo baixo custo, apesar de seus inconvenientes de ser pesada, dura, fria e difícil de carregar, somado aos inconvenientes do lápis de ardósia, que inclusive irritava os dedos. Isso nos remete à um histórico da educação pública no Brasil, veiculada à um maior descaso das autoridades sobre as escolas rurais e do interior.

A educadora Cravo relatou que sua mãe “demorou para acordar pra vida” se referindo a dar um basta no relacionamento abusivo que tinha com seu pai, ela só o fez quando a Cravo tinha 17 anos. Ela relata que sua mãe começou a trabalhar na casa de uma moça e com esse trabalho ela conseguiu construir sua casa, aonde a educadora depois viveu com seus irmãos. Isso pode ser visto em sua fala abaixo:

“Que por um lado foi através da Igreja que ela despertou, que ela entrou pra Igreja, se batizou e tal, e na época a Igreja deu esse apoio pra ela, e foi ai que ela despertou, e começou a trabalhar, a trabalhar, e ai meus irmãos já eram maiores e começaram a enfrentar meu pai. Então toda vez que ele bebia que chegava em casa querendo agredir a gente, meus irmãos enfrentavam. E todo mundo falando você vai deixar isso ir até quando? Até pai matar filho e filho matar pai. E foi até um dia que a coisa foi bem séria mesmo, ela resolveu dar um basta. Só que assim, ele não saiu de casa, que ela trabalhando ela conseguiu que a patroa ajudou ela a construir a casa e tal, e ela não tinha força pra mandar ele sair. Daí nós saímos de casa e fomos pra casa da minha avó. E assim, onde era a casa da minha mãe e a casa da minha vó era perto, a gente mal podia entrar pra gente pegar roupa pra poder tomar banho, porque ele não deixava a gente entrar. Daí na época, tinha um grupo desses caras ai, que eles não achavam justo minha mãe passar por uma situação dessas. Daí teve um dia que eles entraram a noite e expulsaram meu pai. Daí ele foi bater na casa da minha vó pedindo pra minha vó deixar ele entrar. E minha vó dizia, não aqui você não entra. Ai ele, mas eles vão me matar, me matar, me matar. Ai minha vó, mas aqui você não entra. Ai foi que ele saiu, ele fugiu. Ai os rapazes foram dar o recado pra minha mãe, pra mandar ela voltar pra casa dela, porque a casa é dela e não é dele não. Ai que a gente voltou pra casa e voltamos a ter sossego, a viver direito, porque ela já trabalhava direitinho e meus irmãos também já trabalhavam e ajudavam ela. E foi ai que as coisas começaram a melhorar, mas até então, era perrengue em cima de perrengue. Daí ele veio aqui pra Suruí, ficou morando aqui em Suruí, numa casinha ali, ai depois de um tempo ele morreu”.

(Educatora Cravo)

Quadro de Falas 19: Interferência da comunidade na vida pessoal da educadora.

Interessante observarmos em sua fala acima, o quanto a comunidade interviu em sua vida pessoal, ajudando sua mãe à retomar aquilo que era por direito dela, nos revelando uma organização e mobilização visando proteger os membros da comunidade, nos trazendo uma relação de coesão social entre esses indivíduos. Isso também nos revela a construção de um poder paralelo ao Estado que assume a ação da polícia, quando essa não chega. Magé inclusive é conhecida por uma política de coronelismo, podendo ser percebida inclusive na mudança do nome de várias escolas, para nomes de representantes da família que se perpetuou no poder por décadas lá. Outro ponto interessante é o papel que as Igrejas possuem nessas comunidades, que delatam uma ausência do estado em promover diferentes políticas públicas, seja de amparo e assistência, assim como de lazer e inserção social, muitas vezes não obtida de outra forma que não seja pela religião. Essa educadora ainda ao falar sobre o quanto seu pai era complicado, nos revelou que ele, além de ser pescador, também trabalhava em outras atividades para complementar a renda, inclusive fabricando armas para a polícia, como podemos ver no trecho abaixo.

“- Cravo: [...] Só que outra pessoa de fora, que chegasse e falasse ah fulano to precisando disso e disso, na MESMA hora. Pra você ter ideia, ele tinha maior conceito com os policiais de Suruí e de Mauá. Porque fora da delegacia, os policiais vinham e pediam pra ele fazer arma, e ele fazia a arma todinha.
- Pesquisadora: Ele fabricava a arma?
- Cravo: Ele fazia, ele ia no mato, ele sabia qual a madeira que ele tinha que tirar para fazer o cabo, fazia e dava montadinha e tudo. O meu nome é por conta de um policial de Mauá, olho pra ele e me dá um ódio. Ele era assim com meu pai, super amigos e quando eu nasci meu pai queria me dar a ele pra batizar, só que mãe não deixou. É a única coisa que eu lembro que me falam que minha mãe teve pulso firme. Mas ai foi e colocou o meu nome igual o dele”.

Quadro de Falas 20: Saberes ancestrais que permitiram a sobrevivência.

Isso nos sinaliza o quanto seu pai possuía conhecimentos sobre o tipo de madeira e onde encontrar, ainda sobre a pesca e como pegar mais peixes quando esse estava em baixo número, que nos reflete um saber sobre a utilização da natureza, sobre o ambiente e o território local peculiares. Por mais que não fosse utilizado de forma a beneficiar as pessoas, mas de certa forma numa perspectiva de sobrevivência.

Essa mesma educadora ainda nos disse de outra “habilidade” de seu pai, a construção de telhados de sapê para as casas. Antigamente, como relatado pela Mamão, as casas de Mauá, localidade que a Cravo mora, eram em sua maioria de sapê. Isso surgiu quando foi comentado sobre os banhos antigamente, que eram realizados com bacias e no quintal para se esquentar a água com o sol, como podemos observar na fala abaixo.

“- *Mamão*: Antigamente os banhos eram de bacia, tomava no quintal. Enchia a bacia, colocava no Sol pra esquentar, botava no alto ou pra tomar banho de caneco, as vezes entrava dentro da bacia.
 - *Pesquisadora*: Mas dentro da casa ou do lado de fora?
 - *Cravo*: Às vezes no quintal, às vezes no banheiro. Tomava pelada mesmo, atrás da casa, na bacia, mas criança mesmo.
 - *Jabuticaba*: Eu tomava banho dentro do tanque, AMAVA.
 - *Chaya*: A maioria das casas era de sapê naquela época.
 - *Cravo*: De pau a pique isso.
 - *Mamão*: Ali na estrada de Mauá, a maioria das casas eram tudo de sapê.
 - *Cravo*: Meu pai que fazia, meu pai era especialista em fazer telhado de sapê. Ai quando tinha sítio, ele fazia aqueles caramanchão, que falava né? Na beirada das piscinas. Meu pai que fazia.
 - *Pesquisadora*: Você chegou a aprender com ele?
 - *Cravo*: Ah, um bocadinho de coisa eu aprendi, você acha que minha curiosidade vem da onde? Monte e desmonta e refaz?”

Quadro de Falas 21: Panorama das moradias do local antigamente.

Outro dado muito relevante foi o trazido pela educadora Jabuticaba no encontro sobre Ancestralidade onde acabou comentando sobre sua mãe e como ela foi parar na região quando era pequena devido à um conflito socioambiental no Leblon, como ilustrado no trecho abaixo:

“- *Pesquisadora*: Sua mãe não nasceu em Rio das Ostras não né?
 - *Jabuticaba*: Não, isso foi recente. Minha mãe nasceu no Leblon, no rio, na Carioca, tipo em casas de palafitas. Daí aconteceu aquele incêndio, muito entre aspas, que não foi explicado e expulsou todo mundo de lá. Ai hoje são os prédios grandes.
 - *Pesquisadora*: Sua mãe tem quantos anos?
 - *Jabuticaba*: Minha mãe tem 72 anos. Ela era criança ainda.
 - *Pesquisadora*: Eu perguntei por conta de pesquisar sobre os incêndios, da data e tal.
 - *Cravo*: Eu também já escutei muito sobre isso”.

Quadro de Falas 22: Conflito socioambiental de moradia relacionada à especulação imobiliária no Leblon, Rio de Janeiro.

A mãe dela nasceu e morava na praia do Pinto, no Leblon, em casas de palafitas na parte baixa da favela e quando pequena veio para Piabetá, Magé. Ao conversar depois com a educadora ela confirmou com sua mãe que disse vir com 7 anos, ou seja, em 1955, um ano antes dos incêndios “misteriosos” que expulsaram os moradores da Praia do Pinto, devido à especulação imobiliária do local. Inclusive a Jabuticaba confirmou que sua avó chegou a ser chamada para morar nos conjuntos habitacionais “Cruzada São Sebastião” que estavam sendo construídos para a remoção da população que habitava a favela da praia do Pinto, porém ela preferiu vir para Piabetá onde parentes souberam que estava sendo feito uns loteamentos na época.

Segundo Brum (2012), a Praia do Pinto era uma das maiores e mais tradicionais favelas cariocas, localizada no bairro nobre do Leblon, ocupando uma área em plena expansão imobiliária de apartamentos para a classe média. Ela passou por várias tentativas de remoção ao longo dos anos, que culminou em sua extinção por um incêndio na madrugada do dia das Mães de 1969. A desculpa do estado era promover socialmente as famílias “faveladas” transformando-as de invasoras em donos de casa própria, levando a formação de um novo tipo de cidadão, limpo, integrado ao sistema e dotado de bons hábitos morais (BRUM, 2012). Para isso era necessário a estigmatização desses ambientes como nocivo, algo que já vinha sendo construído. Brum (2012) ainda nos fala que de acordo com uma matéria do Jornal do Brasil de 1969, a favela surgiu a partir de pescadores e operários que trabalharam na construção do Jóquei Clube do Brasil, e que tiveram permissão de se instalarem por volta de 1910. A Praia do Pinto era um “grande cartão de visitas” do programa de remoção de favelas, promovido pela ditadura militar e pelo Estado da Guanabara (BRUM, 2012).

Isso não quer dizer que a avó da educadora já não estava percebendo o clima que antecedia o aviso da expulsão, até porque sua avó tinha uma quitanda na favela, ou seja, uma fonte de renda lá, além de vender pastel no clube do Flamengo. Inclusive o conflito socioambiental se apresenta de diferentes formas e em diferentes fases, sendo a ação de enfrentamento, com a expulsão de fato pelos incêndios apenas uma delas, que é antecedida pela ameaça de despejo e/ou de retirada do local. A educadora também relatou que sua avó ainda chegou a plantar vários legumes e hortaliças em Piabetá e levarem para vender na Praia do Pinto, antes de efetivamente se mudarem para Magé.

Embora o conflito socioambiental que tenha surgido não foi da localidade de Magé, ele é um importante dado para a história do estado do Rio de Janeiro como um todo e sua segregação e urbanização, onde muitas vezes esses locais afastados, mais periféricos também são formados por pessoas que são expulsas dos grandes centros urbanos. Além disso, ela veio

“fugindo” de um conflito socioambiental com relação à moradia, o que sugere certa naturalização com relação aos conflitos socioambientais experienciados no próprio território, como foi no caso da pedreira relatado anteriormente.

Para melhor visualizar os resultados levantados durante esse período antes da pandemia, organizamos no quadro abaixo uma síntese das experiências pessoais na qual identificamos os conflitos socioambientais, dos saberes ou estratégias de resistência à esses e das sugestões de temáticas que podiam serem abordadas pela Educação Ambiental (EA) e o Ensino de Ciências (EC).

Experiência pessoal	Conflito socioambiental	Saberes de resistência	Sugestões de abordagem no EC e EA
Lembrança dolorosa da Cravo com o pai	Pescadores e a Baía de Guanabara	Pesca cercada como alternativa a baixa de peixe, conhecimento do território e dos ciclos naturais	<ul style="list-style-type: none"> - Possíveis causas da baixa de peixes na região. - Classificação desses animais e importância no equilíbrio do ecossistema. - Problemas sociais decorrentes da degradação de ecossistemas. - Comunidades tradicionais (caiçaras) e preservação de ecossistemas - Pesca industrial e a destruição biocultural da localidade
Barulho vivenciado durante o encontro e conversa com Mamão	Pedreira (mineração) e acesso à água	Conhecimento territorial na busca de outra fonte de água	<ul style="list-style-type: none"> - Importância da água pra vida, ciclo da água. - Reservatórios de água doce no mundo e sua poluição. - Problemática da privatização da água - Tipos de rochas e a mineração.

			- Impactos da mineração e crimes ambientais como de Mariana e Brumadinho em Minas Gerais.
História contada pela mãe da Cravo sobre vendaval e queda da jaqueira	Moradia em áreas de preservação (manguezal), extração de madeira e catadores de caranguejo	Difícultar o acesso ao local, uso do conhecimento do território	- A importância dos manguezais no equilíbrio dos ecossistemas. - Emergências climáticas e seus impactos na localidade.
Chegada da mãe da Jabuticaba à Magé	Moradia e despejo da Praia do Pinto	Saída prévia do local	- Reformas sanitárias e urbanas: a ciência higienista. - Problemática de construções em ecossistemas de lagoas e rios: assoreamento e inundações. - Urbanização e poluição ambiental.

Tabela 4: Apanhado geral dos resultados encontrados antes da pandemia e suas relações com os saberes ancestrais e de resistência, os conflitos socioambientais e as potencialidades para a abordagem no Ensino de Ciências.

9.2. RESULTADOS PANDÊMICOS

Para o levantamento desses resultados foram enviados áudios através das redes sociais para as educadoras que participaram das oficinas envolvendo as três perguntas centrais mencionadas anteriormente.

Apenas uma das educadoras conseguiu retornar na forma de áudio e por isso, apenas ele foi transcrito. Com as demais educadoras, algumas retornaram na forma de ligações, outras em trocas de mensagens, algumas que consideramos relevantes transcrevemos para o presente trabalho. Por isso utilizaremos da autoetnografia para a escrita desses resultados, assim como para a escrita de questões observadas a partir de anotações feitas durante as reuniões que foram retomadas, a partir de setembro. Essa questão de não conseguirmos nos

reunir virtualmente, devido à falta de acesso às tecnologias e a rede de dados, já nos mostra uma diferença social no acesso à tecnologia presente nessa comunidade.

Durante as conversas com as educadoras sobre esse contexto de pandemia, pude vivenciar momentos extremamente complexos e desafiadores, de agonia e impotência. Complexos e desafiadores porque também estava passando por questões pessoais nesse período e queria poder ajudá-las mais de perto, mas a distância tornava inviável essa forma de ajuda, até porque fazer esse deslocamento (Niterói, onde moro, para Suruí) significava me colocar em risco e aos meus familiares, assim como elas e toda comunidade.

Ao mesmo tempo, essa distância acabou por ilustrar a diferença de classe existente entre nós, que muitas vezes pelo cotidiano não achamos que seja tão assimétrica, mas quando vivenciamos situações como esse contexto pandêmico, vemos que por mais próximo que seja a classe social que me encontro da delas, ainda há um abismo enorme, quiçá quando comparado aos demais níveis de nossa sociedade. Isso se materializava na agonia por ver que elas estavam contraindo o vírus e todas as condições que pioravam a disseminação ou evolução dele. E momentos de impotência, pois os sistemas de saúde mais próximos às suas residências pediam para elas retornarem, mesmo diante dos sintomas mais graves da doença. Se para todos nós, professores e pesquisadores privilegiados, esse momento pandêmico tem sido difícil, imagine essa dificuldade mais do que triplicada para quem as condições de sociovulnerabilidade são mais intensas.

Iremos organizar os relatos das educadoras de acordo com as três perguntas mencionadas anteriormente. Essas sustentaram a organização desses resultados em três momentos: 1) compreensão sobre a mudança como um todo em suas rotinas e o impacto dessas em suas vidas; 2) a observação delas quanto ao comportamento da comunidade como um todo; e por último 3) como foi o acesso à assistência médica e como elas lidaram com essa doença e com esse momento.

9.2.1. Primeiro Momento

É muito difícil mensurar os impactos que essa pandemia trará para a nossa sociedade, mas de uma coisa temos certeza ela trará sérios danos para aqueles que normalmente já são mais afetados, a classe mais baixa. E definitivamente um dos mais cruéis e injustos é a perda de milhares de vidas, principalmente de vidas que em nossa sociedade necrófila (afinada com a necropolítica) possuem menos valor e por isso são “descartáveis”.

No relato da educadora *Cravo* podemos observar que um dos momentos mais difíceis dessa pandemia para ela foi:

“ [...] ver pessoas queridas morrerem, sabe pessoas que você vê todo dia, e você não poder nem se despedir, nem ir ao enterro delas, sabe? Fora, quando você acha que é você que vai se despedir também, ou meu marido, no caso”.

(*Educadora Cravo*)

Quadro de Falas 23: Dimensão dos impactos da pandemia na vida da educadora.

Essa educadora além de ter contraído a COVID-19 teve seu marido em estado bem grave, com complicações da doença. Ele ficou em torno de 1 mês em estado grave, sendo levado quase todos os dias ao hospital por ela, uma vez que ele não melhorava. Os sintomas como falta de ar intensa, além da febre e da tosse persistiam, no entanto, os médicos diziam pra eles voltarem porque não tinha o que fazer. Se não fosse pela insistência da educadora em refazerem o teste (que já tinha dado negativo) e para fazerem uma tomografia, o caso dele podia não ter tido um final feliz, pois ele já estava com uma pneumonia forte decorrente da COVID-19.

Provavelmente esse momento difícil vivenciado e relatado pela *Cravo*, se estende para todas as pessoas que durante esse período perderam parentes ou amigos devido à esse vírus. No entanto, a forma e a proporção com as quais essa atinge as diferentes camadas sociais são completamente desiguais. Essa pandemia se iniciou no Brasil, trazida pelas pessoas das classes mais altas que realizaram viagem ao exterior, e ao encontrar a estrutura social de desigualdade extrema no Brasil, encontrou as condições propícias para se alastrar, atingindo as classes mais baixas, de forma a gerar muito mais mortes nesse segmento.

Vários são os fatores que contribuem para isso, como um maior número de moradores por domicílio, o acesso à água tão necessária a higienização, às vezes não existe ou não é constante, e a insegurança econômica estimula a saída de casa para obter dinheiro. Além disso, quando alguém é infectado, o sistema público de saúde é a única alternativa, e em algumas cidades já está saturado para tratar casos graves. Além do mais, o número de leitos de UTIs na rede pública, por 10 mil habitantes, é quase cinco vezes inferior ao da rede privada (LUPION, 2020).

Outra fala dessa mesma educadora nos demonstra a consequência desigual dessa pandemia para a população de maior vulnerabilidade social.

“- *Cravo*: [...] Assim não é fácil cuidar da pessoa com o vírus, porque eu não podia me afastar, eu tinha que cuidar. E meu marido desse jeito também, é uma coisa que é interessante ((risos)) que eu fico falando pra ele, vem cá coronavírus, vem?! Porque a gente não teve essa questão de isolamento, porque aqui em casa não teve como fazer, como que faz isolamento numa casa pequena? Que da sala já tá no quarto e na cozinha? Dele ficar isolado completamente dentro do quarto, né?! Até porque eu tinha que me aproximar dele, porque tinha dia que nem banho ele conseguia tomar, então eu tinha que ajudar ele a tomar banho”.

Quadro de Falas 24: Dimensão dos impactos da pandemia na realidade de infraestrutura física das pessoas.

Embora essas medidas sanitárias de prevenção sejam fundamentais para evitar a disseminação do vírus e a propagação da pandemia, acaba se tornando um paradoxo para uma população que sabe o que precisa ser feito, mas não consegue fazer, pois não possui a infraestrutura necessária para realizar. São nesses momentos que vemos a desigualdade latente. E infelizmente não foi apenas essa educadora que ou contraiu o vírus ou teve parentes que moram juntos com a doença. A *Colônia* precisou cuidar de seu sobrinho pequeno, quando ambos os pais tinham contraído a doença e precisaram ficar no hospital, e por mais que tomasse todo cuidado, sua filha adolescente acabou contraindo o vírus e ficou internada por conta de complicações decorrentes das COVID-19.

Essa pandemia acabou se tornando um forte indicador da desigualdade social no país, sendo um sintoma clássico de uma necropolítica, que dita quem vai viver e quem vai morrer. Ainda mais por ter em seu cerne a degradação ambiental (LAYRARGUES, 2020) gerada por uma lógica de desenvolvimento única, extrativista e exploratória da natureza e das relações humanas visando uma lógica mercadológica de lucro. Não é à toa que podemos observar todo o mercado que tentou lucrar nesse contexto pandêmico, exemplificado na saga aos respiradores (aparelhos), às máscaras, ao álcool gel, entre outros itens necessários no combate ao vírus. Assim como o mercado relacionado indiretamente com a pandemia como o aumento na procura por computadores, fones de ouvido, câmeras e internets com pacotes de maior velocidade, necessários à adaptação do trabalho em casa. E a maior corrida de todas, a farmacêutica pela busca da vacina.

Numa situação pandêmica como essa, a falta de condições materiais básicas para a prevenção, assim como para o atendimento e tratamento necessários serem negligenciados ou sucateados nessas localidades (algo característico de uma necropolítica), somado à um racismo ambiental já existente, a vários conflitos socioambientais locais, injustiças socioambientais e a um histórico de ecogenocídio acabam por elucidar um macro conflito socioambiental local em relação à saúde humana e todos os recursos básicos necessários à ela, como água, terra e ar livre de contaminação. E para Quiñonez (2018) são exatamente esses

fenômenos de destruição, de extinção da vida e da cultura, de agressão e espoliação histórica e permanente dos direitos que se configuram territórios de ecogenocídio. Ou seja, a pandemia teria corroborado para o surgimento de um conflito socioambiental macro neste local com relação ao acesso à saúde e a que tipo de saúde favorecemos nesse modelo de sociedade que vivemos.

A educadora *Jabuticaba*, em sua fala nos traz outra dimensão da pandemia:

“[...] o abalo emocional que eu tava passando estava tão intenso que eu estava fazendo mal para os meus próprios familiares. Só conseguia pensar quando não estaria colocando mais eles em risco”.

(*Educadora Jabuticaba*)

Quadro de Falas 25: Dimensão dos impactos emocionais e psicológicos da pandemia na vida das pessoas.

Essa fala nos exalta os efeitos psicológicos e emocionais que esse momento gera à nível mundial, mais ainda para quem não possui as condições materiais básicas necessárias para se prevenirem. Uma vez que nossas vidas ou de quem amamos se encontra ameaçada, o sinal de alerta gera um stress constante e interminável. Além disso, essa educadora pela sua condição de saúde se encontra no grupo de risco, e ainda vive no mesmo local que seus pais que são idosos. Essa tensão é aumentada, pois o terreno de sua casa é dividido com o irmão que simplesmente nega a pandemia e o vírus, e com sua cunhada que é da área de saúde e está diretamente na linha de frente de combate a COVID-19.

Esse paradoxo ilustrado na fala da educadora só vem demonstrar que ainda é necessária uma formação para o reconhecimento do outro como parte de si, do viver em comunidade. As formas de colonialidade de ser, poder e saber fomentadas por um sistema individualista blindado e competitivo, ainda se encontram tão latentes que faltam valores de formação humana, de cuidado com o próximo, de partilha, de colaboração. E esses valores podem ser trazidos por outras cosmologias e cosmovisões que possuem um respeito e conexão com a terra e a ancestralidade, de empatia, de respeito e de interdependência. Inclusive esse individualismo exacerbado talvez seja fruto de uma visão única imposta de viver de forma “civilizada”, que nega qualquer conexão com a terra, com a dimensão espiritual, com a natureza e com os outros seres, perpetuando-se as relações de colonialidade cosmogônica (WALSH, 2009). Esse senso de coletividade e de pertencimento ao território é algo que também é muito caro à Educação Ambiental Crítica. Ainda é importante frisar que digo aqui de uma dimensão espiritual e religiosa que não está pautada em um falso messianismo que usa o nome do divino para defender seus próprios preconceitos e padrões.

Existe um negacionismo científico e uma bolha social de interesse do mega capital em retomar à todo custo as atividades, mas que não reconhece seus privilégios, e tende a culpabilizar o mais pobre pela falta de consciência ao fazer filas gigantescas na Caixa Econômica Federal para conseguir retirar míseros R\$600,00 de auxílio emergencial (mesmo assim periga ser suspenso). Esse por mais que pareça não é um favor do Estado, é o mínimo que poderia ser feito, especialmente neste atual desgoverno que está sistematicamente contribuindo para o agravamento dessa pandemia de inúmeras formas. Seja menosprezando a gravidade dessa levando à milhões de mortos, seja pela diminuição de verbas destinadas à saúde, ciência e educação, ou pela negligência, descaso e estímulo à destruição ambiental e degradação de ecossistemas, pela flexibilização da legislação e desmonte dos órgãos fiscalizadores, assim como o ataque direto aos que mais protegem o ambiente (etnias indígenas). E já sabemos, segundo Layrargues (2020) que isso provavelmente não só é a origem dessa, mas de futuras pandemias. Isso sim pode ser definido como um desgoverno ecogenoetnocida (QUIÑONEZ, 2018).

A economia não pode ser mais importante que a vida, principalmente quando a vida de milhões não significa nada dependendo de quem forem esses milhões, a escolha política por quem vive e quem morre é uma necropolítica (MBEMBE, 2018) institucionalizada.

9.2.2. Segundo momento

Em relação a observação dessas educadoras com relação à comunidade, percebemos pelo relato delas a falta de consciência e negação do atual contexto, com a realização de festas com aglomerações de pessoas, à não utilização de medidas de segurança, e sem o cumprimento do distanciamento físico.

“Como se nada tivesse acontecido, acho que a pior parte vai vir agora com esse relaxamento todo”.

(Educadora Cravo)

Quadro de Falas 26: Dimensão da pandemia para a comunidade segundo as educadoras.

Ao observarmos esse relato acima da educadora *Cravo* podemos perceber que o descumprimento das orientações de saúde para esse momento vem ocorrendo em todos os estratos sociais. Mas vale lembrar que os estratos sociais mais altos possuem uma responsabilidade muito maior, uma vez que possuem acesso fácil ao conhecimento e as condições materiais para a prevenção, e não o fazem, colocando outros em risco. E o pior colocando aqueles que normalmente já são mais vulneráveis. Segundo Acciolly (2020) no

atual contexto político e de pandemia, cumprir as medidas de prevenção se tornou um caso de desobediência civil.

Ao longo de nossas reuniões também foi relatado pela educadora *Cravo*, o aumento expressivo de invasão do Manguezal local, mesmo com o policiamento e com alguns fiscais do IBAMA. Aqui podemos observar de maneira clara as consequências de uma necropolítica ecogenoetnocida com o desmonte e colapso dos órgãos de fiscalização e legislação ambiental pelo atual desgoverno, e que tem posto em risco maior nossa biodiversidade e nossa saúde. E para Layrargues (2020) essa é uma importante contribuição da educação ambiental no contexto pandêmico, uma visão de mundo do amanhã, comprometido com a dimensão ecológica e com os limites da vida na relação homem/natureza e no legado das consequências de uma política antiecologista.

Um aspecto muito positivo sobre a comunidade relatado por ela foi a cooperação comunitária dos frequentadores locais para preservar a limpeza do espaço na foz do rio Suruí, ela trabalha há anos ali, e nunca viu uma união deles para ajudar a cuidar do local. Além disso, em uma das sedes da ONG, onde essa educadora trabalha, sempre tínhamos a cerca que envolve o polo educativo sendo furtada, e pelo menos durante esse período ela ainda não foi levada.

Vou destacar a fala da educadora *Chaya* que achei muito interessante:

“Vejo que tem gente querendo sobreviver e gente que está desistindo de tentar sobreviver”.
(Educadora *Chaya*)

Quadro de Falas 27: Visão da educadora sobre o momento pandêmico atual.

Esta fala me chama atenção para o uso da palavra sobrevivência, e que é exatamente isso que estamos vivenciando, alguns pessoas estão não apenas abrindo mão de suas vidas quando não se cuidam, mas também estão colocando outras pessoas em risco nessa atual pandemia. E a resistência diária de se prevenir, mesmo quando todos à volta parecem ter deixado de lado, é uma sabedoria de persistência de vida, ou de sobrevivência ancestral, que insiste por escolher a vida, mesmo quando a morte é uma imposição. Espero que enquanto humanidade, possamos aprender com a cruel pedagogia desse vírus, segundo Boaventura de Sousa Santos (2020), que através da morte tenta nos alertar para outra forma de vida que precisamos levar, é inadmissível que algumas vidas sejam “descartáveis” pela nossa sociedade.

9.2.3. Terceiro Momento

Com relação ao último momento sobre a assistência à saúde local e à proximidade de algum tipo de atendimento médico, as educadoras se posicionaram de maneira crítica quanto aos médicos não saberem o que fazer, mas também falaram que sempre tinham atendimento, mesmo precário. No entanto, no atual momento, diante de uma nova doença nunca antes vista, os médicos no início, de fato não sabiam muito como proceder. Porém, outro fator importante de ser destacado é que os Hospitais mais próximos para os quais elas foram, se localizam à aproximadamente 40 km de onde moram, um se localizando em Jardim Primavera (município de Caxias) e outro no centro de Caxias. E esse percurso era realizado quase que toda noite por uma das educadoras que levou seu marido, enquanto ela também estava doente.

A *Cravo* ainda relatou vários tipos de remédios caseiros que ela produziu como xaropes e sucos naturais, diante da falta de medicação para ele. Nessa fala podemos ver mais claramente isso:

“E assim, pra poder cuidar dele, como a gente não tinha certeza do que dar, do que tomar, então eu corri muito, MUITO, pras coisas alternativas, então tudo que as pessoas falavam e que claro eu já conheço a respeito de ervas, de alimentação, tudo isso eu fazia. Fiz muito::::: xarope, muito:::::, teve um dia que eu fiz uns 2L de xarope, fui dando pra ele, para os vizinhos, pras pessoas da família, e coloquei agrião, e várias coisas. Teve um xarope que ajudou a gente bastante /aliás, um não, foram dois xaropes que eu fiz, um eu coloquei só o agrião, a hortelã, gengibre e mel, coloquei só isso e ele tomava, então foi fortalecendo também, ajudou bastante a fortalecer o pulmão. O outro que eu fiz foi o xarope da cebola roxa, que não é bem:::: um xarope, vamos dizer que seja uma calda, talvez, porque eu colocava uma camada de cebola roxa, colocava uma camada de açúcar mascavo, uma de cebola roxa, uma de mascavo e assim ia alternando. Então começava a sair aquela caldinho, entendeu?! Ai virava um mel de cebola, e esse mel eu dava pra ele. E foi o que foi recuperando bastante, bastante MESMO. E assim, em questão de alimentação eu passei a dar muita coisa verde, agrião, couve, essas coisas assim, eu dava bastante. A couve eu batia ela no liquidificador com laranja, com limão, dava bastante suco verde, adoçado com mel, evitava fazer o uso do açúcar refinado, usava mais o açúcar mascavo ou o mel pra poder adoçar. E assim a gente foi indo, fizemos bastante uso do inhame também, suco de inhame com limão, inhame com laranja, é:::: fazíamos canja com bastante salsa, e isso também foi que foi melhorando a imunidade né?! Porque você é o que você come, né?! Então quanto mais essas coisas pra fortalecer o organismo era melhor, então a gente fazia muito dessas coisas, sabe?”

(Educadora Cravo)

Quadro de Falas 28: Saberes ancestrais de sobrevivência diante da falta de acesso à saúde.

Outro ponto muito interessante que a educadora comenta é sobre a mudança na alimentação com retirada de alimentos industrializados, com a introdução de mais verduras e com a retirada do açúcar branco e o uso apenas do mel ou do açúcar mascavo, numa tentativa de fortalecer o organismo. E provavelmente essa mudança em sua dieta auxiliou em muito sua recuperação, inclusive, segundo Llorente (2020) para a médica endocrinologista Mariela Grandt a melhor maneira de enfrentarmos a COVID-19 é fortalecendo nosso sistema

imunológico, e a solução está na alimentação. Para essa médica existe um risco associado ao coronavírus da qual ninguém fala que é a síndrome metabólica, aparecendo repetidamente como fator de risco para morte pela COVID-19. Segundo ela, a comida de má qualidade (alimentos com muito açúcar e óleos vegetais) nos deixou mais “vulneráveis”, uma vez que cada vez mais temos pressão alta, obesidade, diabetes ou pré-diabetes alta, características dessa síndrome metabólica. E essa quando presente causa uma inflamação crônica que dificulta nossas defesas contra o vírus, facilitando sua instalação e nos deixando gravemente doentes pela COVID-19 (LLORENTE, 2020).

Neste trecho podemos identificar saberes ancestrais dessa educadora sobre remédios caseiros e alimentação natural que é um saber de resistência, são saberes bioculturais que foram cruciais nesse momento de falta de acesso à um sistema de saúde. Além disso, como podemos observar no trecho abaixo, esses saberes também foram utilizados no auto-cuidado dessa educadora.

“Eu não podia cair, precisava estar forte pra ajudar ele, mas também não estava bem. Na verdade nem sei como melhorei, mas da tosse acredito que tenha sido minha mistura de limão com cenoura e mel, que tomava todo dia em jejum. Tava com essa tosse tinha uns 2 meses já e nada passava, depois que comecei a tomar direto melhorei”.

(Educadora Cravo)

Quadro de Falas 29: Saberes ancestrais de uso das ervas e alimentos no autocuidado.

Esses saberes são verdadeiros legados de resistência dessas mulheres, não apenas à indústria farmacêutica e a falta de acesso à saúde nessas áreas, mas também ao fenômeno de “medicalização da vida”. Segundo Brito (2012) esse seria fenômeno pelo qual a vida cotidiana é apropriada pela medicina, interferindo na construção de conceitos, costumes e comportamentos sociais. Desta forma, esses saberes ancestrais não são apenas formas contra-hegemônicas, mas também são uma questão de auto-cuidado. Inclusive, para Clarindo, Strachulski e Floriani (2019) a presença de mulheres erveiras e benzedoiras, além de mostrar uma riqueza cultural grande e de resistência da comunidade, denunciam o descaso do poder público com a saúde das populações que vivem nesses locais. Com isso fica claro uma total ausência do Estado em cumprir seu papel, principalmente nesse contexto pandêmico, onde essas mulheres, que já se encontram sobrecarregadas, ainda utilizam esses saberes para o auto-cuidado.

Não estamos aqui de nenhuma forma descredibilizando o Sistema Único de Saúde (SUS), na verdade precisamos salientar sua enorme contribuição no atendimento às pessoas durante esse período pós-pandêmico, não apenas na ação direta de atendimento e suporte às

peças doentes, mas em todas suas ramificações. Mesmo com condições e infraestruturas sucateadas, com a redução do repasse financeiro e em um momento de demanda tão grande e de desconhecimento sobre essa doença, conseguiu segurar um colapso na saúde brasileira. Também, criticamos claro, a necessidade de deslocamento desses moradores até esses locais, o que demonstra a importância da ampliação desses serviços de saúde que não sobrecarreguem o SUS, como os antigos Postos da Saúde e da Família, que no presente local estudado foram fechados pela prefeitura nos últimos anos.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos encontros podemos perceber como foi importante a abordagem das experiências pessoais dessas mulheres para a emergência de seus conhecimentos, que vão desde o uso de plantas medicinais, simpatias e rezas, à superstições, assim como essas experiências estão imbricadas e convergem com a história de conflitos socioambientais da região (pesca, água, moradia) e também do Estado do Rio de Janeiro, como o caso da favela do Pinto. Esses conflitos além de serem históricos, muitas vezes são naturalizados como uma forma de sobrevivência aos mesmos, e muitas vezes, sua não mobilização nas esferas coletivas é fruto de um desmantelamento das relações sociais que envolvem essa comunidade, numa característica de exclusão social ou subcidadania.

Os conflitos socioambientais encontrados no trabalho estão relacionados diretamente aos recursos naturais que ainda sobrevivem na região, mesmo o capitalismo sufocando essa biodiversidade e suas comunidades. Estes envolvem a pesca, a água, a moradia e a saúde dessas pessoas, seja através da exposição direta a agentes que trazem impactos negativos à saúde (mineração), seja na supressão dos recursos mínimos de sobrevivência vindos desses embates, como água, alimento e moradia para a população local. Podemos observar ainda que esta opressão apresenta diferentes nuances de exploração e recaem de formas desiguais entre os diferentes gêneros, sendo as mulheres mais afetadas.

Dessa forma, podemos observar que essa relação de opressão feminina, surgida ao longo de vários momentos, com questões como machismo, relacionamento abusivo, entre outros, se encontra muito próxima à opressão da natureza, numa relação de exploração e aniquilação secular. Nessa podemos identificar os discursos e práticas de objetificação e animalidade do corpo da mulher relacionada com o instinto de gerar a vida, como formas de controle do corpo feminino na sociedade patriarcal envolvendo, por exemplo, discursos de antiaborto, camuflados de “defesa à vida”. E isso é desafiado no momento em que essas educadoras trazem saberes ancestrais que as ajudam a controlar seu próprio corpo, como por exemplo, com o uso de determinados chás e métodos no controle do ciclo menstrual.

Porém, essas mulheres mesmo que de forma microlocal nos trazem outras dimensões de relações sociais, tecidas através de seus trabalhos enquanto educadoras populares/ambientais (com as crianças ou com outras mulheres) e enquanto erveiras, filhas de pescadores (as) e benzedeiras, alterando a conformação desse território. Uma vez que, é através desses saberes bioculturais como o conhecimento das ervas no controle do próprio

ciclo menstrual (reprodutivo), o cuidado com o outro e com a saúde, com o território e sua biodiversidade, no manejo dos recursos naturais, e ainda no auto cuidado, que elas acabam por configurar outras relações de apoderamento comunitário, referenciamento local e de relações sociais. Com isso, configuraram ações, que possuem como estratégia de resistência à manutenção da vida, de seus filhos e seus familiares, e da comunidade, como um todo, seja com uso de remédios caseiros, seja na produção e preparo do alimento, seja no enfrentamento (numa perspectiva não bélica e de extermínio) dos conflitos socioambientais locais lançando mão de conhecimentos, muitas vezes ancestrais, dos ciclos naturais e da fauna e flora geográfica local como estratégia de sobrevivência.

Ainda, esses saberes estão permeados por lógicas outras que não conseguem ser totalmente captadas pela sistematização e formatação da metodologia científica convencional, por isso, foi fundamental a realização de encontros com o uso da história oral e da autoetnografia. Essas trouxessem para a realidade pessoal delas a rememoração de experiências passadas que provavelmente não seriam tão facilmente acessadas se não fosse pela identificação e pela sensibilização das educadoras com os textos e a escrita visceral da Conceição Evaristo. Esses saberes que são invisibilizados são fundamentais para a construção de paradigmas outros e de insurgências locais, fazendo emergir a práxis comunitária existente dentro dos conflitos socioambientais, e isso é um dos pressupostos de uma Educação Ambiental de Base Comunitária.

E são também através desses saberes de resistência aos conflitos socioambientais locais que emergem questões pungentes e imperativas de serem abordadas pela Educação Ambiental e principalmente pelo Ensino de Ciências, como as temáticas relacionadas com saúde e corpo humano, degradação ambiental e social, racismo científico e ambiental, desequilíbrio de ecossistemas e biomas naturais, ervas medicinais, pandemia e agronegócio, agroecologia, entre vários outros.

Podemos perceber ao longo do estudo que esses saberes ancestrais possuem diferentes vertentes, algumas relacionadas a saberes territoriais do local, outros relacionados à saberes quanto ao uso e manuseio de plantas medicinais, outros relacionados à rezas e rituais, outros relacionados à subsistência como o caso da pesca e da construção de casas, outros relacionados à observação e interpretação dos fenômenos naturais por meio dos animais, outros com superstições e folclores, e outros ainda relacionados à saúde pessoal. No entanto, todos eles possuem em si a característica de não terem sido aprendidos por meio da educação formal, e sim terem sido passados por meio da oralidade e da prática que foram feitas por seus familiares/amigos (as) e conseqüentemente aprendida com os antepassados, trazendo assim

outras matrizes de produção de conhecimento instituídos em outras racionalidades, por isso de fato denominarmos neste trabalho como saberes ancestrais ou bioculturais. Além disso, eles possuem também como característica que todos são permeados pela forte relação com a natureza, seus elementos e seus ciclos naturais, sendo, portanto, uma forma de resistência à colonialidade cosmogônica e do saber.

Conectar-nos com esses saberes dessas mulheres e com essa ancestralidade marcada em suas vidas, é uma forma de resgatarmos e reivindicarmos uma história silenciada e sufocada de nossas raízes cravadas no colonialismo e nas relações de poder que mesmo tendo seu sangue jorrado diariamente, ainda insiste em sobreviver. Conectar-nos com esses saberes é percebermos que as diferentes formas de resistência são tecidas nas relações de opressão e de luta, mas também se encontram na potência da cultura produzida por esses conhecimentos. Conectar-nos com esses saberes é aprender a gestar outro tempo, um tempo de esperar que outros mundos são possíveis, mundos com mais escuta do que intolerância, com mais colaboração e menos competitividade, com mais sociobiodiversidades e riqueza cultural.

Diante de um cenário pandêmico, de escancaramento das desigualdades sociais, de retrocessos ambientais graves, de ecogenocídio, de necropolítica e da valorização máxima da economia, viemos por meio deste afirmar ainda mais nosso compromisso com a vida, e consequentemente com essas mulheres, que são uma das mais prejudicadas e que, no entanto, mais lutam por ela. Inclusive observamos que a pandemia acabou por enaltecer um conflito socioambiental macro, que possui a saúde como questão chave, resultante de todos os outros conflitos encontrados e que compõem e seguem uma lógica necrófila de inviabilizar os “recursos” naturais, culturais e sociais necessários para a manutenção da vida.

Com isso, viemos reafirmar ainda o compromisso em lutar junto dessas populações em situação de vulnerabilidade socioambiental, os excluídos e excluídas sociais, e das populações tradicionais valorizando e aprendendo com seus saberes ancestrais, a sobreviver e a reconstruir outros inéditos viáveis. E isso é fundamental se buscamos deixar um mundo minimamente possível não apenas para nós e para nossos filhos, mas para todos os filhos dessa terra. Precisamos aproveitar um momento de crise como esse, para aprendermos juntos, desenvolvendo uma escuta sensível aos ensinamentos desse cruel pedagogo, que é o vírus.

A pesquisa como um todo fez aflorar dores e alegrias que resgataram em mim, também processos de autocura, desde sua formulação até sua concretização com uma abordagem metodológica não hegemônica, me fizeram perceber a potência e os desafios que busco para crescer enquanto pesquisadora, professora e mulher. Essa ainda fez nascer em mim uma forte identificação e consciência de opressão coletiva com essas mulheres, numa

condição que nos une, mas que também nos segrega, principalmente por questões raciais, trazendo aspectos da vida cultural de um coletivo que merece ser valorizado.

Por último ainda fico com a consciência do inacabamento e da incompletude, onde sei que este trabalho, assim como eu, não se encerra por aqui, pois sempre existirão questões a suscitar e a refletir sobre os processos desencadeados e gestados na inconformação social e na busca e construção de outras realidades. Com essa consciência refazemos constantemente a educação na práxis (FREIRE, 2015) e desta forma encontramos as raízes da educação mesma, enquanto manifestação humana.

11 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, M.P.T. **Construções discursivas de reexistência : um estudo em análise de discurso crítica sobre marchas de mulheres no Brasil**. 2018. 408 f. Tese (Doutorado em Linguística – Área de Linguagem e Sociedade) - Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

ACSELRAD, H. (Org.). As práticas espaciais e o campo dos conflitos ambientais. In: _____. **Conflitos Ambientais no Brasil**, Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2004a. p. 13-36.

_____. **Mapa dos Conflitos Ambientais**. 2004b. Disponível em: <<http://olharvirtual.ufrj.br/painel/2004/08jun-foco.htm>>. Acesso em: 02 maio de 2017.

ACSELRAD, H.; MELLO, C.C.A.; BEZERRA, G.N. **O que é Justiça Ambiental?**. Garamond. 2009.

ALENCAR, E. **Baía de Guanabara: descaso e resistência**. 1. ed., Rio de Janeiro: Mórula. 2016.

ALIER, J. M. **O Ecologismo dos Pobres**. 2.ed., São Paulo, Contexto. 2015.

ALVES, M.C.S.O. A importância da história oral como metodologia de pesquisa. In: ENCONTRO DE ENSINO DE HISTÓRIA, 3., 2016, Ituiutaba, Minas Gerais. **Anais...** Minas Gerais: [s.n.], 2016. Disponível em: <<http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mariacristinasantosdeoliveiraalves.pdf>>. Acesso em: 5 dez. 2019.

ANTUNES, R. L. C. **O continente do labor**. São Paulo, Boitempo. 2011.

BACCI, D.L.C.; LANDIM, P.M.B; ESTON, S.M. Mineração: Aspectos e impactos ambientais de pedreira em área urbana. **REM: R. Esc. Minas**, Ouro Preto, n. 59, v. 1, p. 47-54, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0370-44672006000100007&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 18 jan. 2020.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.**, n.11, pp.89-117, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522013000200004&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 28 jun. 2019.

BLANCO, M. Autoetnografia: una forma narrativa de generación de conocimientos. **Andamios**, México, v. 9, n. 19, p. 49-74, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-00632012000200004>. Acesso em: 02 maio de 2020.

BOFF, W. Sustentabilidade. Informativo Água Doce, Petrópolis, Rio de Janeiro: **CarFel**, n. 23, ano VI, 2008.

BOND, L. Casos de feminicídio crescem 22% em 12 estados durante a pandemia: números da violência contra a mulher caíram em apenas três estados. **Agência Brasil**, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-06/casos-de-femicidio-crescem-22-em-12-estados-durante-pandemia&sa=D&source=hangouts&ust=1606749677145000&usg=AFQjCNE_vzLSXh3c3BQjrHw27oFRvc_b8Q>. Acesso em 10 set. 2020.

BRANDÃO, C.R. **O que é Educação Popular**. Coleção 318 – Primeiros Passos. Editora Brasiliense. 2006. Disponível em: <http://sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/o_que_ed_popular.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2017.

BRITO, M.A. Medicalização da Vida: Ética, Saúde Pública e Indústria Farmacêutica. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n.9, p-2554-2556, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000900036&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 set. 2020.

BRUM, M. S. Memórias da remoção: o incêndio da praia do Pinto e a ‘culpa’ do governo. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 11., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: [s.n.], 2012. Disponível em: <https://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1339790201_ARQUIVO_MemoriasdaRemocaoABHO2012.pdf>

CAMARGO, Daniel Renaud. **Lendas, rezas e garrafadas: Educação Ambiental de Base Comunitária e os Saberes locais no Vale do Jequitinhonha**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/11478>. Acesso: 05 ago 2020.

CAMARGO, D.R.; SÁNCHEZ, C.; ROCHA, J. Educação ambiental de base comunitária no Vale do Jequitinhonha: uma articulação entre a IAP de Fals Borda e a abordagem temática freireana. ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL. 9, 2017, Minas Gerais. In Anais do IX EPEA -Encontro Pesquisa em Educação Ambiental. Minas Gerais: UFJF, 2017. p.1-11. Disponível em: <http://epea.tmp.br/epea2017_anais/pdfs/plenary/0240.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2020.

CARVALHO, I. C. M.; FARIAS, C. R.; PEREIRA, M. V. A missão “ecocivilizatória” e as novas moralidades ecológicas: a educação ambiental entre a norma e a antinormatividade. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 35-49, 2011.

CASTRO, D. J. F. A. A decolonialidade no Ensino de Ciências através da análise dos trabalhos publicados no ENPEC. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 12., 2019, Natal, RN. **Anais...** Natal, RN: [s. n.], 2019. p. 1-6. Disponível em: <http://abrapecnet.org.br/enpec/xii-enpec/anais/lista_area_10_1.htm>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CASTRO, F.; HOGENBOOM, B.; BAUD, M. Governança ambiental na América Latina: para uma agenda de pesquisa mais integrada. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, São Paulo, v.14., n. 2, p. 1-13, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2011000200002> Acesso em: 31 jul. 2020.

CAVAGLIER, M. C. S.; MESSEDER, J. C. Plantas medicinais no ensino de química e biologia: propostas interdisciplinares na Educação de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 14, n. 1, p. 55-71, 2014

CHASSOT, A. **Saberes Primevos**, Blogue do Mestre Chassot. 2013. Disponível em: <<http://mestrechassot.blogspot.com/2013/04/09-saberes-primevos.html>>. Acesso em: 23 set. 2020.

CLARINDO, M. F.; STRACHULSKI, J.; FLORIANI, N. Curandeiros Parintintin e benzedeadas: reprodução do saber popular de cura. **HYGEIA - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, v. 15, n. 31, p. 105-124, 2019.

COPPE, C.; MESQUITA, M. Fronteiras urbanas: perspectivas para as investigações em etnomatemática. **Bolema**, Rio Claro, São Paulo, v. 29, n. 53, p. 828-844, 2015.

DÁVILA, E. S.; ALVES, C. C.; LIMA, B. M.; FOLMER, V.; PUNTEL, R. L. Idéias prévias sobre plantas medicinais e tóxicas de estudantes do ensino fundamental da região da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul. **Conexões Culturais – Revista de Linguagens, Artes e Estudos em Cultura**, v. 2, n. 1, p. 358-368, 2016.

DEMO, P. **Charme da exclusão social: Polêmicas do Nosso Tempo**. 2. ed. rev. São Paulo: Autores Associados, 2002.

DUTRA, D. S. A.; CASTRO, D. J. F. A.; MONTEIRO, B. A. P. Educação em ciências e decolonialidade: em busca de caminhos outros. In: MONTEIRO, B. A. P. et al. (Org.). **Decolonialidades na Educação em Ciências**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2019. p. 2-17.

FEDERICI, S. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. 1. Ed. São Paulo: Elefante, 2017.

FERREIRA, L. C. Dimensões humanas da biodiversidade: mudanças sociais e conflitos em torno de áreas protegidas no Vale do Ribeira, SP, Brasil. **Ambiente & Sociedade**, v. 7, n. 1, p. 47-68, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 1 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2015.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ. Mapa de conflitos envolvendo injustiça ambiental e saúde no Brasil, **Fiocruz**, 2013. Disponível em: <<http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/>>. Acesso em: 14 jan. 2020.

GONÇALVES, R. J. A. F., MILANEZ, B. Extrativismo Mineral, conflitos e resistências no sul global. **Revista Sapiência** (Dossiê Extrativismo mineral, conflitos e resistências no Sul Global), v. 8, n. 2, p. 6-33, 2019. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/poemas/files/2014/07/Gon%c3%a7alves-2019-Extrativismo-mineral-conflitos-e-resist%c3%aancias-3.pdf>>. Acesso em: 5 abril 2020.

GREENPEACE (2020). O crime da Vale em Brumadinho. **Greenpeace**. Disponível em: <<https://www.greenpeace.org/brasil/o-crime-da-vale-em-brumadinho/>>. Acesso em: 12 maio. 2020.

GROSGOUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais - Epistemologias do Sul**, n.80, p.115-147, Mar. 2008. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/rccs/697>>. Acesso em: 06 ago. 2020.

HERCULANO, S. O clamor por justiça ambiental e contra o racismo ambiental. **InterfacEHS: Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente**, São Paulo, v.3, n.1, 2008. Disponível em: <<http://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/InterfacEHS/wp-content/uploads/2013/07/art-2-2008-6.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2020.

_____. Racismo ambiental, o que é isso?. **Sites dos Professores da Universidade Federal Fluminense**. 2017. Disponível em: <http://www.professores.uff.br/seleneherculano/wp-content/uploads/sites/149/2017/09/Racismo_3_ambiental.pdf>. Acesso em: 10 maio 2020.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE - ICMBIO. **A história da APA de Guapimirim e a criação da ESEC da Guanabara**. 2020. Disponível em: <<https://www.icmbio.gov.br/apaguapimirim/quem-somos/historia.html>>. Acesso em: 25 abr. 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA AMBIENTAL DA AMAZÔNIA - IPAM. **Queimadas na Amazônia em 2019 seguem o rastro do desmatamento**. (2019). Disponível em: <<https://ipam.org.br/queimadas-na-amazonia-em-2019-seguem-o-rastro-do-desmatamento/>>. Acesso em: 26 abr. 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - IPEA. **Atlas da Violência 2019**. Brasil. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>>. 2019. Acesso em: 5 mai. 2019.

_____. **Apresentação do Comunicado IPEA sobre gênero**. Brasil. 2010. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_alphacontent&ordering=3&limitstart=4460&limit=20>. Acesso em: 5 maio. 2019.

JANERINE, A.S. **Vozes normalizadoras presentes no processo de identificação profissional de professores de química do Ensino Médio em início de carreira**. 2013. 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de São João Del-Rey, Minas gerais, 2013.

JESSÉ de Souza fala sobre subcidadania brasileira. Produção: **Canal Curta!** 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DCxqpGvPdOk>>. Acesso em 18 nov. 2020.

LAYRARGUES, P.P. Pandemias, colapso climático, antiecologismo: educação ambiental entre as emergências de um ecocídio apocalíptico. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**. São Paulo, v. 15, n.4, p.1-30, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/10861/7819>>. Acesso em: 26 ago. 2020.

LLORENTE, A. Há uma epidemia que está agravando a crise da covid-19: nos alimentarmos com comida de baixa qualidade. **BBC News Mundo**, 14 out. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-54532289>>. Acesso em: 20 out. 2020.

LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P.P. Ecologia Política, Justiça e Educação Ambiental Crítica: perspectivas de aliança contra-hegemônica. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 53-71, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462013000100004 > Acesso em: 10 jan. 2020.

LUPION, B. Como o novo coronavírus acentua as desigualdades no Brasil. **Deutsche Welle**. 27 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/como-o-novo-coronav%C3%ADrus-acentua-as-desigualdades-no-brasil/a-53256164>> Acesso em 10 jan. 2020.

MAGALHÃES, C. E. A. Autoetnografia em contexto pedagógico: entrevista e reunião como lócus de investigação. **Veredas**, v. 22, n. 1, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/27953>> Acesso em 10 março 2020.

MALDONADO-TORRES, N. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais - Epistemologias do Sul**, n.80, p.71-114. mar. 2008. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/rccs/695>>. Acesso em: 06 ago. 2020.

MATOS, J.S.; SENNA, A.K. História Oral como fonte: problemas e métodos **Historiæ**, Rio Grande, v.2, n.1, p. 95-108, 2011. . Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2395/1286>>. Acesso em: 6 jan. 2020.

MBEMBE, A. A. **Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. 3. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MELLO, L. S. G.; GUAZZELLI, I. R. B. Desafios para implementar a alfabetização científica numa comunidade de artesãos de filé. **HOLOS**, v. 2, n. 26, p. 32-41, 2010.

MELO, T. PAES,S. Canto das cigarras começa a anunciar a chegada do período de chuvas no DF. **Correio Braziliense**, Distrito Federal. 09 out. 2018. Disponível em:<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/10/09/interna_cidadesdf,711108/canto-das-cigarras-comeca-a-anunciar-a-chegada-do-periodo-de-chuvas.shtml >. Acesso em: 04 set. 2020.

MEMÓRIA DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA - MAPA. Arquivo Nacional. **Irineu Evangelista de Sousa, barão e visconde de Mauá**. 2018. Disponível em: <<http://mapa.an.gov.br/index.php/publicacoes2/70-biografias/538-irineu-evangelista-de-sousa-barao-e-visconde-de-maua>>. Acesso em: 23 out. 2020.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, A. Por uma razão decolonial: Desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna. **Civitas** (Dossiê: Diálogos do Sul). v.14, n.1, p.66-80, 2014. Disponível em: <

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/16181/10959>>. Acesso em: 23 out. 2019.

MIGNOLO, W.D., A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/document/200004373/Mignolo-2005-A-colonialidade-de-cabo-a-rabo-o-hemisferio-ocidental-no-horizonte-conceitual-da-modernidade>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

MINAYO, M.C.S. (Org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: **Vozes**, 2001.

MITNICK, G. W. La historia en primera persona: mirada(s) al pasado. México. **Política y Cultura**, n. 41, p. 91-109, 2014. . Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/265514761_La_historia_en_primera_persona_miradas_al_pasado>. Acesso em: 20 ago. 2020.

MONTAÑA, N. E. P. La mujer tenezana en la emancipación de Colombia. **Revista Logos, Ciência & Tecnologia**, Bogotá, Colombia, v. 5, n. 2, p. 359-371, 2014.

MONTEIRO, B. A. P., **Ações colaborativas entre museus, centros de ciência e tecnologia e a sala de aula: seu papel na formação inicial de professores de ciências e química**. 2011. 301 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Saúde) – Centro de Ciências e Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

MONTEIRO, B. A. P.; DUTRA, D.S.A.; CASSIANI, S.; SÁNCHEZ, C.; OLIVEIRA, R.D.V.L.(Org.). **Decolonialidades na Educação em Ciências**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2019. p. 2-17.

MONTENEGRO, S. C. S.; NORDI, N.; MARQUES, J. G.Contexto cultural, ecológico e econômico da produção e ocupação dos espaços de pesca pelos pescadores de pitu (*Macrobrachium carcinus*) em um trecho do baixo São Francisco, Alagoas – Brasil. **Interciência**, Venezuela, v. 26, n. 11, p. 535-540, 2001.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/ciedu/v9n2/04.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

MORAES, R.; GALIAZZI, M.C. Análise Textual Discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ciedu/v12n1/08.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

MORENO, G. S.; SILVA, G. Conhecimentos tradicionais em torno das plantas medicinais e currículo do ensino de ciências. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, Tocantinópolis, v. 2, n. 1, p. 144-162, 2017.

MOTTA, P.M.R. & BARROS, N.F. Resenha: Autoetnografia. Cadernos de Saúde Pública, 2015. v.31, n.6, Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311XRE020615>>. Acesso em: 15 dez. 2018.

MUYLAERT, C.J.; JR. V.S.; GALLO, P.R.; NETO, M.L.R.; REIS, A.O.A. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Rev. Esc. Enferm. USP* 2014; 48(2).p.193-199. Disponível em:< http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/pt_0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2019.

NASCIBEM, F. G.; VIVEIRO, A. A. Para além do conhecimento científico: a importância dos saberes populares para o Ensino de Ciências. **INTERACÇÕES**, n. 39, p. 285-295, 2015.

NASCIMENTO, C.C. Reflexões sobre a Natureza da Ciência à luz das Epistemologias do Sul. **In:** Anais do XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2017, p.1-10.

NOGUEIRA, A. P. Etnobotânica de plantas medicinais numa escola pública do município de Capistrano, Ceará, Brasil. **Revista Internacional de Ciências**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 63-73, 2019.

OLIVEIRA, C.A.G.; ROJAS, L.A.P.; PRADA, K.A.F.; SALGADO, S.D.C. O que os movimentos de mulheres e os Ecofeminismos do Sul nos ensinam? Apontamentos para a Educação Ambiental de Base Comunitária. **Ensino, Saúde e Ambiente**, Número Especial, p. 178-202, 2020.

OLIVEIRA, C.A.G.; SÁNCHEZ, C.P. Educação ambiental, justiça ambiental e questões de gênero: a perspectiva de um grupo de educadoras ambientais comunitárias de Magé, RJ. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.**, Rio Grande, v. 35, n. 1, p. 151-170, 2018.

OLIVEIRA, C. K. Breve introdução ao Giro Decolonial: poder, saber e ser. **Anais do Seminário Científico da FACIG**. 2016. Disponível em: < <http://www.pensaracademico.facig.edu.br/index.php/semiariocientifico/article/viewFile/53/38> >. Acesso em: 30 out. 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Recursos naturais podem contribuir para o desenvolvimento da América Latina e Caribe, diz CEPAL. **Nações Unidas Brasil**, 31 mai. 2013. Disponível em <<https://brasil.un.org/pt-br/62824-recursos-naturais-podem-contribuir-para-desenvolvimento-da-america-latina-e-caribe-diz-cepal>>. Acesso em: 02 set 2019.

OTALVARO, J.; PEÑARANDA, F.; BASTIDAS, M.; TORRES, N.; TRUJILLO, J. Reformas neoliberales y sus implicaciones en un programa de apoyo a la crianza: el caso de los hogares comunitarios Familia, Mujer e Infancia en Colombia. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales - Niñez y Juventud**, v. 14, n. 1, p. 645-658, 2016.

PALUMBO, M.M. *Pedagogía, trabajo y género: el componente descolonizador y despatriarcalizador en las experiencias de trabajo en movimientos populares*. In: Palumbo, M.M. e Guelman, A.; **Pedagogías descolonizadoras y formación en el trabajo en los movimientos populares**, Buenos Aires – CLACSO, 2018.

PELACANI, B. C. **As lutas que educam na América Latina**: a educação ambiental que emerge do conflito pela água em Cachoeiras de Macacu com um olhar desde a Colômbia. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação). – Faculdade de Educação, Universidade Federal

do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/13028>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

PENNA, C. Paulo Freire no pensamento decolonial: um olhar pedagógico sobre a teoria pós-colonial latino-americana. **Revista de Estudos & Pesquisas sobre as Américas**, 2014. v.8, n.2. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/16133>>. Acesso em: 15 out. 2017.

PETERSEN, P. Agroecologia: um antídoto contra a amnésia biocultural. In: TOLEDO, V.M.; BARREIRA-BASSOLS, N. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. 1ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

PINHEIRO, P. C. A construção do Sítio Ciência na comunidade: antecedentes, fundamentos, narrativas híbridas e conteúdo epistemológico. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 17, n. 1, p. 243-270, 2017.

PIRES, C. L. Paulo Freire e o MST: a Pedagogia do Oprimido no contexto da luta pela terra. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 135, p. 80-87, 2012.

PORTO-GONÇALVES, C.W. Apresentação da edição em português. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf>. Acesso em 04 jan. 2019.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/200004373/Mignolo-2005-A-colonialidade-de-cabo-a-rabo-o-hemisferio-ocidental-no-horizonte-conceitual-da-modernidade>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

QUIÑONEZ, S. A. Defesa ambiental, derechos humanos y ecogenocídio afrocolombiano. **Pesquisa em Educação Ambiental**. v.13, n.1, p.10-27, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18675/2177-580X.vol13.n1.p10-27>>. Acesso em: 09 ago. 2020.

RABELLO, M.C. Poluição na Baía de Guanabara: Recuperação depende de gestão compartilhada e Educação Ambiental. **Revista Pré Univesp - Universo**, n. 61, 2016. Disponível em: <<http://pre.univesp.br/poluicao-na-baia-de-guanabara#.Wfte5WhSzIU>>. Acesso em: 03 de outubro de 2017.

REGO, F. C. V. S.; SILVA, A. R. N. C. O pensamento social brasileiro em Superstição e Costumes de Luís Câmara Cascudo. **Imburana**, Rio Grande do Norte, n. 6 p. 60-70. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/imburana/issue/view/279>>. Acesso em: 10 out. 2020.

RIBEIRO, D. O que é: lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento. 2017. 112 p.p. (Feminismos Plurais).

_____. Categoria do outro: o olhar de Beauvoir e Grada Kilomba sobre ser mulher. 07 abr. 2016. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2016/04/07/categoria-do-outro-o-olhar-de-beauvoir-e-grada-kilomba-sobre-ser-mulher/>> Acesso em: 17 nov. 2019.

ROSA, G. R.; FERREIRA, A. S. Conflito socioambiental no entorno de fábrica de agrotóxicos no Ceará - Barsil. **EM PAUTA**, Rio de Janeiro, v.11, n.32, p. 197-213, 2013.

ROSA, I. F.; RIGOTTO, R. M. A confecção de bonecas negras na formação docente. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, Tocantinópolis, v.2, n.1, p. 127-143, 2017.

SANCHEZ,C.; SALGADO, S.D.C.; OLIVEIRA, S.T. Aportes da ecologia política para a construção de uma educação ambiental de base comunitária no contexto latino-americano: narrando a experiência de um Curso de Extensão Universitária. **Ambiente e Educação Revista de Educação Ambiental**. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.14295/ambeduc.v25i1.11158>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

SANTOS, B. S. “O coronavírus é um pedagogo cruel”. Entrevista com Boaventura de Sousa Santos. In: **Revista IHU (Instituto Humanitas Unisinos) Online**. Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/600630-o-coronavirus-e-um-pedagogo-cruel-entrevista-com-boaventura-de-sousa-santos>. Acesso em: 25 ago 2020.

SANTOS, B.S. Para além do pensamento abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos (CEBRAP)**, São Paulo, n.79, p. 71-94, 2007.

SANTOS, B.S. & CHAUI, M. **Direitos Humanos, democracia e desenvolvimento**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SANTOS, S. M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v.24.1, 2017, p.214-241.

SEVALHO, G. O conceito de vulnerabilidade e a educação e saúde fundamentada em Paulo Freire. **Interface (Botucatu)**, São Paulo, v. 22, n. 64, p. 177-178, 2018.

SILVA, J. M.; GURGEL, I. G. D.; AUGUSTO, L. G. S. Saúde, ecologia de saberes e estudos de impactos ambientais de refinarias no Brasil. **Interface (Botucatu)**, São Paulo, v. 20, n. 56, p. 111-122, 2016.

SILVA, R. A. As 26 principais violações ao meio ambiente feitas por Jair Bolsonaro. **Carta Capital**, Brasil debate, 11 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/brasil-debate/as-26-principais-violacoes-ao-meio-ambiente-feitas-por-jair-bolsonaro/>>. Acesso em: 21 mar. 2020.

SOUSA, M. G. S.; CABRAL, C.L.O. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 149-158, 2015.

SOUZA, J. A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: **Leya**, 2017.

_____. Subcidadania Brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro. Rio de Janeiro: **Leya**, 2018.

TEISSERENC, P.; TEISSERENC, M. J. S. A. Território de ação local e de desenvolvimento sustentável: efeitos da reivindicação socioambiental nas Ciências Sociais. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 97-125, 2014.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. A memória biocultural: A importância ecológica das sabedorias tradicionais. 1. ed. São Paulo: **Expressão Popular**, 2015.

TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (TCE – RJ). **Estudos Socioeconômicos dos Municípios do Estado do Rio de Janeiro**, Magé. 2011. Disponível em: < https://www.tce.rj.gov.br/estudos-socioeconomicos1?p_auth=qZ4PSY0V&p_p_id=estudosocioeconomicomunicipios_WAR_tcerjestudosocioeconomicomunicipiosportlet&p_p_lifecycle=1&p_p_state=normal&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-1&p_p_col_count=2&_estudosocioeconomicomunicipios_WAR_tcerjestudosocioeconomicomunicipiosportlet_doSearch=doSearch&_estudosocioeconomicomunicipios_WAR_tcerjestudosocioeconomicomunicipiosportlet_javax.portlet.action=doSearch>. Acesso em: 24 jun. 2018.

VENQUIARUTO, L. D.; DALLAGO, R. M.; DEL PINO, J. C. Saberes populares fazendo-se saberes escolares: um estudo envolvendo a produção artesanal do vinho. **Ensino de Ciências e Tecnologia em Revista**, v. 4, n. 1, p. 62-73, 2014.

VENQUIARUTO, L. D.; DALLAGO, R. M.; VALDUGA, A. T.; PANOZZO, S. P. Produção artesanal de sabão utilizando extrato aquoso de cinzas. **Ensino de Ciências e Tecnologia em Revista**, v. 5, n. 1, p. 77-85, 2015.

VINCENT, H. D. & VASCONI, M. C. M.. Mineração na América Do Sul Neoextrativismo e Lutas Territoriais (2016). **Interfaces-Revista de Extensão da UFMG**, Minas Gerais, v.5, n.2, p. 66-76. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/19008/16039>>. Acesso em: 05 jul. 2020.

WALSH, C. Interculturalidad crítica y pedagogía de-colonial: apuestas (des) de el in-surgir, re-existir y re-vivir. **Revista educação intercultural hoje em América Latina**, La Paz, Bolívia, p. 1-29, 2009. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13582/13582.PDFXXvmi=di9ixOJob3xjBuscxZPZhgoEsplxIhlzBvSzkDZvGWPisju2il2ACqe6QB4dTpMuWG5hj5O12FjvZPzhhBRN27TTJZ7DpU9mBeEVjtWm9hT97srj4k77s21c28Qr30OEetBzxxV8PQixjKho5pvxswLuGCWJCMoRg0rfzooopfHnztGxx6t7z2S5Iv2r9OR26RtlrSKR8rfHUWgt3bBDduIW1LpaBhcHaH3CAOtIhKqdH8HLjjoxO8uQUV2vdfdoW>>. Acesso em: 27 ago. 2020.

WALSH, C. Entretejiendo lo pedagógico y lo decolonial: luchas, caminos y siembras de reflexión-acción para resistir, (re)existir y (re)vivir. **Alternativas**. 2017. Disponível em: <<https://alternativas.osu.edu/assets/files/ebooks/WALSH%20final%20compacto.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2020.

XAVIER, A. R.; SAMPAIO, M. A.; COSTA, E. A. S.; VASCONCELOS, J. G. Saberes populares das plantas medicinais e o Ensino de Ciências na Educação de Jovens e Adultos. **Cadernos de Pesquisa: pensamento educacional**, Curitiba, v. 14, n. 36, p. 213-236, 2019.

XAVIER, P. M. P.; FLÔR, C. C. C. Saberes populares e educação científica: um olhar a partir da literatura na área de Ensino de Ciências. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v. 17, n.2, p. 308-328, 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



Universidade Federal do Rio de Janeiro
 Instituto NUTES (Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde)
 Pós-Graduação Strictu Sensu
 MESTRADO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E SAÚDE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa que ajudará na conclusão do trabalho de mestrado em Educação em Ciências e Saúde da aluna Dominique Jacob Fernandes de Assis Castro.

Esta pesquisa tem o objetivo de produzir um livro de maneira coletiva com você participante, sobre seus próprios conhecimentos populares e outros que envolvem desde alguns contos passados de geração em geração, assim como o uso e manuseio de plantas medicinais.

Sua participação não é obrigatória, mas é de fundamental importância para a realização deste trabalho. Se, por acaso, quiser desistir ou sair da pesquisa ao longo do desenvolvimento, isso não trará nenhum prejuízo em sua relação com a aluna ou com a organização.

Sua participação consistirá em participar das oficinas e reuniões, assim como realizar entrevistas com a pesquisadora. As entrevistas serão gravadas em áudio e depois serão transcritas. O risco envolve o participante se sentir constrangido em responder alguma das perguntas, ou não querer ter alguma experiência registrada, para isso, basta não respondê-la ou pedir para o registro não constar na pesquisa.

A participação é voluntária e não será remunerada e nem implicará em nenhum tipo de gastos. As participantes receberão o retorno dos resultados produzidos de maneira coletiva na forma de um livro, da qual você participante também será autora. Além disso, a pesquisa também objetiva resgatar e valorizar os saberes populares locais, que você participante possui, e que são fundamentais para a formação cultural e da história ambiental local.

Os dados levantados durante a pesquisa serão posteriormente publicados na forma de livro que será disponibilizado para você, participante e autora.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, no qual possui duas vias, sendo uma delas sua e a outra da aluna.

Niterói, ____ de _____ de 2019.

Nome do (a) participante: _____

Assinatura do (a) participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS PRODUZIDOS NOS ENCONTROS PRESENCIAIS (PRÉ-PANDÊMICO)

. 1º Encontro: Sensibilização e levantamento das temáticas com a leitura do texto de Conceição Evaristo

Presentes: Cravo, Chaya, Mamão, Colônia e Jabuticaba

- *Pesquisadora*: Oi meninas! Boa tarde! Bem este é nosso primeiro encontro, em primeiro lugar eu quero agradecer muito a presença de cada uma de vocês, obrigada por dedicarem o tempo de vocês, por estarem aqui. Bem, eu gostaria de saber se vocês sabem o motivo de estarmos reunidas aqui.

- *Cravo*: Para a construção do nosso livro, certo?

- *Pesquisadora*: Isso, e sobre o que é esse livro que vocês tanto queriam fazer?

- *Jabuticaba*: É sobre as histórias, rezas e remédios, né?

- *Colônia*: É sobre nossos conhecimentos de ervas também.

- *Pesquisadora*: Sim, é disso tudo sim. Além disso, também gostaria de falar com vocês que minha participação neste livro será apenas de organizar esses conhecimentos em um livro, caderno, e ajudar na publicação. Todos os conhecimentos que surgirem nas reuniões serão organizados e depois no final irei apresentar para vocês, para que nos escrevamos juntas esses saberes.

- *Pesquisadora*: Depois eu vou precisar que vocês assinem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que é um documento que formaliza que vocês concordam em participar da minha pesquisa do mestrado, que envolve a participação e o uso desses dados para o meu projeto do mestrado. Poderia ser?

- *Mamão*: Por mim tranquilo.

((As demais educadoras assinalaram que sim com a cabeça))

- *Pesquisadora*: Como a construção do livro será feita de maneira coletiva, eu depois vou sugerir uma maneira de levantarmos os conhecimentos para que possamos organizar o livro, mas já podem ir pensando também se tem alguma forma que gostariam ou se já pensaram em algo. Bem de qualquer forma, queria que antes nós lêssemos esse texto que trouxe, para que ele levante algumas temáticas que podem nos sinalizar caminhos a percorrer. Pode ser? Quem gostaria de começar a leitura? ((Isso é uma rotina nos nossos círculos de cultura semanais, a leitura conjunta de um texto grifando as palavras que não conhecem, ao longo da leitura

fazemos pausas para comentar o que já foi lido, e quando terminamos o texto finalizamos comentamos o que compreendemos sobre ele e nossa opinião)).

- *Cravo*: “Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita. Depoimento. Conceição Evaristo. Talvez o primeiro sinal gráfico, que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe. Ancestral, quem sabe? Pois de quem ela teria herdado aquele ensinamento, a não ser dos seus, os mais antigos ainda? Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente as suas pernas abertas”.

- *Jabuticaba*: O que é forquilha?/

- *Pesquisadora*: É uma bifurcação, parecendo um estilingue, sabe?

- *Cravo*: “Mãe se abaixava, mas antes cuidadosamente ajuntava e enrolava a saia, para prendê-la entre as coxas e o ventre. E de cócoras, com parte do corpo quase alisando a umidade do chão, ela desenhava um grande sol, cheio de infinitas pernas. Era um gesto solene, que acontecia sempre acompanhado pelo olhar e pela postura cúmplice das filhas, eu e minhas irmãs, todas nós ainda meninas. Era um ritual de uma escrita composta de múltiplos gestos, em que todo corpo dela se movimentava e não só os dedos. E os nossos corpos também, que se deslocavam no espaço acompanhando os passos de mãe em direção à página-chão em que o sol seria escrito. Aquele gesto de movimento-grafia era uma simpatia para chamar o sol. Fazia-se a estrela no chão. Na composição daqueles traços, na arquitetura daqueles símbolos, a-le-go-ri-ca-men-te, alegoricamente, ela imprimia todo o seu desespero. Minha mãe não desenhava, não escrevia somente um sol, ela chamava por ele, assim como os artistas das culturas tradicionais africanas sabem que as suas máscaras não representam uma entidade, elas são as entidades esculpidas e nomeadas por eles. E no círculo-chão, minha mãe colocava o sol, para que o astro se engrandecesse no infinito e se materializasse em nossos dias. Nossos corpos tinham urgências. O frio se fazia em nossos estômagos. Na nossa pequena casa, roupas molhadas, poucas as nossas e muitas as alheias, isto é, as das patroas, corriam o risco de mofarem acumuladas nas tinas e nas bacias. A chuva contínua retardava o trabalho e pouco dinheiro, advindo dessa tarefa, demorava mais e mais no tempo. Precisávamos do tempo seco para enxugar a preocupação da mulher que enfeitava a madrugada com lençóis arrumados um a um nos varais, na corda bamba da vida. Foi daí, talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?”

- *Pesquisadora*: Você pode ir Jabuticaba?

- *Jabuticaba*: Claro. “Mais um momento, ainda bem menina, em que a escrita me apareceu em sua função utilitária e às vezes, até constrangedora, era no momento da devolução das roupas limpas. Uma leitura solene do rol acontecia no espaço da cozinha das senhoras: quatro lençóis brancos, quatro fronhas, quatro cobre leitos, quatro toalhas de banho, quatro toalhas de rosto, duas toalhas de mesa, quinze calcinhas, vinte toalhinhas, dez cuecas, sete pares de meias, etc, etc, etc. As mãos lavadeiras, antes tão firmes no esfrega torce e no passa dobra das roupas, ali diante do olhar conferente das patroas, naquele momento se tornavam trêmulas, com receio de terem perdido ou trocado alguma peça. Mãos que obedeciam a uma voz conferente. Uma mulher pedia, a outra entregava. E quando, eu menina testemunhava as toalhinhas antes embebidas de sangue, e depois, já no ato da entrega, livres de qualquer odor ou nódoa, mais a minha incompreensão diante das mulheres brancas e ricas crescia. As mulheres de minha família, não sei como, no minúsculo espaço em que vivíamos, segredavam seus humores íntimos. Eu não conhecia o sangramento de nenhuma delas. E quando em meio às roupas sujas, vindas para a lavagem, eu percebia calças de mulheres e minúsculas toalhas, não vermelhas, e sim sangradas do corpo das madames, durante muito tempo pensei que as mulheres ricas urinassem sangue de vez em quando. ((Risos)) Foram, ainda, essas mãos lavadeiras, com seus sois riscados no chão, com seus movimentos de lavar o sangue íntimo de outras mulheres, de branquejar a sujeira das roupas dos outros, que desesperadamente seguraram em minhas mãos. Foram elas que guiaram os meus dedos no exercício de copiar meu nome, as letras do alfabeto, as sílabas, os números, difíceis deveres de escola, para crianças oriundas de famílias semi-analfabetas. Foram essas mãos também que folheando comigo, revistas velhas, jornais e poucos livros que nos chegavam recolhidos dos lixos ou recebidos das casas dos ricos, que aguçaram a minha curiosidade para a leitura e para a escrita. daquelas mãos lavadeiras recebi também cadernos feitos de papéis de embrulho de pão, ou ainda outras folhas soltas, que, pacientemente costuradas, evidenciavam a nossa pobreza, e distinguiam mais uma de nossas diferenças, em um grupo escolar, que nos anos 50 recebia a classe média alta belorizontina”.

- *Jabuticaba*: podemos fazer uma pausa na leitura./

-

Pesquisadora:

Claro!!!

- *Jabuticaba*: **“Interessante, isso me fez lembrar na época que eu também usava (+) existia o absorvente, mas era como a fralda descartável, era tão caro que a gente tinha que se virar com os paninhos, e várias vezes dava vontade de jogar aquilo fora, porque dá uma preguiça de lavar aquilo, né?! Nojento isso. Mas minha mãe dizia: e então, como você terá paninho depois pra usar? Esse negócio todo, tinha que estar lavando, passando**

e guardando aquilo arrumadinho para poder estar usando. Cara::, QUE VIDA!!!! Veio o relato dela aí, eu não a conhecia, é interessante, eu peguei essa fase de vida, por conta de usar os paninhos (++)).

- *Pesquisadora:* Engraçado pensarmos nisso, que ela enquanto criança que não tinha menstruado, ela não via isso nas mães e nas tias, elas não deixavam ver.

- *Jabuticaba:* Para as mães isso era algo vergonhoso, né? Ela não expunha, né? Engraçado as madames que davam isso pra lavar, uma coisa tão íntima, né?! A minha mãe ensinou, ela não lavava também não. Desde de que eu fiquei moçinha ela ensinou, é assim, você bota de molho, esfrega que solta, não deixa muito tempo, não deixa de um dia pro outro, porque dá mau cheiro, porque isso é sangue. Me recordo até da estampa do lençol.

-*Pesquisadora:* NOSSA é mesmo?!/

- *Jabuticaba:* Que minha mãe cortou, era de florzinhas miudinhas, GENTE vem logo a memória, que coisa louca né? Muito legal de lembrar, veio logo a memória. Acho que hoje em dia é complicado, mas era o que dava mesmo, o que tinha. **Tanto que quando a gente estava menstruada a gente nem saía, pra ir pro colégio.**

-*Pesquisadora:* Vocês não saiam?!/

-*Jabuticaba:* **Não porque vinha muito. A primeira vez que eu menstruei eu estava em casa, isso eu lembro, ela ((mãe da Jabuticaba)) me explicou e tudo, não me explicou o porquê da menstruação e nada disso, só como eu tinha que usar o paninho e tal. E na segunda vez que eu menstruei, que eu não guardava data, não tinha esse costume de marcar nada, eu menstruei no colégio.**

-*Pesquisadora:* Ihhhhhh, CARACA! /

Jabuticaba: **OLHA::: que vergonha! Menstruei no colégio, a calça toda suja, vim pela rua, sabe?! Foi uma vergonha que NOSSO Deus, nunca mais passei por isso.**

-*Pesquisadora:* Que bom! /

-*Jabuticaba:* Ai sempre tem o cuidado de colocar uma coisa extra na bolsa, tinha o costume de colocar um plasticozinho para poder ir pro colégio, eu sempre usava calça jeans, não usava saia, aí, é complicado. **Mas assim sair, tipo ir pra uma festa menstruada, é RUIM heim! Não que incomodasse ou que tivesse alguma dor, nunca tive, mas justamente pelo constrangimento,** porque você sentia até aquilo deslocar um pedaço (++) , você sentia aquilo vir (+), caraca, você ficava incomodada, você já quase nem respirava, né?! A impressão era de que se você respirava aquilo vinha mais. Era tenso, muito tenso. Depois com meus 20 e poucos anos que eu passei a usar o absorvente, que daí veio uma marca mais em conta, era até

uma marca chamada de Modess, que era bem ralezinho, foi o primeiro mais em conta que daí nós tivemos acesso.

-/Pesquisadora: eu lembro! Minha mãe usava ele também./

- *Jabuticaba*: Teve uma reportagem que eu vi, de umas indianas, não sei, mas é um povo bem fechado, que um moço levou uma fábrica de absorventes que as mulheres também não tinham, usavam pano também. Aí, eles ensinando elas como fabricavam, levou todo material pra fabricar, pra elas poderem vender por um preço bem::::: baratinho para as mulheres poderem usar, para descartar aquilo e não passarem a usar o pano e sim o absorvente descartável. E elas ficaram envergonhadas, elas não queriam aceitar aquilo, foi um custo pra poder convencer elas a utilizarem o absorvente íntimo, foi um documentário que eu vi. Elas mesmas trabalhavam, aquelas que tinham uma visão mais liberal, elas faziam e vendiam, os maridos não queriam dar dinheiro para isso. A resistência era maior do marido, do que da mulher. Até para a menina assumir que ela menstruava, ela dizia que não, quase com um filho já. Gente, QUE LOUCURA! Ainda tem gente que (+) recente isso.

- /Pesquisadora: lembra onde que era isso?!/

- *Jabuticaba*: Acho que era na Índia, pelas roupas que elas usavam, que usavam aqueles turbantes, as roupas fechadinhas, a cultura, acho que era Índia, mas num povoado bem distante:: Ai ele trouxe isso para beneficiar as mulheres do povoado dele, só que teve uma resistência muito grande. As mulheres que fabricavam para vender, igual a gente vende Tupperware, elas levavam para poder distribuir, sentirem e ganharem confiança naquilo que elas estavam colocando. E os homens falando não vou gastar com isso não:::! Por mais que fosse baratinho, era o resto do pano que elas faziam. Na minha época eu lembro que pra dormir eu usava um a base de toalha cortada porque absorvia mais e dormia com mais tranquilidade. Até isso a gente separava pra ter mais comodidade.

- /Pesquisadora: Você fazia isso também, Chaya?/

- *Chaya*: Eu quando comecei eu tinha uns 9 anos, eu menstruei em cima de um pé de goiaba, eu não sabia o que era, eu comecei a chorar, GRITANDO, GRITANDO e GRITANDO, pensando que eu tinha me machucado. E minha maior bronca foi que minha mãe me olhou e começou a rir, mãe rindo e falando pro pessoal que eu tinha ficado moçinha, falando pros vizinhos todos.

-/Jabuticaba: Para ela era um orgulho:: né?! E tu /.../ da vida, né?

-Pesquisadora: Exatamente.

- Cravo: Eu menstruei com 13 anos.

- Pesquisadora: Eu com 15 anos.

- Cravo: NOSSA, tarde Dominique!

- Mamão: Eu com 13 pra 14 anos.

- *Jabuticaba*: Eu também. Mas é porque a gente não entende, eu sabia, mas assim você fica naquela e agora, o que que vai acontecer?! Fica esperando acontecer alguma coisa, só que nada, só o desconforto né.

- *Pesquisadora*: E é engraçado né, como que a gente tem uma coisa muito forte com isso, se não for isso, e outras coisas claro, a gente não tem a capacidade de gerar a vida, e a gente tem uma sensação com a menstruação de que tipo é suja, é nojenta, é vergonhoso estarmos menstruadas por conta de todos os constrangimentos que isso pode gerar, a questão da TPM e tal.

- *Jabuticaba*: É tem um tabu nisso sim.

- *Pesquisadora*: Sim, tem algo social que nos é imposto com relação a isso.

- *Jabuticaba*: E na minha época de colégio aquele negócio de estar sujo e tal, eu lembro do meu irmão contando que ele tava numa cachoeira com uma colega, não era namorada que ele era muito novo, daí eles tavam sentados na pedra e a menininha começa a sangrar. Ai meu irmão, SEM noção, apontou pra todo mundo ver e ouvir, você está sangrando, e a garota tchum na água. Ele falou que até hoje lembra disso, que ela ficou tão sem graça que até hoje nunca mais falou com ele.

- *Pesquisadora*: Interessante você ter dito isso, pra se ver a questão daquilo que falamos sempre, da importância de educarmos os meninos com relação a isso. Porque se eles sabem o quanto a menina se sente em relação a isso, a abordagem não seria feita assim.

- *Jabuticaba*: Exatamente. E até hoje em dia, que não é falado, é que a única diferença de mudança no nosso corpo é que você está fértil, e se tiver uma relação com um coleguinha, uma BRINCADEIRINHA. E o menino também tem que saber desses riscos, que a menina sendo moça ela corre esse risco. Porque é menino não tem nenhum tipo de orientação.

- **Cravo: E antigamente poucos pais, poucas mães conversavam, não era um assunto de chegar assim pra conversar não.**

- **Mamão: Não se prevenia, nem nada. Totalmente diferente de quando a gente já é mais experiente.**

- *Pesquisadora*: **Exatamente e ainda querem tirar a educação sexual das escolas.**

- *Jabuticaba*: **E como que você faz uma coisa dessas? Criança tendo criança, é o que mais a gente tem visto. E ai diz, como é que aconteceu, e nem eles sabem. Porque não sabem, não foram preparados. EU não tive NADA. Nem na escola eu soube o que isso significava (+), isso que vocês conversam hoje em dia com esses adolescentes eu nem**

sonhava na minha época. O que me despertou de curiosidade de conhecer o meu corpo, foi através de algumas coisas que eu li, ou de umas colegas mais descoladas que falava, entendeu? Eu fui aprendendo assim, porque minha mãe chegar e explicar, o corpo fica assim assado, ocorre isso aquilo, falou NADA. Da mesma forma como ela não recebeu ela não pode passar. Hoje é diferente, quando minhas sobrinhas ficaram menstruadas, né? Eu conversei com elas. O que elas sabem hoje sobre o corpo delas em si, fui eu que conversei, não que minha cunhada não fosse instruída para isso, mas ela se sentia mais constrangida do que eu, entendeu?! Ai eu explicava, tanto que eu perguntei pra minha sobrinha se ela sentia atração por menino ou por menina.

- *Pesquisadora*: É, e ainda bem que elas têm você como esse ponto de referência para conversar sobre essas coisas.

- *Jabuticaba*: É porque a gente tem que apoiar independente de qualquer coisa. Eu tenho um sobrinho que ele é muito reprimido pelo pai. É macho, tem que ser macho, tem que ser homem. E tem outro que é “Maria vai com as outras”, tudo que ele fala o outro assina. Então, eu sinto que ele tem lado, que ele não assume por conta do pai, ele não assume por medo do pai, mas sei que quando ele tiver a independência dele ele vai se resolver, porque ele tem essa capacidade de se resolver. Então não pergunto, não cobro dele, seria absurdo forçar uma barra. É um menino maravilhoso, isso nunca vai mudar, independente da situação que ele assumir.

- *Pesquisadora*: Sim, claro, se for assexuado, ou bi ou o que for.

- *Jabuticaba*: Isso, tem que respeitar.

- *Chaya*: Eu tenho um sobrinho que todo mundo falava que ele era. Ele era calmo, meigo, calado e tudo. E hoje ele se formou um rapaz que não é.

- *Jabuticaba*: Pois é, mas esse já é um rapaz. A gente percebe que quando ele tiver sua independência e o pai não tiver mais o domínio sobre ele, ele se resolve. Porque já teve várias situações com meninas e ele não tem aquela visão, de chegar e admirar, poxa que mulher bonita. Mas se ele olhar pra você, ele vai falar seu cabelo está muito bem cortado. Ele é crítico demais, ele percebe muita coisa.

- *Pesquisadora*: E vocês, como foi a primeira vez que ficaram menstruadas?

- *Cravo*: Foi HORRÍVEL!!! A gente sente um monte de coisa e não sabe bem o porquê, daí vem aquele monte de sangue e você não sabe bem o que fazer.

- *Mamão*: E as vezes você tá totalmente desprevenida, no meio de pessoas e suja e você ai que horror.

- *Pesquisadora*: E a primeira vez que você ficou, foi assim no meio de um monte de gente Mamão?

- *Mamão*: **Eu tava na escola e tinha uma amiga que fez o maior ESCÂNDALO. Tem um menino que até hoje lembra disso e me conta, que vergonha.**

- *Pesquisadora*: Mas ela também já tinha menstruado? Porque as vezes não sabia também, né?

- *Mamão*: Já tinha sim, foi pra me constranger mesmo.

- *Pesquisadora*: Então, sobre essa questão da menstruação, queria saber se vocês sabem de chás, simpatias, para quando ela não vem, para vir, para cólica, essas coisas? E se tem alguma coisa que não pode fazer nesse período em que está menstruada?

- *Jabuticaba*: **Não pode comer ovo durante a menstruação, e no final para limpar o útero, minha mãe sempre tomava água inglesa e me dava também.** E na menopausa que entrei agora, o médico me receitou chá de amora.

- *Chaya*: **Para cólica, eu tomo chá de cidreira e coloco compressa de toalha morna. Já na menopausa uma coisa que me ajudou muito foi chá de pitanga, eu suava e passava os calores rapidinho.**

((Interrupção: pessoas pedindo informações na organização)).

- *Mamão*: Eu não gosto de lavar a cabeça quando estou menstruada. A minha madrinha, ela sempre dizia tá menstruada, vai lavar a cabeça, não pode, depois sobe pra cabeça e vai ficar maluca. Ela sempre brigava comigo. Então até hoje eu tenho essa coisa, principalmente no primeiro dia assim, que me dá aquela enxaqueca horrível, eu fico com medo de lavar a cabeça.

- *Cravo*: É, tinha essa estória.

- *Pesquisadora*: Daí você fica o período menstrual inteiro sem lavar a cabeça? E ela dizia porque?

- *Mamão*: Eu procuro não lavar, quando tá mais pro final que as vezes eu lavo. No início quando tá muito abundante assim, não, tenho medo.

- *Cravo*: Não, eu sempre lavei. A minha vó falava sobre pisar em escama de peixe, passar por cima de pé de melancia.

- *Chaya*: pisar em pó de café./

- *Pesquisadora*: É mesmo? Quando você estivesse menstruada, né?

- *Chaya*: Isso.

- *Cravo*: Ela dizia que se passasse em cima do pé de melancia, matava. O pé de melancia morria. E (++) da escama de peixe, ela dizia que a possibilidade de ter mioma aumentava.

- *Chaya*: **E também bater o bolo né? O bolo sola.**

- *Cravo*: isso, o bolo sola.

- *Mamão*: Isso, tem coisas que talha, com leite quando vai mexer enquanto tá menstruada.

Pesquisadora: E pra quando ela não vinha, tinha chá?

- *Cravo*: Muito::::, chá de canela, chá de erva de são João, arruda, um monte de coisa. Mas eu não me lembro de tomar essas coisas não, pra descer não. Que eu me lembre não. Só tenho muita dor no peito, mas assim uma sensibilidade de não poder abraçar.

/Bowww/ ((Interrupção por um barulho estrondoso de algo caindo, sem nenhuma mudança na expressão delas))

- *Pesquisadora*: Isso é a pedreira, gente? Isso é normal?

- *Jabuticaba*: Sim, isso é direto.

- *Pesquisadora*: Pois é, deixa eu até voltar aqui. Vocês conhecem alguma coisa para parar a menstruação?

- *Jabuticaba*: Banho de asseio que cortava a menstruação.

- *Chaya*: Para parar de coisar, minha mãe ensinava e que tinha muito resultado, quando tava descendo demais, era queimar uma folha de papel, botar na água e queimar. Ela conta que a mãe dela na roça, tirava a rapa da panela, aquele carvãozinho que fica na panela de barro, que era fogão a lenha né? Raspava aquilo de fora, botava no copo e tomava aquela água. Fazia parar sim. Antigamente o pão era enrolado em um papel, daí pegava aquele papel, queimava e misturava. Outra coisa que eu fazia para diminuir muito era o chá da casca do coco. Você toma a água de coco, né? E aquelas cascas assim envolta do coco, aquela fibra, fazia o chá daquela fibra. Teve uma colega minha que tomou que até parou a menstruação porque ela tomou muito isso.

- *Jabuticaba*: A impressão que dá é que aquilo que tem noda, vai cortando, não sei. Minha mãe fazia asseio, duchinha.

- *Cravo*: Não conhecia isso não.

-/Pesquisadora: asseio?!

- *Jabuticaba*: Isso, de sentar na bacia, fazer aquela água morna, com sal. Fazer aquela lavagem. E ela usava aquelas duchinhas, aquelas que espirram. A ducha higiênica para limpar.

-*Chaya*: Me falaram também que a água do mar, você indo pra praia tomar um banho, pára também.

-*Jabuticaba*: Isso ela suspende, mas enquanto você está ali ela estanca, não é para parar de vez não. Depois ela volta. Isso eu já presenciei.

-*Pesquisadora*: E para vir a menstruação?

-Jabuticaba: Ela era tão normal que não precisava. Eu tive uma experiência recente com um livro sobre o efeito do alho. Daí, achei até interessante, que o alho era usado pra tudo, daí vi que dá uma machucada no alho, faz uma trouxinha e bota na vagina para curar doenças sexualmente transmissíveis. Eu tenho um tônico de alho pro cabelo que é muito forte, concentrado /pesquisadora: você não colocou o tônico lá não né?/ Então, quando eu tava com uma coceirinha, tipo candidíase, eu coloquei bem pouquinho num algodão e não colocava dentro dela não, mas colocava na beirada e eu sentia o vapor do alho entrar e queimar, parecia um bafo de dragão, mas funcionou menina, em 2 dias a candidíase passou. Para herpes também, não tem outra coisa melhor.

-Chaya: eu fui estudar sobre a pitanga e ela controla o colesterol, é bom pra quem tem diabetes, parece que melhora.

-Jabuticaba: é eu to dando pra minha mãe o chá de salsa porque a pressão dela foi baixando, baixando, e ela tomando 3 losartana por dia.

-Pesquisadora: Dá colônia que as meninas falaram.

-Jabuticaba: Sim. Mas a salsa baixou a glicose principalmente. Porque ele auxilia os rins, ele filtra os rins, a salsa. E baixou a pressão dela. A colônia ainda não testei nela, posso até levar.

-Pesquisadora: mas ela tem pressão alta né? Então cuidado, a colônia é bom, mas mesmo assim é meio complicado porque se baixa muito rápido, pra quem tem pressão alta é bem complicado isso. Quando experimentar, não faz concentrado não, faz bem fraquinho.

-Jabuticaba: Deixa a água ferver, joga a salsa, desliga o fogo, abafa e deixa, daí eu dou uns 2 copos grandes assim, pra dar a ela.

- Pesquisadora: E qual outro ponto que chamou atenção no texto para vocês?

- Chaya: **Para surgir o Sol, minha tia fazia muito, para surgir, ela pegava um toco, um toco que tinha no quintal, uma árvore cortada aquele toco, ai ela colocava flores, vários tipos de flores, jogava farinha por cima e pedia a Santa Clara para clarear o dia e fazer surgir o Sol. E até hoje eu faço isso, me lembro até hoje, essa minha tia morreu com câncer.**

- Jabuticaba: E funcionou? Desenhar o sol no chão eu me lembro.

- Chaya: FUNCIONA.

- Colônia: Eu lembro que quando tava chovendo muito que a gente ia pra algum lugar, minha mãe colocava alguma coisa no telhado para parar a chuva. Minha mãe colocava alguma coisa no telhado, não sei se era um chinelo, sei que a chuva passava mesmo. Vou perguntar para minha mãe e eu coloco no grupo. Eu lembro que minha mãe falava pra

colocar, e a mulherada tudo colocava e a chuva passava. Mas o que que era agora, eu não nem lembro.

- *Jabuticaba*: Mas o sol eu lembro de desenhar. Desenhar o sol no chão (+) e geralmente era o caçula que tinha que fazer, a filha ou filho caçula, tinha que ser o caçula.

- *Pesquisadora*: E tinha alguma explicação que ela dava?

- *Jabuticaba*: Diz que desenhava o sol no chão que no outro dia ia amanhecer com sol. E eu já sabia da cigarra, que a cigarra quando cantasse a noite era porque no outro dia ia ter sol.

- *Colônia*: Eu sempre soube que se a cigarra cantasse era sol. O pessoal hoje em dia fala que quando a cigarra canta é chuva, daí eu fiquei indecisa. Mas eu falei ué gente, será que é sol ou chuva?

- *Chaya*: Quando a perereca canta, o sapo canta é chuva.

- *Jabuticaba*: Isso! Quando a perereca canta que é chuva. Esses dias eu tava lá em casa, e eu disse, pai escuta só, e era a cigarra, e realmente tava um dia chuvoso naquele dia, e no dia seguinte fez sol.

- *Chaya*: Tem um pássaro também que ele canta quando vai chover, e quando alguém vai morrer.

- *Colônia*: É, diz que tem um pássaro com a rabo como uma tesoura, quando ele aparece (+).

- *Jabuticaba*: não é andorinhas não?

- *Pesquisadora*: não é o anu, não? Aquele preto?

- *Colônia*: isso, ele não tem o rabo que nem uma tesoura?

- *Pesquisadora*: Isso.

- *Colônia*: Ai quando ele passa, se ele cruzar, alguém morre, e morre mesmo.

- *Pesquisadora*: É mesmo? Mas se ele cruzar? Como assim?

- *Colônia*: Tipo que tá cortando, o rabo bate como se tivesse cortando, sabe?

- *Pesquisadora*: Caramba! Não sabia!

- *Chaya*: E o canto dele também, da chuva.

- *Jabuticaba*: Aconteceu um negócio interessante quando fui pra Minas, deixa eu contar...a gente foi pra um aniversário e todo mundo saiu da casa, e lá já tinha falecido uma pessoa, então sempre implica com o irmão da minha cunhada que sempre morre de medo de fantasma, ai a gente mexendo no armário para pegar as coisas pra dormir, ai pegamos uma boneca, e ela começou a falar sozinha. Ai a gente sacaneando, vamos deixar debaixo das coisas dele, que ela falando. Daí falei que tava com medo da boneca, pra ele dormir lá. Daí

quando ele chegou que escutou a boneca, fez maior arruaça, me tira daqui, tá doido! Daí tiramos a pilha da boneca, por incrível que pareça gente, de madrugada toca o telefone que tinha morrido o primo da dona da casa. Ai todo mundo ficou assim (+++) que é mau agouro, esse boneca, é mau agouro, essa boneca falando do nada.

- *Colônia*: Mas esse passarinho preto trás coisas ruins mesmo.

- *Pesquisadora*: É o anu mesmo?

- *Colônia*: Eu não conheço o anu, ele tem um rabão preto bem grande.

- *Pesquisadora*: Perae, que vou mostrar a foto.

- *Colônia*: **A primeira vez que eu fiquei sabendo que ele era assim que a minha mãe viu, ele parou e o pai dos meus filhos morreu. Depois a minha mãe viu ele de novo no mesmo lugar foi que meu pai faleceu.**

- *Jabuticaba*: É mesmo? Ele fica muito no pasto, que ele come carrapato.

- *Colônia*: **É ele fica muito ali, mas minha mãe diz que quando ele fica num ponto FIXO, que ele chama a atenção e que ele passa a tesoura, é (+++). Ah, é esse mesmo, o rabão dele cai e ele corta. Algumas pessoas falam que ele é o corvo da morte, tem gente que fala o corvo da morte.**

- *Jabuticaba*: parece um corvo mesmo.

- *Colônia*: É, mas que o corvo não é característico daqui.

- *Chaya*: **Tem o branco também, o anu branco. O canto dele que quando vai chover, a gente sabe o canto dele como é que é. Quando o tempo tá para chover é um tipo de canto e quando alguém vai morrer é outro. E a direção que ele tá cantando, por exemplo, ele vai pra lá, começa a cantar, cantar, cantar, um canto meio triste é de morte.**

- *Pesquisadora*: Ah, então é o anu branco que canta para morte e para chuva.

- *Colônia*: É esse eu nunca vi.

- *Mamão*: Quero quero também, tem um tal de gavião cova que quando ele canta é agouro. Se cantar muito, daqui a pouco anuncia a morte de alguém.

- *Chaya*: **Falam que a coruja também é agouro, para a gente lá não é não.**

- *Jabuticaba*: **Depende do lugar, se for um lugar que é comum aparecer, não é morte, agora que se não for comum aparecer e cantar.**

. 2º Encontro: Término da Leitura do depoimento da Conceição Evaristo, apresentação das temáticas e sugestão de organização do Caderno Popular.

Presentes: Cravo, Chaya, Mamão, Colônia e Jabuticaba

- *Pesquisadora*: Então meninas, hoje estamos aqui reunidas para dar continuidade ao nosso trabalho coletivo do livro. A ideia foi que com o texto que lemos na semana passada, eu pudesse levantar algumas temáticas que nos inspirassem na organização do livro, com isso, vou apresentar a minha ideia para vocês de como podemos organizar e é claro que quero que se lembrem que é apenas uma sugestão, não precisamos fazer desse jeito.

- *Cravo*: Claro.

- *Jabuticaba*: Mas é bom você dar um norte pra gente organizar isso mesmo, que daí os conhecimentos vão surgindo.

- *Pesquisadora*: Beleza então. Olha o texto que lemos na semana passada, acabei nem conseguindo comentar direito, é da escritora Conceição Evaristo, não sei se já ouviram falar dela. Ela saiu nos jornais, acho que no ano passado, se candidatando na Academia Brasileira de Letras, que é aquela instituição de referência em literatura e língua portuguesa. Ela é uma mulher que nasceu em Belo Horizonte, de uma família muito humilde e veio pro Rio e fez seus estudos aqui. Ela tem doutorado pela UFF e é escritora, e sua escrita vem sendo estudada em muitas Universidades no mundo todo. Ela é essa aqui ((mostrando uma foto)). E ela desenvolveu o que ela chamou de Escrivivência, que é a escrita que nasce do cotidiano, da vivência, das lembranças e da experiência de vida da autora e de outros que compartilharam isso com ela, e isso traz consigo uma leitura de um coletivo, de um povo, no caso de afrodescendentes. Além da sugestão da organização do livro que irei apresentar, também sugiro que a gente desenvolva nos encontros escrevivências também, isso é claro, se quiserem, mas vamos um passo de cada vez. De qualquer forma utilizaremos alguns textos dela para auxiliar na ativação de nossa memória.

- *Jabuticaba*: Ah, pode trazer mais, a gente amou o texto dela da semana passada.

- *Pesquisadora*: Então como lemos o texto na semana passada e temáticas como menstruação, machismo, ser mulher, entre outros surgiram, eu fiquei pensando que tudo isso, tinha em comum a relação do feminino e pensei que algo que perpassa pela gente é a relação direta com a capacidade de gestar a vida, daí pensei que podíamos organizar as oficinas de acordo com um ciclo de vida, então falássemos um pouco sobre nossa ancestralidade, nossas raízes, depois sobre nossa infância, adolescência, adulto (tornar-se mulher), envelhecer e morrer. O que vocês acham? E aí, dentro de cada uma dessas etapas organizaríamos os saberes, por exemplo, se fosse a infância, colocaríamos os contos, histórias para dormir, “simpatias” pra deixar de fazer xixi na cama por exemplo, remédios para as doenças que são comuns em crianças, essas coisas assim. Agora já falei demais, eu quero saber a opinião de vocês. Se vocês pensaram em alguma outra forma de organizar esses saberes e tal.

- *Cravo*: Eu acho MUITO maneiro, eu gostei.

- *Jabuticaba*: Eu me amarrei! Acho que vai ficar bem legal assim.

- *Colônia*: Eu acho que vai ficar porreta!

- *Chaya*: Achei bonito, que vai ficar lindo.

- *Mamão*: Também adorei.

- *Pesquisadora*: Gostaram mesmo? E vocês tem alguma sugestão? Querem pensar? Bem isso é só uma maneira de trazer, lembrar desses conhecimentos para a escrita.

- *Jabuticaba*: Por mim a gente já faz assim.

- *Cravo*: Por mim também.

- *Chaya*: Também. ((Colônia e Mamão acenaram com a cabeça que sim))

- *Pesquisadora*: E vocês tem alguma sugestão de como poderia ser feito, vocês chegaram a pensar nisso?

((Acenaram que não com a cabeça))

- *Pesquisadora*: Beleza então, vamos terminar então o texto da Conceição, que ficou faltando um pedacinho da semana passada e enquanto isso a gente vai vendo se tem alguma outra ideia, ou se alguma temática surge mais forte, não sei. Pode ser? Do contrário, eu na semana que vem já trago então (+), um texto e uma atividade relacionada a Ancestralidade para iniciarmos, beleza? Então quem pode continuar a leitura?

- *Colônia*: Eu, onde paramos?

- *Cravo*: Na parte “das mãos lavadeiras...” ((Apontando para o papel))

- *Colônia*: “Das mãos lavadeiras, recebi ainda listas de mantimentos, palavras cifradas, preços calculados para não ultrapassar o nosso minguado orçamento (sempre ultrapassavam) e lá ia eu, menina, às tendinhas, aos armazéns e às padarias perto da favela para fazer compras. Nesse exercício de quase adivinhar os textos escritos produzidos por minha família, quem sabe o meu aprendizado para um dia caminhar pelas vias da ficção... Ainda, uma de minhas tias, a que me criou, tinha por hábito de anotar resumidamente em folhas de papéis, datas e acontecimentos importantes, desde fatos relacionados à economia doméstica, a acontecimentos sociais ou religiosos. Anotações familiares como: (+)

“A nossa última galinha d’angola fugiu semana passada, isto é no final do mês de novembro”.

“No dia 13 de dezembro, pus a galinha garnisé para chocar sobre nove ovos”.

“Dona Etelvina de Seu Basílio voltou para São Paulo no dia 15 de agosto de 1965”.

“Já paguei duas mensalidades para ajudar na festa da Capela do Rosário”.

“Maria Inês, minha sobrinha ficou noiva no dia 22 de junho de 1969”. (+)

- *Chaya*: Nossa, olha eu ai.

- *Pesquisadora*: Você também tem esse costume?

- *Jabuticaba*: Eu também tenho.

- *Mamão*: Também.

- *Colônia*: Eu também. E anoto todos os eventos importantes que aconteceram.
- *Pesquisadora*: Nossa que engraçado isso, minha mãe também tem esse mesmo costume. Vocês sabem porque vocês fazem isso?
- *Jabuticaba*: Não sei não, acho que é para não esquecer, registrar os eventos.
- *Colônia*: Posso continuar? “E a medida que eu crescia e os meus conhecimentos também, alguns desses eventos passaram a ser registrados por mim, como também passou a ser de minha responsabilidade cuidar de meus irmãos menores na escola, acompanhar seus deveres, ir às reuniões escolares e transmitir os resultados para mim mãe. De meus irmãos passei a acompanhar os deveres das crianças menores vizinhas. No pequeno quintal de nossa casa, debaixo das árvores, improvisei uma sala de aula. Das moedas, que me eram dadas pelas mães gratas pelo desenvolvimento de seus filhos na escola, surgiam meu primeiro salariozinho. Riqueza que me permitia comprar ora o pão diário, ora açúcar, ora o leite do irmãozinho menor, ora um caderno para mim, e às vezes algum livrinho, (revistinhas infantis, gibis, que não sei porque eu considerava como sendo livro) ou ainda obter uma alegria maior: doces, doces, doces...”
- *Chaya*: NOSSA, eu também ensinava assim meu irmãos./
- *Colônia*: Quando eu brincava quando pequena, a gente pagava com folha de papel. A gente fazia uma brincadeira de sala de aula, e no final falamos vamos pagar a professora, se são 10 cruzados, dávamos 10 folhas na hora.
- *Jabuticaba*: Quando eu era pequena, eu tinha essa mania, de falar e repetir sempre baixinho a mesma coisa. Não sei porque isso acontecia.
- *Pesquisadora*: Será que era por conta do seu irmão? ((A jabuticaba era gêmea de um menino que morreu no parto, e desde que ela era pequena ela sempre tinha mania de fazer tudo dobrado, comprar roupa dobrado, pegar dois copos e etc)).
- *Chaya*: Eu quando era pequena eu sonhava um sonho que sempre se repetia, que eu era uma índia linda, e eu sobrevoava na mata junto com um homem branco, eu era alguma coisa lá, eu pertencia, fazia parto, e até as poesias que eu tenho costume de escrever, vem muito dos sonhos.
- *Pesquisadora*: Que legal Chaya, continue a escrever suas poesias!
- *Colônia*: “Mas digo sempre: creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados a meia-voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de

gozo ou dor dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite. Na origem da minha escrita ouço os gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas contando em voz alta uma para outras as suas mazelas, assim como as suas alegrias. Como ouvi conversas de mulheres! Falar e ouvir entre nós, era a talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos. Venho de uma família em que as mulheres, mesmo não estando totalmente livres de uma dominação machista, primeira a dos patrões, depois a dos homens seus familiares, raramente se permitiam fragilizar. Como “cabeça” da família, elas construía um mundo próprio, muitas vezes distantes e independentes de seus homens e mormente para apoiá-los depois. Talvez por isso tantas personagens femininas em meus poemas e em minhas narrativas? Pergunto sobre isto, não afirmo. Afirmo, porém que foi do tempo/espaço que aprendi desde criança a colher as palavras”.

/Cravo: Essa questão do machismo me lembrou de que lá em Mauá, você vê que tem uma mulher que é feia, mas feia de matratada, de acabada, sabe? Sabe aquele homem que acaba com a mulher? Ela largou ele, e olha a mulher com um sorriso, ela é linda demais, sabe aquelas transformações de televisão? E fica aquelas mulheres falando que ahh porque homem é presente de Deus, presente de Deus nada gente é ILUSÃO. Todo mundo fica de boca aberta com a transformação dela. E diz que não vale a pena, não vale o /.../. Muitas mulheres passam por isso, muitas, de abuso não só físico, mas psicológico mesmo, de dizer que ela não fica tão bonita assim, que a mulher não vai achar um cara melhor do que ele e tal. E até em questão mínima, dentro de casa, porque a mulher tem que fazer comida? Tá, se o homem trabalha e a mulher está em casa e não trabalha, tudo bem, se fosse o contrário também. Mas sendo os dois trabalhando, porque a mulher tem que chegar em casa e fazer a janta? Porque a mulher tem que chegar em casa e lavar a roupa? Lá em casa a gente tá pegando isso como experiência esses dias. E as meninas estão vindo me cobrar o porque que eu não lavo as roupas do meu marido. Se eu to lavando a de todo mundo, o que custa lavar a dele também. E eu to: custa MUITO, custa que meu tempo é precioso e os tempos de Amélia já acabaram.

- **Colônia:** NOSSA demais, isso tá direto no nosso dia a dia.

- **Cravo:** Por isso que temos que nos fortalecer e dialogar sobre essas coisas.

- **Pesquisadora:** Com TODA certeza. E como isso possui várias nuances e permeiam nosso cotidiano e muitas vezes nem percebemos, né? Você pode continuar mamãe?

- *Mamão*: Sim, “Não nasci rodeada de livros, do meu berço trago a propensão, o gosto para ouvir e contar histórias. A grande oportunidade para a leitura constante me chegou, quando eu, já quase mocinha tinha a autonomia para ir e vir a Biblioteca Pública de Belo Horizonte, casa-tesouro, em que uma das minhas tias se tornou servente. Se a leitura desde a adolescência foi para mim um meio, uma maneira de suportar o mundo, pois me proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que eu vivia, a escrita também desde aquela época, abarcava estas duas possibilidades. Fugir para sonhar e inserir-se para modificar. Essa inserção para mim pedia a escrita. E se inconscientemente desde pequena, nas redações escolares eu inventava outro mundo, pois dentro dos meus limites de compreensão, eu já havia entendido a precariedade da vida que nos era oferecida, aos poucos fui ganhando uma consciência. Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de auto afirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra. E retomando a imagem da escrita diferencial de minha mãe, que surge marcada por um comprometimento de traços e corpo, (o dela e nossos) e ainda a um de diário escrito por ela, volto ao gesto em que ela escrevia o sol na terra e imponho a mim mesma uma pergunta. O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semi alfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita? Tento responder. Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos. Rio de Janeiro, agosto de 2005”.

- *Jabuticaba*: **O relato da Conceição é muito forte é muito interessante. Eu lembro que meu pai conta, dela falar que usava pedaço de pedra e escrevia na pedra. Era um bloco de pedra que os alunos recebiam e um bastão de grafite e eles aprendiam ali. Fazia tabuada e tudo.**

- *Pesquisadora*: **Nossa que interessante Jabuticaba e seu pai estudou onde?**

- **Jabuticaba:** Não me lembro, vou perguntar a ele. Mas escrevivência que diz né? Gostei dessa palavra.

- **Pesquisadora:** Isso! A minha ideia gente de trazer esse texto foi porque quando vocês me falaram da vontade de vocês em escreverem o livro, eu vi o quão forte isso era, o quão insubordinado isso era, o quanto de poder isso tem, do mesmo jeito que a leitura da escrita dela nos traz essa sensação. Foi o que ela falou, o quanto a escrita em si, não são as palavras, não é a leitura, não é apenas isso, é o quanto de conhecimento de vida que foi trazido principalmente pela oralidade, pela convivência, pelo corpo, pelo movimento do corpo que se traduz em uma linguagem e nos mostra uma forma de ver o mundo, de escrever. E aí é isso que ela fala da escrevivência, ela diz que só consegue viver escrevendo e ela só consegue aprender a vivência dela, se ela escreve. É a maneira dela de assimilar isso tudo.

- **Colônia:** E você lendo o que ela escreveu, você volta ao seu passado né? Antigamente, no meu tempo, as pessoas aprendiam o que era certo e errado com 7 anos, tinham aquela inocência, hoje com 5 anos a criança já sabe o que é certo e o que é errado. Já sabem o que é maldade e o que não é. Antes levava 3 meses para as crianças abrirem os olhos, hoje já sai da barriga praticamente., pra você ver como que tá tudo muito precoce, muito acelerado, tá tudo correndo. Tem uma menina de 11 anos grávida na comunidade, namora um rapaz de 22 anos. Uma criança. O cara já tem dois filhos e ela ficou moçinha com 9, aí com 11 engravidou. Ela veio pedir manga e eu to vendo a barriga já grandinha, e perguntei quantos anos ela tinha e ela com medo de falar disse que com 15, daí uma outra criança falou, nada ela tem 11, para de mentir. Daí ela me falou, a mas vou fazer 12 no final do ano. Com essa idade e tava brincando de comidinha de lama, cheia de verme, gordinha, cabelo todo bagunçado, toda feia.

- **Pesquisadora:** Ah, mas não gostei dessa definição pra dizer que você era feia não.

- **Colônia:** Não, to falando feia no sentido de que hoje em dia essas meninas só querem saber de aparência, cabelo pranchado, toda ajeitadinha. E eu nem ligava pra isso, pra tomar banho quase apanhava. Botar cílio tufo, maquiagem, unha, tudo precoce. Como que a gente explica isso, é o aquecimento global, será? O que que está acontecendo?

- **Jabuticaba:** Muito hormônio, alimentação.

- **Pesquisadora:** Isso, e também muito estímulo e exposição a um padrão desde cedo, muito rápido.

- **Colônia:** Chega perto da minha mãe pra bater um papo e começa a mexer no telefone, ela vai levantar e te largar ali sozinha. Na casa dela se bobear, você entra e larga o telefone do lado de fora, ela não aceita.

- *Pesquisadora*: Espetáculo! Está certa! Meninas, vamos só encerrando, porque já está ficando tarde e você me pediram pra gente terminar antes das 19h, daí a gente continua na semana que vem. **Mas vocês conseguiram ver o potencial que tem nesses saberes de vocês, nesses conhecimentos, que praticamente vocês não dão valor, quando vem alguém com um diploma e tal?**

- *Jabuticaba*: Pois é, a forma como ela escreve, abre muito a nossa mente.

- *Colônia*: São coisas que talvez nossos filhos não terão para lembrar daqui pra frente, esse saberes.

- *Jabuticaba*: Eu fui saber o que de fato era ABUSO, já era adolescente.

- *Pesquisadora*: Pois é jabuticaba, temos diversas maneiras de conversar sobre isso em **todas as idades, né?** Deixa eu falar uma coisa com vocês que já estamos finalizando por conta da hora, vocês perceberam quantos saberes já surgiram nesses dois dias de encontros?

- *Colônia*: E num é MESMO.

- *Cravo*: MUITA coisa.

- *Jabuticaba*: Verdade.

- *Pesquisadora*: É isso então, e ah meninas, muito obrigada por deixar eu fazer parte desse processo com vocês.

. 3º Encontro: Ancestralidade e História Local com leitura do Conto “Olhos d’água da Conceição Evaristo

Presentes: Cravo, Mamão, Colônia e Jabuticaba

- *Pesquisadora*: A temática da nossa reunião de hoje é sobre Ancestralidade e do quanto isso é importante na nossa formação, então, nada melhor do que começar tentando resgatar a nossa árvore genealógica. E a ideia de hoje é de lembrar as pessoas que vieram antes da gente e tentar escrever ou reavivar, das pessoas que vieram antes de gente, as histórias, o que elas contam para a gente da história de vida delas, que ficou registrada por nós.

- *Cravo*: Vixe, avô, bisavô então, nem lembro.

- *Chaya*: Nossa eu também não lembro não.

- *Jabuticaba*: Eu só sei até avó e avô, o restante não faço ideia.

- *Pesquisadora*: Ixeeee, então, vamos fazer o seguinte, eu quero que vocês tentem trazer para a próxima reunião fotos e/ou objetos dessas pessoas que vieram antes de vocês e que vocês fiquem com a “tarefa de casa” de perguntar aos pais, avós, tios sobre o nome desses parentes

que vocês não lembram, para trazer para o próximo encontro, e nesse agora a gente lê um outro texto, na verdade, um conto que trouxe da mesma escritora, que é a Conceição Evaristo, que fala um pouco sobre essa questão da Ancestralidade, bora ler? Quem se habilita?

- *Cravo*: Eu vou. Os Olhos d'água. Uma noite há anos acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca, de que cor eram os olhos da minha mãe? Atordoada, custei a reconhecer o quarto da nova casa em que eu estava morando e não conseguia me lembrar como havia chegado até ali e a insistente pergunta martelando, martelando, de que cor eram os olhos da minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer, entre um afazer e outro eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos da minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusativo, então eu não sabia de que cor eram os olhos da minha mãe? Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência, sempre ao lado de minha mãe, aprendi a conhecê-la. Decifrar o seu silêncio nas horas de dificuldade, como também sabia reconhecer em seus gestos prenúncios de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa por não recordar de que cor seriam seus olhos. Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela, da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo, da VERRUGA que se perdia no meio de uma cabeleira crespa e bela, um dia:: brincando de pentear, boneca:: A alegria que a mãe nos dava quando deixando por alguns momentos, o::: que? O lava lava, o passa passa de roupagens alheias e se tornava uma grande boneca negra para as filhas. Descobrimos uma bolinha escondida bem:: ((risos)) minha vó tinha ((risos)).

-/Pesquisadora: É mesmo?!

((Cravo acenou que sim com a cabeça enquanto ria))

- *Cravo*: Descobrimos uma bolinha escondida bem:: ((risos mais altos))

- *Jabuticaba*: Eu tenho... ((Falou sem sair som))

- *Pesquisadora*: Que MANEIRO amiga, posso abrir pra ver? Que LEGAL!

- *Jabuticaba*: Jabuticaba tem a bolinha.

- *Cravo*: “Descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo dela, pensamos que fosse um carrapato. A mãe cochilava, uma das minhas irmãs aflitas, querendo livrar-se a boneca mãe daquele padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós rimos, e rimos, e rimos do nosso engano. A mãe riu tanto de as lágrimas escorrerem, mas de que cor eram os olhos dela? Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe, ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas, ali as crianças andavam nuas até bem

grandinhas. As meninas assim com os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. As vezes as histórias de infância de minha mãe, confundiam-se com a minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava da panela subia cheiro algum, era como se cozinhasse ali apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas sobre a água solitária que fervia na panela cheia de fome, parecia debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar o sonho de comida. E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas, nessas ocasiões, as brincadeiras preferidas era aquela em que a mãe era a senhora, a rainha, ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira, felizes colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo, e diante dela fazíamos reverências à senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos a cabeça para a rainha, nós princesas a volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria de uma maneira triste e de um sorriso molhado, mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia desde aquela época que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía, às vezes no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se sentava na soleira da porta e juntas ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu, umas viravam carneirinhos, outras cachorrinhos, outras gigantes adormecidos e havia aquelas que eram só nuvens de algodão doce. A mãe então espichava o braço que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinho e enfiava rápido na boca de cada um de nós, tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem se derretesse e com ela nossos sonhos esvaecessem também. Mas de que cor eram os olhos da minha mãe? Lembro ainda do temor da minha mãe nos dias fortes de chuva, em cima da cama agarrada à nós ela nos protegia com seu braço e com os olhos alagados de pranto, balbuciava as rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se lamento o pranto da minha mãe, se o barulho da chuva, sei que tudo me causava a sensação de que nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos da minha mãe se confundiam com os olhos da natureza, chovia e chorava, chorava e chovia, então porque eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela? E naquela noite a pergunta continuava me atormentando, havia anos que eu estava fora da minha cidade natal, saíra de minha casa em busca de uma melhor condição de vida para mim e para minha família. Ela e minhas irmãs haviam ficado pra trás, mas eu nunca esquecera da minha mãe, reconhecia a importância dela na minha vida, só não dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres da minha família. E também já naquela época eu entoava cantos de louvor a TODAS as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com

suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas senhoras, nossas Yabás, donas de tanto sabedoria. Mas de cor eram os olhos de minha mãe? E foi então que tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos da minha mãe, naquele momento resolvi deixar tudo e no dia seguinte voltar a cidade que nasci, eu precisava buscar o rosto da minha mãe, fixar no dela para nunca mais esquecer a cor de seus olhos. Assim fiz, voltei aflita, mas satisfeita, vivi a sensação de estar cumprindo um ritual, de que as oferendas aos Orixás deveria ser a descoberta da cor dos olhos da minha mãe. E quando após longos dias de viagem, para chegar a minha terra, pude contemplar extasiada os olhos da minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi? Só vi as lágrimas, e lágrimas, entretanto ela sorria feliz, mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi, minha mãe trazia serenamente em si, águas correntezas, por isso prantos e prantos a enfeitar seu rosto, a cor dos seus olhos, de minha mãe, era cor de olhos d'água, águas da mãe Oxum, rios calmos mais profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de mãe Oxum. Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção, senti as lágrimas dela se misturarem às minhas. Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos da minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha, faço a brincadeira que os olhos de uma torna-se o espelho para os olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com o gesto de minha menina, quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente meu rosto, me contemplando intensamente e enquanto jogava os olhos dela no meu, perguntou tão baixinho, mas TÃO baixinho como se fosse pergunta pra ela mesma, ou como se estivesse buscando e encontrando a relevação de um mistério ou de um grande segredo, eu escutei quando sussurrando minha filha falou: mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?

- *Cravo*: NOSSA muito bonito,né?! NOSSA::: lindo!

- *Jaboticaba*: Nossa::: muito bom, muito forte.

- ***Cravo*: Essa parte do barraco balançando, eu não me lembro, mas minha mãe fala que antigamente nossa casa era de pau a pique. Acho que eu era bebê, eu devia ter uns 8 ou 9 meses e teve uma chuva muito forte. E essa chuva balançava, ela sentia que balançava a casa. E chovia muito gelo e para poder me proteger ela me enfiou dentro do guarda roupa, só que com a ventania, é::: conforme a parede balançou, eu sai de dentro do guarda roupa, que ela me segurou, a pedra de gelo veio e pow na minha cabeça.**

- *Pesquisadora*: Eita, caramba!!!

- ***Cravo*: Ela sempre conta essa história, que o desespero foi tão grande que naquele temporal, ela tinha que proteger a mim, a meus irmãos e a casa balançando e ela não**

sabia o que fazer. Muito engraçado isso, ela sempre conta essa história. Isso foi quando derrubou uma tal jaqueira que eu falo que cercava lá o Remanso, que eu falo que parecia um túnel.

- *Pesquisadora*: Eu lembro de você já comentar isso.

- *Cravo*: Foi nessa chuva. Eu lembro dela falar que foi uma chuva de janeiro.

- *Jabuticaba*: Que tenso nossa.

- *Pesquisadora*: Nem fala, muita coisa.

- *Cravo*: Foi MUITO, muito forte, é porque vocês não alcançaram. De tão forte que ficou ele tombou o pé de jaqueira pela raiz, a raiz dele ficou pra cima e foi a coisa mais incrível que ele não morreu, ele continuou vivo, só que ele atravessava a rua, antigamente no Remanso, não passava caminhão, não passava carro grande, só carro pequeno. Porque o tronco dela era gigantesco, enorme, muito, muito grande e ninguém podia..

- *Jabuticaba*: E dava fruta normal?

- *Cravo*: Sim e a jaca era uma maravilha.

- *Pesquisadora*: E acabaram tirando ela?

- *Cravo*: Ela foi apodrecendo, de tão velha ela mesma foi apodrecendo, ai foi que foram conseguindo cortar. Mas ela era imensa, era muito grande. Ali a gente pega aquela reta do Remanso, ai tem aquela curva, logo na curva onde era a casa da minha mãe, ela caiu, ela era um pouquinho antes da casa que ela caiu. Então quando você chegava naquela curva ali, você tinha a sensação que tava entrando num túnel, que era aquele pé de jaca enorme. Era muito grande, eu não sei se tem foto, por isso to curiosa pra ver as fotos da minha tia, pra ver se tem foto da jaqueira.

- *Jabuticaba*: Ah eles devem ter tirado.

- *Cravo*: Deve ter foto. Era muito divertido, e o tronco dela era tão grande que no dia de calor a gente conseguia subir nela e deitar, ficar deitada no tronco dela. Era muito maneiro, e a jaca era uma delícia, jaca pau.

Pesquisadora: Eu achei muito legal quando ela fala das brincadeiras para distrair da fome e tudo, eu lembrei da minha infância quando minha madrinha fazia isso pra tentar distrair que meu pai era alcóolatra, alias, é alcoólatra, porque isso não se deixa de ser. E ela ficava me ensinando a fazer trança enquanto (+) meu pai tava quase quebrando tudo na casa do meu tio. Desculpa ter vindo isso nesse momento, vai vindo né..

- *Cravo*: A gente também. A minha família e meus irmãos também passou muito por isso, porque a minha mãe, não sei explicar o que acontecia com a minha mãe, hoje a gente fala que

ela era muito tapada. A minha mãe não ia sozinha levar a gente no médico, a minha mãe não fazia NADA sem o meu pai. E o meu pai ele bebia muito, bebia demais. Chegou certo tempo em que aquilo só foi piorando, e piorava e piorava. E de todos os irmãos, porque minha mãe foi engravidar do meu irmão mais novo eu já tava com 9 ou 10 anos, ela engravidou do meu irmão e depois ainda teve a Vânia. Então até enquanto eu era a caçula, eu era muito doente, qualquer coisa me derrubava. Eu tive TUDO que uma criança podia ter, eu tive. E no final ainda fui ter catapora com 16 anos. Tudo eu tive, então eu vivia no hospital, e minha mãe não ia sozinha. Ai o que que meu pai fazia, levava a gente até a porta do hospital e dizia pra ela que daqui pra frente você se vira que a filha é sua. E várias vezes eu ficava internada, e ela não conseguia fazer NADA sem meu pai e eu sofria muito, porque com a bebida, os maus tratos aumentam, né? Pioram, né? Meu pai não era diferente do seu, ele quebrava TUDO dentro de casa, TUDO! Teve uma vez que a gente teve um Natal, a gente não tinha nada pra comer, daí meu irmão trabalhava pra um moço que trabalhava vendendo carne de porco, ai o que que esse moço fez, separou um monte de carne e deu pro meu irmão. Ai quando meu irmão chegou em casa, minha mãe fez aquela carne e ainda tinha bem pouco de arroz. Ai minha mãe fez aquela carne e o arroz pra gente jantar, janta de Natal. Ai meu pai chegou quebrou tudo, quebrou a casa todo, jogou a comida FORA! A gente ficou sem NADA pra comer, e ele ainda queria bater na gente, bater na minha mãe e daí a gente saiu. Porque minha vó sempre morou no Remanso e minha mãe num local mais distante e a gente teve que sair correndo pra ir pra casa da minha vó, pra ele não fazer nada com a gente. E ele quebrava TUDO, TUDO mesmo. E as vezes, meu pai era um homem MUITO, MUITO inteligente, MUITO, MUITO, só que ele chegava pra minha mãe e falava, eu recebi, só que deixei tudo com as piranhas, você não merece. E isso foi ó, muitos e muitos anos, pra minha mãe destapar um pouquinho e aprender a acordar pra vida! Isso foi assim que ela foi acordar pra vida eu já tinha assim uns 17 anos. Foi que ela começou a trabalhar fora, aliás, ela sempre trabalhou pra essa mesma moça desde que eu era pequena, quando ela começou a trabalhar pra essa moça eu era pequena, eu tinha uns 4 anos de idade, pra essa senhora. Então as duas criaram vínculo que não era de patrão e empregada, que era de família. A moça tinha ela como uma filha. Essa moça era de Miguel Pereira e veio morar em Caxias, ai que minha mãe começou a trabalhar com ela direto. Pra você ter ideia, minha mãe saia do serviço em Caxias, ela tinha que vir colocar minha mãe num ônibus pra minha mãe vir, porque minha mãe não ia da 25 de agosto ali em Caxias na Rodoviária sozinha. E daí ela sofreu muito pra ela conseguir acordar pra vida. **Que por um lado foi através da Igreja que ela despertou, que ela entrou pra Igreja, se batizou e tal, e na época a Igreja deu esse apoio pra ela, e foi ai que ela despertou, e**

começou a trabalhar, a trabalhar, e ai meus irmãos já eram maiores e começaram a enfrentar meu pai. Então toda vez que ele bebia que chegava em casa querendo agredir a gente, meus irmãos enfrentavam. E todo mundo falando você vai deixar isso ir até quando? Até pai matar filho e filho matar pai. E foi até um dia que a coisa foi bem séria mesmo, ela resolveu dar um basta. Só que assim, ele não saiu de casa, que ela trabalhando ela conseguiu que a patroa ajudou ela a construir a casa e tal, e ela não tinha força pra mandar ele sair. Daí nós saímos de casa e fomos pra casa da minha avó. E assim, onde era a casa da minha mãe e a casa da minha vó era perto, a gente mal podia entrar pra gente pegar roupa pra poder tomar banho, porque ele não deixava a gente entrar. Daí na época, tinha um grupo desses caras ai, que eles não achavam justo minha mãe passar por uma situação dessas. Daí teve um dia que eles entraram a noite e expulsaram meu pai. Daí ele foi bater na casa da minha vó pedindo pra minha vó deixar ele entrar. E minha vó dizia, não aqui você não entra. Ai ele, mas eles vão me matar, me matar, me matar. Ai minha vó, mas aqui você não entra. Ai foi que ele saiu, ele fugiu. Ai os rapazes foram dar o recado pra minha mãe, pra mandar ela voltar pra casa dela, porque a casa é dela e não é dele não. Ai que a gente voltou pra casa e voltamos a ter sossego, a viver direito, porque ela já trabalhava direitinho e meus irmãos também já trabalhavam e ajudavam ela. E foi ai que as coisas começaram a melhorar, mas até então, era perrengue em cima de perrengue. Daí ele veio aqui pra Suruí, ficou morando aqui em Suruí, numa casinha ali, ai depois de um tempo ele morreu. Quando meu pai morreu (+), eu não vi, eu não fui ver, e assim eu era a única que batia de frente com ele.

- *Jabuticaba*: Então você não foi porque você não quis?

- *Cravo*: Não quis. Várias pessoas falavam pra mim, mas ele é seu pai e tal. E eu falava e daí que ele é meu pai, ele nunca foi bom pra mim então não tem porque eu ir lá agora, chorar. Não tem por que. E no dia que ele morreu, eu tava saindo de casa pra ir na casa do meu namorado, que era o pai das meninas. Ai quando eu cheguei lá ele falou pra mim..antes eu encontrei com os meninos e eles falaram seu pai tá morto ali, eu falei pros meninos, diante de Deus, o problema é dele, se ele morreu eu quero lá saber que ele morreu, e segui meu caminho. Daí quando cheguei na casa dele ai ele foi e falou que estão dizendo que seu pai está morto, daí eu falei, é encontrei com os meninos e eles me contaram, ai ele disse vou lá ver se isso é verdade. Daí ele disse, vamos e eu não, não vou. Eu vou com você, mas não vou chegar perto. Realmente era verdade aquela coisa e tal. No dia do enterro, eu não fui no cemitério, eu não fui, não fiquei e todo mundo achando que eu tava sofrendo, mas diante de Deus, era meu pai, mas a morte dele não foi sofrimento pra mim. To falando sério, foi tranquilidade porque a

partir daí que a gente conseguiu começar a viver, porque até então ele cansava de ir no portão, de fazer barraco. Meu pai não era normal Dominique, ele não era de jeito nenhum. Pra você ter uma ideia, ele gostava de beber café, ele não bebia nem em copo, nem em xícara, ele tinha uma garrafa de alumínio. A gente tinha que esquentar o café, esfriar e dar na mão dele. Se a entregasse o café quente, quando a gente virasse as costas o café passava pra cima da gente. E ele fazia isso várias vezes. E eu via isso como um ABUSO, um abuso muito grande. E isso foi por muito tempo, então eu te entendo. Com uma certa idade que a gente começou a enfrentar ele, mas foi quando a coisa começou a tipo que amenizar. Pra você ter uma ideia, teve uma vez que ele aprontou TANTO, mas TANTO, que eu e minha mãe fomos do Remanso, até o DPO de Olaria pra chamar a polícia. Quando a gente saiu de casa, ele já tinha quebrado a casa toda, tudo fora de lugar. Quando a gente chegou com a polícia, ele colocou TUDO no lugar, tudo direitinho. E olhou calmo para a cara do policial, e falava eu meu filho, você acha que eu, um senhor dessa idade, eu ia fazer uma coisa dessas, eu AMO essa mulher.

- *Pesquisadora*: CARACA que bizarro!!!!

- *Jabuticaba*: Dissimulado:::::

- *Cravo*: No dia que ele morreu, ele foi de casa em casa, e os vizinhos tratando ele super bem e falaram que meu pai tinha morrido, ninguém tinha acreditado, ué, mas ele teve ontem aqui, não é possível. Ele já sabia que ia morrer. Meu pai era MUITO, muito::::: ruim. Meu irmão cuidava de um sítio de uma senhora e meu irmão era doido por uma bicicleta, ai sabe essas bicicletas antigas, de ferro, boazona? Ela tava inteirinha, só com os pneus furados. Ai meu irmão, cheio das humildades, veio e tadinho, perguntou se ela vendia a bicicleta, e como ele trabalhava pra ela, ele falou que pagava por semana, ela foi e falou você não vai ter dinheiro pra me comprar essa bicicleta não, que ela é muito cara, ai meu irmão murchou na hora. Ai depois ela veio e disse filho a bicicleta é sua, daí meu irmão trabalhou a semana toda, trocou pneu, colocou câmara de ar, tudo novinho na bicicleta, ficou feliz da vida. Ai teve um dia, numa sexta feira que a gente varreu o quintal e juntava muita folha do pé de amêndoa, a gente juntou as folhas do outro lado da rua pra poder queimar, quando a gente começou a botar fogo no lixo, meu pai chegou bêbado, ele pegou a bicicleta novinha do menino, foi lá em cima da fogueira e colocou. Agora imagina o desespero, meu irmão CHORAVA vendo a bicicleta dele. Ele era ruim, RUIM mesmo. **Só que outra pessoa de fora, que chegasse e falasse ah fulano to precisando disso e disso, na MESMA hora. Pra você ter ideia, ele tinha maior conceito com os policiais de Suruí e de Mauá. Porque fora da delegacia, os policiais vinham e pediam pra ele fazer arma, e ele fazia a arma todinha.**

- *Pesquisadora*: Ele fabricava a arma?

- *Cravo*: Ele fazia, ele ia no mato, ele sabia qual a madeira que ele tinha que tirar para fazer o cabo, fazia e dava montadinha e tudo. O meu nome é por conta de um policial de Mauá, olho pra ele e me dá um ódio. Ele era assim com meu pai, super amigos e quando eu nasci meu pai queria me dar a ele pra batizar, só que mãe não deixou. É a única coisa que eu lembro que me falam que minha mãe teve pulso firme. Mas ai foi e colocou o meu nome igual o dele.

- *Pesquisadora*: Nossa que tenso isso.

- *Jabuticaba*: Muito complicado isso.

- *Cravo*: E assim, a gente olhando assim, analisando, principalmente hoje, na época que a gente tá vivendo, isso é coisa assim de periferia, de gente, vamos botar assim, de gente mais humilde e você olha seu pai e sua mãe. Sempre tiveram uma vida mais razoável, em vista do meu pai e da minha mãe. Ihh assim não tem essa coisa de classe social, instruída, estudada.

- *Pesquisadora*: Com certeza.

- *Jabuticaba*: É ah vagabundo, alcoólatra, que colocou na minha casa, é vagabundo e tal e não é.

- *Pesquisadora*: Não mesmo, não é a toa, minha mãe trabalhou mais de 15 anos com dependência química e alcoolismo, não foi por conta do meu pai não, acho que ela atraiu mesmo. Mas quero dizer que o quanto de informação ela tinha e tal, mas é uma doença mesmo, que não é dada a devida gravidade.

- *Cravo*: E olha só a minha mãe e a sua mãe, as duas com condições diferentes, mas viveram a mesma coisa.

- *Jabuticaba*: Quase a mesma coisa.

- *Pesquisadora*: Sim, com certeza.

- *Cravo*: Interessante isso.

- *Jabuticaba*: É eu não tenho um histórico de agressividade assim não. Meu pai foi bem arteiro, aproveitou bem a vida dele, tanto que casou com 30 anos. Minha mãe acho que era mais agressiva, no jeito na criação que ela teve e tudo, mais do que ele propriamente dito. Meu pai parou de fumar porque foi assim um acontecimento também. Meu pai fumava há 30 anos e ele deixou o dinheiro pra nossa merenda, na época eu tava no jardim de infância, meus irmãos que me levavam, e a gente andava sozinho, que era bem pertinho. Daí quando ela foi procurar o dinheiro pra dar pra gente pra fazer a merenda, não tinha, daí a gente foi sem mesmo, não tinha pão, não tinha nada, não tomamos nem café. Daí quando ele chegou, minha mãe perguntou onde tava o dinheiro da merenda e ele disse que tinha saído pego pra comprar cigarro. Na MESMA hora ele pegou o maço de cigarro que tinha comprado novinho, passou

pelo mendigo, que ficava na porta da Igreja, o nome dele era até Tatu, eu me lembro dele, e perguntou se ele tinha um trocadinho aí pra eu comprar a merenda das crianças que eu fiquei sem. Daí ele comprou pão deu pra gente e a partir dali ele NUNCA mais fumou. Porque ele ficou envergonhado com aquela situação. Ihhh passávamos um perrengue danado, embora morássemos na Região dos Lagos, a gente comia pombo do vizinho, o açougueiro separava o sangue e dava pra gente, eu tinha uns 4 para 5 anos. Meu pai trabalhava perto do cais e a gente ganhava uma cabeça de Merli, de peixe e a gente comia peixe a semana toda. Uma cabeça daquela é gigante, quando não a gente ia pro vizinho pra pegar um camarão, que ele pescava. Quando eu era criança o meu divertimento era matar morcego com vara de bambu.

- **Cravo:** Mas gente eu sofria muito, muita coisa. Minha mãe fala que era pra gente odiar peixe, ela brinca com a gente, não sei como vocês conseguem gostar de peixe.

- **Jabuticaba:** Comeu muito.

- **Cravo:** Porque ali no Remanso, tem o rio do Goia, o rio Suruí, e o Suruimirim, meu pai tinha um inferno de uma rede que era imensa:::, e o que ele fazia, ele cercava a boca dos três rios, então ele pegava muito peixe. Pesca cercada. Dominique era muito peixe, e Corvina, era Corvina mesmo, não era essas que pega no Remanso agora não. Só que o que acontecia, ele vendia, e a intenção era levantar um dinheiro para comprar as coisas pra dentro de casa, já que todo mundo trabalhava com ele. Mas o que ele fazia, ele cercava a boca dos três rios, pegava MUITO, MUITO, mas MUITA coisa de peixe mesmo::: a gente passava o restante da noite até o dia amanhecer, limpando peixe, ele botava aquele peixe na bicicleta e ia vender, quando ele voltava, ele voltava caindo bêbado, sem nenhum centavo. Porque as pessoas já encomendavam o peixe limpo, então a gente tinha que limpar pra ele vender. Então, olha era dia da gente dormir em cima da bacia de peixe.

- **Jabuticaba:** e não faz não pra você ver...

- **Cravo:** E olha eu ficava com pena dos meus irmãos, porque como seu sempre fui muito doente, eu escapava.

- **Jabuticaba:** E ele batia em você? Seu pai batia?

- **Cravo:** Em mim não, mas nos meus irmãos sim. Mas em compensação era cada palavra que era melhor levar coça. O que mais apanhou foi meu irmão mais velho, MUITO, mas muito mesmo. E assim, não era de mão não, era de lasca de pneu, o infeliz tinha prazer de subir o morro e arrancar cipó pra poder pegar meu irmão.

- **Pesquisadora:** e você jabuticaba, já apanhou muito?

- *Jabuticaba*: Olha (+++) pra não dizer que eu apanhei de todos os meus avós. Tava colocando o nome da vó (árvore) e me veio a lembrança. Teve uma vez que a gente brincando, eu e meus primos, éramos tudo da mesma faixa etária, aí a gente pegava e saía pelo mundo. Ia lá pra casa de um outro primo, chegava esse horarozinho ((em torno de 18:40)), voltava pra casa. Aqui eu já tava em Piabetá, vim pra cá com 6 anos. Aí na hora de voltar, minha vó botava a mãozinha pra trás já sabíamos que tinha surpresa. ((Repetiu a fala da vó, chamando o nome dela e de seus irmãos)). Falava alto mesmo, de longe a gente escutava. Passou meus irmãos, quando chegou a minha vez, naquele dia, não sei por que cargas d'água, ela tava tão enfezada, não sei o que meu primo aprontou, se a gente voltou muito tarde, sei lá, coisa de criança. Tinha um cantinho que meu avô catava arroz, e tinha um banquinho ali, colocou meu primo de castigo ali e eu pro quarto. No quarto tinha um beliche que era dos meus irmãos e eu dormia numa cama separada, me colocou no cantinho do beliche e ela com a correia VAPRO, VAPRO, VAPRO. Meu avô, isso é pouco, e puxou o cinto dele que era feito de cida do tear, aquelas de tear, grossa. Minha filha, duas lapadas daquela que ele me deu, eu desmaiei. Minha mãe não sei pra onde estava, se tava no médico, quando ela chegou, minha vó, olha dei um corretivo na sua filha, ah deu, deu, minha mãe acatou.

- *Pesquisadora*: Mas só você que apanhou?

- *Jabuticaba*: Só.

- *Cravo*: Mas por quê?

- *Jabuticaba*: Minha vó não gostava de mim, a verdade é essa. Quando minha mãe chega pra mim e fala o que você fez com sua vó, que olha, era cara, era braço, que ela levanta minha blusa, não tinha uma parte do corpo que não tinha, e aqueles lanhos que fica alto sabe? No corpo todo. E minha mãe fala, Mãe que que foi isso? Que meu avô era um português que só de mão que ele tinha, ele só me deu duas, lembro de ser só duas, e eu desmaiei, não vi mais nada.

- *Cravo*: E juntou os dois pra te bater?

- *Pesquisadora*: Pois é, que isso! E só nela, nos irmãos não! E seu primo também apanhou?

- *Jabuticaba*: Não! Correu pro quintal e ficaram.

- *Cravo*: QUE ISSO::::: jabuticaba!

- *Jabuticaba*: Ela é o tipo de pessoa que não sei porque tinha tanta raiva. Não sei, ou ela não gostava muito de filha mulher, porque só teve filha mulher e meu avô só teve filho homem, eles eram separados, se juntaram e tiveram mais três: minha mãe, minha tia que já faleceu e

minha outra tia, ou seja, três mulheres. Eu podia passar aqui ((mostrando longo do corpo)) nela (+) que ela falava que eu tinha pisado nela, imagina se eu esbarrasse.

- *Pesquisadora*: QUE bizarro jabuticaba!!! Que horror!

- *Jabuticaba*: Quando eu vim pra cá, ai eu experimentei o que era apanhar, porque minha mãe batia e batia bem, minha mãe me deu uma latada na cabeça, essa cicatriz é disso. Abriu o supercílio, sangue jorrou. Sabe por quê? Porque eu tava cortando a chicória grossa, não tava tão fina.

- *Cravo*: Minha mãe também tem umas coisas meio loucas assim.

- *Jabuticaba*: E quando ela ia bater, era pé no pescoço. Colocava no chão, o pé no pescoço e a borracha cantava no lado. Cabeça na parede. Minha mãe me batia com um requinte de crueldade. Era pra eu odiar, mas sei que isso ia me fazer mais mal do que estaria fazendo a ela. Minha vó com os anos ficou mais maleável, também já tava com uma idade, mas nunca foi afetiva. A mãe do meu pai, muito menos. O que era mais carinhoso era o pai do meu pai, mas eles moravam em Fragoso e a gente em Piabetá, então não tinha tanto contato assim. Mas minha vó detestava, filha, neta, tudo mulher. Os homens (+++). Não tinha afinidade nenhuma.

- *Pesquisadora*: Mas uma coisa é você não ter afinidade, outra é ter crueldade, né?

- *Jabuticaba*: E eu ficava me perguntando o que eu tinha feito para merecer.

- *Mamão*: Quando o pessoal batia antigamente, era muito ignorante, era com fio elétrico.

- *Jabuticaba*: É verdade, já apanhei com galho de planta, com borracha de mangueira, quer surra pior que com borracha, com fio de telefone, chinelo então, era varejado nas ideias, não tinha muito trabalho não, foi porque rasgou um embrulho de presente, uma besteira. Minha mãe pegou meu irmão pra bater, que se não fosse meu pai tirando da mão dela, tinha matado naquele dia. Foi a primeira vez que a gente viu meu pai agredindo minha mãe, mas também se não agrade Deus me livre, ele tinha ido. O apelido dos meus irmãos eram sete coças, eles tem mágoa até hoje, eu escolhi não. Tem hora que ela fala umas, que eu falo quer voltar mesmo no passado, tem certeza? Olha pra eu sair esse final de semana, foi tanta recomendação que meu DEUS. É tanta proteção que eles impedem a gente de crescer, não ajuda, eu tenho 48 anos e não mais 18. Não consegue ter essa mentalidade, eu ia na casa de amigos e tinha carinho de avós que não eram os meus. Eu senti na pele o que é o espancamento.

- *Pesquisadora*: Também não só necessariamente situações assim, é porque na leitura me veio o que minha madrinha fazia pra tentar me distrair, mas pode ser outras lembranças.

- *Cravo*: Minha mãe não era muito de bater não. Minha mãe só batia quando a coisa era séria, muito séria. Minha mãe tinha uma técnica, mas mais era meus irmãos não. Minha mãe tem problema numa vista né? Ela não tem uma vista.

- *Jabuticaba*: Não sabia não. É?

- *Cravo*: É porque é prótese, então ninguém diz. Mas ela colocou essa prótese a gente já tava tudo grande já. Mas a minha mãe era a coisa mais incrível, meus irmãos aprontavam, ela ia bater, meus irmãos corriam, ela pegava um pedaço de pau e ela jogava o pau assim ((demonstrando lançando de costas)), era certo da gente cair, o tombo era certo. Ai todo mundo ficava assim, como uma pessoa com uma vista só fazia. Derrubava meus irmãos na boa, e eles corriam pra não apanhar, e ela corria e jogava o pau, quando eles caíam ela ia, tinha vezes que já era tão engraçado que ela não conseguia nem bater mais, pelo jeito como eles caíam. ((Risos))

- *Jabuticaba*: Tinha uma coisa que minha mãe fazia que era muito estranha, e a gente ficava com medo daquilo. Ah, vou ali na casa de fulano, vai sim, mas vou cuspir no chão, se secar você apanha. E ela cuspiu mesmo! Você ia lá e corria, e voltando e checando se tinha secado. ((Risos)) E sempre secava, do tanto que iria apanhar, mas era simbólico, só pra gente ficar com medo.

- *Cravo*: Tinha umas coisas que minha mãe ou minha vó falasse, pronto. Tipo eu vou ali, ai elas, ó:: criança se eu fosse vocês::, eu não ia não.

((Enquanto isso a cigarra cantou))

- *Jabuticaba*: Ihh amanhã vai ter sol.

- *Cravo*: Será? Não acredito! Com a chuva que tava.

- *Pesquisadora*: Mesmo assim, sempre enche lá no Remanso, ainda deve estar cheio de água, ia ficar difícil pra gente ir.

- *Cravo*: Mas será gente? Vou avisar pro Waldemar não, já desmarcamos. Será que vai abrir?

- *Jabuticaba*: Vamos ver se a cigarra é uma boa meteorologista.

- *Cravo*: Tirei no Google a previsão e ainda mandei pra Carol. Ai não acredito, esse Remanso ENCRAVADO da vida! Chance de 95% de chuva. Acho que a cigarra tá enganada, alguém tá enganado.

- *Jabuticaba*: Sei lá heim, a cigarra tem afinidade lá com (+). Deixa eu comentar com vocês, eu vou lembrando assim (+). Minha mãe conta que lá na roça, tinha uns irmãos da minha vó que eram de lá, minha mãe tava recém-casada.

- *Pesquisadora*: Sua mãe não nasceu em Rio das Ostras não né?

- *Jabuticaba*: Não, isso foi recente. Minha mãe nasceu no Leblon, no rio, na Carioca, tipo em casas de palafitas. Daí aconteceu aquele incêndio, muito entre aspas, que não foi explicado e expulsou todo mundo de lá. Ai hoje são os prédios grandes.

- *Pesquisadora*: Sua mãe tem quantos anos?

- *Jabuticaba*: Minha mãe tem 72 anos. Ela era criança ainda.
- *Pesquisadora*: Eu perguntei por conta de pesquisar sobre os incêndios, da data e tal.
- *Cravo*: Eu também já escutei muito sobre isso.
- *Jabuticaba*: Ai meu avô parece que veio fazer um trabalho na região e parece que ofereceram um terreno, que Piabetá também era charco, tanto que a casa tem uma estrutura bem grande, bem profunda, porque era bem encharcado. Ai minha vó fugiu de lá porque não tinha condições e construíram aqui e sempre teve esse contato com a roça. O ex marido dela era bem situado, mas não deixou nada pra ela só para as filhas dela, a não ser a caçula desse casamento que ficou com ela, e minha tia tem uma mágoa muito grande, da época da minha vó e do meu avô. **Ai eles iam lá visitar minha mãe e num dado momento ela pulou uma valinha lá pra pegar uma fruta, ai uma prima dela veio e falou, você está grávida? Não, casei recente, tinha dois meses de casado. Ai ela, não você está grávida sim, vem cá ver. No que ela pulou uma valinha, tinha uma cobra, e a cobra partiu no meio. Ai ela o que que é isso? Ai a prima disse você está grávida. Você pulou a cobra.**
- *Pesquisadora*: Mas como assim a cobra, literalmente quebra?
- *Jabuticaba*: Quebra, ela fica quebrada, ela se entorta e fica.
- *Cravo*: Ela não parte no meio não.
- *Mamão*: Diz que ela dá a volta e vai embora também, se a mulher tiver de barriga.
- *Jabuticaba*: No caso pra picar né?
- *Mamão*: Aham.
- *Cravo*: Ela consegue “faca que amarra cobra”. A gente chamava de faca de amarrar cobra. Se a mulher grávida ver uma cobra e ela der um nó na blusa, ela não precisa nem passar perto não. Se ela ver a cobra e ela der um nó na blusa, a cobra não sai do lugar.
- *Jabuticaba*: Essa eu também já ouvi. E realmente, minha mãe casou em Dezembro, meus irmãos nasceram em Setembro, tava grávida mesmo. E são coisas assim, que a gente ficava até mas como assim, ela se quebra, mas ela não rompe, ela se quebra e fica toda torta lá. Se morre também não sei, não perguntei. Mas acho que não, ela só fica paralisada ali, meio torta.
- *Cravo*: É acho que não morre não. Hoje nem tanto, mas antigamente se matava muita cobra né? MUITA. Então quando alguma grávida via a cobra, dava o nó na blusa e esperava alguém vir matar. Interessante né?
- *Pesquisadora*: Olha só quanta conhecimento já surgiu nessas nossas conversas. Daí depois eu vou escutar isso tudo e trazer para vocês e irmos acrescenta coisa aqui, tira de lá. E a ideia de hoje trabalharmos a questão da ancestralidade em si, era pra iniciarmos esse ciclo. Vocês

conseguiriam me definir essa palavra, pra vocês? Não é pra ser uma definição bonita não, mas o que pra vocês representa isso.

- *Jabuticaba*: Pra mim, quando fala dos meus ancestrais, eu gostaria de dizer nossa foram pessoas maravilhosas que representaram muita coisa, que me ensinaram muita coisa. Eu não posso dizer isso, mas de tudo de que eu passei, foi de não replicar, pra não ser uma pessoa agressiva, ser uma pessoa mais calma possível, colocar esse energia em outra coisa, talvez no fato de eu ser uma pessoa brincalhona, talvez seja um refúgio que a gente tem. Porque quando a gente pensa em ancestrais, pensa em uma coisa muito boa, né? Aquilo que vai te trazer conhecimento, uma genética MUITO boa. Mas quando eu penso em genética, e falo muito com Salvador ((Namorado dela)) que ele é de uma linhagem europeia, a minha a tupiniquim, embora minha vó era descendente alemã, mas o descendente do meu avô era africano. Eu convivi muito com o racismo, meu pai era assim, nas palavras dele, eu sempre tentando retrucar, não fala assim, não trata as pessoas assim, isso é pejorativo, se a pessoa ouvir pode até te processar. E ele tem essa carga ainda sabe, isso me decepiona muito, isso é muito chato.

- *Mamão*: O pessoal tem umas palavras de xingamento que são horríveis, sua peste ruim, como sua praga, miserável. Esse meu vizinho só falava assim com as crianças o tempo todo, eu ficava horrorizada. Acho isso uma palavra MUITO pesada para as crianças. Não gosto.

- *Jabuticaba*: E isso fica forte na sua mente, sabe? Você vai ser a desgraça da sua mãe.

- *Cravo*: E tem coisa boa.

- *Pesquisadora*: É isso também, a gente costuma lembrar mais da parte ruim, mas vem a parte boa também. E a gente não costuma valorizar essa parte boa também. Mas fala.

- *Cravo*: A minha vó por parte de pai, eu não conheci o meu avô por parte de pai, só que eu conheci o meu avô que era o marido da minha vó na época, não o pai do meu pai. Então, da minha vó, a gente foi ter coisa boa no final da vida dela. Porque a minha vó bebia muito também. Pra você ter uma ideia, logo quando a gente entra pro Remanso, tem uma casinha ali. Então no final de semana, tinha dias que você não conseguia entrar no Remanso, porque eram os dois brigando. Porque as brigas deles não eram de um bater no outro assim não, eram brigas de um pegar foice, machado, espingarda, essas coisas. E eles não deixavam ninguém entrar no Remanso, e sempre acabava na delegacia. Teve uma vez que minha vó queimou meu avô com água fervendo. Eles pescavam caranguejo, é triste, mas ao mesmo tempo engraçado. Ai eles iam lá pra Olaria pra vender, que era a feirinha antigamente. Ai eles iam vendiam o caranguejo e voltavam pra casa, chegaram e ela foi fazer comida. Ai ele falou assim, enquanto você faz comida, ele chamava minha vó de neném, eu vou ali na barraca

tomar uma e ele foi. Ai quando ela terminou de fazer a comida, ela foi lá chamar ele e tinha uma mulher na época que era muito /.../ e meu avô tava agarrado com essa mulher. Daí minha vó voltou pra casa colocou uma chaleira no fogo, botou a comida no meu avô, ele comeu na boa e perguntou pra que essa água, e ela disse vou deixar um cafezinho pronto. Meu avô almoçou e deitou, ela foi lá e jogou água fervendo só aqui ((região genital)) nele. Quando meu pai e meu tio foram lá socorrer ele, sabe o que ela falou? Ele enfiou essa /.../ num buraco sujo, eu tenho que lavar pra mim usar.

- *Pesquisadora*: Eitaaa! Que TENSO!

- *Cravo*: Vamos que meu marido já chegou pra me dar carona.

. 4º Encontro: Atividade da Árvore Genealógica e história local.

Presentes: Cravo, Chaya, Mamão e Jabuticaba

- *Pesquisadora*: E ai meninas, tudo bom?! Conseguiram perguntar para seus parentes sobre os nomes dos bisavós e bisavós? Já conseguem preencher, trouxeram fotos? E isso tudo para podermos seguir naquela organização das fases da vida, lembrando nossa ancestralidade e a partir daí todas as próximas etapas.

- *Jabuticaba*: Da família do meu pai eu sei, da minha mãe ele nunca falou. Também não é de chocadeira né? Minha mãe disse que o pai dela, ele NUNCA falou o nome dos pais dele. Viu que coisa estranha?

- *Cravo*: Então.

- *Jabuticaba*: Tem um documento lá que minha mãe tem guardado que eu não sei onde tá, que tenho que procurar, que ele deve ter, mas só deve ter o nome de mãe, ai eu pensei, não, já tendo o nome de mãe já é alguma coisa. Ele NUNCA falou dos pais dele. Meu pai não, tem de TODOS, ele falou vai de quem?

- *Cravo*: É igual a família da minha mãe, a gente tem e tinha contato com todos da família da minha mãe. Da família do meu pai, a gente já não tem tanto contato, tem grande parte da família do meu pai ali em Piabetá, no Buraco da Onça, MUITA gente ali. O que eu conheci foi o padrasto do meu pai, o do meu pai mesmo, eu nunca ouvi falar.

- *Pesquisadora*: E nem sabe o que aconteceu né?

- *Cravo*: Não sei. Mas olha, e é muito interessante. Ó, teve um tia minha que faleceu, eu tenho muito parente em Magé, primo então, igual lixo, em Magé e em Teresópolis. MUITO, muito. Teve uns que foram criados com a gente, que teve aquela convivência, e outros não. Pra você ver, morre uma tia minha. Ela era evangélica, e meu tio católico, eles iam pra Igreja, ele

deixava ela na dela, ia pra missa e quando voltava, passava pra pegar ela, para os dois irem pra casa junto.

- *Pesquisadora*: Isso é muito legal né?

- *Cravo*: Quando minha tia morreu, então imagina né? A família toda. A gente cansou de passar por gente na rua e minha vó ficava assim, esse aqui é seu primo, essa aqui é sua prima, minha vó e minha tia. Ai a gente olhada assim...

- *Jabuticaba*: Tipo a cidade toda é sua família.

- *Cravo*: Muito engraçado.

- *Chaya*: Eu também tenho muitos parentes em Piabetá, Magé que eu não conheço da família do meu pai.

- *Cravo*: Mas assim MUITO, muito::, muito:::. E os de Magé agora, a gente faz uma vez ao ano um churrasco de família.

- *Jabuticaba*: Da minha família também, eles vão lá pra Seropédica, num sítio grandão.

- *Cravo*: Agora do meu pai não, até um certo momento a gente era mais próximo, depois afastou, agora que tá voltando a retomar o contato. Mas eu nunca soube nada do meu avô por parte do meu pai.

- *Jabuticaba*: Ela falou que tem um documento lá, não sei se é certificado de reservista dele, ou documento do INSS, não era outro nome, era PIS/PASEP.

- *Cravo*: Eu conheci a minha bisavó por parte do meu pai, fazia um fuxico que era uma beleza, fazia colcha e tudo. Se eu contar a história do enterro da minha bisavó.

- *Pesquisadora*: Deixa eu ir acompanhando pela árvore aqui de vocês para eu não confundir.

- *Cravo*: Então, minha bisavó por parte de pai, ai o velório foi naquela funerária que tinha no início da rua da Guia, sabe? Ai a gente chegou lá, família, toda, parari, parara, aquela coisa toda e tal. Só que eles lá sempre cuidaram da minha bisavó, só que eles não tinham dinheiro pra fazer o enterro, quem tinha era meu tio e minha tia aqui de Suruí, que no caso, é neto da minha avó. Ai meu tio foi e conversou com minha tia que era filha dela e que cuidava, irmã da minha vó, se concordava de enterrar a minha bisavó aqui em Suruí.

- *Pesquisadora*: E ela morava aqui mesmo?

- *Cravo*: Não, em Piabetá. Ai minha tia concordou, ai meu tio foi e resolveu toda questão de funeral e tal, beleza. Quando terminou o velório eles alugaram um ônibus pra gente vir, ai a gente entra no ônibus e tá uma conversinha de terra em Bongaba, terra em Suruí. A minha tia de Suruí aqui, tem uma prima minha que não se dava bem com minha tia, porque essa minha prima deu uns pega no meu tio. Então minha tia tinha ciúmes, essa confusão ai muito::: antiga. Ai começa as duas com essa picuinha, ai minha tia argumentando com ela que meu tio

tinha conversado com ela pra enterrar a bisavó lá, e a minha prima falando, e a mulher atazanando o juízo, eu não acho certo isso, porque quem sempre cuidou dela foi minha mãe, então o certo era enterrar minha vó aqui em Bongaba. Ai minha tia, mas a gente tem o túmulo já em Suruí, lá já tem a outra filha dela, que seria minha vó. Ai minha prima falou sei lá o que e minha tia começou, você pega essa /.../ dessa velha e /.../ essa velha, que eu já não gostava dela e você fica infernizando minha vida, mas foi um porradeiro dentro do ônibus. O porradeiro começou no Fórum de Piabetá, e isso o carro da funerária na frente com o corpo da minha vó e o povo dentro do ônibus brigando. Eu levei muita pisada nas costas, porque pra proteger minha filha, que era pequena, eu me encolhia. Quando chegou aqui no DPO, na entrada de Mauá o meu primo que tava no carro da funerária parou no meio da pista quando se deu conta do que tava acontecendo dentro do ônibus, que o motorista da funerária avisou, olha está acontecendo alguma coisa dentro do ônibus. Ai meu primo abriu o ônibus, nisso minha prima e minha tia conseguiram sair do ônibus, e meu primo falando, que isso gente, tá pior que enterro de bandido. Olha eu sei que eu desci na entrada de Suruí, eu desci, minha mãe desceu, eu sei que quando chegamos no cemitério, minha bisavó já tinha sido enterrada. Meu primo já tava querendo sair pra pegar o pessoal do outro lado, e foi ai que rompeu a família. Eu nunca vi uma coisa daquelas, eu fiquei com medo deles, porrada comendo, porque dentro do ônibus era eu, minha mãe e minha tia, éramos minoria. E eu ainda com minha filha pequena. A situação já é péssima. Daí rompeu, porque eu falei que podia morrer quem for que eu não ia mais. Foi onde criou uma barreira, hoje sei que muita coisa mudou, mas ficou aquele trauma. Eu ria contando depois, mas é de nervoso. Eu não gosto disso não. Ai quando o pai do meu marido morreu aconteceu a mesma coisa, eu virei e deixei o pessoal falando sozinho.

((Várias notificações no telefone))

- *Jabuticaba*: Foi em Itaboraí, São Gonçalo e Magé que teve operação. O helicóptero da polícia saiu atirando em todo mundo. Mas é bom você ter cuidado pra voltar heim, demora não.

- *Cravo*: Não vai embora muito tarde não, o bagulho tá doido, tava falando com meu primo ele disse que já mataram 4 só agora pela tarde.

- *Pesquisadora*: Nossa que TENSO!!! Beleza então, vamos agilizar então. A ideia de falar sobre Ancestralidade e tudo, era para tentarmos lembrar dessa nossa história, e é normal a gente sempre lembrar das coisas ruins, psicologicamente, a gente só guarda as coisas ruins. Mas se a gente parar para pensar um pouco, muitos dos valores que a gente trouxe hoje em dia e muito do que construiu como a gente é hoje em dia foram passados pra gente, né? Seja

como um espelho de algo que eu não faço, mas seja como alguma coisa também que é passado. Tem alguma história boa que vocês conseguem lembrar também?

- *Jabuticaba*: Ohh tem MUITA coisa. De infância então, nem se fala.

- *Cravo*: Oxeeee se tem.

- *Jabuticaba*: Eu li um texto que diz que a criança não precisa de muito pra se alegrar, ainda mais questão de brincadeira. Qualquer coisa que você inventa pra criança é um divertimento.

- *Pesquisadora*: A próxima etapa é justamente da infância, por isso que to perguntando isso. Porque a questão da ancestralidade era a ideia de conectar com as nossas raízes, lembrar de onde viemos, mesmo que biologicamente.

- *Jabuticaba*: Só vejo que foi um desperdício, porque tem tanta gente que tem os avós como pontos de apoio de referência e eu não tive isso. E eu tento passar isso para os meus sobrinhos. Principalmente para aquele meu sobrinho que bate de frente com meu irmão. Tinha que ver o texto dele no facebook, falando sobre o machismo tóxico e o quanto isso é prejudicial para ele. Ele ficou pra mim o por que eu não posso chorar? E eu falei com ele que eu estarei com ele, que estarei te apoiando. Tudo o que ele briga com esse, os outros fizeram igual e ele apoiava.

- *Pesquisadora*: Mas isso é porque seu sobrinho dele refletir no meu irmão aquilo que ele não quer enxergar, que é essa questão machista, muito forte.

- *Jabuticaba*: Por isso que eu quero que ele saiba que eu estarei com ele, ainda mais nesse momento de adolescência, que precisa de apoio. Fazer correção dos erros é uma coisa, não aceitar e reprimir o outro do jeito que ele é, é outra coisa.

- *Cravo*: Tem um vizinho meu que tem um jeito sensível, doce, delicado de ser e não deixa de ser homem.

- *Pesquisadora*: Exatamente, pra mim isso é uma das coisas pra ser considerado um homem, em si, tem que viver seus sentimentos, tem que tratar com respeito e carinho.

Jabuticaba: Pra você ter uma ideia, é meu irmão, o namorado da minha sobrinha e meu pai, eles saem na rua, se tem alguém com um jeito mais AFEMINADO ((Gesto de entre aspas)), eles falam que olha isso merecia logo uma coça.

- *Pesquisadora*: Que ABSURDO!!! E eu falaria que denunciaria por homofobia. Aff, desculpa, é que o sangue me subiu. Que horror!

- *Cravo*: Mas pode ter a certeza eles são pior com homens que resolvem ser gay, não, eles são piores com mulheres que resolvem ser lésbica, do que com homens que resolver ser gay.

- *Pesquisadora*: Você acha?

- *Cravo*: Você pode ter CERTEZA disso. Pode observar, porque quando a mulher se assume lésbica para os homens é concorrência, já parou pra pensar nisso? Agora quando um homem se declara gay, eles estão perdendo. Eles perdem dos dois lados, porque a mulher que se assume lésbica eles vão querer pegar, na cabeça deles, claro, e o que se assume gay, pow qual é o cara, traindo a raça e tal, o cara vai lá dar a rosca.

- *Pesquisadora*: Engraçado, você falou isso, me veio que é ainda mais forte a questão do machismo, como permeia por diferentes nuances, porque assim o corpo da mulher,

- *Cravo*: é o brinquedinho deles, é objeto pra eles.

- *Pesquisadora*: É, e é aquela coisa assim, tipo como se assim duas mulheres, aquilo ali passa daqui a pouco, sabe? Como não dessem uma importância.

- *Jaboticaba*: É e falam como se assim, tem que arrumar um macho que dê pra eles o que ela está precisando, sabe? Como se a gente necessitasse só de pênis, como se mulher só precisasse de pênis, mulher quer carinho, atenção, tanta coisa.

- *Pesquisadora*: Sim, mas tipo isso que você falou agora, como se a mulher não pudesse deixar de desejar um pênis, é como se isso nem pudesse ser concebido e aceito por eles. Toda mulher deseja, mesmo que fale que não, um pênis.

- *Mamão*: Eu acho que tem tantas outras coisas numa relação. MUITAS outras.

- *Pesquisadora*: E é CLARO, tem MUITO mais das OUTRAS coisas do que disso.

- *Mamão*: Por isso que quando meu namorado vem com ignorância pra cima de mim, eu já mudo e falo que se ele vier com grosseria, isso não vai dar certo.

- *Cravo*: É por isso que as vezes eu evito falar, eu não gosto de discutir, eu não suporto discutir e não gosto de falar. Porque dependendo da situação a pessoa fala, mas porque você fica quieta? Porque é o momento que você está com raiva, e se você falar, você vai falar tudo e mais um pouco, não é? E depois, como você volta atrás? Quando meu marido faz grosseria, eu deixo ele sozinho e saio de perto. Se vira lá, porque se eu for falar um monte de grosseria, ele não vai gostar. Então, eu saio, mostro que não gostei, claro, e saio de perto. Porque não vale a pena não.

- *Mamão*: Eu falo logo, detesto gente ignorante. Porque a gente não podia conversar com meu pai, não tinha diálogo, então eu cresci com essa clima de grosseria, de não poder chegar e compartilhar alguma coisa. Porque dependendo do que a gente chegasse e falasse ele logo já dizia que não queria saber, sabe? Te cortava na hora sabe, e meus irmãos também, então eu já tomei PAVOR disso, então eu posso tolerar quase tudo, mas a ignorância é a pior delas. Eu ODEIO isso, tenho PAVOR.

- *Pesquisadora*: Vocês conseguiram chegar a procurar algumas fotos dos seus familiares e tudo?
- *Chaya*: Eu trouxe, a foto do meu pai, da minha mãe e da minha neta.
- *Pesquisadora*: NOSSA Chaya, você é igualzinha a ele!
- *Cravo*: Olha só parecia um índio mesmo Chaya, igual a você.
- *Chaya*: É ele tinha o cabelo lisinho mesmo. E essa aqui é minha mãe.
- *Pesquisadora*: Ah que linda!! Ela a gente já conhece, mas muito linda!
- *Mamão*: Eu trouxe a foto do meu pai.
- *Pesquisadora*: Que legal Mamão, deixa eu ver!
- *Cravo*: Igualzinho Mamão.
- *Pesquisadora*: CARACA! Igualzinho Mamão!
- *Mamão*: Você acha? Eu não acho não.
- *Pesquisadora*: MUITO igual! Essa região aqui dos olhos, a boca, TUDO igual.
- *Jaboticaba*: E da sua mãe não tem não?
- *Mamão*: Minha mãe não, minha mãe tinha uma foto lá, mas a maresia comeu. Porque minha mãe não conviveu com a gente né? Minha mãe conviveu com minha tia (+), a minha tia que cuidava da minha mãe, então geralmente a gente não tinha muito contato. Pode ser que meu irmão tenha, vou falar com ele.
- *Pesquisadora*: Ela não morava com vocês então?
- *Mamão*: Não, minha tia que cuidava da minha mãe. Ai era lá em Jardim Esmeralda, ai eu não tinha muito contato, não. (++)
- *Pesquisadora*: Mas igualzinha a seu pai Mamão.
- *Mamão*: É com o tempo a pessoa vai mudando, essa aqui era do tempo que ele já trabalhava na linha férrea. Meu pai sempre trabalhou na linha férrea. Essa aqui já é do casamento da minha irmã. Esse meu tio aqui, NOSSA, ele era muito paciente, sabe? Um amor::: de pessoa. Meu tio João, não sei se você conhecia, que tinha ((se direcionando para Cravo, ela acenou que não com a cabeça)) um bar ali na cabeceira da ponte.
- *Cravo*: Eu vou ver com minha tia se ela tem as fotos.
- *Chaya*: Não consegui foto com minha tia, tenho que tentar. Minha mãe adotou ela, porque minha tia morreu de câncer e deixou ela bebezinha, daí minha mãe amamentou ela e adotou ela. Eu era muito agarrada com ela, ela ia no hospital fazer o tratamento do câncer e eu ia junto. Eu dormia com ela, quando ela morreu eu escutei ela assobiando aquela música, que canta muito no Norte. ((Cantando)) Pisa na fulô, pisa na fulô::: Eu escutei essa assobiando lá de dentro.

Ela eu queria ter uma foto. Ela tomava banho atrás da árvore no quintal, pensava que ninguém via, mas todo mundo tava olhando.

- *Pesquisadora*: Todo mundo tirando uma casquinha né?

- *Mamão*: Antigamente os banhos eram de bacia, tomava no quintal. Enchia a bacia, colocava no Sol pra esquentar, botava no alto ou pra tomar banho de caneco, as vezes entrava dentro da bacia.

- *Pesquisadora*: Mas dentro da casa ou do lado de fora?

- *Cravo*: Às vezes no quintal, às vezes no banheiro. Tomava pelada mesmo, atrás da casa, na bacia, mas criança mesmo.

- *Jabuticaba*: Eu tomava banho dentro do tanque, AMAVA.

- *Chaya*: A maioria das casas era de sapê naquela época.

- *Cravo*: De pau a pique isso.

- *Mamão*: Ali na estrada de Mauá, a maioria das casas eram tudo de sapê.

- *Cravo*: Meu pai que fazia, meu pai era especialista em fazer telhado de sapê. Ai quando tinha sítio, ele fazia aqueles caramanchão, que falava né? Na beirada das piscinas. Meu pai que fazia.

- *Pesquisadora*: Você chegou a aprender com ele?

- *Cravo*: Ah, um bocado de coisa eu aprendi, você acha que minha curiosidade vem da onde? Monte e desmonta e refaz?

((Risos))

- *Pesquisadora*: Tá vendo as coisas boas também que trazemos?

- *Cravo*: Ficava olhando ele consertar rádio, ferro de solda ele esquentava no fogão a lenha pra poder soldar. O que eu queria muito era aprender mecânica de carro e ainda aprendo.

- *Pesquisadora*: Isso mesmo, faz sim! Então continuamos na próxima semana, certo?

((Finalizando a oficina com marcação de datas))

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS TROCADOS POR MENSAGENS DURANTE A PANDEMIA

- *Pesquisadora*: Amiga, como você está?! Muita saudade de você!!! Como estão as coisas?! Espero que esteja tudo bem! Cravo deixa eu te perguntar uma coisa, será que você se incomoda de fazer por aqui mesmo por áudio, um relato curtinho de como está e como foi esse momento de pandemia aí pra vocês. Como foi a questão do acesso a saúde e tudo, de contar um pouco da sua história com seu marido, da questão do acesso ao posto de saúde e os remédios que você ia fazendo pra se prevenir. Para colocar no nosso livro também e para colocar no meu trabalho, se vocês permitirem também e para o artigo que estou escrevendo, aí se vocês não se incomodarem. E outra coisa se você está a vontade com essa retomada das atividades, e tudo?! Se você não se sentir a vontade, fica tranquila não tem problema nenhum.

- *Cravo*: Muita saudade, pode deixar que eu falo sim! Só agora que não dá, mas assim que eu estiver mais tranquila eu mando um áudio pra você, te explicando assim e te falando tudo diretinho. E claro, a gente tá junto e vamos fazer sim. Muita saudade!!

- *Cravo*: Bom dia Dominique, tudo bem com você?! MORRENDO de saudade::: saudade sua, do seu abraço gostoso:::, mas tudo isso é necessário, né?! (+) Então, sobre a volta das nossas reuniões, das nossas atividades, pra mim no Remanso, é super tranquilo, porque lá não tem grande movimentação. Assim, agora que a gente tá tentando com as crianças, com o Bruno indo pra lá me ajudar com a Capoeira, pra ver se a gente movimenta, a gente faz alguma coisa, entendeu? Mas assim, a gente não tem tanto aquele contato físico, aquele contato físico porque a gente se abraça não tem jeito (+++) É mais enfim:::, Suruí é mais complicado, porque a gente tem a Jabuticaba do grupo de risco, tem o Fulano que querendo ou não está se arriscando muito. E assim meu marido pegou a gente nem sabe como, porque ele tava indo trabalhar de máscara, a única coisa que ele não colocava era luva, mas ia de máscara colocando álcool em gel todo tempo. O encarregado dele disse pra mim que no trabalho dele ele não tirava a máscara, e trocava a máscara, porque eu colocava 1, 2, 3 máscaras na mochila dele, então durante o dia ele ficava trocando as máscaras. Então a gente não sabe como ele contraiu, mas contraiu, contraiu, então o que eu entendo é que ainda que você esteja de máscara, ainda que você esteja usando álcool em gel, não é aquela coisa 100%, porque você está no risco de qualquer maneira. Quanto à volta das atividades é bastante complicado, porque::: a gente não sabe quando isso vai passar, a gente não sabe quando vai ter uma vacina, porque você sabe com a política que temos no Brasil, com os desvios, com as roubalheiras, com tudo, a gente nem sabe se a gente vai conseguir tomar essa vacina, se essa

vacina vai chegar até nós, se realmente essa vacina vai ser produzida, aqui no Brasil a gente não tem uma certeza de nada, de nada, de nada, de nada, de nada, porque até aonde essa vacina vai abranger, entendeu? O ideal seria que fosse pra toda população, mas com a politicagem, com essa coisa toda, com essa roubalheira, então tudo isso põe dúvida. E ao mesmo tempo, a gente fica pensando até quando que a gente vai ficar parado, porque o nosso trabalho já é um trabalho de formiguinha, é um trabalho lento, poucos veem, um dia a criança vem, um dia a criança não vem, entendeu? E a gente vive nessa incerteza de tudo, então se a gente parar totalmente de tudo não vai ser bom porque vai parar e vai acabar cara, e vai acabar mesmo!!! Então assim, vai ter que ter algumas coisas que vai ter que ser bastante restrito, entendeu?! Com bastante cuidado, mas vai ser necessário voltar sim, com cuidado, com precaução, com tudo que for preciso pra gente fazer, mas necessário voltar, eu vejo que É necessário voltar. Porque a gente não tem certeza de um tempo, se a gente tivesse aquela certeza assim, final de outubro as coisas vão voltar ao normal, então a gente não sabe. Eu creio que voltar, voltar ao normal, 100%?! NUNCA mais, não vai ser agora que vai acontecer isso, entendeu?! Então pode ser que isso dure mais um ano, mais dois, não sei, mas até a nossa vida voltar ao normal 100%, vai demorar, mas eu acho que é necessário voltar sim.

- *Cravo*: Ihhh, agora quanto::: aqui em casa assim:::, é::: a gente viveu um momento bastante difícil com a questão do meu marido né?! Mas assim, graças a Deus a gente superou. Não vou te falar que a preocupação passou, porque a gente não sabe e não tem certeza se eu tive, se eu não tive, se as meninas tiveram, se não tiveram, tivemos alguns sintomas sim, mas nada COM certeza que foi o vírus, entendeu?! Então a gente fica um tanto assim apreensiva:::. **Assim não é fácil cuidar da pessoa com o vírus, porque eu não podia me afastar, eu tinha que cuidar. E meu marido desse jeito também, é uma coisa que é interessante ((risos)) que eu fico falando pra ele, vem cá coronavírus, vem?! Porque a gente não teve essa questão de isolamento, porque aqui em casa não teve como fazer, como que faz isolamento numa casa pequena? Que da sala já tá no quarto e na cozinha? Dele ficar isolado completamente dentro do quarto, né?! Até porque eu tinha que me aproximar dele, porque tinha dia que nem banho ele conseguia tomar, então eu tinha que ajudar ele a tomar banho.**

E a preocupação dele que eu pegasse o vírus, ele dormia virado pra um lado e eu virada pro outro. E com isso acostumou, quando vai dormir eu viro pro meu canto ele vira pro lado dele e dorme virado, porque a preocupação era ficar respirando em cima de mim e eu acabar pegando. Mas isso virou uma mania agora, porque só dorme assim. **E assim, pra poder cuidar dele, como a gente não tinha certeza do que dar, do que tomar, então eu corri**

muito, MUITO, pras coisas alternativas, então tudo que as pessoas falavam e que claro eu já conheço a respeito de ervas, de alimentação, tudo isso eu fazia. Fiz muito::::: xarope, muito:::::, teve um dia que eu fiz uns 2L de xarope, fui dando pra ele, para os vizinhos, pras pessoas da família, e coloquei agrião, e várias coisas. Teve um xarope que ajudou a gente bastante /aliás, um não, foram dois xaropes que eu fiz, um eu coloquei só o agrião, a hortelã, gengibre e mel, coloquei só isso e ele tomava, então foi fortalecendo também, ajudou bastante a fortalecer o pulmão. O outro que eu fiz foi o xarope da cebola roxa, que não é bem:::: um xarope, vamos dizer que seja uma calda, talvez, porque eu colocava uma camada de cebola roxa, colocava uma camada de açúcar mascavo, uma de cebola roxa, uma de mascavo e assim ia alternando. Então começava a sair aquela caldinho, entendeu?! Ai virava um mel de cebola, e esse mel eu dava pra ele. E foi o que foi recuperando bastante, bastante MESMO. E assim, em questão de alimentação eu passei a dar muita coisa verde, agrião, couve, essas coisas assim, eu dava bastante. A couve eu batia ela no liquidificador com laranja, com limão, dava bastante suco verde, adoçado com mel, evitava fazer o uso do açúcar refinado, usava mais o açúcar mascavo ou o mel pra poder adoçar. E assim a gente foi indo, fizemos bastante uso do inhame também, suco de inhame com limão, inhame com laranja, é:::: fazíamos canja com bastante salsa, e isso também foi que foi melhorando a imunidade né?! Porque você é o que você come, né?! Então quanto mais essas coisas pra fortalecer o organismo era melhor, então a gente fazia muito dessas coisas, sabe? E evitava coisas químicas, tipo Coca-Cola, refrigerante, esses biscoitos industrializados, essas coisas assim, e ia mais pro natural que acho que foi o que conseguiu manter a gente mais de pé mesmo, porque a gente evitou bastante essas coisas com corantes, com conservantes, bastante, então ajudou muito né?! E foi isso que a gente foi fazendo, foi fazendo chá, fazia chá de gengibre com canela, gengibre, canela e cravo, limão com mel, hortelã, fazia bastante chá de hortelã. Então pra limpar a garganta eu usava o gargarejo de mel com limão, não bebia, mas fazia o gargarejo, e limpa a garganta que é uma coisa impressionante, e COMO limpa Dominique, é impressionante, você fazendo isso, o mel com limão. E a tosse, a gente aliviava com limão, mel e cenoura, a gente fazia o suquinho e tomava. Então, essas coisas ajudou a gente e MUITO, muito::::, mesmo! E fez a gente ficar um tanto mais fortinho né?! Então foi isso amiga.

- Cravo: Com relação ao pessoal aqui da comunidade é como se nada tivesse acontecido, acho que a pior parte vai vir agora com esse relaxamento todo. E acho que o pior disso tudo é ver pessoas queridas morrerem, sabe pessoas que você vê todo dia, e você não poder nem se despedir, nem ir ao enterro delas, sabe? Fora, quando você acha que é

você que vai se despedir também, ou meu marido, no caso. Eu não podia cair, precisava estar forte pra ajudar ele, mas também não estava bem. Na verdade nem sei como melhorei, mas da tosse acredito que tenha sido minha mistura de limão com cenoura e mel, que tomava todo dia em jejum. Tava com essa tosse tinha uns 2 meses já e nada passava, depois que comecei a tomar direto melhorei.

Respostas aos áudios ou por mensagem de texto pelo Whatsapp:

- *Pesquisadora*: Amiga! Muita saudade de você!!! Como estão as coisas?! Jabuticaba, como estão seus pais? Espero que esteja tudo bem! Deixa eu te perguntar uma coisa, será que você se incomoda de fazer por aqui mesmo por áudio, um relato curtinho de como está e como foi esse momento de pandemia aí pra vocês. Como foi a questão do acesso a saúde e tudo, de contar um pouco da sua história com seus familiares e os remédios que você ia fazendo pra se prevenir. Para colocar no nosso livro também e para colocar no meu trabalho, se vocês permitirem também e para o artigo que estou escrevendo, isso claro se vocês não se incomodarem.

- *Jabuticaba*: **Olha difícil falar isso, muito ruim essa pandemia. Eu já não estava nem me aguentando mais, fora o abalo emocional que eu tava passando estava tão intenso que eu estava fazendo mal para os meus próprios familiares. Só conseguia pensar quando não estaria colocando mais eles em risco.**

- *Pesquisadora*: Chayaaa! Que saudade estou de você!!! Como estão as coisas?! Espero que esteja tudo bem, apesar de toda essa loucura! Deixa eu te perguntar uma coisa, será que você se incomoda de fazer por aqui mesmo por áudio, um relato curtinho de como está e como foi esse momento de pandemia aí pra vocês. Como foi a questão do acesso a saúde, hospitais, como a comunidade estava reagindo a isso tudo e os remédios que você ia fazendo pra se prevenir. Para colocar no nosso livro também e para colocar no meu trabalho, se vocês permitirem também e para o artigo que estou escrevendo, isso claro se vocês não se incomodarem.

- *Chaya*: Que saudade de você. Aqui tá tudo bem, com relação ao pessoal a volta tá como se tivesse normal. **A comunidade está fazendo festa, levando a vida de forma normal, apesar de tudo, quase ninguém de máscara na rua. Eu realmente vejo que tem gente querendo sobreviver e gente que está desistindo de tentar sobreviver.** Mas a gente vai continuando né, se cuida com as ervas, essas coisas. Tô sentindo uma falta de nossos encontros.

- *Pesquisadora*: Obrigada Chaya! Pois é, muito difícil isso contar com a compreensão do pessoal pra esse momento difícil. Muita saudade também, e que ervas que você tem usado pra esse período?!